

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAELLA THEIS

PRÁTICAS TRANSNACIONAIS DA SEGUNDA GERAÇÃO DE IMIGRANTES
BRASILEIROS EM MASSACHUSETTS



CURITIBA - PR

2024

RAFAELLA THEIS

PRÁTICAS TRANSNACIONAIS DA SEGUNDA GERAÇÃO DE IMIGRANTES
BRASILEIROS EM MASSACHUSETTS

Tese apresentada ao curso de Pós-graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira

CURITIBA - PR

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Theis, Rafaella

Práticas transnacionais da segunda geração de imigrantes
brasileiros em Massachusetts. / Rafaella Theis. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira.

1. Filhos de imigrantes – Massachusetts (Estados Unidos).
2. Brasileiros – Estados Unidos. 3. Transnacionalismo. I. Oliveira,
Marcio de, 1962-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de
Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

Bibliotecária : Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA -
40001016032P2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **RAFAELLA THEIS** intitulada: **Práticas Transnacionais da Segunda Geração de Imigrantes Brasileiros em Massachusetts**, sob orientação do Prof. Dr. MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Novembro de 2024.

Assinatura Eletrônica
26/11/2024 06:31:06.0

MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
27/11/2024 13:43:39.0

CARLOS EDUARDO GOMES SIQUEIRA
Avaliador Externo (UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS BOSTON)

Assinatura Eletrônica
26/11/2024 10:10:46.0

JOSÉ ANTÔNIO PERES GEDIEL
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
26/11/2024 13:50:02.0

GISELE MARIA RIBEIRO DE ALMEIDA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE)

Em Memória de Suely Terezinha Giovanella Theis
06/03/1965 - 13/04/2024

Mãe, na lembrança te guardo,
E no coração te mantenho viva.
No espaço eterno da saudade,
Encontro a paz e a força para seguir.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). A concessão da bolsa para o curso de Doutorado no Brasil e da bolsa para o Programa Institucional de Internacionalização (CAPES/Print) foi essencial para a concretização deste trabalho. Esses recursos possibilitaram o desenvolvimento de minhas pesquisas e, também, viabilizaram minha estada nos Estados Unidos, este trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, sob o Código de Financiamento 001.

Agradeço à Universidade de Massachusetts por me acolher e por me oferecer plenas condições para o progresso da pesquisa. A infraestrutura de excelência, os recursos acadêmicos e o suporte dos professores e pesquisadores foram fundamentais para que eu pudesse avançar nos estudos e expandir minhas análises com uma perspectiva internacional, algo que só foi possível graças à acolhida generosa desta instituição.

Minha gratidão também é direcionada à Universidade Federal do Paraná e a todos os docentes que contribuíram significativamente para minha formação e para minha trajetória acadêmica. Em particular, gostaria de expressar meu agradecimento ao Katiano, o qual me ofereceu orientação e suporte, especialmente em relação ao processo de minha ida ao exterior e ao longo do difícil período que envolveu o falecimento de minha mãe. Sua compreensão e sua disponibilidade foram determinantes para que eu pudesse superar esses desafios e seguir em frente com minha pesquisa.

Gostaria de agradecer especialmente ao programa de pós-graduação, representado pela coordenadora professora Simone Meuci. Sua sensibilidade e apoio incondicional, assim como a concessão de tempo adicional, foram essenciais para que eu pudesse me reorganizar durante meu período de afastamento em virtude de questões pessoais. Sem essa flexibilidade e sem esse suporte, a conclusão desta tese teria sido muito mais difícil.

Sou grata ao meu orientador, professor Dr. Márcio de Oliveira, por sua dedicação e por seu comprometimento desde meu ingresso no programa em 2019. Sua orientação, paciência e incentivo constante foram fundamentais para que eu conseguisse superar cada etapa do doutorado, desde a definição da temática até a

conclusão desta tese. Suas palavras e apoio, tanto acadêmico quanto pessoal, foram âncoras importantes ao longo dessa jornada.

Agradeço ao professor Carlos Eduardo Siqueira, que me recebeu em Boston, desempenhando um papel central na minha adaptação à cidade e à nova realidade acadêmica. Ele foi responsável por me conectar à Universidade de Massachusetts e por me apresentar ao ambiente acadêmico local, facilitando minha inserção e minha interação com outros pesquisadores, o que foi fundamental para o sucesso da minha pesquisa.

Minha gratidão se estende também ao professor Fabian e aos colegas do Instituto Gaston, onde estive vinculada durante os seis meses de intercâmbio. Victor, Laura e Leandra, sou grata pela acolhida, parceria e pelo convívio enriquecedor durante esse período. Vocês fizeram com que me sentisse em casa e me ajudaram a superar os desafios que surgiram no caminho. Muito obrigada por todo o apoio e pela amizade.

Agradeço de forma especial aos meus colegas de turma, especialmente Ana Julia Guilherme e Talita Rugeri. Essas duas colegas, que se tornaram amigas queridas, foram fundamentais para a realização desta pesquisa., com seus conselhos e palavras de incentivo, ajudaram-me a enfrentar os momentos de dúvida e a celebrar cada pequena conquista ao longo do caminho. Sem elas, esta jornada teria sido muito mais árdua e solitária.

Meu agradecimento se estende a todos da Faculdade CENSUPEG que, com o apoio e a compreensão, permitiram-me ter a tranquilidade e o tempo necessários para me dedicar integralmente à conclusão desta tese. Em especial, agradeço ao diretor geral Sandro Albino Albano, bem como Andreia Schley, Elis Marina Elias, Luciane Paulino, Kátia Maciel e Iris Arana. Vocês foram peças-chave para que eu pudesse equilibrar minhas responsabilidades e seguir em frente com meu trabalho acadêmico.

Agradeço profundamente à minha família, em especial à minha tia Sandra, que foi a primeira a me apresentar ao mundo da leitura, plantando em mim a semente do amor pelos livros e pelo conhecimento. Seu incentivo foi fundamental para que eu acreditasse que tudo era possível. Sou grata também ao meu irmão Dillian, que compartilha comigo as mesmas vivências e que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis, oferecendo apoio e compreensão.

Não posso deixar de mencionar o apoio incondicional da minha cachorrinha Nico, que, mesmo em momentos difíceis, trouxe conforto e companhia durante o

processo de escrita. Seu carinho foi uma presença constante e reconfortante em momentos de estresse e ansiedade.

Um agradecimento especial vai a todos os jovens da segunda geração que participaram deste estudo, por sua disponibilidade, compromisso e generosidade em compartilhar suas histórias e experiências. Sem o envolvimento de cada um de vocês, este trabalho não teria sido possível. A contribuição de vocês é essencial para a construção de um conhecimento mais profundo sobre a segunda geração de imigrantes.

Por fim, dedico este trabalho à pessoa mais importante da minha vida: minha mãe, que infelizmente faleceu em abril deste ano. Ela foi minha maior inspiração e meu maior exemplo de força, resiliência e amor incondicional. Como mãe solteira, criou seus filhos sozinha, ensinando-me que eu poderia ser tudo o que quisesse, sempre com palavras de incentivo e apoio. Sua ausência é sentida todos os dias, mas sei que cada conquista é um reflexo de seus ensinamentos e de seu amor. Mãe, te amo profundamente e sempre sentirei sua falta.

RESUMO

Esta tese investiga as práticas transnacionais da segunda geração de imigrantes brasileiros em Massachusetts, analisando como são mobilizadas ao longo das trajetórias desses jovens em diversos contextos. O estudo foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com apoio da CAPES e baseia-se em entrevistas qualitativas semiestruturadas com 12 jovens brasileiros de segunda geração, com idades entre 18 e 29 anos, residentes em Massachusetts. A pesquisa busca compreender de que maneira essas práticas são contribuem para superação de desafios e a procura por oportunidades em um cenário migratório complexo. Para tanto, a análise organiza-se em três eixos — político, econômico e social —, por meio dos quais se investiga o impacto dessas ações nas trajetórias acadêmicas e profissionais dos participantes. Os resultados mostram que, apesar das dificuldades enfrentadas, as práticas transnacionais exercem um papel fundamental na preservação dos laços culturais e na promoção da mobilidade social. Nesse sentido, destacam-se, sobretudo, a importância do bilinguismo e da forte identificação com o Brasil, elementos que favorecem conquistas significativas e reforçam a conexão contínua desses jovens com suas raízes culturais.

Palavras-chave: Segunda geração; práticas transnacionais; imigração.

ABSTRACT

This thesis investigates the transnational practices of second-generation Brazilian immigrants in Massachusetts, analyzing how they are mobilized throughout the trajectories of these young people in different contexts. The study was conducted in the Graduate Program in Sociology at the Federal University of Paraná (UFPR), with support from CAPES, and is based on semi-structured qualitative interviews with 12 second-generation Brazilian young people, aged between 18 and 29, living in Massachusetts. The research seeks to understand how these practices contribute to overcoming challenges and seeking opportunities in a complex migratory scenario. To this end, the analysis is organized into three axes — political, economic, and social — through which the impact of these actions on the academic and professional trajectories of the participants is investigated. The results show that, despite the difficulties faced, transnational practices play a fundamental role in preserving cultural ties and promoting social mobility. In this sense, the importance of bilingualism and a strong identification with Brazil stand out, elements that favor significant achievements and reinforce the continuous connection of these young people with their cultural roots.

Keywords: Second generation; transnational practices; immigration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição da população brasileira nos EUA (2021).....	27
Figura 2 - Mapa de Framingham	29
Figura 3 - Área de concentração de brasileiros em Massachusetts (2021).....	33
Figura 4 - Distribuição da população brasileira por sexo, estado civil, MA, 2021	34
Figura 5 - Distribuição da população brasileira por ocupação, MA, 2021	38
Figura 6 - Linha de trem, MA, USA	90
Figura 7 - Cartaz de promoção do <i>Brazilian Festival</i> – Festa Junina	92
Figura 8 - Vista panorâmica - Campus Umass Boston.....	94
Figura 9 - Folder celebrando a vitória na votação a favor da liberação da carteira de habilitação para os imigrantes que não possuem documentação	98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de entradas pela fronteira com o México	24
Gráfico 2 - Emigração por região do país (Brasil)	25
Gráfico 3 - Crescimento de entrada de imigrantes brasileiros nos EUA (1990-2021	26
Gráfico 4 - Imigração brasileira para Massachusetts por estado de origem (2003) ..	31
Gráfico 5 - Distribuição da população brasileira por cidadania, MA, 2021	35
Gráfico 6 - Distribuição da população brasileira por situação profissional, EUA e MA, 2021	37
Gráfico 7 - Distribuição da população brasileira por situação profissional e sexo, MA, 2021	39
Gráfico 8 - Distribuição da população brasileira por ocupação e sexo, MA, 2021.....	40
Gráfico 9 - Distribuição da população brasileira de 25 anos ou mais por nível educacional, EUA e MA, 2021	42
Gráfico 10 - Distribuição da população brasileira por renda familiar, EUA e MA, 2021	43
Gráfico 11 - Nível de escolaridade dos entrevistados	113
Gráfico 12 - Cidade e estado de origem dos entrevistados.....	114
Gráfico 13 - Distribuição dos pais em relação a cidadania.....	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Eixo de práticas transnacionais.....	104
Quadro 2 - Capital humano, composição familiar e modo de incorporação	1177
Quadro 3 - Dados dos entrevistados	1188
Quadro 4 - Práticas do Eixo Econômico da segunda geração de imigrantes brasileiros	1299
Quadro 5 - Práticas do Eixo Sociocultural dos imigrantes de segunda geração de brasileiros	1422
Quadro 6 - Práticas transacionais Eixo Sociocultural: mídia e comida	156
Quadro 7 - Práticas transnacionais Eixo Sociocultural: futebol	163
Quadro 8 - Práticas transnacionais do Eixo Político da segunda geração de imigrantes brasileiros	17171
Quadro 9 - Cidades onde os entrevistados cresceram	1755

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CAPÍTULO I: A PRIMEIRA E SEGUNDA GERAÇÃO DE IMIGRANTES BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS	19
2.1	A primeira geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos	19
2.2	Brasileiros em Massachusetts	28
2.2.1	<i>Imigração brasileira para Massachusetts (1980-1990)</i>	28
2.2.2	<i>Perfil demográfico dos brasileiros em Massachusetts (2021)</i>	33
2.3	Segunda geração de brasileiros em Massachusetts	44
3	CAPÍTULO II: A SEGUNDA GERAÇÃO E O TRANSNACIONALISMO.....	55
3.1	Transnacionalismo nos estudos migratórios	55
3.2	Práticas transnacionais: perspectivas nos estudos sobre a segunda geração de imigrantes	63
3.2.1	<i>Teorias de mobilidade da segunda geração de imigrantes</i>	77
4	CAPÍTULO III: CAMINHOS METODOLÓGICOS: O CAMPO E AS ENTREVISTAS	86
4.1	Por que jovens de segunda geração?	86
4.2	Pesquisa de campo em Massachusetts, USA	89
4.3	Teia de conexões – a busca pelos interlocutores da pesquisa	99
4.3.1	<i>As entrevistas</i>	103
4.3.2	<i>Interlocutores da pesquisa</i>	111
5	CAPÍTULO IV – PRÁTICAS TRANSNACIONAIS DA SEGUNDA GERAÇÃO DE IMIGRANTES BRASILEIROS EM MASSACHUSETTS.....	120
5.1	Práticas transnacionais na Esfera Econômica: construindo conexões com quem está Brasil	120
5.2	Práticas transnacionais no Eixo Cultura: conectando com a “brasilidade”	131
5.2.1	<i>O português como primeiro idioma e sua preservação na segunda geração</i>	132
5.2.2	<i>O consumo de mídia, gastronomia e música e o que faz do Brasil, Brasil</i>	143
5.2.3	<i>Brasil, o país do futebol: conexões transnacionais</i>	156
5.3	As práticas transnacionais no Eixo Político	164

5.4	Elementos de engajamento transnacional da segunda geração de imigrantes brasileiros em Boston.....	172
5.5	Práticas transnacionais acionadas para conquistas da segunda geração de imigrantes brasileiros	180
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
	REFERÊNCIAS	198
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	210

1 INTRODUÇÃO

A migração internacional é frequentemente impulsionada pelo desejo de alcançar melhores condições de vida, segurança e oportunidades para as próximas gerações. Conforme destacam Massey e Arango (1993), Castles e Miller (1993), e Portes e Rumbaut (2001), os fatores que motivam a migração incluem não apenas a busca por melhores oportunidades econômicas, mas também o desejo de mobilidade social, a segurança e a perspectiva de um futuro mais promissor para os filhos.

A segunda geração de imigrantes, conforme apontado por Portes e Rumbaut (2001), é profundamente influenciada pelo momento de sua chegada ao país de destino. Aqueles que migraram durante a infância ou a adolescência formaram a chamada geração 1.5, enquanto os nascidos no novo país são classificados como geração 2.0. Os autores enfatizam que a geração 1.5 enfrenta desafios específicos relacionados à adaptação cultural, educacional e linguística, pois tiveram uma parte significativa de sua formação inicial no país de origem, mas passaram a se socializar e a se educar nos Estados Unidos. Por outro lado, a segunda geração (geração 2.0) refere-se aos filhos de imigrantes nascidos ou criados nos EUA desde a primeira infância, que têm mais familiaridade com a cultura e o idioma local, embora também possam enfrentar dilemas relacionados ao contexto migratório de seus pais.

Além disso, os filhos de imigrantes enfrentam desafios específicos para alcançar mobilidade social. Portes e Rumbaut (2001), Smith (2002) e Suárez-Orozco (2008) apontam que, mesmo com acesso à educação local, esses jovens muitas vezes se deparam com barreiras estruturais que limitam suas oportunidades no mercado de trabalho. Essas dificuldades são acentuadas pela herança de um capital humano e social da primeira geração que, dependendo de como foi utilizado e transformado, pode influenciar diretamente as trajetórias da segunda geração.

Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008) discutem que, quando a primeira geração possui um capital humano mais elevado e consegue convertê-lo em renda e recursos significativos, é possível apoiar melhor a adaptação dos filhos, criando um contexto favorável para seu sucesso educacional e profissional.

Do ponto de vista de Portes e Rumbaut (2001) e Levitt e Watters (2002), a adoção de práticas transnacionais por parte dos filhos de imigrantes é uma resposta às limitações que eles enfrentam tanto no país de origem quanto no de destino. Essas

práticas permitem que esses jovens mantenham laços com suas raízes culturais e sociais, ao mesmo tempo que acessam redes de apoio e oportunidades econômicas transfronteiriças. Assim, o transnacionalismo não apenas amplia as perspectivas e os horizontes, mas também oferece uma estratégia que pode ser utilizada como um recurso.

O conceito de transnacionalismo, desenvolvido a partir dos anos 1970 e consolidado nos anos 1990, descreve como os migrantes mantêm laços sociais, econômicos e políticos que transcendem fronteiras nacionais, conectando de forma contínua e dinâmica suas sociedades de origem e de acolhimento. Com o avanço das tecnologias de transporte e de comunicação, essas conexões se intensificaram, facilitando trocas de informações, envio de remessas e de manutenção de vínculos culturais e políticos, transformando a experiência migratória contemporânea (Levitt, 2001; Portes, 2004).

Levitt (2001) propõe que as práticas transnacionais podem ser analisadas a partir de três eixos principais: econômico, político e cultural. Cada um desses eixos representa uma forma distinta de envolvimento dos migrantes tanto no país de origem quanto no de destino, embora estejam interconectados e influenciem-se mutuamente. O eixo econômico abrange práticas financeiras, como o envio de remessas e investimentos nos países de origem. As transferências monetárias, por exemplo, não apenas garantem o sustento de familiares, mas também impulsionam o desenvolvimento econômico local e, em alguns casos, tornam-se essenciais para a sobrevivência de comunidades inteiras. Além disso, esses recursos possibilitam investimentos em negócios e em propriedades, fortalecendo os laços econômicos entre os migrantes e suas regiões de origem.

Para Levitt (2001), o eixo político envolve a participação cívica dos migrantes em seus países de origem, como votar em eleições, apoiar candidatos ou engajar-se em movimentos políticos a partir do exterior. Além disso, o ativismo digital, especialmente entre a segunda geração, torna-se um meio relevante de manter conexões políticas e exercer influência, mesmo a distância, utilizando plataformas digitais para promover debates e mobilizações (Soares; Ferreira; Malafaia, 2021).

Já o eixo cultural refere-se à preservação e à difusão de elementos culturais, como a língua, as tradições e a religião, que os migrantes mantêm e adaptam em suas vidas no exterior. Essas práticas culturais transnacionais se manifestam em festivais, eventos religiosos e no uso das redes sociais para compartilhar e fortalecer

identidades culturais. Instituições religiosas, como igrejas e centros comunitários, desempenham um papel fundamental ao proporcionar espaços onde os migrantes cultivam sua identidade cultural e transmitem suas tradições para a segunda geração, reforçando a conexão com suas raízes (Almasarweh, 2022).

No caso da segunda geração, esses laços herdados são, muitas vezes, negociados, transformados e reinterpretados, dependendo do contexto em que estão inseridos e das oportunidades oferecidas (Levitt; Waters, 2002; Portes; Rumbaut 2001). Este estudo investiga como essas práticas e redes transnacionais influenciam as experiências e as trajetórias dos brasileiros de segunda geração nos Estados Unidos, enfatizando como os elementos econômicos, políticos e culturais interagem em suas oportunidades de mobilidade social.

A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com 12 jovens brasileiros de segunda geração, com idades entre 18 e 29 anos, residentes em Massachusetts. As entrevistas ocorreram entre outubro de 2022 e março de 2023 e buscaram explorar as vivências, as percepções e as práticas transnacionais que esses jovens mantêm com o Brasil e como essas experiências impactam suas trajetórias.

Esta tese está estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo contextualiza a migração brasileira para os Estados Unidos, com ênfase nas décadas de 1980 e 1990, período marcado pelo início dos grandes fluxos migratórios (Margolis, 1994; Martes, 2000). Nesse capítulo, explorou-se especificamente a migração para Massachusetts, destacando as diferenças em relação aos fluxos direcionados para Nova York e Flórida, que ajudam a entender o perfil demográfico da população brasileira estabelecida em Massachusetts. Autores como Margolis (2013) e Sales (1999) afirmam que, ao contrário de outros fluxos da década de 1980, os imigrantes brasileiros que se dirigiram a Massachusetts eram majoritariamente de classes sociais mais baixas, o que influenciou suas trajetórias e condições de inserção nos Estados Unidos. No final do primeiro capítulo, será apresentado um perfil demográfico detalhado da população migrante brasileira em Massachusetts com base nos dados mais recentes do *American Community Survey* (ACS) de 2021, conduzido pelo U.S. *Census Bureau* (2021). Isso incluirá informações sobre idade média, distribuição de gênero, estado civil, nível educacional e situação econômica. A análise desses dados permitirá uma compreensão aprofundada das características e das dinâmicas

socioeconômicas dessa população, conectando-as às implicações para as gerações subsequentes.

O segundo capítulo estabelece a fundamentação teórica para a análise da migração transnacional, com foco nos conceitos de transnacionalismo, práticas transnacionais, segunda geração, essenciais para entender as vivências transnacionais da segunda geração de imigrantes brasileiros. Primeiramente, exploram-se as definições e as perspectivas teóricas sobre transnacionalismo nos estudos migratórios, enfatizando como os laços mantidos entre os países de origem e de destino se traduzem em práticas políticas, econômicas, culturais e sociais, que influenciam diretamente as vivências dos migrantes e seus descendentes.

No capítulo também se discute como essas práticas podem oferecer aos filhos de imigrantes meios de mobilizar recursos e negociar espaços de pertencimento tanto na sociedade de origem quanto na de destino. Além disso, o capítulo examina a relação entre práticas transnacionais e a mobilidade social, investigando como o capital humano e social herdado dos pais, bem como o contexto de modelos de incorporação do país de destino, afetam as oportunidades educacionais e profissionais dos jovens da segunda geração.

No terceiro capítulo, Caminhos Metodológicos, será apresentada uma análise detalhada das estratégias metodológicas que nortearam a condução desta pesquisa. Inicialmente, abordar-se-á o processo de inserção no campo, fundamental para a construção do estudo e para a aproximação com os sujeitos pesquisados. Em seguida, serão discutidos os procedimentos de coleta de dados, com destaque para a seleção dos interlocutores, realizada por meio da técnica de amostragem bola de neve. Além disso, serão examinados os desafios enfrentados no acesso aos participantes, proporcionando uma visão abrangente das etapas metodológicas envolvidas.

Ademais, será apresentado o desenvolvimento do roteiro das entrevistas semiestruturadas, detalhando sua organização em torno dos principais eixos de investigação – econômico, social/cultural e político (Levitt, 2001). Será explicado como esses eixos permitiram uma exploração aprofundada das práticas transnacionais dos jovens de segunda geração. A abordagem qualitativa será justificada, enfatizando sua pertinência na captura das nuances a respeito das experiências vividas e dos significados atribuídos pelos participantes (Bauer e Gaskell, 2017)

Para a análise dos dados, utilizar-se-á a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011) permitindo identificar padrões e categorias nas narrativas dos entrevistados, proporcionando uma interpretação mais rica e contextualizada dos dados. Adicionalmente, serão trazidas reflexões sobre o papel da pesquisadora no campo, enfatizando as interações que surgiram durante o processo de investigação.

No quarto capítulo, serão analisadas as práticas transnacionais narradas pela segunda geração de imigrantes brasileiros em Massachusetts, com o objetivo de compreender como essas se entrelaçam com as trajetórias individuais dos jovens entrevistados. A estrutura do capítulo organiza as práticas em três eixos principais — econômico, cultural e político — e investiga como cada um desses aspectos influencia a manutenção dos laços desses jovens com o Brasil.

No eixo econômico, serão exploradas as dinâmicas de envio de remessas e investimentos familiares, analisando como esses atos refletem um compromisso contínuo com o país de origem. No eixo cultural, a atenção recai sobre a preservação da língua portuguesa, o consumo de produtos alimentícios e as mídias brasileiras, além da participação em eventos culturais, evidenciando como esses jovens conciliam suas vivências de maneira complexa, mesclando elementos de suas experiências nos Estados Unidos e no Brasil. Por fim, o eixo político examina o envolvimento desses jovens em atividades cívicas relacionadas ao Brasil, como a participação em eleições ou em movimentos comunitários locais que representam os interesses do Brasil.

O capítulo busca não apenas mapear essas práticas, mas também investigar como elas afetam diretamente a mobilidade social dos indivíduos, por meio de oportunidades educacionais e profissionais. A análise considera, ainda, a importância das redes sociais, dos familiares e das institucionais que os jovens utilizam para desenvolver tais práticas, avaliando como essas redes contribuem para sua integração nos Estados Unidos e sua conexão contínua com o Brasil.

Nesse viés, a estrutura da tese busca fornecer uma análise detalhada e contextualizada das práticas transnacionais dos imigrantes brasileiros da segunda geração. Ao explorar tanto a base histórica quanto os aspectos contemporâneos, a pesquisa visa contribuir para um entendimento mais profundo de como essas práticas influenciam as trajetórias e as oportunidades dos filhos de imigrantes no contexto de Massachusetts. Além disso, ao integrar uma perspectiva brasileira, a tese pretende trazer uma visão que enriquece os estudos já consolidados nessa área, destacando as especificidades da segunda geração brasileira e suas particularidades em

comparação a outros grupos migratórios. Por meio de uma abordagem teórica robusta e uma análise detalhada, a pesquisa oferece novas perspectivas sobre a dinâmica migratória contemporânea, conectando as experiências dos descendentes de brasileiros nos Estados Unidos com os debates mais amplos sobre mobilidade e práticas transnacionais.

2 CAPÍTULO I: A PRIMEIRA E A SEGUNDA GERAÇÃO DE IMIGRANTES BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS

2.1 A primeira geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos

Esta tese explora a segunda geração de brasileiros em Massachusetts. No entanto, para compreender plenamente suas dinâmicas, é essencial contextualizar a experiência migratória da primeira geração. Conforme abordado por Portes e Rumbaut (2001), o contexto histórico e social da migração parental influencia diretamente as trajetórias dos filhos, impactando a identidade e a mobilidade social. A análise dos desdobramentos da segunda geração deve considerar as motivações iniciais, as condições socioeconômicas e os desafios enfrentados pela geração anterior ao se estabelecer nos Estados Unidos.

Conforme argumentado por Sales (1999), Assis (1995; 1999), Margolis (1994; 2013), Martes (2000), Goza (1999), Beserra (2003), Gusmão (2001), Patarra (2005) e Duarte e Silva (2009), uma das principais explicações para o início da migração brasileira de forma mais expressiva a partir de 1980 está relacionada a motivos de ordem econômica. Esses autores destacam que os imigrantes brasileiros que compuseram esse primeiro fluxo migratório eram predominantemente "refugiados econômicos", buscando escapar das dificuldades econômicas que afetaram o Brasil nas décadas de 1980 e 1990. O fenômeno foi impulsionado por fatores como a hiperinflação, o desemprego e a falta de perspectivas econômicas, levando muitos brasileiros a buscar melhores oportunidades de vida e trabalho nos Estados Unidos.

Esses movimentos migratórios são resultado de um período conhecido como "década perdida" na história do Brasil. Durante os anos 1980, o país enfrentou uma série de problemas econômicos, que resultaram em uma crise com impactos negativos sobre o crescimento social e econômico da população. Além disso, houve um aumento significativo da desigualdade de renda e uma forte inflação, que elevou os preços dos produtos de consumo diário. Esses fatores foram determinantes para que muitos brasileiros optassem por deixar o país em busca de melhores oportunidades nos Estados Unidos (Patarra, 2005)

Que a hiperinflação e as condições de incerteza econômica que a acompanham causaram o extraordinário êxodo de brasileiros é indicado pelo fato de que o fluxo de emigração começou em 1986, próximo ao fracasso do

Plano Cruzado, esforço anterior do governo brasileiro para combater a inflação galopante. De acordo com a Polícia Federal Brasileira, 37% dos brasileiros que deixaram o país naquele ano, nunca retornaram (Margolis, 1994, p. 30).

Segundo Margolis (1994) e Assis (1995), o primeiro fluxo de brasileiros que chegou aos Estados Unidos era oriundo da cidade de Governador Valadares, no estado de Minas Gerais, com destino a Massachusetts, a partir da década de 1960. Durante a Segunda Guerra Mundial, engenheiros de Boston foram convidados a trabalhar na extração mineral na região de Governador Valadares. Ao retornarem para os Estados Unidos, muitos deles trouxeram consigo as empregadas domésticas que trabalhavam para eles no Brasil, dando início a um processo migratório que se intensificou nas décadas seguintes.

São dois os momentos da história da cidade em que os entrevistados se referem à presença americana: o período da mica e a duplicação da linha da Vale do Rio Doce. Na memória destes valadarenses, a lembrança dos americanos está relacionada ao progresso, à melhoria das condições de vida, a ganhar dólar (Assis, 1995, p. 47).

Entretanto, com o passar dos anos, o esgotamento dos recursos naturais resultou em uma drástica queda na produtividade e na redução dos ganhos de capital, o que ocasionou uma mudança significativa no perfil econômico-social da região. Assim, Governador Valadares transformou-se em um reservatório de mão de obra para o trabalho industrial e doméstico em outras partes do país, intensificando o fluxo migratório de seus habitantes. Além disso, Assis (1995; 1999) aponta outros fatores responsáveis pelo aumento da migração de pessoas de Governador Valadares, como a falta de oportunidades de emprego e o aumento da desigualdade social.

De acordo com Assis (1999) após o fim da Segunda Guerra Mundial, os engenheiros de Boston estreitaram ainda mais seus laços com a população de Governador Valadares, principalmente devido às frequentes viagens à cidade para adquirir pedras preciosas. Na década de 1960, em um contexto de transformações sociais e econômicas, alguns jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo anunciaram oportunidades para mulheres brasileiras trabalharem em Boston como empregadas domésticas. No mesmo período, foram contratados 20 brasileiros para integrarem em um time de futebol de uma liga de Boston. Paralelamente, a cidade, reconhecida como um importante polo universitário, atraiu muitos brasileiros que, após concluírem seus cursos, optaram por permanecer em vez de retornar ao Brasil.

O movimento migratório de brasileiros para os Estados Unidos nas décadas de 1980 e 1990 também foi caracterizado por um tipo específico de imigração ligado à expansão de empresas multinacionais. Segundo Oliveira (2004) e Guedes Brum (2018), diversas corporações internacionais e brasileiras, como VASP, TAM, Odebrecht e Banco do Brasil, estabeleceram filiais e operações em cidades norte-americanas, impulsionadas pela abertura econômica e pela globalização. Esse processo resultou na transferência de um contingente expressivo de profissionais qualificados e suas famílias, que se mudaram para os Estados Unidos para ocupar posições estratégicas nas sedes dessas empresas.

Essa massiva migração gerou um efeito multiplicador, resultando na criação de uma extensa rede de contatos e de relações interpessoais. À medida que os profissionais brasileiros se estabeleceram na Flórida, não apenas contribuíram para a expansão das operações empresariais, mas também promoveram a vinda de outros trabalhadores, como babás, motoristas e empregadas domésticas. Segundo Oliveira (2004), a migração brasileira para a Flórida cresceu a uma taxa anual de aproximadamente 20%, gerando um impacto econômico significativo de cerca de 5 bilhões de dólares. Além disso, no início dos anos 2000, essa migração representou aproximadamente 30% das vendas imobiliárias na região, consolidando-se como uma importante fonte de desenvolvimento econômico para o estado.

Margolis (1994), em sua etnografia *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*, explorou as diferentes dinâmicas do contexto migratório dos brasileiros que se estabeleceram na cidade. Com uma abordagem etnográfica abrangente imersiva, aprofundou-se na comunidade brasileira local por meio de observações participativas, entrevistas detalhadas e análise histórica. Em seu estudo, Margolis (1994) examinou as experiências desses imigrantes e destacou a importância das redes de apoio nos primeiros dias após a chegada, evidenciando a importância para a integração dos brasileiros na sociedade americana.

As diferenças entre as experiências dos primeiros dias de brasileiros na cidade de Nova York dependem antes de mais nada da ajuda e consolo, ou da falta deles, proporcionados por figuras familiares. A maioria recebe ajuda para estabelecer na Big Apple, mas de dois terços dos integrantes do meu corpus, seja de amigos (46%) ou de parentes (23%), mais frequentemente de irmãos e primos, mas alguns deles não tem essa sorte (Margolis, 1994, p. 108).

Ao contrário da Flórida, onde a primeira geração de imigrantes brasileiros foi composta majoritariamente por indivíduos das classes média e alta, Margolis (1994) observou que, em Nova York, essa população teve origens socioeconômicas diversificadas. Enquanto alguns dispuseram de recursos para investir em negócios e residir em áreas privilegiadas, como Queens e Manhattan, outros enfrentaram dificuldades financeiras e buscaram empregos menos remunerados. Muitos se estabeleceram em regiões mais acessíveis, como Newark, em Nova Jersey que, por já abrigar uma comunidade portuguesa consolidada, tornou-se um polo de atração para brasileiros em busca de trabalho nos setores de construção e de demolição.

Nas décadas de 1980 e na primeira metade dos anos 1990, a obtenção de visto de turista para os Estados Unidos foi relativamente acessível para brasileiros, conforme apontou Margolis (1994). Esse contexto favoreceu o surgimento de um fenômeno conhecido como "turismo de visto", no qual muitos brasileiros solicitaram o visto sob o pretexto de visitar destinos turísticos, como a Disney, ainda que a real intenção fosse permanecer no país para trabalhar e residir. Embora a maioria desses imigrantes tenha ingressado inicialmente com visto de turista, uma parcela significativa optou por não retornar ao Brasil, contribuindo para o contínuo crescimento da comunidade brasileira em Nova York e em outras regiões com grande concentração de imigrantes brasileiros. Esses imigrantes, movidos pelo ideal do "sonho americano", acreditaram que alcançar sucesso financeiro seria mais viável nos Estados Unidos, especialmente em metrópoles como Nova York, conhecidas por suas oportunidades econômicas e potencial de ascensão social. Essa perspectiva estimulou um fluxo migratório contínuo, convertendo grupos temporários de turistas em uma comunidade consolidada e em permanente crescimento (Margolis, 1994).

Com o passar dos anos, especialmente após os eventos de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, houve um aumento significativo na vigilância e na fiscalização nos aeroportos, o que impactou diretamente a acessibilidade dos imigrantes às rotas tradicionalmente seguras para a entrada no país (Lima; Castro, 2017).

Essa rota é mais problemática não só pelo custo que envolve, mas também pela distância e pelo risco maior da travessia. No entanto, ela cresceu em volume pelo fato de que os Estados Unidos não podem, uma vez apreendendo pessoas de origem não mexicana cruzando a fronteira com esse país, retorná-las para o México. Essas pessoas eram soltas e recebiam notificação para comparecer na corte de justiça (*notice to appear*). A maioria

não comparecia para a audiência, mantendo-se no país ilegalmente (Lima; Castro, 2017, p. 51).

Em setembro de 2005, em resposta ao aumento significativo de imigrantes brasileiros, o México passou a exigir visto para cidadãos brasileiros, sob pressão do governo americano. Essa mudança dificultou a migração para os Estados Unidos, uma vez que muitos brasileiros utilizaram o território mexicano como parte de sua rota migratória. No entanto, as rotas se readaptaram, e o Canadá e a Guatemala passaram a ser alternativas viáveis para a entrada de brasileiros nos Estados Unidos (Lima; Castro, 2017).

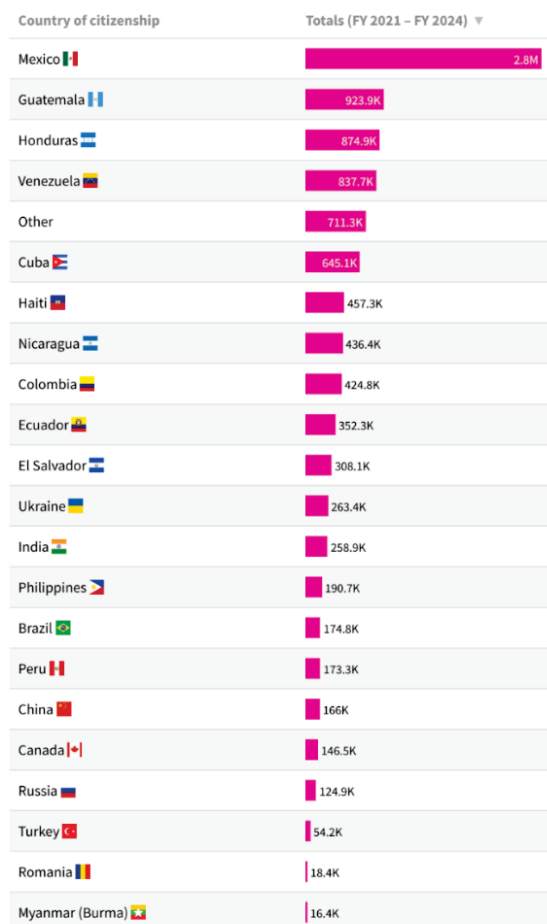
Atualmente, não há dados específicos sobre quantos brasileiros utilizaram rotas ilegais para entrar nos Estados Unidos, como a travessia pela fronteira com o México, mas algumas estatísticas fornecem um panorama geral da situação. De acordo com dados da *Customs and Border Protection*, a maioria dos encontros na fronteira EUA-México envolve migrantes latino-americanos. Em 2021, houve um aumento notável no número de brasileiros tentando atravessar ilegalmente: foram 56.735 encontros, um aumento significativo em relação aos 6.946 em 2020. Isso sugere uma tendência crescente de brasileiros optando por essa rota alternativa diante das dificuldades para obter vistos legais.

O gráfico a seguir apresenta dados sobre as entradas na fronteira dos Estados Unidos entre outubro de 2020 e junho de 2024. Nesse período, o México foi responsável por mais de um quarto de todas as entradas na fronteira dos Estados Unidos, com um total de 2,8 milhões de encontros. Em comparação, o Brasil contabilizou 174,8 mil entradas, um número significativamente inferior ao de países como Guatemala (923,9 mil), Honduras (874,9 mil) e Venezuela (837,7 mil).

Gráfico 1 - Número de entradas pela fronteira com o México

Those with Mexican citizenship were responsible for over a quarter of all border encounters since October 2020.

Total border encounters by individual citizenship, FY 2021–FYTD 2024



FYTD stands for fiscal year-to-date. The fiscal year begins in October and ends in September. Recent data is available up to June 2024.

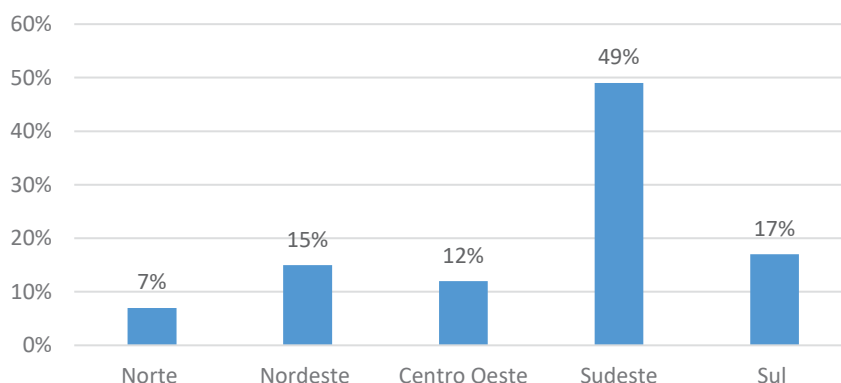
Source: Customs and Border Protection

USA FACTS

Fonte: Customs and Border Protection (2024).

Não há informações específicas sobre a região de origem dos imigrantes brasileiros que ingressaram nos Estados Unidos por rotas alternativas. No entanto, a distribuição regional dos brasileiros que residem no exterior pode revelar índices relevantes. De acordo com dados do Censo Brasileiro de 2010, a Região Sudeste destacou-se como a principal origem desses imigrantes, representando quase metade do contingente, com uma proporção expressiva de 49%. Os demais 51% estavam distribuídos pelas outras regiões do Brasil, conforme indicado no gráfico a seguir.

Gráfico 2 - Emigração por região do país (Brasil)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2010). Censo Brasileiro Demográfico de 2010.

É importante ressaltar que, na década de 1980 e no início dos anos 1990, muitos imigrantes brasileiros se beneficiaram do *Immigration Reform and Control Act* (IRCA), conhecido como Lei de Reforma e de Controle da Imigração. Essa legislação permitiu que aqueles que comprovassem estar nos Estados Unidos antes de 1º de janeiro de 1982 ou que tivessem trabalhado por pelo menos três meses como trabalhadores rurais entre maio de 1985 e maio de 1986 solicitassem "anistia" e, posteriormente, obteriam a residência legal. No entanto, como descrito por Margolis (1994), houve imigrantes que optaram por pagar uma quantia para obter documentos falsos, a fim de provarem a presença no país durante o período estabelecido pela lei ou comprovassem sua atuação no setor agrícola.

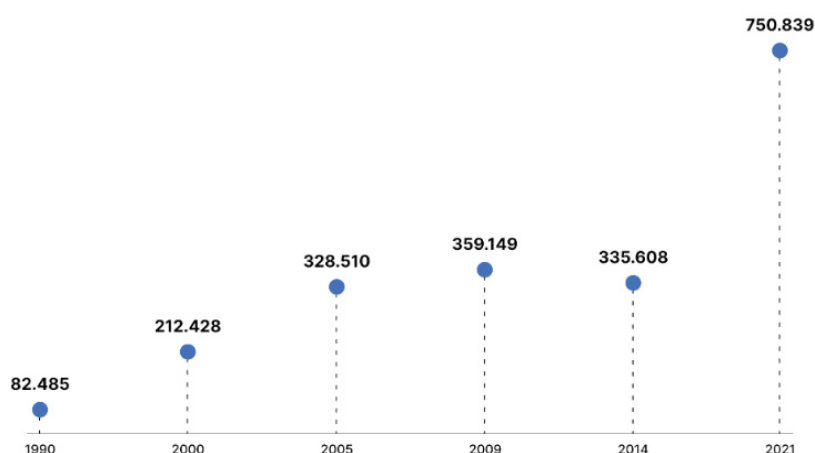
Ao longo do primeiro grande fluxo de brasileiros para os Estados Unidos, na década de 1980, observou-se que a maioria desses imigrantes provinha de zonas urbanas e pertencia às classes média e média baixa. Muitos possuíam nível de escolaridade superior e buscavam refúgio diante da crise econômica que afetava o Brasil na época. A incapacidade de manter o padrão de vida, especialmente para a classe média, impulsionou essa migração em massa, dando início a uma busca por oportunidades econômicas e por estabilidade em solo norte-americano. Os principais destinos foram Flórida, Nova York e Massachusetts (Margolis, 2013).

De acordo com Margolis (2013), a imigração brasileira para os EUA também pode ser vista como um fenômeno marcado pela adaptação e pela transformação cultural. Margolis destacou que as redes comunitárias formadas por brasileiros em cidades como Nova York e Boston desempenharam um papel fundamental, não

apenas na manutenção dos laços culturais com o Brasil, mas também na criação de um espaço onde a identidade brasileira pôde ser redefinida e negociada. Essas comunidades atuaram como redes de apoio, oferecendo serviços como orientação para novos imigrantes, auxílio na busca por emprego e por assistência jurídica. Além disso, promoveram eventos culturais e religiosos que reforçaram o sentimento de pertencimento. Dessa forma, essas redes não apenas facilitaram a integração dos imigrantes na sociedade americana, mas também preservaram e reinventaram aspectos culturais do Brasil, criando uma dinâmica de dupla inserção: uma vinculada à sociedade de origem e a outra à de acolhimento (Margolis, 2013).

Os dados apontam que o fluxo migratório brasileiro para os Estados Unidos continua ativo, com a chegada diária de novos imigrantes. Segundo o American Community Survey (ACS) do Census Bureau (2021), há 750.839 brasileiros residindo em território norte-americano. Esse número reflete um expressivo aumento de aproximadamente 307% no contingente de brasileiros nos Estados Unidos ao longo do período compreendido entre 1980 e 2021, conforme destacado no gráfico abaixo:

Gráfico 3 - Crescimento de entrada de imigrantes brasileiros nos EUA (1990-2021)

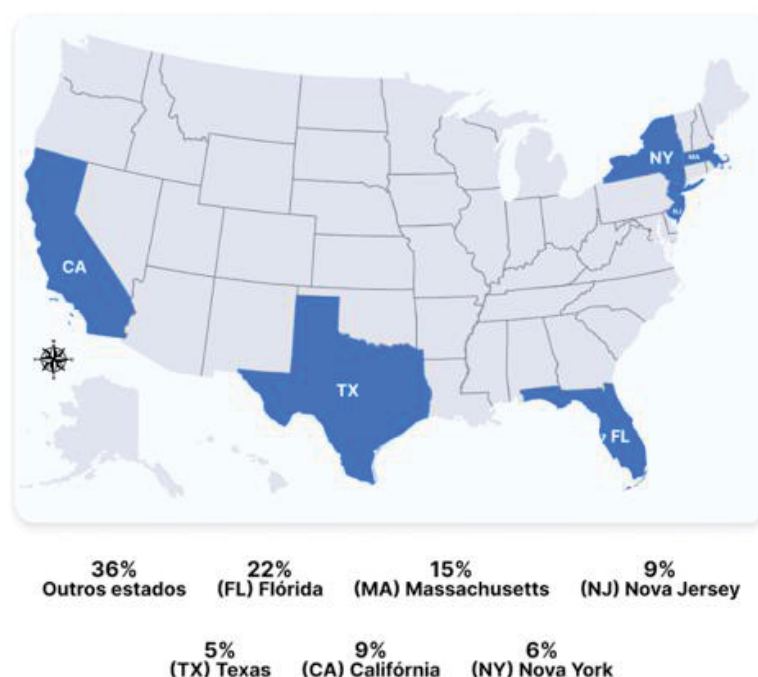


Fonte: American Community Survey (ACS) (Bureau, 2021).

A Flórida destaca-se como o principal polo de atração, concentrando 21,8% dessa população. Em seguida, Massachusetts (15,0%), Califórnia (9,3%), Nova Jersey (9,1%) e Nova York (5,6%) configuram-se como outros importantes destinos para imigrantes brasileiros. Esses cinco estados, conjuntamente, abrigam aproximadamente 60,7% da população brasileira nos Estados Unidos, indicando uma

distribuição geográfica que reflete preferências migratórias e a existência de redes sociais e comunitárias estabelecidas, que facilitam a inserção socioeconômica dos recém-chegados (Margolis, 2013), conforme figura a seguir:

Figura 1 - Distribuição da população brasileira nos EUA (2021)



Fonte: Borges, Granberry, Lima e Martins (2023).

A escolha por Massachusetts como foco de pesquisa é justificada pela relevância de seu grupo migratório, uma vez que Margolis (2013) aponta que os primeiros imigrantes brasileiros a se estabelecerem nos Estados Unidos chegaram a esse estado na década de 1960, saindo de Governador Valadares, em Minas Gerais. Essa conexão histórica não apenas ofereceu um contexto inicial relevante para investigar a presença de uma segunda geração brasileira na região, mas também reforçou a importância do estado, que hoje abriga uma expressiva comunidade brasileira. Esse cenário proporcionou um terreno fértil para analisar a proliferação de práticas transnacionais entre a segunda geração.

2.2 Brasileiros em Massachusetts

2.2.1 *Imigração brasileira para Massachusetts (1980-1990)*

O fluxo migratório brasileiro em direção ao estado de Massachusetts, especialmente à região metropolitana de Boston, tem sido objeto de estudo e de análise por diversos autores. Margolis (1999, 2013), Sales (1999), Lima e Siqueira (2007) e Siqueira e Jansen (2008) convergem em suas pesquisas ao descreverem o perfil dos migrantes que escolheram essa área como destino. De maneira consistente, esses estudos apontam que a maioria dos migrantes possui origens socioeconômicas desfavorecidas, sendo predominantemente membros da classe trabalhadora oriundos de Minas Gerais.

Essa população, majoritariamente pertencente à classe trabalhadora, encontrou oportunidades de emprego que, em geral, ofereciam salários relativamente mais baixos em comparação com as ocupações dos não imigrantes locais. Muitos brasileiros atuaram em setores como limpeza, manutenção e serviços. Segundo Sales (1998, p. 179), trata-se de “uma migração de mão de obra, inserida geralmente em ocupações no setor de serviços de baixa qualificação do chamado mercado de trabalho secundário”.

A migração entre Governador Valadares e a região metropolitana de Boston é um fenômeno significativo e amplamente estudado. Esse fluxo intensificou-se a partir da década de 1960 e tornou-se mais complexo ao longo dos anos. Pesquisas como as de Martes (1999), Sales (1999), Reis e Sales (1999), Assis (1999) e Fusco (2001) exploram como essa migração tem se diversificado e como as redes sociais e os analisam sua diversificação, destacando o papel das redes sociais e dos familiares na manutenção e expansão desse movimento. Governador Valadares se consolidou como um ponto de partida essencial para a imigração brasileira aos Estados Unidos, especialmente para Boston, atraindo majoritariamente trabalhadores da classe operária, fomentando redes de apoio e integração entre os imigrantes e seus familiares.

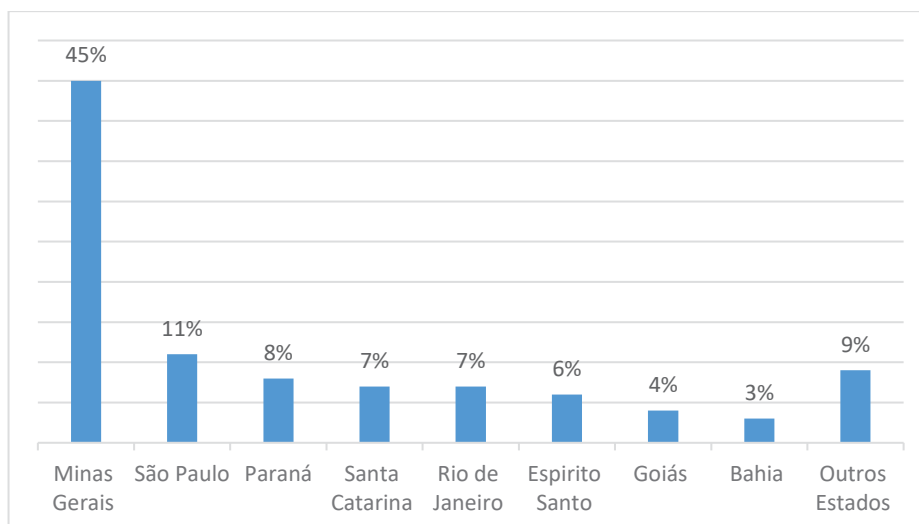
Conforme observado por Margolis (1994) e Siqueira e Jansen (2008), embora fosse possível identificar brasileiros oriundos de Governador Valadares em várias localidades do estado de Massachusetts, a maior concentração desse grupo se estabeleceu na cidade de Framingham, conforme mostra a figura abaixo. Esse local se

fomentaram o desejo de muitos outros valadarenses de buscar oportunidades na América. Nas palavras de Assis (1999, p. 131), “os pioneiros, ao compartilharem suas narrativas e vivências, foram essenciais para alimentar o sonho de outros valadarenses em trilhar o caminho em direção à América”. Esses relatos positivos contribuíram para a consolidação de uma cultura migratória na região, na qual a migração para os Estados Unidos passou a ser vista como um meio legítimo e promissor de ascensão social.

Na visão de Assis (1999), Siqueira e Jansen (2008), um expressivo contingente de imigrantes provenientes de Criciúma - SC, e de outras cidades do sul do Brasil também se dirigiu para o estado de Massachusetts, especialmente a partir da década de 1990. Esse fluxo migratório ocorreu aproximadamente uma década após o início do grande movimento migratório de Governador Valadares para os Estados Unidos. De acordo com Assis (2004), a partir da década de 1990, muitos criciumenses começaram a migrar para a região de Boston, especialmente para as cidades de Lowell, Somerville e Everett. Esse fluxo migratório foi impulsionado pela crise no setor carbonífero e cerâmico em Criciúma, que levou a altas taxas de desemprego. A construção de redes sociais entre os migrantes facilitou a integração dos recém-chegados, oferecendo suporte e conexão com a comunidade já estabelecida.

Na perspectiva de Siqueira e Jansen (2008), embora a migração para Massachusetts seja frequentemente associada a Minas Gerais e a Criciúma, o estado atraiu brasileiros de diversas regiões do Brasil. Seu estudo, baseado em dados de passaportes de 2003, indica que estados como Espírito Santo, Goiás e Paraná também contribuíram significativamente para o fluxo migratório. Apesar da diversificação das origens dos imigrantes, a predominância de mineiros ainda era notável naquele período, refletindo o papel histórico de Minas Gerais como um dos principais pontos de partida para a migração brasileira aos Estados Unidos, como pode ser visto no gráfico a seguir:

Gráfico 4 - Imigração brasileira para Massachusetts por estado de origem (2003)



Fonte: Formulários de Passaporte do consulado Geral do Brasil em Boston (2003).

Entretanto, conforme observado por Margolis (1994), à medida que o tempo avançava e o número significativo de brasileiros originários do estado de Minas Gerais nos Estados Unidos aumentava, surgiam desafios relacionados aos pedidos de visto de algumas pessoas dessa região, que acreditavam estar enfrentando discriminação por parte das embaixadas. Em suas pesquisas, Margolis (1994) identificou casos de viajantes que recorriam à prática de adquirir certidões de nascimento de outros estados brasileiros na crença de que isso poderia aumentar suas chances de obter um visto de turista.

Além disso, Assis (2008, p. 227) destaca que

o aumento significativo de brasileiros presos tentando cruzar a fronteira do México revela uma das consequências dos atentados de 11 de setembro para os imigrantes. Com um maior rigor na concessão de vistos por parte do governo americano, aqueles que procuram migrar em busca de melhores condições de vida encontram cada vez mais dificuldade para cruzar as fronteiras.

Conforme o relato de Assis (2008), uma rede de serviços de transporte facilitava o deslocamento de brasileiros de Governador Valadares para Framingham, MA. Esse sistema englobava uma jornada que incluía uma viagem de ônibus da cidade até o Rio de Janeiro ou São Paulo, seguida por um voo até a Cidade do México. Além disso, os imigrantes contavam com a assistência de um intermediário, conhecido como "coyote", que os auxiliava a chegar a Massachusetts.

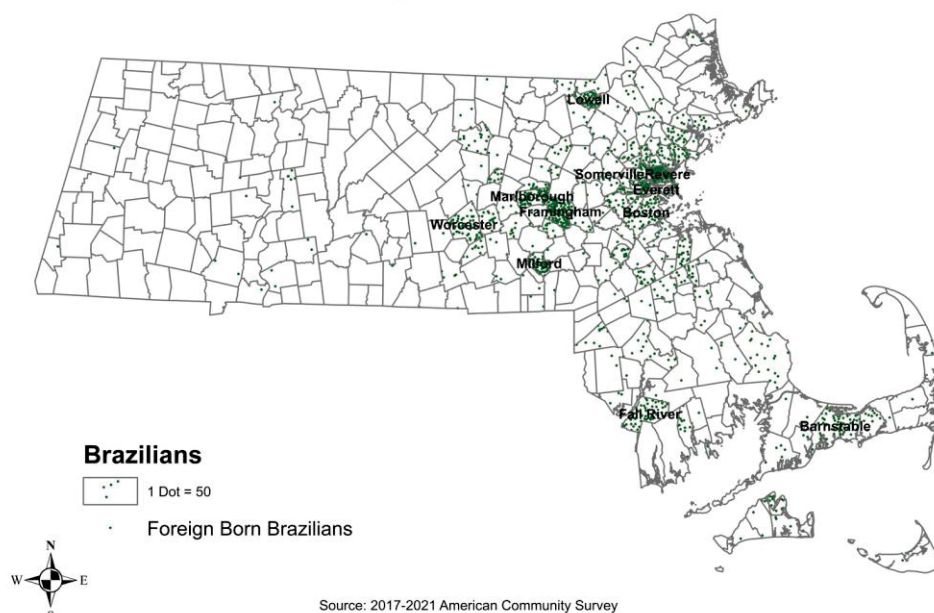
Ao chegarem em Massachusetts, muitos brasileiros, mesmo sem documentação, passaram a atuar em funções como limpeza de residências e trabalho em restaurantes, desempenhando atividades de entrega e de atendimento como garçons. Embora essas ocupações fossem vistas como de menor prestígio no Brasil, nos Estados Unidos eram altamente valorizadas, pois ofereciam uma remuneração considerada satisfatória, tornando-se uma importante fonte de sustento e de estabilidade para esses imigrantes (Martes, 1999; Assis, 2008; Margolis, 2013).

Sales (1999) evidenciou que os imigrantes brasileiros atribuíam um sentido de validação à sua condição clandestina. Mesmo sem a documentação adequada, eles conseguiam realizar todas as atividades nos Estados Unidos, como trabalhar com documentos falsos, matricular seus filhos em escolas públicas, buscar assistência médica e abrir contas bancárias, entre outras. Consequentemente, a falta de legalização não era percebida como uma lacuna significativa em suas vidas cotidianas. A autora também destaca que, apesar da ausência de documentação legal, esses brasileiros comparavam os direitos que desfrutavam nos Estados Unidos com a falta de acesso a esses mesmos direitos no Brasil, o que reforçava a percepção de validade de sua condição clandestina.

Complementando essa perspectiva, Martes (2000) aponta que, mesmo sem documentação, muitos brasileiros se estabeleceram como pequenos empreendedores, administrando negócios voltados à comunidade imigrante, como restaurantes, salões de beleza e lojas que vendiam produtos brasileiros. Outros atuaram como jardineiros, pedreiros e, principalmente, como faxineiros, a categoria mais numerosa nesse contexto.

Nas últimas duas décadas, a comunidade brasileira se dispersou por toda a região leste de Massachusetts, mas sua maior concentração ainda se encontra nas áreas ao redor de Framingham e Boston. Entre as cidades próximas a Framingham, destacam-se Marlborough, Milford e Worcester, enquanto, na região metropolitana de Boston, cidades como Somerville, Everett, Malden e Revere atraem uma significativa presença brasileira, conforme Figura 3 a seguir:

Figura 3 - Área de concentração de brasileiros em Massachusetts (2021)



Fonte: American Community Survey (ACS) (Bureau, 2021).

Dada a importância e as mudanças significativas na comunidade brasileira em Massachusetts desde o início da imigração, a partir da década de 1960, tornou-se essencial compreender melhor quem foram esses brasileiros que compuseram a primeira geração no estado. Para isso, foi necessário identificar o tamanho dessa população, avaliar a relevância social e econômica, além de características como estado civil, renda mensal e grau de escolaridade.

Esses dados serão apresentados de maneira detalhada para proporcionar uma visão abrangente e, ao mesmo tempo, conectar as informações apresentadas com as possíveis implicações para a segunda geração. Compreender o perfil demográfico e socioeconômico da primeira geração permite analisar, por exemplo, como o nível educacional e a estabilidade financeira dos pais influenciam o acesso a oportunidades de educação e carreira para seus filhos, nascidos ou criados nos Estados Unidos (Portes; Rumbaut, 2001).

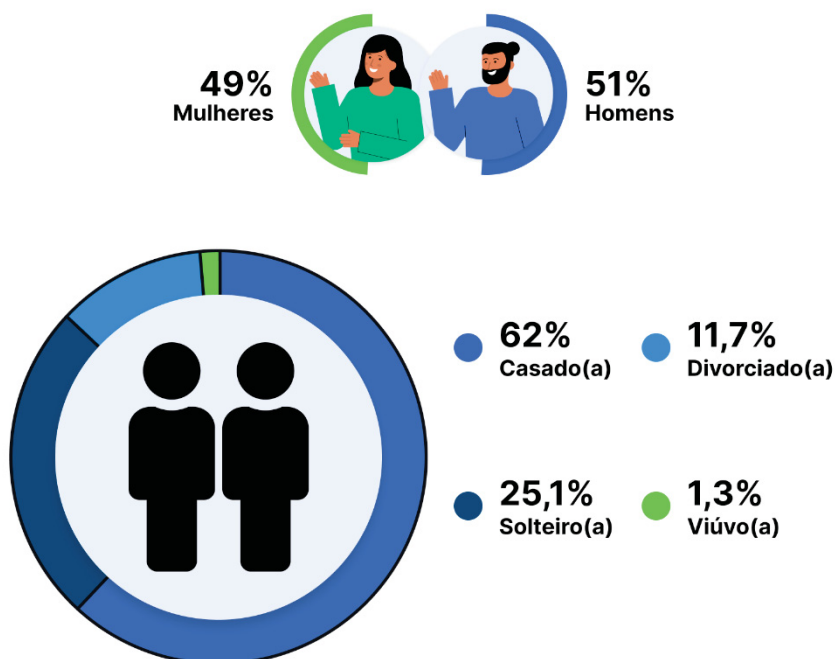
1.1.1 Perfil demográfico dos brasileiros em Massachusetts (2021)

A seção apresenta um panorama da presença brasileira em Massachusetts, destacando o crescimento expressivo da população imigrante ao longo de duas décadas. Segundo a Pesquisa da Comunidade Americana (ACS) de 2021, conduzida

pelo U.S. Census Bureau (2021), a população imigrante brasileira no estado quase dobrou de 2000 a 2021, chegando a 112.446 pessoas. Esse aumento inclui tanto brasileiros nascidos no exterior quanto aqueles que adquiriram a nacionalidade brasileira e optaram por Massachusetts como residência.

De acordo com dados do American Community Survey (ACS) de 2021, essa população é, em média, mais jovem que a de brasileiros residentes em outras regiões dos Estados Unidos, com uma idade média de 34,3 anos. Observa-se também uma ligeira predominância masculina, embora a diferença seja mínima, de apenas 2%. Além disso, aproximadamente 62% desses imigrantes estão em relacionamentos estáveis; 25,1% são solteiros e 11,7% são divorciados, conforme demonstrado na Figura 4 a seguir:

Figura 4 - Distribuição da população brasileira por sexo, estado civil, MA, 2021



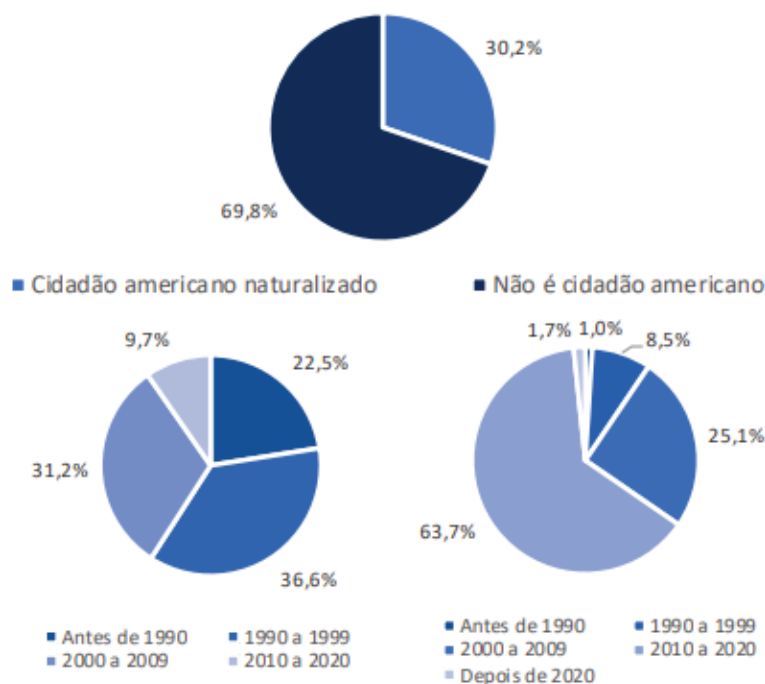
Fonte: American Community Survey (ACS) (Bureau, 2021).

O elevado número de pessoas em algum tipo de relacionamento sugere a presença significativa de filhos de imigrantes brasileiros. DeBiaggi (2002) investiga como a imigração afeta as famílias brasileiras nos Estados Unidos, especialmente em relação aos papéis de gênero e às dinâmicas familiares. A autora observou que muitos casais já estavam formados antes da imigração, enquanto outros se constituíram após

a chegada ao país, o que evidencia a frequência da formação de casais brasileiros nessa comunidade. Parte dos imigrantes chegou aos Estados Unidos já casados, enquanto outra parcela encontrou seus parceiros brasileiros após se estabelecerem no novo país.

Destacaram-se os diferentes níveis de cidadania, pois exerceram influência direta no acesso a direitos fundamentais. O relatório do *Migration Policy Institute*, publicado em 2012, apontou que a cidadania melhorou significativamente as condições econômicas dos imigrantes, elevando as taxas de emprego e renda. Em contrapartida, os imigrantes sem documentação legal enfrentaram restrições mais severas, especialmente na obtenção de emprego, no que se refere à obtenção de emprego, no acesso a serviços de saúde e à moradia (Aptekar, 2015).

Gráfico 5 - Distribuição da população brasileira por cidadania, MA, 2021



Fonte: Borges, Granberry, Lima e Martins (2023).

Apenas 30,2% dos brasileiros residentes em Massachusetts possuem cidadania americana, o que significa que aproximadamente 70% da comunidade na região não detêm a cidadania dos Estados Unidos. Dentro dessa parcela significativa de não cidadãos, estão incluídos imigrantes em situação indocumentada, que enfrentam desafios como restrições no acesso a serviços públicos, dificuldades legais

e condições precárias no mercado de trabalho (Aptekar, 2015). Além disso, entre os 30,2% de cidadãos americanos, com cidadania, estão também os filhos de brasileiros nascidos nos Estados Unidos que, por direito de nascimento, possuem cidadania americana, independentemente do status migratório dos pais.

De acordo com os dados da *American Community Survey* (ACS) de 2021 (Bureau, 2021), 68,8% dos brasileiros sem cidadania americana entraram nos Estados Unidos entre 2010 e 2020. Em Massachusetts, esse percentual é de 63,7%. Além disso, uma parte significativa dos brasileiros imigrou entre 2000 e 2009, representando 17,1% da população brasileira nos Estados Unidos e 25,1% em Massachusetts.

No que se refere ao período de 1990 e 1999, observa-se uma redução progressiva no percentual de brasileiros sem cidadania americana, tanto nos Estados Unidos (9,2%) quanto em Massachusetts (com 9,5%). Essa tendência continua diminuindo entre aqueles que chegaram antes de 1990, atingindo seus menores índices: 1% em Massachusetts, e 3,2% nos Estados Unidos.

Essa contextualização evidencia o impacto significativo da Lei de Reforma e Controle da Imigração (*IRCA*)¹ na regularização da situação de muitos imigrantes brasileiros e de outras nacionalidades que chegaram aos Estados Unidos na década de 1980.

Entretanto, o cenário se modifica ao analisar os brasileiros que chegaram aos Estados Unidos em períodos mais recentes, como demonstrado pelo relatório. O baixo índice de naturalização entre esses indivíduos reflete os desafios crescentes da regularização migratória, agravados pelas políticas mais restritivas adotadas nos últimos anos. O estudo aponta que a maioria dos brasileiros que chegou após 2000 ainda enfrenta dificuldades para obter o status legal, o que tem implicações diretas no acesso a direitos e oportunidades, como educação, emprego e serviços de saúde.

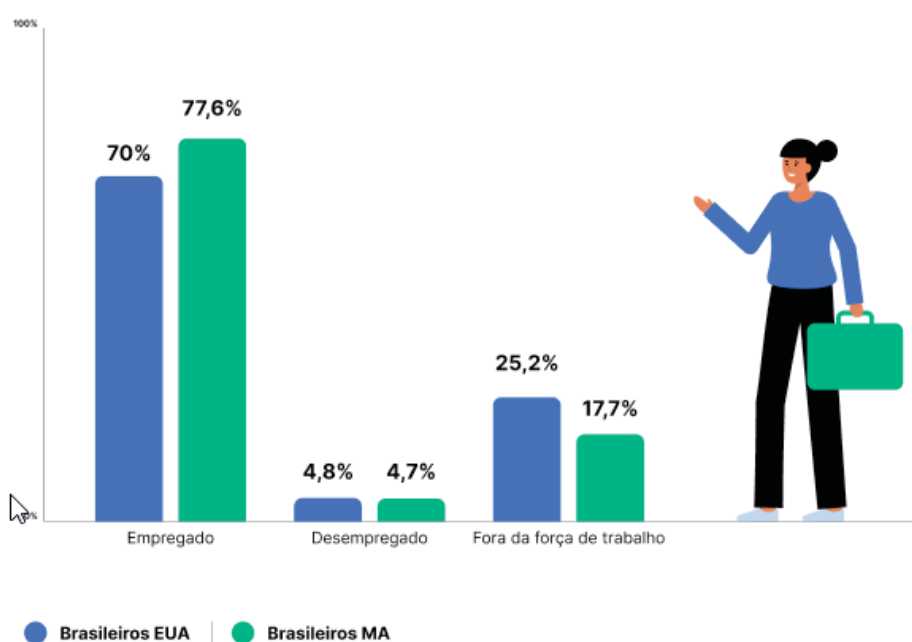
Em relação à presença brasileira no mercado de trabalho em Massachusetts, 77,6% dos brasileiros com mais de 16 anos encontram-se empregados, evidenciando uma significativa participação no mercado de trabalho. ²O baixo índice de

¹ A *IRCA*, aprovada em 1986, ofereceu um caminho para a legalização de imigrantes indocumentados que residiam no país antes de 1982, permitindo que muitos obtivessem a residência permanente e, posteriormente, a cidadania. Essa legislação foi crucial para alterar o perfil migratório da comunidade brasileira nos Estados Unidos, contribuindo para uma maior estabilidade e integração social desses imigrantes e, por consequência, para a segunda geração.

² Os dados apresentados foram retirados da *American Community Survey* (ACS) de 2021 e publicados no relatório *Brasileiros nos Estados Unidos e em Massachusetts: Um Perfil Demográfico e Econômico*.

desemprego, registrado em 4,7%, é praticamente equivalente à média nacional dos Estados Unidos (4,8%). Esses dados sugerem que, apesar dos desafios da trajetória migratória, a comunidade brasileira tem conseguido se estabelecer com certo êxito no mercado de trabalho local.

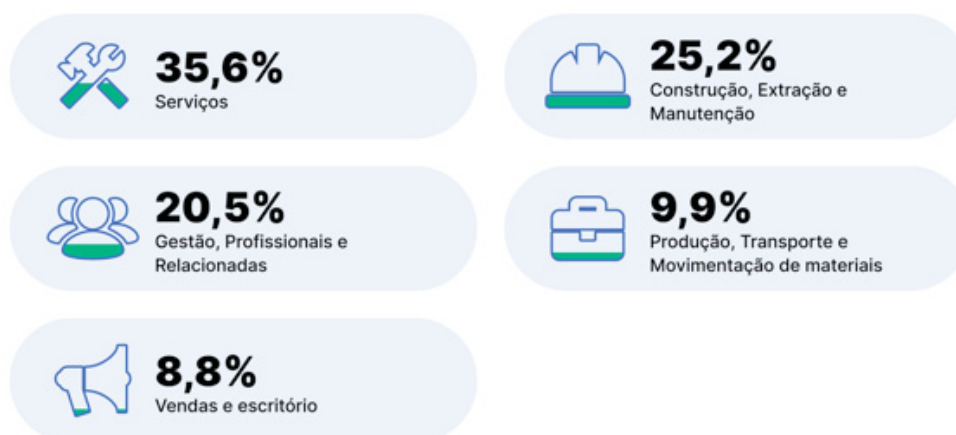
Gráfico 6 - Distribuição da população brasileira por situação profissional, EUA e MA, 2021



Fonte: Borges, Granberry, Lima e Martins (2023).

A pesquisa revela que os brasileiros residentes em Massachusetts se concentram principalmente nas seguintes categorias ocupacionais: serviços, construção, extração e manutenção, que lideram com 25,2%, seguidos por Gestão, Profissões e Áreas Relacionadas (incluindo Cuidados de Saúde), que representam 20,5%. Outras categorias relevantes são produção, transporte e movimentação de materiais, com 9,9%, e vendas e escritório, com 8,8%.

Figura 5 - Distribuição da população brasileira por ocupação, MA, 2021

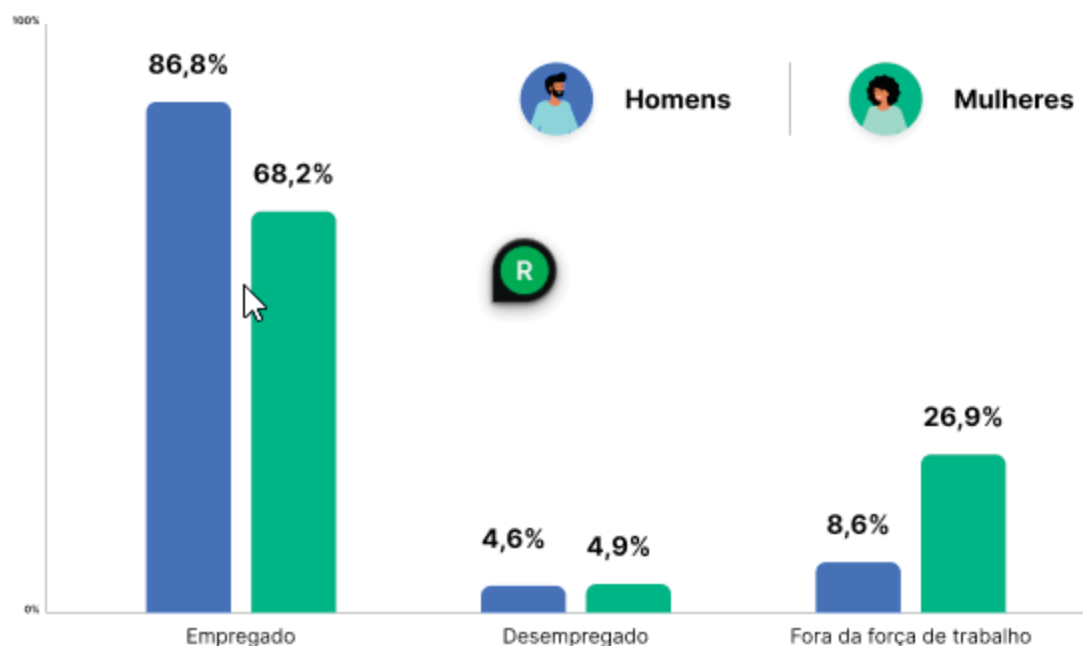


Fonte: Borges, Granberry, Lima e Martins (2023).

Esses dados refletem uma forte presença em ocupações manuais e de serviços. Siqueira e Jansen (2011) destacam que, apesar da alta participação no mercado de trabalho, muitos trabalhadores brasileiros enfrentam riscos químicos, ergonômicos, físicos e psicossociais, principalmente nos setores de construção e limpeza. A falta de treinamento adequado para reconhecer esses perigos ressalta a necessidade urgente de programas de capacitação culturalmente apropriados para prevenir lesões e fatalidades ocupacionais.

A pesquisa também mostra que os homens, em Massachusetts, têm uma taxa de ocupação 18,6% superior à das mulheres, evidenciando uma marcante desigualdade de gênero no mercado de trabalho local.

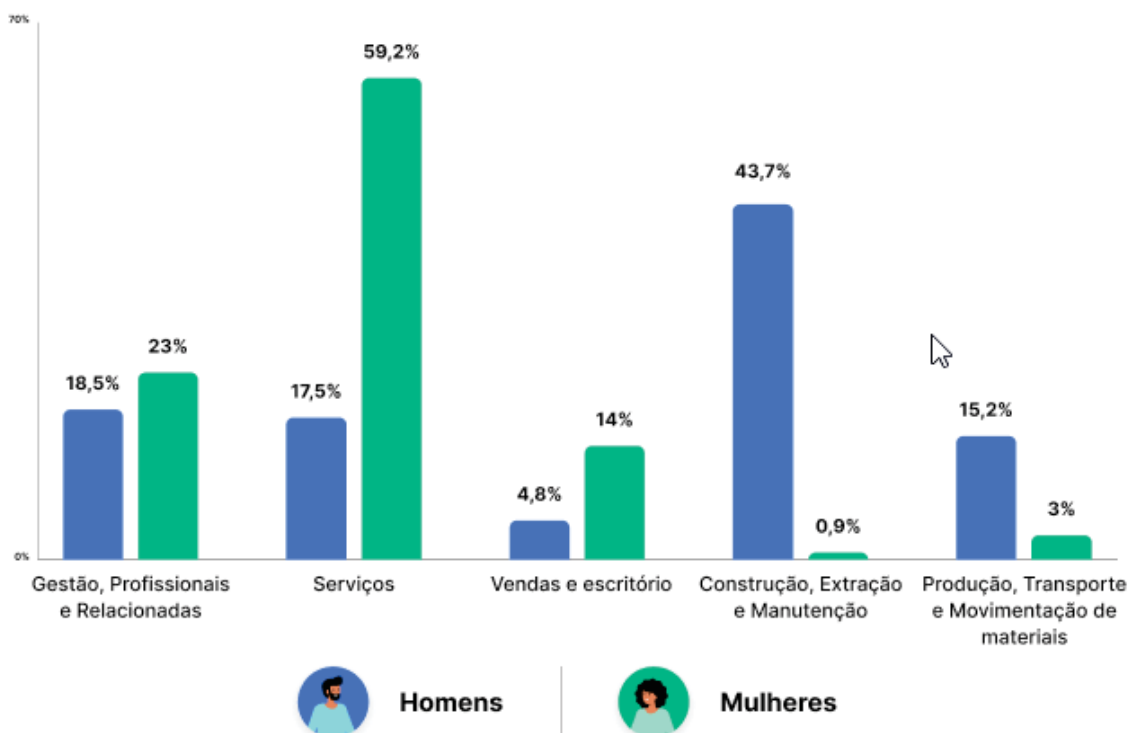
Gráfico 7 - Distribuição da população brasileira por situação profissional e sexo, MA, 2021



Fonte: Adaptado de Borges, Granberry, Lima e Martins (2023).

Além disso, as mulheres estão predominantemente concentradas em ocupações no setor de serviços, representando 59,2% desse grupo. Segundo Siqueira *et al.* (2016), o trabalho doméstico, realizado majoritariamente por mulheres imigrantes brasileiras, é visto como uma alternativa viável de emprego, apesar das baixas exigências de qualificação específica e fluência em inglês. Essa situação reflete uma dupla vulnerabilidade: por um lado, essas mulheres têm acesso limitado a empregos mais qualificados e, por outro, estão sujeitas a condições laborais precárias e à falta de reconhecimento profissional.

Gráfico 8 - Distribuição da população brasileira por ocupação e sexo, MA, 2021



Fonte: Adaptado de Borges, Granberry, Lima e Martins (2023).

Conforme Siqueira *et al.* (2016), nos países industrializados, a inserção das mulheres imigrantes no mercado de trabalho ocorre em um contexto de crise econômica global e em processos de desindustrialização, que afetam negativamente as oportunidades de emprego. Nesse cenário, essas mulheres são frequentemente direcionadas para ocupações marcadas pela segregação de gênero e de baixa remuneração, especialmente no setor doméstico. Esse tipo de integração ocorre, em grande parte, por meio de redes sociais informais dentro dos chamados enclaves étnicos, em que as mulheres assumem papéis de cuidadoras ou empregadas domésticas. Essa dinâmica reflete a falta de oportunidades mais qualificadas e perpetua a desigualdade de gênero, limitando o acesso delas a empregos que ofereçam melhores condições e possibilidades de ascensão profissional.

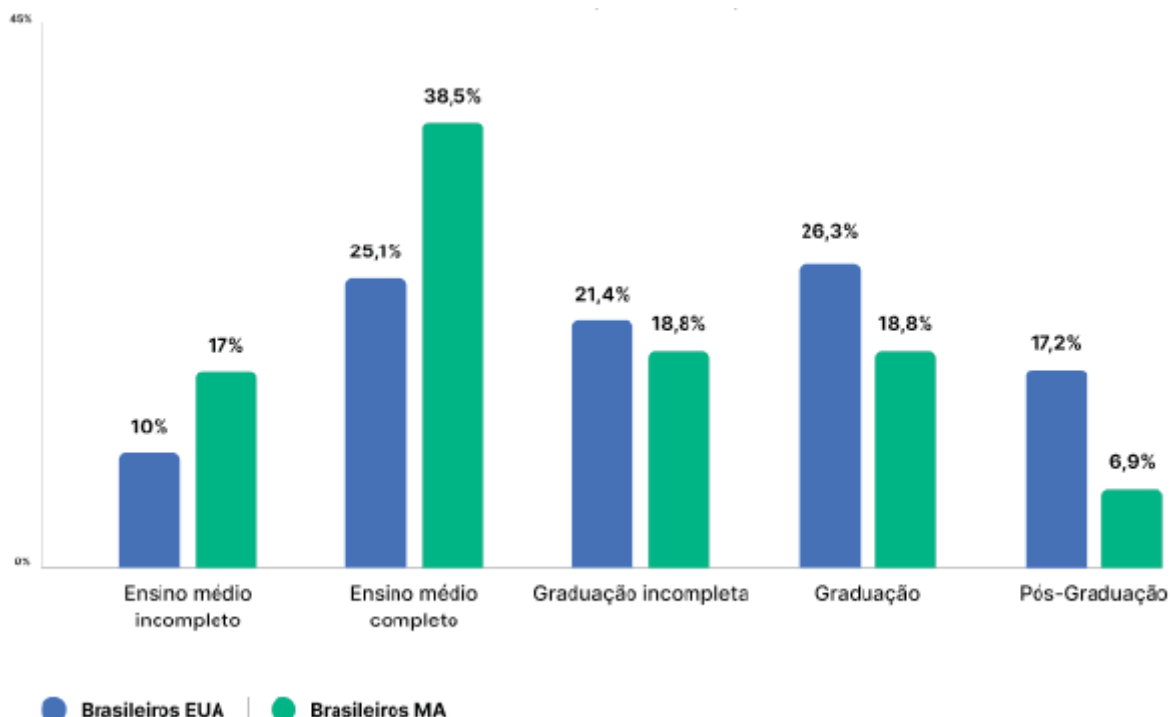
Em relação ao nível educacional, observa-se que os imigrantes brasileiros em Massachusetts têm, em média, menor escolaridade em comparação ao restante dos brasileiros nos Estados Unidos. Aproximadamente 55,5% dos brasileiros residentes em Massachusetts possuem apenas o ensino médio ou menos como nível máximo de escolaridade, enquanto 64,9% dos brasileiros em todo o país frequentaram algum curso universitário. Esse dado reflete uma disparidade educacional significativa dentro

da própria comunidade brasileira nos EUA e reforça, em parte, as observações de Margolis (1994). Em sua pesquisa, Margolis argumenta que os brasileiros que migraram para Massachusetts, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, eram em grande parte provenientes das classes sociais mais baixas, diferentemente dos que se estabeleceram em Nova York, que incluíam uma maior proporção de profissionais qualificados e membros da classe média alta.

Esses fatores educacionais e sociais também contribuem para explicar as diferenças na inserção ocupacional distinta dos brasileiros em Massachusetts e Nova York. Em Massachusetts, muitos imigrantes se concentram em setores como construção e serviços, que requerem menos qualificação formal. Em contrapartida, em Nova York, há uma maior diversidade de ocupações, incluindo áreas que exigem nível superior. A análise de Margolis permanece relevante, pois evidencia como a origem social e educacional dos imigrantes influencia suas trajetórias e suas oportunidades de inserção nos mercados de trabalho locais.

A falta de um diploma universitário pode restringir a possibilidade de alcançar empregos com melhores salários, benefícios abrangentes e perspectivas de crescimento, conforme argumentam Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008). Essa situação também impacta as gerações subsequentes, já que os filhos de imigrantes, mesmo nascidos nos Estados Unidos, enfrentam desafios semelhantes. Embora muitos da segunda geração alcancem níveis educacionais mais altos que seus pais, a ausência de capital Social e cultural pode dificultar o acesso a melhores oportunidades no mercado de trabalho (Portes; Rumbaut, 2001).

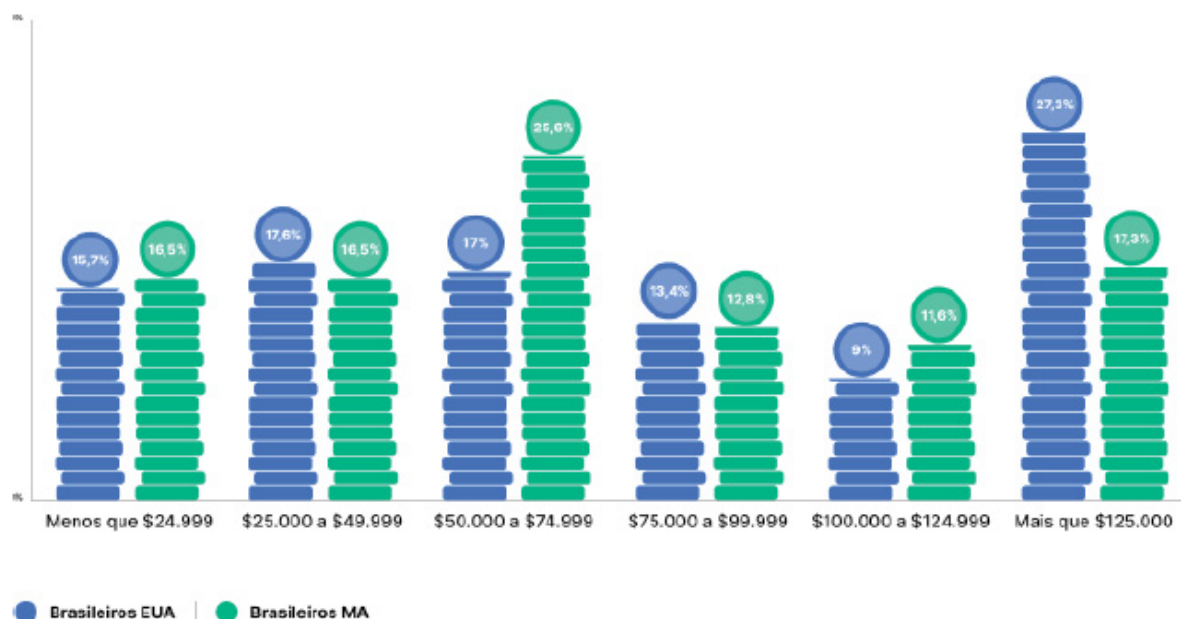
Gráfico 9 - Distribuição da população brasileira de 25 anos ou mais por nível educacional, EUA e MA, 2021



Fonte: Adaptado de Borges, Granberry, Lima e Martins (2023).

Outra questão que afeta a trajetória da segunda geração é a falta de apoio e de orientação adequados para navegar no sistema educacional e profissional dos Estados Unidos. Embora muitos desses jovens tenham nascido no país, eles enfrentam barreiras para acessar carreiras mais prestigiadas e bem remuneradas, principalmente pela falta de conhecimento sobre recursos importantes, como programas de financiamento estudantil, bolsas de estudo e apoio acadêmico. Essa falta de informações pode restringir as oportunidades de avanço educacional e profissional, desses indivíduos (Cebulko, 2014). Além disso, ao analisar os dados relacionados à renda, verifica-se que a proporção de famílias com rendimentos superiores a US\$ 125.000 em Massachusetts está significativamente abaixo da média nacional, como detalhado a seguir:

Gráfico 10 - Distribuição da população brasileira por renda familiar, EUA e MA, 2021



Fonte: Adaptado de Borges, Granberry, Lima e Martins (2023).

Nos Estados Unidos, a renda média familiar dos imigrantes brasileiros apresenta variações consideráveis entre os diferentes estados. Na Flórida, a média é de US\$ 99.101,14, enquanto em Massachusetts alcança US\$ 102.393,60. Na Califórnia, a média é substancialmente mais alta, atingindo US\$ 153.230,50, enquanto em Nova Jersey chega a US\$ 111.424,10 e, em Nova York, atinge o valor mais elevado, com US\$ 162.306,70 (Borges *et al.*, 2023).

Essa disparidade nos níveis de renda entre estados, como a Flórida e Nova York, suscita indagações importantes sobre as nuances regionais que influenciam as experiências dos brasileiros em Massachusetts. A presença de uma comunidade brasileira robusta, apoiada por organizações³ que assistem aos imigrantes no estado, pode oferecer vantagens sociais e culturais capazes de compensar as disparidades de renda. De acordo com Levitt (2001), uma comunidade forte atua como uma rede

³ Brazilian Worker Center (BWC) - O BWC apoia trabalhadores imigrantes na defesa dos direitos trabalhistas e de imigração, além de oferecer programas de desenvolvimento de liderança, saúde e bem-estar, e construção de justiça comunitária. Eles promovem workshops sobre direitos dos trabalhadores, iniciativas de saúde e campanhas de organização comunitária. Disponível em: www.braziliancenter.org.

Rian Immigrant Center - O Rian Immigrant Center, parte da Massachusetts Immigrant Collaborative, oferece serviços legais de imigração, aulas de inglês, apoio educacional e desenvolvimento profissional. A organização atua em colaboração com o Brazilian Worker Center e outras entidades para fornecer assistência emergencial e apoio à comunidade imigrante. Disponível em: www.riancenter.org.

de suporte, promovendo identidade cultural, proporcionando um ambiente de entendimento mútuo. Esse tipo de coesão social pode facilitar a integração dos imigrantes, oferecendo apoio emocional, acesso a recursos e a oportunidades e, conseqüentemente, atenuando os efeitos de desigualdades econômicas.

Por fim, apresentam-se as especificidades da comunidade brasileira estabelecida em Massachusetts, a fim de enfatizar a relevância de compreender como as dinâmicas da primeira geração de imigrantes brasileiros, incluindo a influência das organizações comunitárias e as disparidades socioeconômicas, moldam a trajetória cultural e econômica dessa população.

Nesse contexto, surge a segunda geração: quem são seus integrantes e quais desafios enfrentam? Para responder a essa questão, revisaram-se alguns estudos sobre essa população, esse panorama inicial será fundamental para compreender os desafios e as oportunidades que essa comunidade vivencia em sua trajetória como segunda geração de imigrantes brasileiros.

2.3 Segunda geração de brasileiros em Massachusetts

Os indivíduos que optam por migrar para outro país frequentemente o fazem em busca de melhores condições de vida para si e para seus filhos. A busca por melhores oportunidades econômicas, segurança e qualidade de vida, bem como a possibilidade de oferecer um futuro mais promissor para as próximas gerações, são fatores destacados em diversos estudos sobre migração (Massey e Arango, 1993; Castles e Miller, 1993; Portes e Rumbaut, 2001; Orozco, 2013). Esses autores enfatizam que a decisão de migrar vai além das condições econômicas individuais, mas também reflete um desejo profundo de ascensão social e a busca por um ambiente mais seguro e favorável ao desenvolvimento dos filhos.

Orozco (2013) discute como os migrantes, especialmente de países em desenvolvimento, procuram melhorar sua situação econômica e social, tanto para si quanto para suas famílias, muitas vezes citando a educação dos filhos e a segurança financeira como razões primordiais para a migração. Ele argumenta que esses fatores são elementos fundamentais da "aspiração de mobilidade" dos migrantes, ou seja, o desejo de conquistar uma vida melhor e mais segura, diante das oportunidades limitadas em seus países de origem.

A segunda geração de imigrantes, formada pelos filhos de pessoas que se estabeleceram em um novo país, é definida, segundo Portes e Rumbaut (2001), pelo momento de chegada ao novo contexto. Neste estudo, será utilizada essa perspectiva para examinar como esses critérios influenciam as trajetórias dos brasileiros em Massachusetts.

- ✓ Geração 1.5: Refere-se a crianças nascidas no país de origem dos pais e que migraram para os Estados Unidos antes dos 18 anos de idade;
- ✓ Geração 2.0: Refere-se a crianças nascidas nos Estados Unidos, cujos pais são imigrantes estabelecidos no país.

Sales e Loureiro (2004) realizaram um estudo quantitativo sobre a presença da segunda geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos durante a década de 2000. Naquele período, a imigração brasileira para os Estados Unidos ainda era um fenômeno relativamente recente, o que dificulta a obtenção de uma amostra representativa o suficiente para a condução de entrevistas qualitativas aprofundadas.

Entretanto, Sales e Loureiro (2004) apresentaram uma análise detalhada sobre a presença da segunda geração de brasileiros em Massachusetts. Elas compararam o número de crianças registradas no Consulado Geral do Brasil em Boston com os dados de crianças de ascendência materna brasileira computadas pelo Departamento de Saúde Pública de Massachusetts (DPH) e observaram que o número de registros consulares era inferior ao número de registros no Primary Care Perinatal Data Form do DPH.

Segundo as autoras, essa diferença pode ser explicada por diversos fatores. Primeiramente, a jurisdição do consulado brasileiro abrange não apenas Massachusetts, mas também os estados de Maine, Vermont, New Hampshire e Rhode Island, enquanto os dados do DPH são restritos a Massachusetts. Além disso, muitas crianças podem ser registradas em outros consulados, ou os pais podem optar por não realizar o registro imediato no consulado brasileiro, adiando-o para momentos em que se torne necessário, como para a emissão de passaportes. Os dados do DPH também têm limitações, pois incluem apenas crianças com ascendência materna brasileira, excluindo aquelas com ascendência paterna brasileira. Apesar dessas limitações, Sales e Loureiro (2004) utilizaram as informações disponíveis para oferecer uma visão sobre o crescimento da segunda geração de brasileiros em

Massachusetts. Com base nessas estimativas, as autoras calcularam que, ao final de 2002, a comunidade de segunda geração variava entre 3.208 e 3.797 indivíduos, refletindo um crescimento significativo dessa população.

Sales e Loureiro (2004) destacam que, na Região Metropolitana de Boston, mais de um terço das crianças nascidas no período analisado eram filhas de mães brasileiras. Framingham se destacou com 13,78% dessas crianças, seguido por Boston e Somerville, cada um registrando pouco mais de 8%, o que confirma a presença expressiva da comunidade brasileira nessas localidades. Além disso, a pesquisa evidencia a **forte ligação** entre a imigração brasileira e o estado de **Minas Gerais**, uma vez que **40%** dos nascimentos registrados em Massachusetts eram de mães mineiras. Esse dado reforça o papel de Minas Gerais como uma das principais regiões de origem da comunidade imigrante brasileira na área de Boston.

A dissertação *Filhos da Imigração: Sobre a Segunda Geração de Imigrantes Brasileiros nos EUA*, de Gustavo Hamilton de Sousa Menezes, aprofunda a análise sobre as experiências da segunda geração de brasileiros nos Estados Unidos, com foco na comunidade de Danbury, *Connecticut*. O estudo explora como esses jovens lidam com a dualidade cultural e os desafios identitários, crescendo entre duas culturas, muitas vezes, conflitantes: a brasileira, representada pela família e comunidade imigrante e a norte-americana, predominante no ambiente escolar e social.

Menezes (2002) explora como a segunda geração é, muitas vezes, empurrada para um amadurecimento precoce, assumindo responsabilidades que vão além das normalmente esperadas para a idade. Isso ocorre especialmente na mediação cultural e linguística entre os pais e a sociedade americana.

Por serem maiores conhecedores da língua inglesa e por saberem desvendar com mais facilidade os códigos que regem a sociedade norte-americana, não raramente crianças e adolescentes tornam-se guias familiares no mundo público. Muitos são os casos de filhos que servem de intérpretes nas consultas médicas de seus pais, nas compras de carros ou nas negociações de aluguéis (Menezes, 2002, p. 25).

Assis, Meriz e Ihá (2007) investigam as complexidades e os desafios enfrentados pela segunda geração de brasileiros nos Estados Unidos, por meio de entrevistas realizadas com os filhos de imigrantes brasileiros que se estabeleceram em Boston, em sua maioria proveniente da região de Criciúma. As autoras analisam

questões relacionadas à identidade cultural e à integração social desses jovens, considerando. Inicialmente, o estudo identifica quem são esses jovens e ressalta a importância das redes sociais no processo migratório. Em seguida, examina o cotidiano dessa população, destacando a divisão entre trabalho e escola, e compara as realidades educacionais dos Estados Unidos e do Brasil. Por fim, as autoras exploram o modo como esses jovens reconstroem suas identidades, problematizando a assimilação cultural e a reconstrução da identidade brasileira no contexto americano, com base nas narrativas e nas experiências relatadas em entrevistas.

As autoras identificam que a segunda geração de imigrantes brasileiros inicialmente migra com foco na educação, uma vez que seus pais enxergam nas escolas públicas norte-americanas uma oportunidade de qualidade até o ensino médio. Essa inserção no sistema educacional permite uma maior integração com a sociedade e cultura dos EUA, diferenciando-se da primeira geração de imigrantes.

Entretanto, as autoras alertam para os desafios enfrentados por essa geração. As entrevistas revelam que, apesar do acesso ao sistema educacional norte-americano, o status migratório pode representar uma barreira para a continuidade acadêmica, especialmente no ensino superior. Além disso, os jovens da segunda geração, sejam nascidos nos EUA ou migrantes que chegaram ainda na infância, desenvolvem uma identidade híbrida, muitas vezes distanciando-se das raízes brasileiras de seus pais. Embora muitos desses jovens demonstrem uma aparente mobilidade social — especialmente por meio do consumo e do estilo de vida norte-americano —, eles ainda enfrentam barreiras significativas para ascender socialmente. Como consequência, acabam frequentemente inseridos no mercado de trabalho secundário, de forma semelhante à trajetória ocupacional de seus pais.

Além disso, muitos jovens da chamada "geração 1.5" — filhos de imigrantes que cresceram nos Estados Unidos, enfrentam grandes incertezas ao concluir o ensino médio, especialmente quanto à possibilidade de permanecer legalmente no país. Esse cenário começou a mudar apenas em 2012, quando o governo de Barack Obama, em resposta à pressão social, implementou o *Deferred Action for Childhood Arrivals* (DACA). O programa DACA concedeu aos jovens imigrantes indocumentados um status temporário, permitindo-lhes trabalhar legalmente e continuar seus estudos nos Estados Unidos. No entanto, apesar de representar um avanço significativo, o programa não oferece um caminho para a cidadania permanente, funcionando apenas

como uma solução provisória para um problema estrutural (Cebulko, 2014; Menjívar, 2014; Gonzales, 2016; Garcia, 2020; Sanchez, 2023).

Sanchez (2023) enfatiza que, por se tratar de um decreto executivo e não de uma lei aprovada pelo Congresso, o DACA está constantemente vulnerável à revogação. Esse risco se materializou em setembro de 2017, quando a administração Trump tentou rescindir o DACA, desencadeando diversas batalhas judiciais nos tribunais distritais e federais. Em outubro de 2022, a suprema corte dos EUA⁴ decidiu que o DACA poderia continuar, mas novas solicitações não seriam aceitas, deixando muitas pessoas qualificadas sem a proteção do programa:

DACA é um bom exemplo de política de imigração em constante mudança, e sua volatilidade decorre, em parte, do fato de não ser uma lei, mas uma ação executiva, o que a deixa suscetível à revogação. Isso se tornou uma realidade quando a administração Trump rescindiu o DACA em setembro de 2017, desencadeando várias batalhas nos tribunais distritais e federais e politizando ainda mais a situação da geração 1.5 indocumentada (Sanchez, 2023, p. 2).

De acordo com Cebulko (2018), os brasileiros da geração 1.5 — jovens que migraram para os Estados Unidos durante a infância ou adolescência — enfrentam uma gama complexa de desafios relacionados ao status legal, à identidade e à mobilidade social. Embora muitos sejam provenientes de famílias de classe média, o que lhes confere certos privilégios em comparação a outros grupos de imigrantes indocumentados, a falta de documentos legais limita profundamente as oportunidades educacionais e profissionais. Conforme Cebulko (2018) aponta, esses jovens frequentemente enfrentam barreiras no acesso ao ensino superior, devido ao alto custo das mensalidades e à falta de elegibilidade para ajuda financeira, o que os obriga a buscar instituições de menor prestígio ou, em muitos casos, a abandonar completamente seus objetivos acadêmicos.

Mesmo aqueles que conseguem superar as restrições legais e obter um status mais estável, como a residência permanente, continuam enfrentando desafios significativos, especialmente relacionados ao preconceito e à exclusão. Em suas entrevistas, a autora identificou que, apesar de sentirem mais seguros juridicamente, muitos ainda carregam o estigma de terem sido indocumentados, o que impacta

⁴ SUPREME COURT OVERTURNS Trump administration's termination of DACA. National Immigration Law Center, 2020. Disponível em: <https://www.nilc.org/articles/supreme-court-overturns-trump-administrations-termination-of-daca/>. Acesso em: 26 set. 2024.

negativamente seu senso de pertencimento e integração na sociedade norte-americana (Cebulko, 2018).

Além disso, a ausência de políticas educacionais inclusivas em estados como Massachusetts intensificou as barreiras ao acesso à educação superior para estudantes indocumentados. Diferentemente de estados como Califórnia e Texas, em que os beneficiários do DACA têm direito à matrícula estadual, Massachusetts continuou a cobrar taxas elevadas de estudantes indocumentados até 2012, quando uma intervenção do governador permitiu que os beneficiários do DACA pagassem as mesmas taxas de residentes (Cebulko, 2018). No entanto, mesmo com essa mudança, anos de exclusão educacional já haviam deixado marcas profundas nesses jovens, limitando suas opções acadêmicas, forçando muitos a buscar alternativas educacionais restritas ou a ingressar no mercado de trabalho informal e de baixa remuneração.

Os filhos de imigrantes brasileiros em Massachusetts vivem em um contexto particular no qual a sua identidade é moldada pela interação entre a cultura de seus pais e a sociedade americana. A condição migratória desses jovens impacta diretamente em sua trajetória, principalmente nas áreas de educação, trabalho e status legal. Conforme destacado por Braga (2019), a manutenção de laços afetivos com o Brasil é uma das formas mais importantes de reforçar seu senso de pertencimento. Esses laços são preservados não apenas por meio de visitas ao país de origem e pelas redes sociais, mas também pelo ambiente doméstico, frequentemente marcado por elementos da cultura brasileira, como a língua, as tradições e a música.

O artigo *"I'm Brazilian, Not Brazilian American"* investiga as experiências de adolescentes brasileiros de segunda geração na Flórida, abordando como esses jovens lidam pela preservação da língua portuguesa e a resistência à assimilação cultural (Halpern; Ward; Aydin, 2022). Os autores identificam uma tensão constante entre a manutenção da cultura brasileira e as pressões de assimilação à sociedade norte-americana. Embora muitos deles tenham nascido ou crescido nos EUA, rejeitam a identidade de "brasileiro-americano" identificando-se fortemente como brasileiros.

Este estudo revela que a preservação do idioma português desempenha um papel importante na resistência à assimilação cultural, funcionando como uma estratégia de diferenciação social em um ambiente que, frequentemente, desvaloriza a diversidade linguística. O domínio da língua de herança permite a esses jovens

reafirmarem suas raízes culturais, mantendo um certo distanciamento da cultura predominante. Além disso, a fluência em português fortalece os laços familiares e a conexão com a comunidade brasileira, além de proporcionar uma sensação de poder ao utilizarem o idioma como uma forma de comunicação privada e, em alguns casos, até "secreta", especialmente em contextos em que o inglês é amplamente falado.

Além de falar português em público para desafiar os americanos, os participantes também o utilizavam como uma linguagem secreta e privada. Eles relatavam momentos sociais, como em supermercados, em que optavam por falar em português com familiares, sabendo que ninguém entenderia (Halpern; Ward; Aydin, 2022, p. 240).

No entanto, os filhos de imigrantes que frequentam escolas que não são bilíngues enfrentam mais dificuldade em manter a língua de herança, pois estão imersos na dinâmica americana e sofrem pressão para se assimilarem à cultura dominante. Muitas vezes, essa pressão vem até dos próprios pais que, desejando a inclusão social dos filhos, incentivam o uso do inglês em detrimento do português.. Além disso, fatores sociopolíticos e ideológicos reforçam a ideia de que optar pelo inglês, em vez da língua herdada dos pais, representa um sinal de aceitação e de lealdade ao ideal americano (Decapua; Wintergerst, 2009).

Apesar desses desafios, há iniciativas educacionais que buscam preservar o bilinguismo. De acordo com os dados divulgados pelo Departamento de Educação Primária e Secundária de Massachusetts (DESE)⁵, diversas escolas oferecem programas de ensino bilíngue em português e inglês. Entre elas, estão a Masala George School, em Brockton; a King Open School, em Cambridge; a Framingham High School; além das escolas Potter Road Elementary e Harmony Grove Elementary, ambas localizadas em Framingham, e, por fim, a Farley Elementary, em Hudson. Dentre essas instituições, o programa mais antigo é o da Framingham High School, estabelecido em 1999, enquanto os demais programas começaram a partir de 2015.

A criação de programas bilíngues em português e inglês em Massachusetts, especialmente após 2015, pode estar associado diversos fatores. Esse período coincide com um crescimento expressivo da imigração brasileira nos Estados Unidos, aumentando a demanda por iniciativas educacionais que atendam a essa comunidade. Além disso, a implementação da Lei de Oportunidades para Crianças

⁵ Os dados podem ser consultados através do site: <https://www.doe.mass.edu/ele/programs/dle.html>

com Conhecimentos de Língua (LOOK Act), aprovada em 2017⁶, desempenhou um papel fundamental na ampliação do ensino bilíngue. Conforme destacado por Amorim (2023), essa legislação **removeu barreiras** que antes limitavam o uso dos **idiomas nativos dos alunos** em sala de aula, permitindo mais flexibilidade na adoção de abordagens bilíngues. Outro avanço proporcionado pela **LOOK Act** foi a criação do *Seal of Biliteracy* (Selo de Biliteracia), que reconhece oficialmente a proficiência em múltiplas línguas. Essa iniciativa incentivou as escolas a desenvolverem programas que valorizassem o bilinguismo, atendendo melhor às necessidades linguísticas dos alunos, o que ajudou a impulsionar a criação de novos programas voltados ao português.

Halpern, Ward e Aydin (2022) perceberam que os adolescentes brasileiros de segunda geração nos Estados Unidos enfrentam o desafio de equilibrar suas identidades culturais em um ambiente frequentemente marcado por discriminação e estereótipos raciais. Muitos deles reafirmam suas raízes brasileiras como forma de resistência e proteção. A cultura brasileira, com sua riqueza em aspectos como comida, festas e vestuário, oferece um senso de pertencimento e de orgulho, ajudando-os a se diferenciar e afirmar suas identidades em uma sociedade que percebe como "complexa e racialmente codificada".

Portanto, para navegar na sociedade americana, que é percebida como complicada e racialmente codificada, os participantes mantiveram-se conectados às suas raízes brasileiras. Eles se ancoraram em suas percepções positivas da cultura brasileira (por exemplo, comida, festas, vestuário e outros elementos), utilizando sua identidade brasileira como uma forma de se protegerem de serem associados a uma América racista da qual não se orgulhavam, ao mesmo tempo que se destacavam entre amigos e colegas de escola (Halpern; Ward; Aydin, 2022, p. 232).

De acordo com Halpern, Ward e Aydin (2022), essa relação com a cultura brasileira, muitas vezes, baseia-se em um sentido de resistência e de diferenciação em relação ao ambiente americano, especialmente em face de discriminações que experimentam nas escolas. A habilidade de falar português é vista como um "poder" que reforça sua identidade étnica e ajuda na construção de um espaço de resistência cultural e pessoal, distinto do contexto americano.

⁶ A LOOK Act (An Act Relative to Language Opportunity for Our Kids), Massachusetts, pode ser acessada integralmente no site da legislatura de Massachusetts em: <https://malegislature.gov/Laws/SessionLaws/Acts/2017/Chapter138>

Braga (2019) aborda de forma aprofundada as dinâmicas e os desafios vividos pelos jovens brasileiros de segunda geração nos Estados Unidos, explorando aspectos como identidade, pertencimento e integração social. A análise do autor é estruturada a partir de uma perspectiva sociológica, focando na influência do legado migratório parental e suas implicações para a formação da identidade desses jovens.

O autor explora a ideia do "duplo pertencimento", em que jovens de segunda geração vivem entre duas culturas: a de seus pais, brasileiros e a da sociedade norte-americana na qual foram criados. Esse sentimento de pertencer a "dois mundos" é exemplificado pelo uso da metáfora do filme *Aquaman*, em que o personagem principal é dividido entre a terra e o mar, refletindo o dilema identitário enfrentado por esses jovens: "Sentir-se como pertencendo a dois mundos – ‘estar entre’, ‘in-between’ – é algo experimentado por muitos jovens nos dias atuais" (Braga, 2019, p. 380).

Braga (2019) enfatiza que o papel dos pais na formação dessa identidade é central. Eles não apenas transmitem elementos culturais, mas também demonstram, por meio de suas ações e seus sacrifícios, o valor de manter a conexão com a cultura de origem. O autor destaca que, quanto mais os jovens testemunham os esforços dos pais para proporcionar uma vida melhor nos EUA, mais propensos estão a valorizar suas raízes brasileiras.

quanto mais o filho do imigrante é uma testemunha ocular dos sacrifícios feitos pelos seus pais, e quanto mais ele percebe que é para ele, o filho, que os pais estão fazendo certos sacrifícios, maior é a probabilidade de que isto produza uma profunda relação de fidelidade, solidariedade e desejo de retribuição do filho para com os pais (Braga, 2019, p. 395).

A força dos vínculos com a cultura brasileira está, em grande parte, relacionada ao nível de exposição a elementos culturais e sociais do Brasil durante a infância e a adolescência. Braga (2019) aponta que jovens que crescem em regiões com uma comunidade brasileira robusta, como Framingham (MA) e o distrito do Queens (NY), têm mais chances de se envolverem em atividades culturais, religiosas e sociais brasileiras. O contato com igrejas étnicas, comércios e eventos comunitários contribui para a manutenção de uma identidade cultural forte, facilitando a criação de redes sociais e de amizades dentro da própria comunidade étnica.

Além disso, Braga (2019) destaca que o contato constante com parentes no Brasil, seja por meio de viagens ou de comunicação virtual, fortalece esses laços culturais e afeta o sentimento de pertencimento: "Laços afetivos com os parentes no

Brasil – principalmente os de tipo diádicos (avós-netos; tias/tios-sobrinhos/sobrinhas; primo(a)s/primo(a)s) – tendem a influenciar positivamente nos seus sentimentos de pertencimento e de identificação com a sua origem brasileira” (Braga, 2019, p. 396).

Para Braga (2019), o reconhecimento da identidade étnica desempenha um papel fundamental na formação da autoimagem desses jovens, especialmente em uma sociedade que valoriza a diversidade cultural, mas que também impõe desafios para aqueles que são percebidos como "diferentes". Ele sugere que o conhecimento e a aceitação de sua herança cultural auxiliam esses jovens a evoluírem do questionamento da identidade para o sentimento de pertencimento: “saber quem eu sou, quem sou eu” é uma das perguntas centrais para a construção da identidade social e cultural dos jovens imigrantes brasileiros de segunda geração nos Estados Unidos” (Braga, 2019, p. 398).

Por fim, Braga (2019) percebe o ambiente doméstico como um espaço essencial para a perpetuação da cultura brasileira. Objetos, comidas, músicas e o uso cotidiano do português contribuem para que o jovem se conecte com suas raízes, mesmo estando fisicamente distante do Brasil. Braga argumenta que essa conexão doméstica pode servir como um contraponto ao ambiente externo que, muitas vezes, pressiona pela assimilação completa: “Crescer cercado por uma vida familiar cotidiana cercada de elementos da cultura brasileira, como objetos, língua (o português), música, padrões e gostos culturais brasileiros tende a produzir um forte vínculo com sua origem” (Braga, 2019, p. 396).

Os artigos e as teses revisados até o momento enfatizaram amplamente as complexidades da construção identitária dos jovens brasileiros de segunda geração nos Estados Unidos. A questão de ser ou não considerado brasileiro revela-se multifacetada e ainda em evolução. Contudo, o objetivo desta tese não é definir se esses jovens se identificam ou não como brasileiros; essa identificação já é uma realidade manifesta por eles próprios. O ponto central, portanto, é superar essa barreira conceitual e direcionar a atenção para as maneiras pelas quais a chamada brasilidade — expressa em práticas cotidianas como o uso da língua portuguesa, as tradições culturais e as conexões familiares — pode ser potencializada como uma estratégia para a criação de novas oportunidades para o seu futuro.

Em vez de focar na fluidez da identidade, a proposta é explorar como esses elementos de brasilidade, já consolidados, podem ativados estrategicamente ao longo da trajetória da segunda geração. O uso do português, por exemplo, não deve ser

visto apenas como um resquício da herança parental, mas sim como um diferencial competitivo, capaz de fortalecer conexões com o Brasil em contextos profissionais e educacionais. Da mesma forma, a valorização e o incentivo ao desenvolvimento de uma identidade híbrida podem abrir caminhos, permitindo que esses jovens atuem como pontes culturais, contribuindo em suas próprias trajetórias migrantes.

3 CAPÍTULO II: A SEGUNDA GERAÇÃO E O TRANSNACIONALISMO

Nesta seção, será abordado o conceito de transnacionalismo sob a perspectiva da migração, explorando como ele se aplica às práticas transnacionais executadas pela segunda geração. Inicialmente, apresentar-se-á uma definição de transnacionalismo e se identificarão as principais práticas transnacionais utilizadas nesta pesquisa, que foram o fio condutor para a realização das entrevistas.

Em seguida, serão analisados os aspectos de mobilidade que representam desafios intrínsecos aos imigrantes de segunda geração, fundamentando-nos nas teorias de mobilidade propostas por Portes e Rumbaut (2001), nas quais a primeira geração influencia os resultados obtidos pela segunda geração. Além disso, adotar-se-á o termo "conquistas" em vez de "sucesso," como sugerido por Portes e Rumbaut (2001), pois considera-se que as estratégias adotadas pelos jovens imigrantes de segunda geração para superar os desafios do processo migratório devem ser reconhecidas como conquistas. Esse termo ressalta o valor de cada avanço, sem implicar uma realização completa, já que muitos ainda enfrentam barreiras estruturais significativas em sua trajetória, como o racismo, a desigualdade no acesso equitativo a recursos e a discriminação no mercado de trabalho.

3.1 Transnacionalismo nos estudos migratórios

O conceito de transnacionalismo, como delineado por Levitt (2001), teve sua origem nos primeiros anos da década de 1970, quando foi inicialmente cunhado para descrever a proliferação de instituições, tanto governamentais quanto não governamentais, operando para além das fronteiras nacionais. Mais tarde, no início dos anos 1990, pesquisadores começaram a adotar o termo para caracterizar o processo pelo qual os imigrantes mantêm suas atividades sociais, econômicas e políticas interligadas, estendendo-se tanto à sociedade de origem quanto à sociedade de acolhimento.

Portes (2004) reconhece que, embora tenham existido exemplos de transnacionalismo ao longo da história da imigração, o fenômeno experimentou um significativo impulso com o advento das novas tecnologias no campo dos transportes e das telecomunicações. Essas inovações desempenharam um papel essencial ao facilitar consideravelmente a comunicação rápida, superando as fronteiras nacionais

e as grandes distâncias. As motivações dos imigrantes para manter laços econômicos, políticos ou culturais com seus países de origem, embora possam ter sido vigorosas no passado, eram limitadas em comparação com os recursos acessíveis aos imigrantes na atualidade.

No período subsequente à virada do século, as pesquisas não apenas corroboraram a presença de conexões individuais com seus países de origem, mas também se estenderam a outras nações nas quais, de diversas formas, a identidade étnica dos indivíduos pode estar interligada (Glick Schiller e *Basch*, 2002; Alba; Nee, 1997; Portes e *Rumbault*, 2001; Faist, 2000; Levitt, 2002; Vertovec, 2003; Pries, 2005; Smith, 2003). Essa ampliação das pesquisas sobre o transnacionalismo reflete a complexidade das identidades e dos pertencimentos étnicos em um mundo cada vez mais globalizado, em que as diásporas étnicas podem manter vínculos significativos com múltiplos locais, transcendendo as fronteiras nacionais, desafiando as noções tradicionais de nacionalidade e de identidade.

Nesse contexto, o objetivo é aprofundar a compreensão do termo transnacionalismo como um fenômeno que vai além da simples deslocação física das pessoas. De maneira abrangente, buscou-se incorporar a noção de que o transnacionalismo engloba processos sociais que envolvem a criação de redes sociais, conexões e práticas que ultrapassam não apenas as fronteiras nacionais, mas também transcendem ao longo das gerações (Castles; Miller, 1993; Portes, 2004).

Conforme observado por Faist (2000), o transnacionalismo fornece uma perspectiva abrangente que lança luz sobre as estratégias e os recursos empregados pelos imigrantes e por seus filhos para se adaptarem e engajarem em contextos diversos. Por meio dessa ótica, é possível compreender como os imigrantes aproveitam as vantagens das redes transnacionais, permitindo-lhes capitalizar e se beneficiar dessas conexões para alcançar seus objetivos e enfrentar os desafios inerentes à vida em diferentes locais.

Faist (2000) conclui que a migração não apenas estabelece conexões e laços pré-existentes, mas também consolida essas relações em padrões emergentes nos âmbitos econômico, político e cultural, resultando na formação de espaços sociais transnacionais. Em relação ao conceito de Espaços Sociais Transnacionais, Faist (2000, p. 200) reitera a capacidade individual de moldar experiências, tanto pessoais quanto coletivas, destacando a importância de aplicar esses conceitos nas interações entre países. Além disso, o autor reforça o entendimento desse conceito, sublinhando

sua relevância para compreender as dinâmicas complexas que emergem da interseção entre as políticas estatais formais e as redes sociais transnacionais.

Faist (2000, p. 200) define os espaços sociais transnacionais como:

combinações de laços sociais e simbólicos sustentados, seus conteúdos, posições em redes e organizações, e redes de organizações que podem ser encontradas em múltiplos estados. Esses espaços denotam processos dinâmicos, não noções estáticas de laços e posições. Processos culturais, políticos e econômicos em espaços sociais transnacionais envolvem a acumulação, uso e efeitos de diversos tipos de capital, seu volume e conversibilidade: capital econômico, capital humano, como credenciais educacionais, habilidades e know-how, e capital social, principalmente recursos inerentes ou transmitidos por meio de laços sociais e simbólicos.

Portes (2004) argumenta que o transnacionalismo não é um fenômeno novo, mas uma perspectiva teórica que ilumina práticas migratórias historicamente presentes. Ele aponta que, embora as práticas transnacionais existam há tempos, foi necessária uma lente teórica convincente para identificá-las.

O transnacionalismo representa uma perspectiva nova, não um fenômeno novo [...] existiam suficientes experiências na história da imigração, mas faltava uma perspectiva teórica que iluminasse suas semelhanças (Portes, 2004, p. 3).

Nesse viés, Portes (2004) defende que o conceito de transnacionalismo se refere principalmente às atividades transfronteiriças praticadas por indivíduos privados, e deve se distanciar das atividades realizadas pelas grandes burocracias e outras instituições no cenário global. Ademais, embora as práticas transnacionais possam ser numericamente limitadas, a convergência de um grupo de imigrantes engajados em atividades transnacionais evolui para um processo social com impacto econômico e social considerável sobre as comunidades de origem e até mesmo sobre as nações como um todo. Ele defende que as atividades transnacionais dos imigrantes são essenciais para suprir os recursos sociais em meio à escassez de recursos econômicos ou políticos desses indivíduos.

Do ponto de vista de Portes (2004), o grau e as formas de engajamento transnacional variam de acordo com os contextos de origem e de recepção dos migrantes. Por exemplo, migrantes de áreas rurais e menos desenvolvidas tendem a manter laços mais fortes com suas comunidades de origem, enquanto aqueles provenientes de contextos urbanos e violentos buscam se integrar rapidamente na sociedade receptora.

Portes (2004) explica que, apesar de quantitativamente limitadas, as atividades transnacionais dos migrantes podem ter repercussões significativas nas políticas e nas economias dos países de origem. Remessas e investimentos são exemplos de como a participação política transnacional pode influenciar decisões políticas e sociais “Embora não sejam o modo predominante de adaptação dos imigrantes, as atividades transnacionais são reais e têm implicações importantes para as economias e as políticas dos países de origem” (Portes, 2005, p. 11).

Vertovec (2004) argumenta que, para compreender plenamente os efeitos do transnacionalismo migratório, é essencial analisar não apenas os impactos nos países de destino, mas também as dinâmicas e as transformações nos países de origem. Ele destaca que o transnacionalismo migratório vai além da simples mobilidade de pessoas e de capital, afetando profundamente os contextos socioeconômicos, políticos e culturais de ambas as esferas.

Na análise dos impactos do transnacionalismo migratório: embora por si só não tragam transformações sociais substanciais, os padrões de troca e relacionamento transfronteiriços entre migrantes podem contribuir significativamente para ampliar, aprofundar ou intensificar processos concomitantes de transformação que já estão em curso (Vertovec, 2004, p. 972).

Para Vertovec (2004), por exemplo, as remessas financeiras enviadas são fundamentais na sustentação das famílias e na melhoria das condições de vida nas comunidades de origem. No entanto, precisam ser localizadas em um nível mais abrangente de práticas, pois, por si só, não são suficientes para explicar a transformação estrutural.

O autor conclui que o impacto do transnacionalismo migratório deve ser visto como um fenômeno que transforma os espaços sociais. As práticas transnacionais, ao estabelecerem redes de troca e interação contínua entre migrantes e suas comunidades de origem, têm o potencial de remodelar as relações sociais e políticas em ambos os contextos. Além disso, Vertovec (2004, p. 15) sugere que “a extensividade, intensidade e velocidade dos fluxos de informações e recursos nas redes transnacionais podem alterar fundamentalmente a forma como as pessoas conduzem suas vidas”.

A migração transnacional vai além do simples deslocamento físico entre fronteiras nacionais. Ozkul (2012) destaca que esse fenômeno deve ser compreendido como um processo contínuo de manutenção de laços, práticas e redes

de interação, conectando migrantes, comunidades e instituições em múltiplos territórios. Para a autora, a migração transnacional deve ser entendida como um processo contínuo de manutenção de laços, práticas e redes de interação que conectam migrantes, comunidades e instituições através de múltiplos territórios. Esse conceito transcende a noção tradicional de migração, pois redefine o sentido de pertencimento, identidade e cidadania, criando um fluxo dinâmico de trocas sociais e culturais entre países de origem e destino.

Além disso, a autora relaciona o transnacionalismo aos “espaços sociais”, um conceito que, segundo ela, não se limita apenas à localização geográfica, mas abrange também dimensões simbólicas e subjetivas das interações humanas. Ozkul (2012) enfatiza que o espaço social é uma construção que reflete a forma como os indivíduos negociam suas identidades e relações dentro de contextos sociais e culturais diversos. Conforme argumenta “o espaço social transcende a mera localização geográfica, representando uma forma complexa de organização social onde as interações e as identidades são continuamente negociadas” (Ozkul, 2012, p. 3).

Essas conexões se manifestam na forma como os migrantes mantêm laços culturais e sociais com seus locais de origem, mesmo quando estão fisicamente distantes. Assim, o espaço social, no contexto do transnacionalismo, não se refere apenas a um lugar fixo, mas a uma série de interações dinâmicas que vinculam os migrantes a múltiplos territórios e identidades. Como Ozkul (2012, p. 3) destaca, tais interações “vão além do lugar geográfico, implicando uma compreensão abrangente das redes sociais e culturais que sustentam a vida transnacional”. Essa perspectiva amplia o entendimento sobre o impacto da migração na formação de identidades e na organização social, demonstrando que os espaços sociais no transnacionalismo são simultaneamente físicos, simbólicos e relacionais. Portanto, as experiências dos migrantes e suas interações com diferentes contextos revelam uma multiplicidade de pertencimentos e influências que moldam as práticas e os comportamentos tanto nos locais de origem quanto nos de destino.

Conforme Marques e Góis (2007), os imigrantes não rompem, mas redefinem os laços que mantêm com seu país de origem. Isso significa que não ocorre uma assimilação ou uma incorporação completa nos países de destino. Em vez disso, há uma partilha complexa entre duas ou mais sociedades, criando uma multiplicidade de conexões que os ligam ao país de origem em diferentes esferas, transcendendo

fronteiras nacionais, tornando suas relações sociais com as sociedades de origem e destino mais complexas.

Ainda de acordo com Marques e Góis (2007), o conceito de transnacionalismo exige uma mudança na lógica de análise, substituindo as relações unidimensionais simples — como origem-destino, migração de retorno, reagrupamento familiar, migrações temporárias ou definitivas — por uma abordagem mais abrangente e complexa. Essa nova visão engloba migrações circulares, reemigração, transmigrações, migrações transfronteiriças, comunidades transnacionais e práticas transnacionais, refletindo a diversidade de trajetórias migratórias e suas dinâmicas.

Besserer (2018) revisita o desenvolvimento dos estudos transnacionais ao longo dos últimos 20 anos, buscando diferenciar o conceito de transnacionalismo de sua aplicação restrita ao estudo de empresas transnacionais na economia. O autor argumenta que os estudos transnacionais não se restringem aos fenômenos migratórios, mas abrangem uma reconfiguração mais ampla das relações entre Estado, nação e comunidade. Nesse contexto, a noção de “comunidade transnacional” emerge como uma resposta às transformações das estruturas políticas e econômicas globais, desafiando as formas tradicionais de pertencimento e cidadania.

Glick Schiller (2018) argumenta que o estudo da migração transnacional foi inicialmente moldado por duas transformações inter-relacionadas: a reestruturação global das economias locais, que impulsionou a migração transfronteiriça, e o reconhecimento crescente das vidas transnacionais dos migrantes. Ela critica a abordagem inicial dos estudos de migração transnacional por não explorar suficientemente a dimensão temporal, ignorando como os regimes de mobilidade e as condições de migração mudam ao longo do tempo.

Assim, Glick Schiller (2018) propõe um novo conceito analítico que ela chama de “perspectiva conjuntural multiescalar”, que combina transformações globais com suas espacialidades. Essa abordagem permite que pesquisadores explorem como processos emergentes de acumulação de capital e expropriação afetam cultural, política, social e espacialmente a vida das pessoas ao redor do mundo. Ela argumenta que esse conceito é essencial para entender como os regimes de mobilidade mudam e como as pessoas respondem a múltiplas formas de deslocamento, reorganizando suas vidas em resposta a esses processos.

O conceito de campos sociais multiescalares nos permite abordar e capturar aspectos das relações sociais através dos quais forças sociais mais amplas possibilitam, moldam, restringem e são influenciadas pelos indivíduos. (...) Migrantes [...] formam múltiplas novas relações sociais e mantêm outras enquanto se estabelecem em locais específicos, e as redes nas quais vivem contribuem para a reformulação do nexo institucional de atores em níveis urbanos, regionais, nacionais, supranacionais e globais (Glick Schiller, 2018, p. 9, tradução nossa).

A autora alerta sobre a importância de analisar as redes transnacionais considerando como mudanças nas formas de acumulação de capital e crises políticas impactam os migrantes. Ela destaca que é essencial entender essas redes dentro das relações de poder globais e locais, que se interconectam e produzem novas realidades sociais e políticas (Glick Schiller, 2018, p. 205). Na visão de Glick Schiller (2018), muitos estudiosos falham em "teorizar e estudar as conexões entre as formas mutáveis de acumulação de capital, poder político e processos de legitimação sociocultural e religiosa no surgimento de crises e de alterações fundamentais nos regimes de mobilidade" Ela enfatiza que, para se compreender plenamente esses processos, é necessário desenvolver uma análise multiescalar e conjuntural que reconheça a complexidade das experiências dos migrantes como agentes ativos, mas também sujeitos às transformações estruturais que moldam suas condições de vida.

Entender a complexidade dos regimes de mobilidade, segundo Sassen (2016), implica analisar como o capitalismo global moderno opera um regime de "expulsão" que marginaliza e desloca comunidades inteiras de forma sistêmica. Sassen (2016) argumenta que o sistema financeiro e econômico global, por meio de práticas financeiras, legais e tecnológicas, facilita a desapropriação de terras, a degradação ambiental e a exclusão social. Esse processo não apenas remove as pessoas de suas casas e de seus empregos, mas também as desloca do próprio ambiente que sustenta suas vidas, aprofundando a desigualdade social e econômica.

Ao explorar a relação entre os regimes de mobilidade e as desigualdades sociais, Faist (2018) argumenta que as redes transnacionais funcionam tanto como espaços de oportunidade quanto de exclusão. Por um lado, a migração pode oferecer aos indivíduos a possibilidade de ascensão social e de acesso a novos recursos; por outro, essas mesmas redes podem reforçar desigualdades preexistentes, criando novas formas de exploração e categorização dos migrantes em termos de classe, etnia e gênero.

Faist (2018, p. 5), enfatiza que

enquanto a migração transfronteiriça constitui um caminho para a mobilidade social ascendente para alguns migrantes, esses processos tendem a reforçar as desigualdades em um nível mais profundo. Desigualdades 'duráveis' derivadas de relações de poder e categorização, como gênero, etnia e classe, não são fundamentalmente transformadas nos espaços sociais transnacionais, mas sim recriadas.

Na compreensão de Faist (2018), a "questão social" contemporânea transcende o tradicional confronto entre capital e trabalho, reposicionando-se nas interseções entre o Sul e o Norte globais. Isso ocorre porque a migração transnacional não apenas mobiliza pessoas entre diferentes regiões, mas também influencia e é influenciada por desigualdades econômicas e culturais, tanto dentro quanto fora dos Estados-nação. Os migrantes mantêm laços complexos com suas comunidades de origem e destino, operando em "espaços sociais transnacionais" que tanto desafiam quanto reforçam estruturas de poder e desigualdade.

A questão social contemporânea está situada nas interseções entre o Sul Global e o Norte Global, encontrando sua expressão nos movimentos de pessoas que buscam uma vida melhor ou fogem de condições sociais, políticas, econômicas e ecológicas insustentáveis. Ela é transnacionalizada porque migrantes e seus entes queridos mantêm laços através das fronteiras dos estados nacionais em espaços sociais transnacionais (Faist, 2018, p. 1).

Assim, a migração transnacional não deve ser entendida apenas como a movimentação de indivíduos entre fronteiras, mas como uma rede de relações que se entrelaçam com processos globais, como a acumulação de capital, crises políticas e desigualdades estruturais que atravessam diferentes sociedades. A partir do conceito de "espaços sociais multiescalares," introduzido por Glick Schiller (2018), é possível analisar como esses processos ocorrem em níveis locais e globais, formando redes migratórias que conectam diretamente experiências individuais a forças estruturais amplas. Esse conceito permite observar como os migrantes se movem por meio de camadas de relações políticas, econômicas e sociais, em que atores e instituições em diferentes países influenciam não apenas as trajetórias pessoais, mas também as dinâmicas transnacionais, moldando novas realidades e identidades sociais e políticas que desafiam as estruturas tradicionais dos estados-nação

Essas redes transnacionais refletem tanto as oportunidades quanto as barreiras enfrentadas pelos migrantes, como argumenta Faist (2018). Embora a migração transnacional possa proporcionar mobilidade social para alguns, ela também tende a

reproduzir desigualdades preexistentes, perpetuando divisões sociais baseadas em classe, etnia e gênero.

Nesse contexto, serão examinadas as práticas transnacionais dos filhos de brasileiros nos Estados Unidos, considerando tanto os desafios enfrentados pela primeira geração de imigrantes, marcada por desigualdades sociais e econômicas que afetam diretamente o percurso da segunda geração, quanto as dificuldades específicas deste segundo grupo, que lida com questões próprias relacionadas à sua trajetória como migrante, levando em consideração, aspectos econômicos e sociais ao país ao qual estão inseridos.

3.2 Práticas Transnacionais: Perspectivas nos Estudos sobre a Segunda Geração de Imigrantes

Por mais diferentes que sejam em seus pontos de partida teóricos, está surgindo um senso de convergência entre as abordagens nos estudos culturais e nas ciências sociais. Um sinal dessa convergência é a tendência de conceber o transnacionalismo como algo a ser celebrado, como uma expressão de resistência popular subversiva 'de baixo'. Hibridismo cultural, identidades multi-posicionais, a travessia de fronteiras por 'outros' marginais, e práticas empresariais transnacionais de empreendedores migrantes são retratadas como esforços conscientes e bem-sucedidos de pessoas comuns para escapar do controle e dominação 'de cima' pelo capital e pelo Estado (Smith; Guarnizo, 1998, p. 6).

A relevância das vivências transnacionais foi examinada por autores como Smith e Guarnizo (1998), Ong (1999), Faist (2000), Portes (2001, 2004), Levitt (2001), González-Rábago (2015) e Dahinden (2017). Para esses autores, a agência dos migrantes, ao mesmo tempo em que envolve relações iniciadas por atores não migrantes com o objetivo de estabelecer e de manter envolvimento além das fronteiras, ajuda a moldar as condições de vida dos migrantes no exterior. Além disso, essas relações representam um campo ativo e dinâmico de interações sociais, que envolvem e afetam os indivíduos entre as fronteiras.

Marques e Góis (2007), em seu estudo sobre as práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal, trazem uma contribuição relevante ao discutir a lacuna existente nos estudos sobre transnacionalismo e sobre práticas transnacionais. Os autores destacam a falta de um conhecimento empírico que considere a realidade vivida por aqueles que praticam essas dinâmicas. O objetivo central do estudo é descrever a realidade social das práticas transnacionais dos

migrantes, adotando uma abordagem comparativa que integra as interações e as interferências entre os países emissores e receptores, bem como suas conexões com as comunidades analisadas.

Para o propósito desta pesquisa, optou-se por uma abordagem mais abrangente ao examinar as práticas transnacionais, seguindo os eixos delineados por Levitt (2002) em suas pesquisas com os filhos da segunda geração de dominicanos, esses eixos, compreendendo as dimensões econômica, política e cultural, englobam formas ativas de envolvimento em processos econômicos, políticos, cívicos e culturais tanto no local, região ou país de origem quanto no local, região ou país de destino. Essas categorias servem para analisar de maneira mais ampla como os migrantes mantêm laços e dinâmicas entre os contextos de origem e de acolhimento, permitindo uma compreensão mais profunda de suas práticas e de suas identidades transnacionais.

As práticas transnacionais abrangem as complexas interações entre diferentes atores e forças que operam tanto nas esferas globais quanto locais. Smith e Guarnizo (1998) exploram as práticas transnacionais por meio da relação entre as práticas "from below" e "from above". As práticas "from below" referem-se às ações e às estratégias adotadas por populações migrantes locais para resistir à dominação e ao controle exercidos no país de destino. Essas práticas geralmente surgem como resposta às políticas impostas pelas elites econômicas e pelas instituições globais e são caracterizadas pela criação de espaços de resistência e de redes transnacionais. Os autores afirmam que "os migrantes transmigrantes são representados como engajados em uma dialética de oposição e de resistência à lógica hegemônica do capital multinacional".

Em contraste, as práticas "from above" referem-se às ações e às intervenções promovidas por elites econômicas, corporações multinacionais e instituições internacionais com o objetivo de manter o controle econômico e político em um mundo globalizado. Essas práticas são associadas à imposição de políticas neoliberais que visam regular e controlar os fluxos de capital, comércio e trabalho, muitas vezes em detrimento das populações locais.

De acordo com Smith e Guarnizo (1998), a relação entre as práticas "from below" e "from above" não é simplesmente de oposição, mas de interação contínua. Enquanto as práticas "from above" buscam impor um controle hegemônico sobre as populações e os recursos, as práticas "from below" emergem como formas de

resistência que desafiam essa dominação. No entanto, "as práticas transnacionais e identidades híbridas são potencialmente contra-hegemônicas, mas não são necessariamente sempre resistentes" (Smith; Guarnizo, 1998). Essa dialética entre dominação e resistência mostra como as práticas transnacionais, embora possam ser subversivas, muitas vezes estão incorporadas em estruturas globais que perpetuam as assimetrias de poder.

Smith e Guarnizo (1998) levantam questões importantes sobre o impacto das práticas transnacionais, tanto "from below" quanto "from above", no suposto enfraquecimento do nacionalismo e na ascensão de uma economia cultural global. Para os autores, esse cenário é improvável. Eles argumentam que muitos estados, especialmente aqueles que enfrentam altos níveis de migração, estão promovendo ativamente a "reincorporação transnacional" de seus migrantes em seus projetos nacionais. Isso é especialmente evidente em países em desenvolvimento, que se tornaram cada vez mais dependentes das remessas enviadas por seus cidadãos no exterior. Como resultado, esses estados têm adotado diversas medidas para incluir suas diásporas em suas economias e políticas nacionais, como a criação de canais formais de comunicação, a aprovação de leis de dupla cidadania e até o fornecimento de apoio legal para obtenção de asilo em outros países.

Um exemplo disso é explorado por González-Rábago (2015), que investiga o papel das políticas de engajamento da Colômbia, no fortalecimento dos vínculos entre os emigrantes e sua nação de origem. A autora destaca o programa *Colombia Nos Une*⁷, que promove o conceito de cidadania transnacional ao permitir que colombianos residentes no exterior mantenham uma conexão ativa com seu país. A análise foca nas estratégias políticas adotadas, como o fortalecimento dos serviços consulares e a ampliação dos direitos de cidadania, incluindo o voto externo e a representação política. A autora argumenta que o governo colombiano busca não apenas melhorar sua imagem perante os emigrantes, mas também transformá-los em agentes de desenvolvimento para o país.

Na visão de Smith e Guarnizo (1998), a expansão das práticas transnacionais, tanto "from above" quanto "from below", tem gerado, paradoxalmente, uma

⁷ O programa *Colombia Nos Une* é uma iniciativa do Ministério de Relações Exteriores da Colômbia que visa fortalecer os laços entre os colombianos residentes no exterior e seu país de origem. O programa tem quatro principais áreas de atuação: comunidade, serviços, retorno e migração ordenada. Entre suas iniciativas, destacam-se as mesas de trabalho, oficinas, e campanhas de prevenção sobre os riscos da migração irregular. <https://www.colombianosune.com/>

intensificação do nacionalismo, tanto nos países de origem quanto nos de acolhimento. Nos estados receptores, movimentos que buscam reafirmar uma identidade nacional mítica têm surgido como uma resposta à presença de imigrantes, vistos como "outros" indesejados. Ao mesmo tempo, os países de origem estão reforçando suas identidades nacionais ao estendê-las aos migrantes no exterior, promovendo políticas como a dupla cidadania para manter sua lealdade e garantir o fluxo de recursos para seus países.

Assim como Marques e Góis (2007), em seu estudo sobre os imigrantes cabo-verdianos, optou-se por compreender as práticas "*from below*" no contexto de indivíduos ou coletividades, focando, neste caso, na forma como a segunda geração de imigrantes brasileiros incorpora essas práticas. É fundamental considerar que essas práticas transnacionais não ocorrem em um "terceiro espaço" abstrato, entre nações, mas estão profundamente enraizadas em realidades sociais concretas e nos locais específicos em que esses indivíduos estão inseridos. Smith e Guarnizo (1998, p. 11) afirmam que

as práticas transnacionais, embora conectem coletividades localizadas em mais de um território nacional, são incorporadas em relações sociais específicas estabelecidas entre pessoas específicas, situadas em localidades inequívocas, em tempos historicamente determinados.

De acordo com Glick Schiller e Fouron (2002) e Smith e Guarnizo (1998), o conceito de transnacionalismo é, muitas vezes, tratado de forma fragmentada na literatura, sem questionar adequadamente as noções de "desterritorialização" e "ausência de fronteiras". No entanto, esses autores sugerem que essas noções podem ser problemáticas, especialmente quando aplicadas aos transmigrantes como se fossem atores sociais completamente desvinculados de contextos locais. Na prática, as ações transnacionais estão fortemente enraizadas nas relações sociais, políticas e econômicas das localidades em que ocorrem.

Em vez de assumir que os transmigrantes estão completamente desconectados de suas realidades locais, Smith e Guarnizo (1998) destacam a importância de considerar as especificidades dos lugares para onde migram e de onde vêm. As cidades, por exemplo, não são apenas receptáculos neutros de fluxos transnacionais, mas desempenham um papel fundamental na maneira como esses fluxos são interpretados e mobilizados.

Além disso, Smith e Guarnizo (1998) ressaltam que as práticas transnacionais vão muito além da simples mobilidade geográfica dos migrantes. Elas envolvem uma ampla gama de trocas, incluindo recursos monetários e não monetários, bens materiais e simbólicos, valores culturais e mercadorias. Mesmo que alguns migrantes rompam seus laços com o país de origem, o constante fluxo de novos imigrantes e a circulação de bens podem manter um campo social transnacional vivo. Além disso, a mídia global, o turismo étnico e festivais religiosos desempenham um papel importante na manutenção e no ressurgimento desses laços transnacionais. Esse fenômeno é evidente até mesmo entre a segunda geração, conforme delineado por Smith e Guarnizo (1998, p. 19).

O mesmo ocorre com o fluxo contínuo de ideias e informações fornecidas pela mídia global, turismo étnico, e festivais e rituais religiosos ou seculares. Todos esses mecanismos desempenharam um papel no ressurgimento dos laços transnacionais. Mesmo em casos onde o sentimento de conexão com o país de origem parece ter desaparecido, encontramos imigrantes de segunda e até terceira geração nos Estados Unidos e em outros estados-nação retomando a bandeira do orgulho étnico e do nacionalismo

Smith e Guarnizo (1998), ao discutir a relação entre as práticas transnacionais, encerram o assunto entendendo que as práticas transnacionais não são exclusivas da primeira geração de imigrantes, mas podem persistir e evoluir nas gerações subsequentes. Eles mostram que, embora o "duplo quadro de referência" tenha sido observado principalmente entre imigrantes da primeira geração, ele não se dissolve com o tempo. Em vez disso, a conexão com o país de origem é frequentemente mantida e transformada pelos descendentes.

Levitt (2002) explica que há variações entre as práticas transnacionais da segunda geração. O primeiro fator seria o que ela chama de *institutional completeness*, que se refere às comunidades étnicas capazes de criar uma diversidade de instituições com o objetivo de resolver a maior parte de suas necessidades, localizadas para além de suas fronteiras. O Brazilian Work Center é um bom exemplo disso, pois, por meio de programas e incentivos, o centro é capaz de mobilizar a comunidade brasileira em torno de Boston.

O segundo fator de variação destacado por Levitt (2002) são os *Life-Course Effects* (efeitos do curso de vida), o qual implica que as atividades transnacionais não se mantêm constantes ao longo de toda a vida do indivíduo, mas sim crescem ou

declinam em resposta às diversas exigências enfrentadas pela segunda geração, como trabalho, escola e família.

Levitt (2002) caracteriza essas fases em três cenários distintos: no primeiro, tem-se o filho do imigrante que mantém práticas transnacionais fortes e estáveis ao longo do tempo, sendo educado em um contexto transnacional. Nesse cenário, a habilidade de transitar entre esses dois mundos pode ser uma estratégia eficaz. No segundo cenário, os filhos de imigrantes são ocasionalmente ativados em um ambiente transnacional, de forma repetida. Esses jovens não são introduzidos em escolas bilíngues e crescem em ambientes em que as práticas dos dois países estão fundidas. O terceiro cenário, apresentado pela autora, seria o dos jovens que apresentam apenas um ciclo de engajamento transnacional durante a vida, geralmente quando adentram na universidade ou estão inseridos no mercado de trabalho.

As características socioeconômicas representam o terceiro elemento de variação destacado pela autora. Alguns filhos de imigrantes sentem-se impelidos a adotar práticas transnacionais devido à carência de recursos necessários para alcançar o êxito no país de origem ou no país dos pais. Esses indivíduos veem-se compelidos a adotar uma estratégia dupla em relação à identidade étnica, como o bilinguismo (Portes; Rumbaut, 2001; Levitt, 2002; Smith, 2002), visando expandir suas perspectivas no mercado de trabalho. Além disso, em determinados contextos, a estratégia transnacional proporciona uma sensação de segurança, servindo como recurso quando confrontados com obstáculos raciais que podem restringir seu status na sociedade norte-americana.

Essa premissa é confirmada por Smith (2002), em seus estudos sobre a segunda geração de imigrantes mexicanos. Ele observa que esses imigrantes retornam à identidade mexicana como forma de escapar dos aspectos negativos da assimilação segmentada e acrescentam aspectos transnacionais como forma de se diferenciar de outros grupos migratórios.

Além disso, Kasinitz (2002) e Permann (2002) ressaltam diferenças essenciais no nível de envolvimento transnacional, que estão intrinsecamente ligadas às variações nos padrões migratórios e aos modelos de integração. Nos estudos realizados por Kasinitz (2002) sobre a segunda geração em Nova York, foi evidenciado que a intensidade da transnacionalidade deve ser examinada considerando a nação de origem dos pais. O autor observou que um terço dos

dominicanos e outros sul-americanos apresentam um nível de envolvimento transnacional mais pronunciado em comparação com grupos como russos, judeus e chineses.

Portanto, ao se examinarem as práticas transnacionais econômicas, políticas e culturais, Portes (2006) afirma que é fundamental reconhecer que essas práticas são fluidas, enquadrar uma prática em uma única categoria pode ser desafiador, pois muitas vezes essas esferas se sobrepõem. Ao mesmo tempo, esse processo revela as complexidades inerentes a essas práticas, destacando a interconexão entre as diferentes dimensões que compõem o universo transnacional.

Para se referir às práticas localizadas na esfera econômica, é importante compreender como se dão as comunicações entre os jovens de segunda geração e a comunidade de origem. Um exemplo relevante é a análise do envio de remessas de dinheiro ou de mercadorias para o país de origem. Essas remessas desempenham um papel significativo na manutenção das conexões transnacionais e no suporte às famílias e às comunidades nos países de origem (Portes, 2006).

Para Portes (2006), enviar remessas de dinheiro para familiares pode parecer uma ação individual e pessoal para os imigrantes que a realizam, mas ao imaginar essa prática multiplicada por milhares de vezes, ela se transforma em um fluxo financeiro que, para os países de origem, pode se tornar uma fonte fundamental de divisas. Além disso, esse fluxo de recursos também sustenta investimentos na indústria da construção e fomenta novas expressões culturais que geram mudanças profundas nos sistemas de valores e na vida cotidiana de regiões inteiras.

De acordo com autores como Hass (2007), Martes (2008) e Oliveira (2021), o engajamento transnacional por meio das remessas monetárias, caracterizadas por transferências pessoais que imigrantes residentes em determinada nação enviam para outro país, exerce uma influência significativa não apenas nas regiões e nas localidades de seus países de origem, mas também impacta os processos macroeconômicos globais por meio de acordos financeiros internacionais, comércio global e a produção e o consumo cultural.

Os dados do ObMigra⁸ mostram que, em setembro de 2023, o saldo das remessas dos EUA para o Brasil, somaram US\$ 155 milhões, com um crescimento de

⁸ Para ver sobre o impacto das remessas monetárias no Brasil ver o Relatório Anual OBMigra 2022. Disponível em:

6,9% em relação ao mês anterior. Essas remessas são uma fonte essencial de suporte financeiro para as famílias no Brasil, especialmente no que tange ao consumo básico, a educação e aos pequenos investimentos. O envio de dinheiro por parte dos imigrantes brasileiros nos EUA é uma forma de manter os laços econômicos e sociais entre os dois países, reforçando a relevância das redes transnacionais no suporte econômico às famílias no país de origem.

A análise das práticas ancoradas no eixo sociocultural se torna essencial nesse contexto. Levitt (2002) enfatiza que a influência transnacional abrange uma ampla gama de aspectos, como os movimentos culturais, as conexões científico-profissionais, as artes e os esportes. Esses vínculos contribuem para a formação de redes sociais e culturais que ligam as nações de origem e as nações de destino. Além disso, a religião desempenha um papel fundamental nesse processo, servindo como uma força motriz nas comunidades transnacionais.

Almasarweh (2022), em um estudo recente, abordou o papel das organizações religiosas na manutenção dos laços transnacionais, especialmente entre a segunda geração de migrantes muçulmanos árabes nos Estados Unidos. A pesquisa, realizada em Ohio, descobriu que as mesquitas funcionam como campos sociais transnacionais importantes, promovendo conexões entre os descendentes de imigrantes e suas terras de origem. Essas instituições oferecem apoio emocional e cultural, além de educar sobre a história e os valores religiosos e culturais dos países de origem, particularmente quando esses indivíduos enfrentam discriminação no país de destino.

No caso brasileiro, a religião também é utilizada como um esforço da família para a preservação da língua portuguesa na segunda geração. Mota (2016) explora as estratégias adotadas por famílias brasileiras nos Estados Unidos para manter o uso do português entre seus filhos. Embora o inglês domine os ambientes externos, a casa e a igreja emergem como espaços fundamentais para a preservação do português. As famílias tentam manter a língua materna como uma forma de preservar a identidade cultural e facilitar um possível retorno ao Brasil. Além disso, a autora destaca que muitos pais utilizam programas de televisão, rádios on-line e conteúdos digitais em português para garantir que os filhos aprendam o idioma.

Os espaços religiosos são fundamentais na manutenção de grande parte dos arranjos transnacionais. Segundo Martes e Rodriguez (2004), em seu estudo sobre

as comunidades brasileiras na área metropolitana de Boston, a afiliação religiosa desempenha um papel essencial no desenvolvimento do capital social entre imigrantes brasileiros. Especialmente nas igrejas protestantes, as redes sociais formadas em torno dessas instituições criam um ambiente propício ao sucesso do empreendedorismo étnico. A estrutura dessas igrejas, com sua ênfase na confiança comunitária e na solidariedade, oferece suporte para o desenvolvimento de negócios, sugerindo que a religião atua como um fator importante na promoção da mobilidade econômica e na criação de redes sociais robustas, capazes de sustentar o crescimento econômico dentro da comunidade.

Na esfera política, as práticas transnacionais que envolvem os jovens da segunda geração se destacam por sua capacidade de manter um vínculo ativo com o país de origem de seus pais (Portes, 2006). Essas práticas incluem, por exemplo, a obtenção de título de eleitor no país ancestral, participação direta nas eleições, seja votando ou apoiando candidatos, bem como no engajamento político por meio das redes sociais.

O uso das plataformas digitais tem sido um dos principais meios pelos quais os jovens mantêm sua conexão com as questões políticas do país de origem. Por meio dessas ferramentas, compartilham informações, discutem políticas públicas e participam de campanhas (Elster e Pickard, 2020). Soares, Ferreira e Malafaia (2021) observam que o envolvimento on-line pode ser considerado uma nova forma de ativismo político-juvenil, com as redes sociais funcionando tanto como plataformas de protesto quanto de divulgação de informações políticas.

A participação política online, muitas vezes vista como superficial, não deve ser subestimada. Embora o ativismo digital possa parecer descompromissado, ele tem o potencial de engajar indivíduos em formas mais profundas de ativismo offline” (Soares; Ferreira; Malafaia, 2021, p. 47).

Além disso, Soares, Ferreira e Malafaia (2021) destacam que o ambiente digital tem democratizado o acesso à participação política, proporcionando um espaço acessível para que “jovens que antes eram excluídos dos espaços tradicionais de poder agora encontrem nas redes sociais uma plataforma para expressar suas vozes, influenciar debates e até organizar movimentos sociais” (Soares; Ferreira; Malafaia, 2021, p. 51).

Essa questão é particularmente relevante para a segunda geração de imigrantes que, muitas vezes, encontra-se geograficamente afastada de seu país de

origem, impossibilitada de participar presencialmente em diversas ações e em mobilizações. No entanto, a tecnologia proporciona a oportunidade de manter esses vínculos ativos, conforme já discutido. Surge, então, a questão: por que esses jovens continuam a se engajar politicamente com relação ao país de origem? De acordo com Portes e Rumbaut (2001), a segunda geração preserva essas conexões transnacionais, em grande medida, devido ao legado cultural e social transmitido pela primeira geração.

Esse vínculo reforça a continuidade de práticas políticas e a manutenção de uma identidade conectada ao país de origem. Embora as gerações subsequentes estejam mais integradas ao país de acolhimento, Portes e Rumbaut (2001) destacam que a lealdade política e o engajamento cívico com o país ancestral podem persistir por meio das redes transnacionais, especialmente quando as famílias incentivam esse tipo de participação como uma forma de preservar e de fortalecer a identidade cultural e social da comunidade.

Além disso, esses jovens muitas vezes participam de movimentos sociais que transcendem fronteiras, apoiando causas políticas no país de origem, como a luta por direitos humanos, reforma política e justiça social, o que reafirma seu papel ativo tanto no país de acolhimento quanto no país ancestral (Portes; Rumbaut, 2001). Isso demonstra que, longe de serem desconectados, muitos jovens da segunda geração mantêm uma identidade política e cívica dual, utilizando as ferramentas digitais para influenciar e se envolver com ambas as sociedades.

Entretanto, de acordo com Marques e Góis (2007), uma das características mais desafiadoras do transnacionalismo migrante contemporâneo está relacionada às redes potenciais de intervenção e participação política em mais de um Estado. A capacidade de votar, ser eleito e participar politicamente tanto no país de origem quanto no de destino, influenciando decisões em ambos, representa um desafio que pode se materializar em diversas formas de práticas transnacionais.

No caso da segunda geração de imigrantes brasileiros, a participação política se manifesta de maneira complexa, refletindo tanto as discussões familiares quanto o impacto de uma crescente polarização política desde as eleições de 2014. Essa polarização afetiva e ideológica, frequentemente vivida em conversas familiares, como nos almoços de domingo, tem-se intensificado a distância entre diferentes grupos políticos, criando divisões profundas dentro das famílias e nas comunidades de imigrantes. Essa dinâmica afeta diretamente a percepção desses jovens em relação

ao Brasil, moldando suas opiniões e suas decisões sobre o futuro, tanto pessoal quanto político.

Este trabalho, contudo, não busca avaliar se há ou não polarização no Brasil, mas sim explorar como a ideia de polarização impacta as escolhas e trajetórias desses jovens imigrantes. A questão não é apenas entender o contexto político brasileiro, mas investigar como esses jovens, muitas vezes expostos a duas realidades culturais, lidam com as complexidades políticas que influenciam sua identidade e as decisões sobre o futuro.

Além disso, as eleições no Brasil trouxeram sentimentos que, em entrevistas com a segunda geração de imigrantes brasileiros, foram frequentemente comparados ao caso Trump nos EUA, sugerindo um cenário de polarização política muito semelhante. O estudo de Hout e Maggio (2021), *Immigration, Race & Political Polarization*, explora como a polarização política, especialmente durante o governo Trump, intensificou-se nas questões de imigração, com diferenças significativas nas posições de democratas e republicanos. Enquanto os republicanos mantiveram uma postura firme a favor da redução da imigração, os democratas, especialmente os brancos, começaram a se mover na direção oposta, defendendo a continuidade ou expansão da imigração.

A relação entre política e a segunda geração pode ser observada nas conexões que esses jovens mantêm com organizações e centros comunitários, os quais desempenham um papel importante na promoção do engajamento cívico. Embora existam diversas pesquisas que explorem as afiliações da primeira geração em tais ambientes, ainda há poucas investigações sobre como essas práticas foram transmitidas para a geração seguinte. Isso sugere que o processo de transmissão intergeracional de práticas cívicas e políticas, embora possível, carece de uma análise mais aprofundada, especialmente no que se refere à influência de instituições comunitárias e educacionais que podem fomentar o desenvolvimento de uma consciência política na segunda geração.

A pesquisa conduzida por Fourn e Glick Schiller (2002), que se concentrou na segunda geração de haitianos, revelou que todos os participantes demonstraram um inquestionável orgulho por sua herança haitiana. Esse sentimento de orgulho está intrinsecamente vinculado à rica história do país. O Haiti conquistou destaque como pioneiro na abolição da escravidão nas Américas, alcançando esse feito por meio de notável resistência e determinação. Além disso, o Haiti manteve sua língua e sua

religião distintas, sendo reconhecido como o primeiro país de população predominantemente negra a triunfar sobre um exército predominantemente branco em prol de sua independência (Dubois, 2004).

Outro ponto destacado pelos autores é que vários jovens expressaram o desejo de retornar ao Haiti e contribuir para a reconstrução do país. Esse desejo ressalta o vínculo profundo que mantêm com o país de origem de seus pais, evidenciando um compromisso genuíno em participar ativamente no desenvolvimento do Haiti. Os autores denominam isso de "nacionalismo distante", que liga imigrantes e seus descendentes às pessoas que ainda vivem no país de origem, criando uma espécie de cidadania única além das fronteiras. No que diz respeito a esse assunto, Portes e Rumbaut (2001, p. 302) explicam que

a identidade nacional da segunda geração não é simplesmente uma extensão linear das raízes de seus países de origem. Essas identidades são construídas nos Estados Unidos por crianças que nasceram ou cresceram aqui, na América.

Stepick, Stepick e Labissiere (2008) revelaram que jovens de origem imigrante latina direcionam suas atividades de engajamento cívico principalmente para ajudar outros imigrantes, aproveitando suas habilidades bilíngues como um recurso importante para a comunidade. Além disso, esses jovens, assim como as minorias nativas, tendem a se envolver politicamente em resposta às experiências de discriminação, utilizando seu engajamento para enfrentar injustiças sociais e promover mudanças em suas comunidades.

Suárez-Orozco, Abo-Zena e Marks (2015) exploraram os padrões de engajamento cívico entre jovens adultos latinos da primeira e da segunda gerações para entender as diferenças nesses padrões. A pesquisa, que incluiu 58 entrevistas com indivíduos de 18 a 25 anos de origem dominicana, mexicana e centro-americana, revelou variações nos níveis de envolvimento cívico entre os participantes. Os autores investigaram diversos fatores, como contexto cultural, experiências pessoais e ambiente social, influenciando o nível de participação cívica e política desses jovens em suas comunidades.

Os autores também definem fatores motivacionais que explicam o nível de participação cívica de um imigrante. Um deles é a responsabilidade social, entendida como um "sentido de dever ou obrigação de contribuir para o bem comum", que pode

motivar as pessoas a agirem com base em princípios morais e em uma orientação pró-social.

Segundo Suárez-Orozco, Abo-Zena e Marks (2015) aqueles que possuem um forte senso de responsabilidade social são geralmente impulsionados por dois fatores principais: suas relações interpessoais e um profundo sentimento moral de justiça social. Esse sentimento de dever pode levar a um engajamento cívico variado, desde ações mais amplas, focadas no bem-estar da sociedade como um todo, até iniciativas mais específicas, voltadas para ajudar indivíduos em situações particulares. No entanto, embora essas intenções e esses valores sejam poderosos motivadores, obstáculos socioeconômicos, como a necessidade de atender a demandas básicas, restrições de tempo e a falta de oportunidades, muitas vezes limitam a capacidade de agir efetivamente. Além disso, o reconhecimento do tratamento injusto e a busca por justiça são fatores que desempenham um papel importante na mobilização cívica, especialmente entre imigrantes.

Stepick, Stepick e Labissiere (2008) indicam que a conscientização sobre a injustiça social, juntamente ao desejo de mudança e responsabilidade social, são três dos principais motivadores que levam jovens adultos latinos de origem imigrante a se engajarem civicamente. Esses fatores refletem como o engajamento cívico pode emergir não apenas como uma resposta proativa a valores sociais, mas também como uma reação à discriminação e à marginalização vivenciadas no dia a dia.

Contudo, sejam as práticas manifestações culturais, econômicas ou políticas, tanto no âmbito doméstico quanto nas interações sociais externas, elas suscitam questionamentos pertinentes sobre a natureza e a longevidade das conexões transnacionais. Indaga-se se, ao deixar o ambiente familiar, os indivíduos perderão esse contato ou serão capazes de preservar um nível significativo de transnacionalidade. Mais crucial ainda é a indagação sobre a habilidade desses indivíduos de articular essas práticas em suas trajetórias, capacitando-se para enfrentar os desafios intrínsecos ao seu grupo (Levitt, 2002).

O transnacionalismo da segunda geração emerge como um desdobramento da primeira, conforme apontado por Portes e Rumbaut (2001). Independente das motivações individuais que mantêm essa geração conectada ao país de origem, seja de maneira tangível ou imaginária, as habilidades tecnológicas assumem um papel fundamental ao fornecer meios eficazes para manter esses vínculos a distância. Como destaca Portes (2004), as tecnologias de comunicação viabilizam o contato contínuo

dos migrantes com suas comunidades de origem e de destino, facilitando a troca de informações e o envolvimento em atividades sociais, econômicas e políticas. Hoje, mais do que nunca, recursos como redes sociais, chamadas por vídeo e plataformas de mensagens instantâneas permitem que esses imigrantes participem ativamente da vida social e cultural de suas comunidades, sem a necessidade de presença Física.

Diminescu (2008) introduz o conceito de "migrante conectado", abordando a transformação nas experiências de migração trazida pelas Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs). A autora argumenta que as TICs, especialmente a internet e os dispositivos móveis, permitem que migrantes mantenham laços ativos com seus países de origem, participando de suas comunidades a distância, superando as barreiras geográficas que anteriormente limitavam essa interação.

O conceito de "migrante conectado" sugere que, em vez de os migrantes estarem completamente desconectados de sua terra natal ao se estabelecerem em novos países, eles agora podem continuar interagindo com suas comunidades de origem, seja por meio de redes sociais, plataformas de vídeo ou envio de SMS. Isso afeta significativamente as práticas transnacionais desde o envio de remessas e a participação política até a manutenção de vínculos sociais e culturais.

Isso se torna ainda mais relevante quando se considera a segunda geração de imigrantes que, muitas vezes, nunca visitou o país de origem de seus pais. Para esses jovens, estabelecer uma conexão com o país de seus ancestrais pode ser um desafio mais complexo. Nesse sentido, a tecnologia desempenha um papel essencial ao facilitar a comunicação com familiares por meio de ligações e videoconferências, além de possibilitar o acesso a conteúdo midiáticos, como programas de TV e noticiários nacionais. Esses meios ajudam a manter uma ligação cultural e emocional com o país de origem, mesmo a distância, permitindo que a segunda geração se familiarize com a língua, costumes e questões políticas de sua herança cultural.

Dessa forma, ao investigar as práticas transnacionais dos imigrantes de segunda geração, não se pode deixar de considerar o papel das tecnologias nessa equação. As TICs não apenas facilitam a manutenção de vínculos culturais e sociais, mas também criam novas formas de engajamento e pertencimento que ultrapassam fronteiras físicas. Assim, a segunda geração de imigrantes pode participar de uma rede global de comunicação e troca cultural, influenciando sua identidade e seu sentido de pertencimento tanto ao país de acolhimento quanto ao país de origem de seus pais. Isso reforça a ideia de que as práticas transnacionais são constantemente

mediadas e transformadas pelas tecnologias digitais, ampliando as possibilidades de conexão, redefinindo o conceito de migração no contexto contemporâneo.

3.2.1 Teorias de mobilidade da segunda geração de imigrantes

Inicialmente, foram identificadas as práticas transnacionais que servirão como base para esta análise, abrangendo aspectos políticos, econômicos e culturais (Levitt, 2002), destacando a importância de contextualizá-las nos âmbitos histórico, social e econômico (Smith; Guarnizo, 1998; Portes, 2013; Glick Schiller, 2018; Faist, 2018). Com essa fundamentação estabelecida, o foco agora se direciona para as trajetórias de mobilidade da segunda geração, ampliando a análise para uma avaliação mais abrangente do capital humano da primeira geração e de como esse interfere diretamente nas trajetórias e nas experiências da segunda geração.

Compreende-se que a análise trajetória dos filhos de imigrantes revela barreiras complexas que dificultam seu acesso a melhores oportunidades educacionais e sua inserção no mercado de trabalho. Para aprofundar essa questão, serão explorados não apenas as circunstâncias externas, mas também os desafios herdados da primeira geração. Autores como Portes e Rumbaut (2001), Kao (2004) e Suárez-Orozco (2008) reiteram que os filhos de imigrantes enfrentam limitações de oportunidades em comparação com seus pares não imigrantes, evidenciando as desigualdades estruturais que afetam suas perspectivas de mobilidade social.

Dado o crescente valor do capital humano ancorado no conhecimento da sociedade contemporânea, esses jovens podem assumir posições de mão de obra de base, semelhantes às ocupadas por seus progenitores. O capital humano está intimamente relacionado aos níveis de educação formal, definido por Bourdieu (1973) como o conjunto de características e de conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória educacional e profissional, que proporcionam vantagens na busca por oportunidades no mercado de trabalho.

A segunda geração (2.0 ou 1,5) encara de forma semelhante os desafios inerentes à sua integração na sociedade. Esses desafios não são automaticamente superados devido à posse de um documento legal que atesta o nascimento nos Estados Unidos. Em contrapartida, o capital social e econômico, trazido pelos pais pode ser convertido, permitindo que esses pais tenham a capacidade de apoiar seus filhos de forma mais eficaz do que outros.

Pais com níveis mais elevados de capital humano estão em uma posição vantajosa para apoiar a adaptação de seus filhos por duas razões: em primeiro lugar, possuem informações mais abrangentes sobre oportunidades e armadilhas no ambiente circundante; em segundo lugar, podem auferir rendas mais altas, o que lhes concede acesso a bens estratégicos. Uma residência nos subúrbios, uma educação em escola particular ou uma viagem ao país de origem para fortalecer laços familiares são todas propostas onerosas, fora do alcance da família média (Portes; Rumbaut, 2001, p. 62, tradução nossa).

Conforme destacado por Portes e Rumbaut (2001), as oportunidades que se apresentam aos imigrantes estão intrinsecamente vinculadas ao ambiente de acolhimento, seja ele positivo ou negativo. Em nações que oferecem suporte tanto da estrutura social quanto das instituições governamentais, aliado à presença de redes sociais ativas, emerge um contexto propício para que esses indivíduos mobilizem e apliquem seus recursos pessoais.

Da mesma forma, uma recepção hostil pode acentuar os desafios enfrentados pelos imigrantes. Fatores como barreiras linguísticas, preconceito, discriminação e políticas migratórias restritivas podem representar obstáculos significativos à transformação do capital humano em oportunidades concretas no mercado de trabalho, mesmo que o imigrante possua qualificações, como um diploma de ensino superior (Portes; Rumbaut, 2001, 2008; Sayad, 1998).

Ruiz, Batalova e Fix (2016) abordam o "brain waste" (desperdício de cérebros) entre imigrantes altamente qualificados, destacando que muitos profissionais acabam subempregados devido à falta de reconhecimento de suas credenciais. Embora esses imigrantes possuam níveis avançados de qualificação, a burocracia e a ausência de um sistema centralizado para validação de diplomas dificultam o pleno aproveitamento de suas habilidades no mercado de trabalho dos Estados Unidos.

Além disso, para Portes e Rumbaut (2001), ao chegarem aos Estados Unidos, os trabalhadores e os empreendedores imigrantes não encontram uma sociedade nivelada, onde apenas sua educação e experiência profissional sejam consideradas. Pelo contrário, diversos fatores contextuais moldam a forma como eles podem aplicar as habilidades que trazem consigo. Um exemplo são as políticas migratórias vigentes no momento de sua chegada, que, segundo os autores, podem variar entre exclusão, aceitação passiva ou incentivo ativo.

Assim, a exclusão impede a imigração ou obriga os imigrantes a uma existência totalmente marginalizada e desfavorecida. A segunda opção caracteriza-se pela

concessão de acesso legal aos imigrantes no país, sem que as autoridades realizem esforços adicionais para facilitar o acesso a direitos. Essa postura neutra coloca os recém-chegados sob a proteção da lei, porém não lhes concede benefícios especiais para compensar sua falta de familiaridade com o novo contexto em que estão inseridos (Portes; Rumbaut, 2001).

No Entanto, há também o contexto em que o governo oferece incentivos a fluxos específicos. Ao longo do último século, em várias ocasiões, o governo dos Estados Unidos esteve ativamente envolvido no recrutamento de diversas categorias de trabalhadores estrangeiros e profissionais, reconhecidos como em falta⁹. Embora esse método de acolhimento tenha sido focalizado em grupos específicos, é relevante destacar que as políticas migratórias dos Estados Unidos vêm se tornando mais restritivas desde a Segunda Guerra Mundial, atingindo seu auge a partir da década de 1980, quando os níveis de imigração alcançaram patamares significativos (Brum, 2018).

Além disso, Portes e Rumbaut (2001) enfatizam que, quanto mais semelhantes forem os grupos migrantes em termos de aparência física, origem social, língua e religião à corrente dominante da sociedade, mais propícia será sua recepção. Seguindo esse princípio, imigrantes europeus com um nível mínimo de escolaridade enfrentariam menos dificuldades para ingressar nos círculos de classe média e alta nos Estados Unidos, conseguindo aplicar suas competências educacionais e profissionais com mais facilidade.

De acordo com Massey (2007), a raça continua sendo um aspecto central na estrutura social e econômica dos Estados Unidos. Mesmo com os avanços trazidos pelo Movimento dos Direitos Civis, afro-americanos e imigrantes latinos ainda enfrentam barreiras sistêmicas, como a segregação residencial e a discriminação no mercado de trabalho. Essas dinâmicas resultam em dificuldades adicionais para a mobilidade social desses grupos, uma vez que a cor da pele permanece como um dos principais determinantes de aceitação social, muitas vezes suplantando fatores como nível educacional ou classe social (Massey, 2007).

⁹ Programa Bracero: Durante a Segunda Guerra Mundial e nas décadas subsequentes, os Estados Unidos e o México estabeleceram o Programa Bracero, um acordo que viabilizou a vinda de trabalhadores agrícolas mexicanos temporários para suprir a escassez de mão de obra nos campos americanos. O termo "Bracero" é derivado do espanhol e significa "trabalhador braçal".

Além disso, Massey (2007) argumenta que a manutenção da desigualdade nos Estados Unidos está profundamente enraizada em um sistema de estratificação social que favorece as elites econômicas. As políticas públicas, ao longo das últimas décadas, têm beneficiado desproporcionalmente as classes mais altas, enquanto minorias raciais e a classe trabalhadora permanecem em desvantagem. Segundo o autor, é preciso promover reformas estruturais para reverter essa crescente desigualdade e criar um sistema mais justo e equitativo.

Nos Estados Unidos, tanto os imigrantes quanto a população em geral são impelidos a assinalar categorias que melhor os definam em termos de raça. Essa escolha é inevitável e está presente em uma variedade de formulários, como candidaturas de emprego, questionários médicos, matrículas escolares e solicitações para visitar instituições públicas, entre outros, Morris e Treitler (2019, p. 17) afirmam que

o que é crucial quanto à raça (diferentemente de etnia ou outras formas de se classificarem seres humanos) é que categorias raciais são organizadas de modo hierárquico, com brancos na posição mais alta e negros na mais baixa. Ainda que raça seja proclamada como uma “construção social”, tal construção tem consequências consideráveis. Norte-americanos partilham um conjunto comum de ideias sobre como rotular uma pessoa como membro de uma determinada categoria social, ou, caso se prefira, há um senso comum racial. Tal senso comum não apenas é aplicado na forma como se rotula alguém, como também dita expectativas sobre seu comportamento, e define como tais pessoas devem se comportar diante de pessoas racialmente diversas

Além dos critérios de cor da pele, classe social e gênero, que influenciam a mobilidade dos grupos migratórios (Massey, 2007), a comunidade de mesma origem étnica já estabelecida no país de destino desempenha um papel fundamental na recepção dos imigrantes. De acordo com Portes e Rumbaut (2001), Faist (2000), Massey (2007) e Arango (2003), quanto mais consolidada for essa comunidade, mais ela será capaz de atenuar os desafios enfrentados pelos recém-chegados.

Essa comunidade pode, por exemplo, auxiliar na busca por emprego, prover suporte com as necessidades imediatas de moradia e oferecer outras formas de assistência. No entanto, é fundamental considerar as particularidades de cada comunidade de imigrantes para avaliar o grau de apoio que elas podem efetivamente proporcionar aos recém-chegados, uma vez que essas capacidades podem variar substancialmente entre os diferentes grupos étnicos e contextos.

Portes e Rumbaut (2001) destacam que, embora as comunidades étnicas ofereçam apoio importante aos recém-chegados, a natureza e o impacto desse auxílio

podem variar significativamente com base na composição socioeconômica do grupo étnico de destino.

No que diz respeito à futura mobilidade socioeconômica, a diferença central reside na composição do grupo coétnico, se é principalmente composto por pessoas da classe trabalhadora ou se possui um elemento profissional e empreendedor significativo. Para os recém-chegados em comunidades de classe trabalhadora, a tendência natural é seguir o caminho dos primeiros imigrantes no mercado de trabalho do país anfitrião. A ajuda que as comunidades étnicas podem oferecer para garantir emprego nesses casos é limitada pelo tipo de empregos ocupados por seus membros já estabelecidos. (Portes; Rumbaut, 2001, p. 48, tradução nossa).

Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008) destacam que os modelos de incorporação são importantes para determinar até que ponto o capital humano do imigrante pode ser aproveitado para promover uma adaptação econômica e social bem-sucedida na sociedade de acolhimento. Além das ações individuais dos imigrantes, a composição familiar emerge como um fator central na análise da trajetória da segunda geração. A estrutura e os recursos da família, como capital humano, social e cultural, desempenham um papel significativo na ascensão social dos filhos de imigrantes, influenciando diretamente suas oportunidades e seus resultados de integração.

É importante salientar que a composição familiar dos imigrantes varia significativamente entre diferentes nacionalidades, refletindo as diversas culturas e as estruturas sociais nos países de origem, bem como os padrões de chegada aos Estados Unidos. De acordo com Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008), o capital humano dos pais, representado por sua educação e por suas habilidades profissionais, quando combinado com modos de incorporação que promovam a integração, tende a influenciar positivamente sua realização socioeconômica e pode impactar as trajetórias da segunda geração.

Entretanto, no contexto econômico atual, os modelos de incorporação positiva nem sempre são suficientes para garantir à segunda geração as mesmas oportunidades de ascensão social. Waters e Jiménez (2005) e Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008) destacam que os filhos de imigrantes continuam enfrentando desafios significativos em suas carreiras. Entre os principais obstáculos estão a persistência da discriminação racial, a bifurcação do mercado de trabalho nos EUA, caracterizada por uma crescente desigualdade, pela consolidação de uma população marginalizada (Portes; Haller; Fernández-Kelly, 2008).

Esses autores argumentam que a discriminação racial continua sendo um fator limitador importante para as oportunidades educacionais e profissionais dos filhos de imigrantes, mesmo quando esses jovens possuem capital humano considerável. Além disso, a desigualdade crescente no mercado de trabalho dos EUA acentua a divisão entre empregos altamente qualificados e bem remunerados e aqueles de baixa qualificação e baixa remuneração, o que restringe ainda mais a mobilidade social da segunda geração, dificultando seu acesso a melhores posições econômicas e sociais.

A origem dos grupos migratórios desempenha um papel fundamental no processo de incorporação à sociedade de destino, e as características da primeira geração tendem a ser transmitidas à segunda geração. De acordo com Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008), os jovens da segunda geração, muitas vezes, se veem obrigados a adotar novos padrões de comportamento e vestuário para buscar ascensão na hierarquia social. Nesse contexto, o desafio deixa de ser apenas a capacidade de integração na sociedade dominante, passando a incluir a decisão de abdicar ou manter suas identidades étnicas, quando tal escolha é possível. Filhos de imigrantes asiáticos, negros, mulatos e mestiços enfrentam um desafio maior ao tentar desvincular-se de suas identidades étnicas, pois suas características físicas continuam sendo diferenciadoras em relação aos brancos, perpetuando a discriminação baseada em tais diferenças.

Assim concluem Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008, p. 56)

Conforme os padrões contemporâneos, a maioria da segunda geração de hoje é não branca, incluindo crianças de imigrantes asiáticos, de negros das Índias Ocidentais e África, e de negros, mulatos e mestiços da América Latina. A minoria de imigrantes brancos também vem da América Latina e, em menor número, da Europa e do Canadá. Embora seja verdade que os primeiros imigrantes irlandeses, italianos, poloneses e de outras origens foram inicialmente definidos como raças separadas e sofreram extensa discriminação, sua semelhança fenotípica com a população americana predominante acabou se sobressaindo.

Além das características étnicas que os imigrantes podem ou não carregar consigo, a inserção no mercado de trabalho representa um desafio significativo para seus descendentes. Esses obstáculos tornam-se ainda mais complexos ao se considerar que esses jovens estão inseridos em um mercado de trabalho moldado pela desindustrialização e pela crescente economia baseada no conhecimento. Conforme discutido por Bourdieu (1973), as rivalidades de estratificação na sociedade contemporânea não se limitam apenas à competição por benefícios econômicos

diretamente ligados à renda. Nesse novo cenário, o capital humano — educação, qualificações — e o capital social — redes de relacionamentos — ganham extrema relevância na determinação do sucesso socioeconômico.

Para os novos ingressantes na força de trabalho, incluindo os filhos dos imigrantes, essa rígida bifurcação significa que eles precisam adquirir, no decorrer de uma única geração, credenciais de educação avançada que os descendentes dos europeus levaram muitas gerações para alcançar. De outro modo, suas chances de realizar suas aspirações de vida estariam severamente comprometidas, uma vez que existem poucas oportunidades entre as ocupações manuais mal remuneradas que a maioria dos pais imigrantes detém e os altos e bem remunerados cargos nos negócios, na saúde, no direito e na academia que esses pais ardentemente desejam para seus filhos. Sem a custosa e demorada conquista de um grau universitário, tais sonhos muito provavelmente permanecerão inatingíveis (Portes; Haller; Fernández-Kelly, 2018, p.17).

Os recém-chegados ao mercado de trabalho, incluindo os descendentes de imigrantes, enfrentam um cenário caracterizado por uma crescente divisão estrutural. Nesse novo ambiente econômico, há uma demanda significativa por trabalhadores não qualificados e braçais em ocupações de baixo prestígio, enquanto, no topo da hierarquia, profissionais altamente qualificados e técnicos são cada vez mais requisitados. Entretanto, as oportunidades para empregos de nível intermediário, que oferecem remunerações satisfatórias, tornaram-se escassas, agravando a polarização do mercado de trabalho (Castles; Miller, 1993).

Sassen (1991) explora como as cidades globais se tornaram centros econômicos altamente polarizados, caracterizados por uma crescente demanda por mão de obra altamente qualificada, especialmente em setores financeiros e tecnológicos, ao lado de um aumento de empregos de baixa qualificação, principalmente em serviços. Nesse contexto, há uma redução significativa de postos de trabalho intermediários, exacerbando a desigualdade social. Essa estrutura econômica, marcada pela concentração de riqueza no topo e pela expansão de empregos precarizados na base, agrava a marginalização de imigrantes e seus descendentes, que frequentemente são empurrados para o setor de baixa qualificação.

Para Massey e Arango (1993), a divisão internacional do trabalho é caracterizada por relações assimétricas entre economias centrais e periféricas, refletindo a persistência de hierarquias coloniais que ainda permeiam o sistema econômico global. Essas hierarquias moldam a acumulação de capital global, assim

como a distribuição do trabalho, criando padrões de dependência e exploração que favorecem as economias centrais. Nessas relações desiguais, as economias centrais mantêm uma posição de vantagem, utilizando seu prestígio na divisão internacional do trabalho para atrair mão de obra de países periféricos. Essa dinâmica perpetua a existência de grupos subalternizados tanto dentro das economias nacionais quanto nas relações entre Estados.

Segundo Sayad (1998), os países hegemônicos, ao ocuparem uma posição de prestígio no cenário internacional, utilizam esse privilégio para negociar com o restante do mundo e atrair trabalhadores imigrantes. Esses imigrantes são vistos como uma solução para problemas internos, ajudando a mitigar desequilíbrios econômicos e preencher lacunas no mercado de trabalho. Dessa forma, as economias centrais se beneficiam da migração de pessoas provenientes de nações menos favorecidas, que buscam melhores oportunidades e condições de vida. Esse fluxo de migração; no entanto, é profundamente marcado por assimetrias no sistema internacional, em que os países mais ricos extraem valor econômico dos países em desenvolvimento por meio da exploração da força de trabalho imigrante.

Além disso, os acordos e as negociações para importar mão de obra exigem a criação de um modelo ideal de imigrante, que é temporariamente tolerado como uma força de trabalho necessária (Sayad, 1998). Nesse contexto, os países hegemônicos, muitas vezes, impõem requisitos específicos para os imigrantes, selecionando aqueles que se encaixam em determinados perfis considerados vantajosos para atender às demandas do mercado de trabalho. Essa seleção visa garantir a disponibilidade de mão de obra com habilidades e competências específicas, atendendo aos interesses econômicos dos países receptores, ao mesmo tempo em que limita os direitos e a permanência dos imigrantes, restringindo sua participação plena na sociedade.

Todos esses fatores que relegam a mão de obra imigrante a uma posição subalterna no mercado de trabalho também têm implicações para a segunda geração. Autores como Portes e Rumbaut (2001) apontam que, para a segunda geração atingir sucesso econômico e social, eles devem ultrapassar substancialmente as habilidades de seus pais, por meio do acesso a uma educação avançada. Assim, os objetivos educacionais e as realizações acadêmicas da segunda geração adquirem uma importância singular nessa equação.

Delinearam-se os fatores estruturais que colocam os filhos de imigrantes em desvantagem em relação aos filhos de não imigrantes. Esses fatores podem incluir modelos de incorporação negativos, associados ao baixo capital humano dos pais ou à incapacidade de converter esse capital na sociedade de destino, além das limitações impostas por redes étnicas fortalecidas que, por vezes, restringem o acesso a novas oportunidades. A impossibilidade de transformar as qualificações e as habilidades adquiridas no país de origem em vantagens competitivas no país de acolhimento agrava ainda mais essa situação.

Levitt (2002) e Portes e Rumbaut (2001) reforçam que a adoção de práticas transnacionais por parte desses indivíduos representa uma resposta adaptativa às limitações de recursos enfrentadas tanto no país de origem quanto no de destino. Essas práticas não apenas ampliam suas perspectivas, mas também funcionam como uma estratégia dual de identidade étnica, que, ao invés de ser um fardo, pode ser direcionada para a expansão de oportunidades educacionais e profissionais.

A questão central reside em como esses aspectos, que inicialmente parecem limitar suas chances, podem ser convertidos em oportunidades. Para isso, iremos observar como os filhos de imigrantes, por meio de suas práticas transnacionais, conseguem criar e acessar oportunidades que se tornam viáveis justamente por suas vivências transnacionais.

4 CAPÍTULO III: CAMINHOS METODOLÓGICOS: O CAMPO E AS ENTREVISTAS

4.1 Por que jovens de segunda geração?

Como destaca Clifford e Marcus (1986), as questões de pesquisa não surgem completamente formadas antes do trabalho de campo; elas emergem, em grande parte, da experiência direta, das interações, dos encontros e dos desafios vividos ao observar e compreender o outro. O tema desta pesquisa surgiu a partir da interação com o campo. Durante uma conversa informal com um pesquisador, filho de imigrantes brasileiros, algumas de suas reflexões despertaram novas questões. Seus pais migraram para os Estados Unidos na década de 1980, vindos do interior do Rio de Janeiro e, com um olhar curioso, ele questionou como sua vida poderia ter sido diferente se tivesse nascido no Brasil. Ele se perguntou se teria tido as mesmas oportunidades e se sua trajetória seria semelhante à que vivencia hoje. Essas indagações abriram um campo de novas questões que passaram a orientar e aprofundar a investigação desta pesquisa.

Diante do vislumbre que se compartilhou sobre como seria sua vida se tivesse nascido e crescido no interior do Rio de Janeiro, em uma cidade chamada Santo Antônio de Pádua, com pouco mais de 40 mil habitantes, cuja realidade eu conhecia pois já havia morado em um município vizinho, criou-se automaticamente um ponto de conexão. Ele se sentiu à vontade para expressar suas emoções sobre essa questão, chegando, por um momento, a imaginar-se de forma diferente, usando chapéu e botas de cowboy. Essa alegoria levou à consideração dos diferentes imaginários que ele e outros constroem sobre o que significa ser brasileiro.

No entanto, logo após esse breve vislumbre do que poderia ter sido, ele afirmou que nascer brasileiro nos Estados Unidos lhe trouxe vantagens. Ele pôde experimentar o que considera o melhor de ser brasileiro, enquanto vivia em uma cidade com mais oportunidades do que aquela de origem de seus pais. Em outras palavras, ele se sentia privilegiado por sua identidade brasileira, pois isso, em sua visão, lhe conferia certas vantagens em comparação com outros filhos de imigrantes, ou até mesmo com os que não migraram, tema que será explorado mais adiante. Essas vantagens, segundo ele, só foram possíveis porque nasceu e cresceu nos Estados Unidos e por ser brasileiro.

A partir desse diálogo, delimitou-se o tema de pesquisa, passando-se a investigar se outros filhos de imigrantes brasileiros também se percebiam influenciados por comparações entre as oportunidades vividas nos Estados Unidos e as possíveis trajetórias que teriam no Brasil. O estudo passou a focalizar as práticas transnacionais, a fim de compreender como esses indivíduos transitam entre as duas culturas e mantêm laços com o Brasil enquanto vivem nos Estados Unidos. Dessa reflexão, emergiu a seguinte questão central: de que forma as práticas transnacionais influenciam suas percepções sobre oportunidades e como isso molda suas trajetórias?

Após definir o tema da pesquisa, foi necessário estabelecer os caminhos metodológicos que permitissem responder à questão central: como as práticas transnacionais dos imigrantes brasileiros de segunda geração podem ser utilizadas para potencializar aspectos importantes de suas vidas, como as perspectivas educacionais e as oportunidades no mercado de trabalho? A pesquisa se propõe a investigar essas práticas em profundidade, buscando entender como essas conexões transnacionais podem ser transformadas em recursos concretos para a mobilidade e para o desenvolvimento desses indivíduos.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, será apresentado o campo de pesquisa, que vai além da simples coleta de dados, constituindo-se como um processo de interação contínua com os sujeitos e o contexto investigado. Essa abordagem exige do pesquisador flexibilidade e sensibilidade para compreender as dinâmicas e as particularidades envolvidas (Minayo; Guerriero, 2014). Assim, optou-se por uma abordagem qualitativa, dada a adequação à exploração em profundidade das experiências individuais (Minayo; Guerriero, 2014; Bogdan; Biklen, 1994; Bauer; Gaskell, 2017). A seleção dos interlocutores foi realizada por meio da técnica de amostragem por bola de neve, que facilita o acesso a grupos específicos a partir de indicações sucessivas (Biernacki; Waldorf, 1981). A coleta de dados foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas, método que permite flexibilidade nas respostas dos participantes, ao mesmo tempo em que mantém um foco orientador (Triviños, 1987; Lakatos; Marconi, 2003). Para a análise dos dados, empregou-se a análise de conteúdo, que possibilita identificar padrões e significados emergentes nos discursos dos entrevistados (Bardin, 2011).

Optou-se pela abordagem qualitativa, pois ela permite uma compreensão aprofundada dos significados e das características apresentadas na investigação. De

acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca entender profundamente um fenômeno em seu ambiente específico, focando na análise intensiva e detalhada das situações e dos contextos. O objetivo é captar os significados e as motivações que orientam as ações e as interações dos indivíduos e dos grupos sociais envolvidos. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador valoriza os aspectos subjetivos e simbólicos presentes na realidade estudada e se esforça em captar a complexidade e a dinâmica das relações sociais.

Para Denzin e Lincoln (2006, p. 17),

a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalística, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas e eles conferem.

Para Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa se destaca por permitir que o pesquisador adentre o ambiente natural dos fenômenos e das interações humanas, captando significados a partir das perspectivas dos participantes. Isso é fundamental em investigações como essa, que busca compreender complexidades sociais, culturais e subjetivas, pois oferece uma abordagem contextualizada e interpretativa, transformando experiências em representações detalhadas.

A pesquisa qualitativa surge como a abordagem mais adequada para este estudo, conforme apontado por diversos autores, como Minayo (2001), Denzin e Lincoln (2006) e Creswell (2014). Ela permite lidar com um amplo universo de significados, abordando "um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (Minayo, 2001, p. 21).

Além de justificar a escolha da abordagem qualitativa, serão apresentados outros elementos fundamentais que compõem este estudo, como o campo de pesquisa e as entrevistas. Esses aspectos são essenciais para a pesquisa qualitativa, pois permitem ao pesquisador se aproximar das vivências e dos significados atribuídos pelos participantes. Dessa forma, torna-se possível uma interpretação mais detalhada e contextualizada dos fenômenos estudados, garantindo uma compreensão aprofundada das experiências e das dinâmicas sociais envolvidas.

4.2 Pesquisa de campo em Massachusetts, USA

A pesquisa de campo foi conduzida na região de Boston, Massachusetts, com início em outubro de 2022 e duração aproximada de seis meses. Este trabalho foi viabilizado graças ao financiamento da bolsa CAPES/PRINT¹⁰, que proporcionou os recursos necessários para sua execução. Além disso, a pesquisa contou com o apoio do acordo de cooperação entre a Universidade Federal do Pará e a Universidade de Massachusetts, bem como do Instituto Gaston, ao qual a pesquisadora esteve vinculada durante o período do doutorado-sanduíche.

Minayo e Guerreiro (2014) discutem amplamente a pesquisa qualitativa, incluindo o trabalho de campo como uma interação que envolve flexibilidade e sensibilidade por parte do pesquisador. Ela afirma que o pesquisador deve estar atento às dinâmicas sociais e culturais do campo, adaptando suas estratégias conforme a realidade se revela.

Assim, será apresentada a inserção no campo, desde a chegada em outubro de 2022, até as impressões formadas ao longo dos seis meses de trabalho, em uma tentativa de compreender a complexa realidade na qual se estava imersa. Como afirma José Filho (2006, p. 64), “o ato de pesquisar traz consigo a necessidade de um diálogo crítico com a realidade que se deseja investigar, bem como com o diferente, funcionando como um catalisador de momentos criativos”.

A chegada a Boston ocorreu em outubro, um mês que traz consigo um espetáculo natural encantador: a transformação das folhas das árvores em vibrantes tons de laranja, amarelo e vermelho. Essa mudança cria uma paisagem deslumbrante, proporcionando uma experiência visual única. Além disso, o período permitiu a participação em atividades sazonais típicas, como a colheita de maçãs e visitas a fazendas de abóboras, algo totalmente condizente, uma vez que outubro é o mês do *Halloween*.

A pesquisadora estabeleceu residência em Dorchester, um dos maiores bairros de Boston, localizado ao sul do centro da cidade, fundada apenas alguns meses depois de Boston, em 1630. Dorchester é, atualmente, uma área caracterizada por

¹⁰ Esta pesquisa foi realizada com o apoio da bolsa CAPES PRINT, que visa incentivar a internacionalização de programas de pós-graduação no Brasil, proporcionando oportunidades para estudos e parcerias acadêmicas no exterior.

Somerville e Cambridge, locais com os quais tive mais contato e onde pude notar uma comunidade brasileira mais presente.

Cambridge, uma cidade a oeste de Boston, é reconhecida internacionalmente por abrigar algumas das mais prestigiadas instituições acadêmicas do mundo, incluindo a Universidade de Harvard e o Massachusetts *Institute of Technology* (MIT). Além disso, a cidade proporciona acesso a uma série de museus renomados, como o Harvard Museum of Natural History, o Peabody Museum of Archaeology and Ethnology e o MIT Museum.

Durante o período em que estive em Cambridge, tive acesso a eventos e atividades relacionadas à comunidade brasileira. A proximidade com a cidade de Somerville¹¹ desempenhou um papel fundamental nesse sentido, uma vez que essa cidade oferece uma ampla gama de eventos e de festivais que celebram a cultura brasileira. Entre eles, destaco o *Brazilian Independence Day Festival*, que celebra o Dia da Independência do Brasil. A seguir, pode ser visto um cartaz de promoção do festival.

¹¹ Somerville é uma cidade do estado americano de Massachusetts, situado ao norte de Cambridge (Massachusetts), de acordo com dados do CENSU 2020 abrigar uma significativa população brasileira nos Estados Unidos, o que influencia positivamente a disponibilidade de eventos e serviços relacionados à cultura brasileira na região.

Figura 7 - Cartaz de promoção do *Brazilian Festival* – Festa Junina



Fonte: Brazilian Times (2023)¹².

Adicionalmente, a presença de uma variedade de estabelecimentos comerciais brasileiros em Cambridge e Somerville trouxe uma sensação de familiaridade com o Brasil. Esses espaços incluem restaurantes, mercados abastecidos com produtos típicos e padarias que oferecem culinária brasileira. Essa diversidade permitiu que se encontrassem produtos e pratos característicos do Brasil, contribuindo para manter um vínculo com a minha cultura de origem.

Entre as cidades destacadas, Everett se sobressaiu como o local em que mais se encontraram elementos da cultura brasileira, como bandeiras do Brasil exibidas em casas e comércios, além de placas em português. Era comum ouvir pessoas falando português em diversos espaços, desde agências bancárias até no transporte público. Além disso, observou-se que a comunidade brasileira estava fortemente engajada na promoção de eventos culturais, como festas juninas, aulas de forró e celebrações de carnaval, algo também presente em Somerville.

Durante a estada em Everett, os nomes dos estabelecimentos comerciais chamaram a atenção. Nomes como "Kisabor" e "Kidelicia" claramente indicavam que

¹² Disponível em: <https://www.braziliantimes.com/comunidade-brasileira/2023/06/21/tradicional-festa-junina-vai-acontecer-em-somerville-no-dia-24.html>

se tratava de restaurantes que serviam comida brasileira. Além disso, devido à grande presença de brasileiros por lá, é comum encontrar mercados brasileiros. Entretanto, como aponta Kraieski (2016), produtos como feijão e arroz de marcas brasileiras tendem a ser mais caros, fazendo com que muitos brasileiros optassem por marcas semelhantes que lembravam o sabor dos produtos brasileiros, sendo facilmente encontrados em mercados comuns. No entanto, o café é um produto que os brasileiros preferem comprar de marcas brasileiras.

Codesal (2010) relaciona a comida com a possibilidade de performar e produzir identidade, ou seja, a forma como se alimentam pode ser um reflexo da cultura brasileira. Já Contreras (1992) destaca que o ato de se alimentar não se apoia somente na necessidade fisiológica de se nutrir, mas está carregado de uma série de significados e emoções, como afeto, prazer e pertencimento.

A pesquisa abrangeu quatro distintas localidades ao longo dos seis meses de investigação: Dorchester, Everett, Cambridge e Somerville. As três últimas, em particular, ofereceram uma perspectiva mais próxima da vivência brasileira nos Estados Unidos. Imersa nessas cidades, foi possível explorar como suas dinâmicas impactam a vida cotidiana das pessoas, uma experiência enriquecedora e fundamental para o caráter exploratório do trabalho de campo. Minayo (2001) destaca que o trabalho de campo se configura como o ápice da aproximação do pesquisador com a realidade que fundamenta suas indagações. Nesse estágio, o pesquisador se depara com a oportunidade única de não apenas observar passivamente, mas de imergir ativamente no contexto em estudo, interagindo diretamente com os sujeitos envolvidos.

Essa inserção em diferentes cidades permitiu-me compreender melhor as relações entre as localidades em que os imigrantes estão inseridos e como esses contextos podem influenciar significativamente a realização de práticas transnacionais. Um dos entrevistados mencionou que, ao residir em uma região com mais concentração de brasileiros, percebeu que suas conexões com o Brasil e suas práticas transnacionais se intensificaram, mostrando como o ambiente local pode facilitar ou dificultar esses fluxos. Como Levitt (2002) observa, as localidades moldam as práticas transnacionais ao oferecer diferentes recursos sociais, culturais e econômicos, que influenciam a frequência e a intensidade das interações com o país de origem.

A Universidade de Massachusetts (UMass), Boston¹³, foi um dos pilares fundamentais para a pesquisa, sendo essencial para o desenvolvimento deste trabalho e para a aproximação com os interlocutores.

A UMass Boston é uma universidade Pública do Estado de Massachusetts ¹⁴, localizada no bairro de Dorchester e fundada em 1964. A instituição oferece cursos de graduação e pós-graduação em diversas áreas de estudo, incluindo negócios, ciências sociais, ciências naturais, artes e humanidades, entre outras. O campus da UMass Boston está situado em uma península com vista para a Baía de Dorchester e Quincy, proporcionando uma vista panorâmica da cidade de tirar o fôlego, conforme figura 8:

Figura 8 - Vista panorâmica - Campus Umass Boston



Fonte: Umass – Boston (2016).¹⁵

Após minha chegada, tive alguns dias para me adaptar à cidade antes de iniciar minha pesquisa na Universidade de Massachusetts, campus Boston, universidade na qual fui recebida e onde desenvolvi minhas atividades durante os seis meses de intercâmbio. A localização privilegiada da universidade, próxima a uma estação de metrô, facilitou o acesso a ela por transporte público. Para chegar à universidade, é

¹³ A Universidade de Massachusetts é uma instituição de renome que está presente em cinco diferentes campus distribuídos pelo estado de Massachusetts. Esse campus inclui UMass Amherst, UMass Boston, UMass Dartmouth e UMass Lowell.

¹⁴ É importante ressaltar que o conceito de universidade pública nos Estados Unidos difere do modelo brasileiro. Ao mencionar uma universidade pública nos EUA, não implica necessariamente em gratuidade, mas sim no modelo de financiamento adotado.

¹⁵ Disponível em: <https://blogs.umb.edu/gradcm/category/current-students/page/5/>

necessário descer na estação "UMmas" da linha vermelha e, em seguida, utilizar um ônibus fornecido pela própria universidade para se locomover entre os diferentes departamentos do campus.

Por meio do contato prévio feito pelo Professor Marcio Sérgio de Oliveira, meu orientador, que visitou a Universidade e estabeleceu as parcerias, conheci o professor Carlos Eduardo Siqueira, da Universidade de Massachusetts (UMass), brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, que tem sido um defensor da pesquisa para e por brasileiros há 26 anos. Ele migrou para Massachusetts no final dos anos 1990 para realizar seu doutorado e, a partir de seu contato com o Centro do Trabalhador Brasileiro, iniciou seu envolvimento com questões dos imigrantes brasileiros, com diversas publicações, principalmente sobre a saúde do trabalhador brasileiro e a imigração de brasileiros nos Estados Unidos, tornando-se uma referência na área.

O professor Carlos Eduardo concordou em me receber no campus e contribuir para o progresso da pesquisa, tornando-se parte fundamental dela. Ele não apenas auxiliou na adaptação ao campo, mas também indicou interlocutores e peças-chave para a pesquisa, além de compartilhar seu conhecimento sobre as dinâmicas migratórias.

Foi o professor Eduardo quem nos conectou com o The Mauricio Gastón Institute, que é um centro de pesquisa voltado à comunidade latino-americana, tendo como missão informar os formuladores de políticas sobre questões vitais para a crescente comunidade latina do estado, além de fornecer a essa comunidade as informações e as análises necessárias para uma participação efetiva no desenvolvimento de políticas públicas. Sua criação foi uma resposta à demanda de líderes e de acadêmicos da comunidade latina, reconhecendo a necessidade de uma compreensão aprimorada da experiência dos latinos no estado de Massachusetts. Seu nome é uma homenagem a Mauricio Gastón, um cubano e ativista pelos direitos latinos em Boston, que também lecionou no Centro de Planejamento Comunitário da UMass Boston, parte do Colégio de Serviço Público e Comunitário, de 1980 até seu falecimento em 1986. O instituto conduz projetos de pesquisa e já publicou vários relatórios significativos ao longo dos anos¹⁶. Os projetos de pesquisa em

¹⁶ As publicações do instituto ao longo dos anos podem ser acessadas através do link: https://scholarworks.umb.edu/gaston_pubs/

andamento¹⁷, como *Junior Scholars and Student Programs*, são diferentes linhas de programas de enriquecimento acadêmico e de desenvolvimento de liderança para estudantes de graduação, focados em treinamento em pesquisa aplicada e em análise de políticas públicas.

Outra linha de pesquisa do instituto é a *Transdisciplinary and Transnational Research*, que integra duas ou mais perspectivas disciplinares e geográficas. A primeira linha é a Série de Documentos Andrés Torres, cujo objetivo é a preparação de produções acadêmicas focadas nas conexões entre imigração, formação de comunidades e ligações transnacionais.

O segundo projeto dentro dessa linha é o *Transnational Brazilian Project*, ao qual esta pesquisa também está vinculada. O projeto tem como principal objetivo criar uma rede de networking entre estudantes, pesquisadores e docentes do Brasil, visando uma agenda de pesquisa sobre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos.

As agendas de pesquisa do instituto se dividem em diferentes áreas, incluindo a pesquisa demográfica e a saúde pública dos imigrantes latinos da região da Nova Inglaterra. A pesquisa demográfica tem como objetivo principal a produção de relatórios que visam mapear sistematicamente a população latina da Nova Inglaterra e seus seis estados componentes individualmente. Esse levantamento demográfico abrangente permite compreender a distribuição geográfica, a composição socioeconômica, os padrões migratórios e outras características demográficas dessa população.

Além disso, o instituto concentra seus esforços na área da saúde pública dos imigrantes latinos da região, buscando examinar as condições de saúde, os fatores determinantes e os desafios enfrentados pelos imigrantes latinos na busca por cuidados de saúde. Essas informações são essenciais para o planejamento de políticas públicas, programas sociais e ações direcionadas para atender às necessidades específicas dessa comunidade.

Durante meu vínculo com o instituto, conduzi minhas atividades de pesquisa, estabelecendo um ritmo consistente de frequentar a universidade pelo menos cinco vezes por semana. Aproveitei as instalações do escritório disponibilizado, onde compartilhei espaço com uma colega brasileira, engajada em pesquisas na área da saúde. Ao longo dessa etapa, fui acompanhada por mais cinco pesquisadores

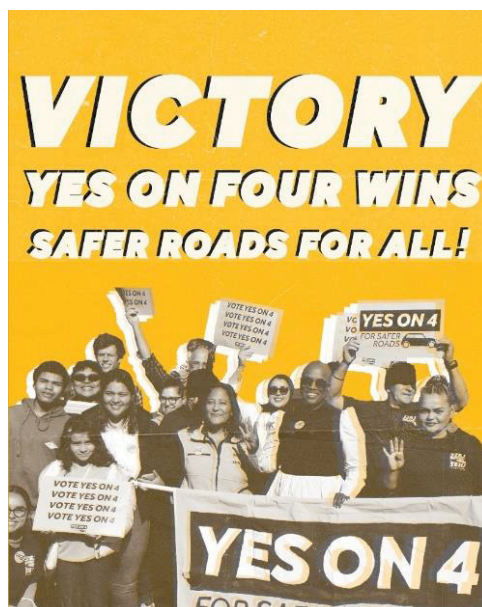
¹⁷ Os projetos de pesquisa disponíveis podem ser acessados através do link: <https://www.umb.edu/gaston-institute/core-programs/>

brasileiros, alguns dos quais adotavam o modelo de trabalho remoto, o que, por vezes, limitou nosso contato presencial. Apesar dessa distância física, a iniciativa de integrar os pesquisadores brasileiros na dinâmica da UMass fez parte ativa da minha agenda de compromissos.

Durante os seis meses, além de vivenciar a cidade e seu comércio, também pude conhecer o *Brazilian Worker Center*, uma organização comunitária que oferece suporte a trabalhadores imigrantes, principalmente brasileiros, nos Estados Unidos. A instituição se dedica a promover e defender os direitos trabalhistas, ajudando imigrantes a compreenderem seus direitos no ambiente de trabalho, combatendo o abuso e a exploração laboral. Além disso, o centro oferece serviços de orientação jurídica, treinamentos e programas educacionais voltados ao empoderamento dos trabalhadores, visando melhorar suas condições de vida e de inserção no mercado de trabalho. Eles também organizam campanhas para a proteção de direitos civis e trabalhistas, proporcionando um espaço de acolhimento e de apoio para a comunidade imigrante.

Quando cheguei, o centro estava mobilizado na organização de uma campanha para garantir o direito dos imigrantes de obterem habilitação, mesmo sem documentação migratória. A comunidade imigrante celebrou uma grande vitória quando Massachusetts se tornou um dos estados dos EUA a permitir a emissão de carteiras de motorista para residentes, independentemente de seu status migratório.

Figura 9 - Folder celebrando a vitória na votação a favor da liberação da carteira de habilitação para os imigrantes que não possuem documentação



Fonte: Brazilian Times (2022).

Ainda durante o período em que estive em Boston, consegui uma reunião com a líder do *Brazilian Women's Center* Heloisa Galvão, o Grupo Mulher Brasileira criado em 1995 com o objetivo principal de promover o empoderamento das mulheres brasileiras e da comunidade brasileira na região de Boston. O grupo busca incentivar seus membros, especialmente as mulheres, a defenderem seus direitos nos Estados Unidos.

Além disso, o grupo tem como objetivo discutir o papel das mulheres imigrantes na sociedade, oferecer apoio às famílias brasileiras na região de Boston, ser um canal de informação para a comunidade e promover atividades culturais que integrassem e fortalecessem os laços entre os brasileiros e a sociedade americana. Durante minha visita ao grupo, consegui me conectar mais profundamente com os desafios vividos pela comunidade brasileira e contribuir de alguma forma, atuando como voluntária em alguns eventos organizados pela instituição.

É possível afirmar que a pesquisa de campo realizada em Boston, proporcionou uma compreensão aprofundada das práticas transnacionais e das dinâmicas culturais vividas pela comunidade brasileira na região. A experiência permitiu não apenas observar, mas imergir e interagir diretamente com os sujeitos, reforçando a importância da adaptação e da flexibilidade do pesquisador em ambientes complexos e diversificados, conforme enfatiza Minayo (2014). As cidades exploradas revelaram

realidades distintas, destacando como o contexto local pode influenciar os laços com o país de origem e moldar as experiências dos imigrantes.

Assim, o processo de inserção ao campo transcende a simples coleta de dados, transformando-se em uma exploração mais profunda e significativa. Durante essa imersão, a pesquisa deixa de ser um exercício puramente teórico para se tornar uma vivência palpável, onde conceitos antes considerados abstratos são meticulosamente conectados às complexidades das situações do mundo real (Minayo, 2014).

4.3 Teia de conexões – a busca pelos interlocutores da pesquisa

Após minha inserção no campo, tornou-se fundamental identificar os indivíduos que poderiam contribuir para minha pesquisa, ajudando a responder às questões levantadas durante o processo. As características exigidas desses indivíduos eram que eles tivessem nascido nos Estados Unidos, ou que tivessem vindo para o país com menos de três anos de idade, e que um dos pais fosse um imigrante brasileiro de primeira geração e que fossem maiores de 18 anos. Para isso, utilizei a técnica de amostragem por bola de neve, uma abordagem não probabilística eficaz para acessar grupos fechados ou fortemente interconectados.

Conforme Vinuto (2014), a amostragem por bola de neve baseia-se em cadeias de indicação, onde um participante leva a outro, permitindo a expansão da amostra de forma orgânica. O processo é iniciado por "sementes" indivíduos ou documentos-chave que facilitam a identificação de participantes com o perfil desejado. Esses participantes, por sua vez, indicam outros, criando uma rede de contatos que cresce conforme o interesse do pesquisador. Esse método é particularmente eficaz quando se trata de populações de difícil acesso, como os imigrantes brasileiros de segunda geração, foco deste estudo.

No contexto desta pesquisa, o professor Carlos Eduardo Siqueira desempenhou um papel fundamental, pois ele foi o primeiro ponto de contato que me conectou com o Instituto Gaston e com os principais atores envolvidos na investigação. Como Vinuto (2014) sugere a figura-chave, é essencial para iniciar o processo de amostragem por bola de neve, facilitando o acesso a redes relevantes.

Durante as primeiras conversas, o professor Carlos Eduardo Siqueira levantou a questão da compensação financeira para os entrevistados, uma prática comum nos Estados Unidos. Como ele explicou, muitos imigrantes não poderiam abdicar de seu

tempo de trabalho sem receber alguma forma de retribuição. Embora esse fosse um ponto de preocupação, especialmente dado meu orçamento limitado, consegui superar essa barreira com abordagens pessoais e conexões, conforme sugere a técnica de bola de neve.

O professor Carlos Eduardo Siqueira também me apresentou à professora Simone de Lemos, brasileira e responsável pelo curso de português ofertado na UMass Boston, projetado para estudantes com pouca ou nenhuma experiência prévia na língua portuguesa. O curso foca o desenvolvimento de habilidades básicas de audição, fala, leitura e escrita dentro de um contexto cultural.

Após uma reunião com a professora, ficou acordado que eu teria a oportunidade de abordar os acadêmicos matriculados nas turmas de nível I e II de português. No nível I, as aulas ocorreriam às terças-feiras pela manhã, das 10h às 10h50min. Não havia pré-requisitos para esse nível, e qualquer estudante regularmente matriculado na UMass poderia participar do curso. O nível II de português era ministrado às quintas-feiras, das 12h30min às 13h45min, no mesmo prédio, e o pré-requisito era ter concluído o nível I.

Na semana seguinte, preparei-me para realizar as abordagens, confiante de que haveria muitos interessados. Iniciei pela turma de nível II de português, pois eram estudantes com um domínio mais avançado, o que facilitou a comunicação em português. No entanto, algo curioso aconteceu enquanto aguardava o término da aula para apresentar minha proposta, outro pesquisador também estava presente, com o objetivo de recrutar filhos de imigrantes chilenos para suas entrevistas, e ele havia oferecido uma compensação de 50 dólares para os participantes. Quando chegou a minha vez de falar, eu me vi na obrigação de fazer uma piada, brincando com a situação de não ter recursos financeiros disponíveis. Embora não me recorde exatamente das palavras que utilizei, lembro-me de que arranquei risos da turma. Como resultado, saí daquela aula com três entrevistas agendadas e a construção de novas conexões.

Na segunda turma, composta por estudantes iniciantes no aprendizado do português, precisei realizar a abordagem em inglês. Foi a primeira vez que me vi nessa situação, tendo que falar e convencer os alunos sobre a importância de participarem da minha pesquisa, mesmo sem oferecer nenhuma compensação financeira. Com a ajuda da professora Simone em alguns momentos, consegui cumprir essa tarefa. Como resultado da abordagem nas turmas de português, nível I

e II, obtive mais dois agendamentos de entrevistas, incluindo o de minha única entrevistada que não falava português.

Em encontros com pesquisadores brasileiros no Instituto Gaston e em eventos da comunidade acadêmica, como o PUB Boston, consegui estabelecer novas conexões que me levaram a recrutar mais participantes. Eventos como o PUB Boston não só promoveram o intercâmbio acadêmico, como também facilitaram a expansão da minha rede de entrevistados, conforme propõe a lógica de redes da amostragem por bola de neve (Vinuto, 2014).

Outro meio de acesso à rede de contatos foi a comunidade universitária local, o que me proporcionou a oportunidade de conhecer outros pesquisadores brasileiros em um evento Organizado pelo PUB Boston¹⁸. Essa organização reúne aproximadamente 300 pesquisadores brasileiros que vivem na região de Boston. Mensalmente, parte desse grupo se reúne para discutir pesquisas em andamento e estabelecer novas conexões, tanto locais quanto internacionais, nas áreas de pesquisa, inovação e educação.

O evento mensal ocorre sempre na última sexta-feira do mês, sendo aberto ao público e de participação gratuita. Atualmente as reuniões acontecem em uma sala cedida pela Universidade de Harvard, geralmente iniciando às 18h30min. Além das palestras e dos debates, o encontro proporciona um ambiente acolhedor e familiar, oferecendo comidas típicas brasileiras, como pão de queijo. Após as discussões, os participantes são convidados a continuar as conversas em um pub local próximo ao evento, promovendo uma interação mais descontraída e fortalecendo os laços da comunidade acadêmica brasileira na região.

Foi por meio desse envolvimento ativo que estabeleci uma rede de contatos com pesquisadores de Harvard. Fui inserida em um grupo de WhatsApp chamado "Brasil em Harvard", com cerca de 300 participantes. O grupo é destinado a brasileiros que fazem parte da comunidade de acadêmicos de Harvard ou que, de alguma forma, estejam envolvidos com atividades acadêmicas da mesma universidade.

Aproveitando essa conexão, decidi enviar uma mensagem no grupo em busca de pessoas que se encaixassem no perfil desejado para minha pesquisa e que

¹⁸ No website do PUB Boston, as principais atividades descritas pelo centro são: que chegam na região, oferecendo indicações de moradia, locomoção, opções de entretenimento etc; Organização de encontros mensais onde membros da rede e convidados apresentam o que estudam, pesquisam, criam e desenvolvem; Auxílio na adaptação dos universitários e pesquisadores brasileiros à cultura norte-americana; Estabelecimento de rede de contatos baseada em conhecimento.

tivessem interesse em contribuir para a compreensão da segunda geração de brasileiros. Logo após o envio da mensagem, uma das integrantes do grupo respondeu que tinha interesse em participar da pesquisa. Ela era uma brasileira que havia nascido nos Estados Unidos, estudava em Harvard e, atualmente, trabalhava na mesma universidade.

Além disso, o último participante que aceitou colaborar com a pesquisa foi identificado por meio de uma terceira rede de contatos, que surgiu durante uma festa de despedida em homenagem ao professor Carlos Eduardo Siqueira pelo seu trabalho em prol da comunidade brasileira em Massachusetts. Durante esse encontro, pude conhecer outros pesquisadores brasileiros que estavam presentes para prestigiar Eduardo. Uma dessas pesquisadoras com quem tive mais contato foi a professora Clarissa Sousa de Carvalho, que mostrou interesse pela minha pesquisa e me encaminhou o contato do pai de um dos jovens que poderia participar da entrevista.

No dia seguinte ao encontro com a professora Clarissa, enviei uma mensagem de apresentação ao pai desse jovem, que prontamente entrou em contato via ligação e conversou com o filho para que ele pudesse fazer parte da pesquisa, a qual felizmente aceitou. Após uma semana, realizamos uma videochamada para a entrevista.

Um aspecto curioso dessa empreitada em conseguir interlocutores para participar da minha pesquisa foi o fato de que muitos pais demonstraram um desejo genuíno de participar das entrevistas junto aos filhos. Era nítido o imenso orgulho que sentiam pelas conquistas e potencialidades deles. Em três situações específicas, nas quais tive a oportunidade de estabelecer contato prévio com um dos pais, eles compartilharam relatos emocionantes sobre como a decisão de imigrar valeu a pena. O pai de um dos interlocutores da pesquisa relembrou as dificuldades que enfrentou quando jovem no Brasil. Ele expressou com convicção que tomou a decisão certa ao suportar todas as pressões nos Estados Unidos, trabalhando muitas horas, sem tantas oportunidades de crescimento por ser imigrante. Mas, para os filhos, a realidade é diferente. Eles nasceram aqui e, como ele mesmo disse, "meu filho fala mais de um idioma, pode viajar pelo mundo, o passaporte dele vale mais do que qualquer outro". Concluiu dizendo que, olhando para trás, faria tudo novamente pelos seus filhos. Para ele, testemunhar as oportunidades e as possibilidades que seus filhos têm nos Estados Unidos é prova de que a decisão de migrar valeu a pena, especialmente considerando as limitações que ele próprio enfrentou em sua jornada.

Durante um encontro casual nos corredores da universidade com uma futura interlocutora, aproveitei para confirmar se estava tudo certo para nossa entrevista, agendada para o dia seguinte. Ela relatou que sua mãe estava profundamente nervosa com sua participação na pesquisa, a ponto de ter dificuldades para dormir, relembrando todas as dificuldades que enfrentou para garantir que a filha estivesse onde está hoje. A entrevistada sugeriu que fizéssemos a entrevista ali mesmo, tamanha era sua vontade de contar a história de sua mãe. Nas palavras dela: "Eu quero honrar todos os sacrifícios que ela fez, o mundo precisa saber de tudo que ela é capaz, tudo que ela fez por mim". Nesse sentido, a história de vida de seus pais, as experiências e os sacrifícios das gerações anteriores representam um impacto significativo nas trajetórias e nas perspectivas das gerações futuras.

Em suma, estar em uma região com uma comunidade brasileira significativa foi uma grande vantagem para a coleta de dados. A técnica de amostragem por bola de neve, aliada à presença de redes acadêmicas e sociais como o PUB Boston e o grupo "Brasil em Harvard", facilitou a construção rápida e eficaz de uma rede de contatos. A comunicação, predominantemente em português, eliminou barreiras linguísticas e permitiu a criação de laços profundos com os entrevistados, proporcionando uma rica base de dados para a análise da segunda geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos.

4.3.1 As entrevistas

Após o recrutamento dos participantes da pesquisa, foi necessário delimitar qual técnica de entrevista seria aplicada. Optou-se pela técnica de entrevistas semiestruturadas, pois, por meio dela, seria possível identificar sentimentos, pensamentos, valores, percepções e atitudes dos entrevistados (Lakatos; Marconi, 2003; Mcgrath; Palmgren; Liljedahl, 2019). Além disso, a entrevista constitui uma forma de interação social que destaca o uso da linguagem, um dos principais símbolos e signos nas relações humanas, por meio da qual os indivíduos constroem e buscam atribuir significado à realidade ao seu redor (Joveclovitch; Bauer, 2002). Esse formato permite compreender os desafios enfrentados na trajetória dos entrevistados, bem como as estratégias utilizadas para promover sua mobilidade social, incluindo práticas transnacionais.

A entrevista semiestruturada combina uma série de perguntas abertas e fechadas, proporcionando ao interlocutor a oportunidade de dialogar sobre o tema de forma coerente com suas experiências. DiCicco-Bloom e Crabtree (2006, p. 315) afirmam que esse tipo de entrevista é comumente “organizada em torno de um conjunto de questões abertas pré-determinadas, com outras questões emergindo a partir do diálogo entre entrevistador e entrevistado”.

Com base nesses objetivos, elaborou-se o roteiro da entrevista, estruturado para investigar tanto as práticas transnacionais quanto o contexto da imigração dos pais. O roteiro foi organizado em três partes principais, conforme Quadro 1:

1. **Contextualização da imigração dos pais:** a primeira parte do roteiro da entrevista explora os motivos, as circunstâncias e as experiências relacionadas à imigração dos pais, fornecendo uma base sólida para entender o ambiente familiar e social em que os jovens cresceram (Portes; Rumbaut, 2001);
2. **Práticas transnacionais:** a segunda parte foca na identificação das práticas transnacionais, abordando os três eixos centrais da pesquisa: político, econômico e social:

Quadro 1 - Eixo de práticas transnacionais

Eixo Econômico	Envio de remessas Investimento em casas ou bens Número e Frequência de Visitas ao Brasil auxílio financeiro para trazer outros indivíduos
Eixo Social Cultural	Fluência da Língua Portuguesa Participação em eventos sociais, religiosos Consumo de Música Brasileira Consumo de Alimentos Brasileiros Envolvimento com eventos esportivos Consumo de Programas Midiáticos Brasileiros
Eixo Político	Participação eleitoral Engajamento em Organizações comunitárias

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No eixo econômico, o foco será em como os entrevistados e suas famílias mantêm vínculos econômicos com o Brasil. Para isso, vamos avaliar os seguintes aspectos:

- a) **Envio de remessas:** será analisada a frequência com que os entrevistados ou suas famílias enviam dinheiro ao Brasil, a quantidade média enviada e o propósito das remessas (manutenção familiar, investimentos etc.);
- b) **Investimento em casas ou bens:** será avaliado se os entrevistados ou seus familiares investem em propriedades, imóveis ou outros bens no Brasil;
- c) **Número e frequência de visitas ao Brasil:** será analisada a quantidade de viagens realizadas ao Brasil pelos entrevistados;
- d) **Auxílio financeiro para trazer outros indivíduos:** será investigado se os entrevistados ou suas famílias proporcionam apoio financeiro para que outros familiares ou conhecidos emigrem para os Estados Unidos.

No eixo social e cultural, o segundo ponto de análise enfoca as práticas transnacionais de natureza subjetiva para o indivíduo, abrangendo elementos como música, idioma, dança, culinária e esporte, este último particularmente consumido em grande escala no Brasil.

Cada um desses elementos possui diferentes graus de relevância e influência. Por meio desse envolvimento cultural, emerge a capacidade de construir universos simbólicos transnacionais nos quais se desenvolvem "comunidades de afetos". Estas comunidades representam identidades em constante evolução, compartilhamento de preferências, prazeres e aspirações. As atividades culturais transnacionais proporcionam uma maneira de expressar e fortalecer conexões e pertencimentos que transcenderam as fronteiras nacionais, unindo pessoas com base em afinidades culturais e experiências compartilhadas Marques e Góis (2007),

Nesse item, serão identificados:

- a) **Fluência na língua portuguesa:** analisar-se-á o grau de fluência no português entre os entrevistados e como a língua é utilizada no dia a dia, seja em casa, em interações sociais, ou no trabalho;
- b) **Participação em eventos sociais e religiosos:** será investigado o envolvimento dos entrevistados em eventos que remetem às tradições e às culturas brasileiras, como festas, celebrações religiosas, ou encontros sociais;
- c) **Consumo de música brasileira:** serão avaliados os hábitos de consumo de música brasileira pelos entrevistados, incluindo gêneros musicais

preferidos, frequência de consumo e o papel da música na manutenção de um vínculo cultural com o Brasil;

- d) Consumo de alimentos brasileiros:** será investigado o consumo de alimentos típicos brasileiros para entender como os entrevistados mantêm sua conexão com a gastronomia do país de origem. Isso inclui a frequência de consumo, os tipos de alimentos preferidos e o acesso a esses produtos nos Estados Unidos;
- e) Envolvimento com eventos esportivos:** será avaliado se os entrevistados participam ou assistem a eventos esportivos relacionados ao Brasil, como jogos de futebol, ou se praticam esportes ligados à cultura brasileira, como capoeira ou jiu-jitsu;
- f) Consumo de programas midiáticos brasileiros:** será examinado consumo de mídias brasileiras, como novelas, filmes, programas de TV e portais de notícias, a fim de identificar como os entrevistados mantêm o contato com as narrativas culturais e sociais do Brasil.

No eixo político, a análise estará focada em como os entrevistados se engajam politicamente com o Brasil e com as comunidades de brasileiros nos Estados Unidos. Os pontos principais a serem avaliados incluem:

- a) Participação eleitoral:** será investigado se os entrevistados continuam participando das eleições brasileiras, seja votando presencialmente ou no exterior, e quais são suas motivações para essa participação;
- b) Engajamento em organizações comunitárias:** será avaliado o envolvimento dos entrevistados em organizações comunitárias ou políticas voltadas para brasileiros nos Estados Unidos. Isso inclui a participação em iniciativas de apoio aos imigrantes, movimentos políticos ou causas que beneficiem a comunidade brasileira.

Assim como destacado por Marques e Góis (2007), há uma diversidade de formas com as quais os migrantes mantêm suas relações com o país de origem, seja em termos factuais, emocionais ou simbólicos. Além disso, os níveis de envolvimento dos diferentes grupos de migrantes nessas interações variam consideravelmente. Ainda de acordo com os autores, as atividades transnacionais, quando observadas em conjunto, demonstram que, excetuando práticas específicas como o envio de

remessas, o envolvimento dos migrantes tende a ser limitado e, muitas vezes, esporádico. Essa limitação, por sua vez, é acompanhada por uma variabilidade nas práticas transnacionais, influenciada pelos contextos históricos e sociais em que ocorreram os fluxos migratórios. A compreensão dessas variações está, em grande parte, relacionada ao momento da migração e à forma como os migrantes participam nas esferas da sociedade de acolhimento, o que ajuda a explicar as diferenças e as semelhanças nas práticas transnacionais dos migrantes estudados.

A terceira parte da entrevista teve como objetivo compreender a trajetória educacional e profissional dos jovens entrevistados, buscando compreender de que forma as atividades transnacionais foram capazes de influenciaram suas escolhas e oportunidades nesses âmbitos.

As entrevistas foram conduzidas no período de dezembro de 2022 a março de 2023, totalizando 12 entrevistas semiestruturadas com jovens entre 18 e 29 anos. A coleta de dados ocorreu tanto presencialmente quanto remotamente, levando em consideração a disponibilidade e as preferências dos entrevistados. Entre os entrevistados, havia sete mulheres e cinco homens, dos quais apenas dois nasceram no Brasil, embora tenham vindo para os Estados Unidos com menos de dois anos de idade.

Durante as entrevistas remotas, utilizou-se a plataforma *Microsoft Teams*, que não impactou negativamente no processo em comparação com as entrevistas presenciais. Os entrevistados demonstraram boas habilidades tecnológicas e não encontraram dificuldades para acessar as reuniões. É relevante destacar que o uso de aplicativos de videoconferência, como *Zoom* e *Microsoft Teams*, tornou-se amplamente difundido durante a pandemia, possibilitando que pessoas ao redor do mundo se conectassem virtualmente, especialmente em função das restrições de distanciamento social e *lockdowns* em diversas regiões. A tecnologia foi cada vez mais utilizada para manter o contato com amigos e familiares.¹⁹

No que se refere ao idioma, apenas uma das entrevistas foi conduzida em inglês, devido à falta de fluência da interlocutora na língua portuguesa. Entretanto, mesmo os participantes que não dominavam plenamente o idioma demonstraram

¹⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/06/03/zoom-registra-alta-de-usuarios-e-de-faturamento-com-maior-demanda-durante-a-pandemia-de-coronavirus.ghtml>; <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/tecnologia/a-explosao-das-videoconferencias-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

notável empatia e dedicação, esforçando-se para realizar as entrevistas em português. Muitos deles, apesar de enfrentarem dificuldades em partes mais complexas da conversa, optaram por se comunicar em português, evidenciando o desejo de praticar o idioma e fortalecer sua identidade como brasileiros. Quando isso não era possível, parte das respostas era dada em inglês.

Um fator essencial que facilitou a obtenção dos dados desses jovens foi o sentimento de conexão que desenvolveram comigo durante as entrevistas. Em muitos momentos, ficou evidente que, apesar de termos crescido em países diferentes, compartilhávamos experiências culturais similares, como o consumo de programas de televisão e desenhos animados, além das tradições familiares típicas das tardes de domingo. Essa sensação de proximidade gerou um ambiente de confiança, o que favoreceu o aprofundamento das conversas e permitiu que os entrevistados se sentissem à vontade para compartilhar suas histórias de maneira mais aberta e sincera.

Segundo Minayo (2001), o vínculo entre o pesquisador e o participante pode influenciar positivamente o processo de coleta de dados, especialmente quando há uma identificação mútua que favoreça a empatia e a confiança. Esse laço facilita a criação de um ambiente confortável, no qual o entrevistado se sente mais disposto a revelar aspectos íntimos de sua vida e a participar de uma interação mais profunda.

Além disso, Fontana e Frey (2000) entendem a entrevista como um "texto negociado", que emerge de um processo colaborativo e interativo entre entrevistador e entrevistado. Esse conceito reflete a ideia de que os dados gerados em pesquisas com entrevistas semiestruturadas ou abertas são fruto de uma interação dinâmica, em que tanto as trocas verbais quanto as não verbais desempenham papéis importantes na construção do conhecimento. Assim, o resultado final não é apenas uma coleta de informações, mas uma criação compartilhada entre ambos os envolvidos.

Em vários momentos, percebi que esses jovens me observavam com certo fascínio. Como eu estava fazendo doutorado, recebendo uma bolsa e tendo oportunidades, isso os fazia refletir sobre as histórias contadas por seus pais, que sempre afirmaram ter saído do Brasil para proporcionar melhores oportunidades para eles. Isso levantava questionamentos, como: o Brasil agora seria um lugar melhor para se viver? Da mesma forma que eles me explicavam como acessaram a universidade nos Estados Unidos, eu lhes expliquei como ganhei uma bolsa de estudos do governo brasileiro e que não precisei pagar pelos meus estudos, ao

contrário do que ocorre com eles, que têm de arcar com os custos, a maioria deles não sabia dessa informação, então foi muito positiva, a troca de informações.

Assim como eles me relataram aspectos de seu país de residência, eu compartilhei informações sobre o Brasil que eles desconheciam. Expliquei sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) e mencionei programas de políticas públicas, como o PROUNI e o Bolsa Família. Foi uma verdadeira troca de ideias e conhecimentos sobre um país que, afinal, também é o deles.

Nesse sentido, Fraser e Gondim (2004) alertam que, nessa troca, busca-se não apenas entender as opiniões das pessoas, mas também as motivações, os significados e os valores que as fundamentam. O entrevistador assume um papel menos diretivo para favorecer um diálogo aberto, permitindo que novos aspectos emergentes sejam revelados. A realidade social é vista como algo construído nas interações, e os significados são atribuídos de forma subjetiva pelos atores sociais.

Como estratégia metodológica para a análise das entrevistas, adotou-se a técnica de análise de conteúdo. Essa abordagem proporciona uma investigação sistemática e rigorosa das informações qualitativas coletadas por meio das entrevistas e dos formulários preenchidos pelos participantes. A análise de conteúdo permite identificar padrões, categorias e significados subjacentes às narrativas, contribuindo para uma compreensão aprofundada e interpretativa das trajetórias dos 12 jovens em estudo.

A análise de conteúdo é uma técnica de análise de dados qualitativos, a qual Bardin (2011, p. 15) define como:

um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a 'discursos' (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência.

A interpretação dos resultados obtidos será conduzida por meio da inferência, uma modalidade de interpretação controlada. Segundo Bardin (2011), a inferência baseia-se nos componentes fundamentais do mecanismo tradicional da comunicação, que envolve, por um lado, a mensagem com seu significado, código e meio de transmissão, e, de outro lado, o emissor e o receptor, no que participam do processo comunicativo.

Nesse contexto, conforme Bardin (2011), emerge a necessidade de confrontar discursos e práticas, explorando possíveis convergências. Ao se deparar com temas divergentes, cabe ao pesquisador discernir afinidades que possam surgir. Dentro desse processo, a proposição é abordada como um enunciado abrangente fundamentado nos dados. Ao contrário dos conceitos, que podem ou não se adaptar, as proposições são categorizadas como verdadeiras ou falsas, independentemente de o pesquisador conseguir ou não as evidenciar. Dessa forma, as proposições resultam de uma análise minuciosa e detalhada dos dados coletados.

Bardin (2011) também preconiza a retomada do referencial teórico que apoiou a pesquisa no momento da interpretação dos dados. Isso ocorre porque as interpretações baseadas em inferências buscam desvendar significados além do que está superficialmente expresso nas palavras, proporcionando uma compreensão mais profunda do discurso contido nos enunciados.

De acordo com Bardin (2011), a seleção das unidades de análise é encarada como uma decisão consciente, delineada pelos objetivos da pesquisa e pelos dados obtidos durante a imersão no material estudado, bem como nas teorias subjacentes. Essa escolha segue uma sequência com bases psicológicas, apresentando extensão variável e a capacidade de abranger ou insinuar-se em diversos outros temas. O destaque das unidades temáticas de análise, que representam segmentos específicos do texto, é obtido por meio de um processo dinâmico e indutivo. Esse processo exige uma atenção ora voltada para a mensagem explícita, ora para os significados implícitos no contexto.

No processo de análise, as unidades de análise serão selecionadas cuidadosamente, com base nos objetivos da pesquisa e nos dados obtidos nas entrevistas. A escolha dessas unidades, que são segmentos específicos do texto, permitirá identificar padrões de respostas que revelem como as atividades transnacionais desses jovens de segunda geração influenciaram positivamente suas trajetórias individuais.

Nosso foco não será quantificar a frequência de práticas transnacionais, mas interpretar os momentos narrativos em que os jovens perceberam, de forma consciente ou inconsciente, que essas práticas trouxeram oportunidades e influenciaram aspectos importantes de suas vidas. A análise será qualitativa e interpretativa, centrada nas histórias e nas experiências compartilhadas pelos

participantes, buscando compreender como as práticas transnacionais se manifestaram e impactaram suas trajetórias de vida.

4.3.2 *Interlocutores da pesquisa*

Nesta seção, serão apresentados os participantes da pesquisa, considerando também os fatores relacionais evidenciados por Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008), como os elementos externos que são impactantes ao se delinearem as trajetórias da segunda geração como o capital humano dos pais, os modelos e a incorporação de cada um deles no país de destino, além das redes de apoio disponíveis ao longo de suas trajetórias, como a composição familiar. Esses são considerados como estratégias de mobilidade que podem se traduzir em competitividade no mercado de trabalho do país anfitrião e em potencial para alcançar posições desejáveis na hierarquia norte-americana de status e riqueza.

Dessa maneira, será conduzida uma análise abrangente desses três fatores externos, incorporando na análise momentos em que os aspectos das vivências transnacionais foram capazes de influenciar a trajetória de mobilidade mesmo quando os fatores externos da sua trajetória os colocaram em desvantagem.

Neste estudo, além das entrevistas semiestruturadas, os participantes foram convidados a preencher um formulário abrangente. Essa abordagem visa proporcionar uma visão completa deste grupo, destacando aspectos fundamentais como a composição familiar, modalidades de incorporação da primeira geração e o capital humano à disposição, incluindo histórico educacional e ocupações (Portes; Haller; Fernández-Kelly, 2008). A compreensão dessas características desempenha um papel fundamental na pesquisa, fornecendo indicadores significativos sobre a trajetória dos jovens da segunda geração.

O capital humano dos pais, conforme definido por Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008), é determinado pela educação formal e pelas habilidades ocupacionais. Quando a primeira geração possui um nível educacional robusto, é possível, desde que haja um modelo de incorporação favorável, converter esse capital em oportunidades para a segunda geração. Entretanto apenas 23% dos pais dos entrevistados possuem ensino superior completo, sendo esse o caso tanto do pai quanto da mãe de um mesmo entrevistado. Um pouco mais de 70% dos pais dos

entrevistados concluíram o ensino médio, uma das mães tem como seu maior nível educacional até o 5º ano do ensino fundamental²⁰.

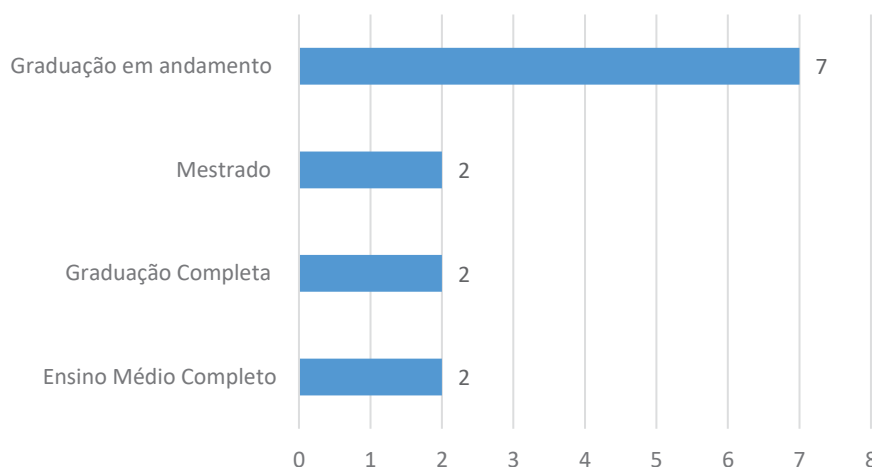
Em relação às habilidades ocupacionais, cerca de 70% das mães dos entrevistados, estão envolvidas em serviços como a limpeza de casas, trabalham em restaurantes ou atuam como babás. Apenas uma delas possui o próprio negócio, sendo a única mãe que não é brasileira. Além disso, há duas professoras e uma corretora de imóveis. No que diz respeito aos pais dos entrevistados, embora o número de pais que trabalham na área de serviços seja menor em comparação com as mães, ainda é significativo, representando cerca de 50% deles, com atividades em construção, restaurantes e limpeza. Outros 30% são proprietários do próprio negócio, enquanto 20% são engenheiros.

Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008), destacam que nos casos em que a primeira geração esteja limitada a ocupações com menor reconhecimento econômico, como é o caso dos pais dos entrevistados, a educação é uma das principais estratégias associadas a mobilidade entre a segunda geração de imigrantes. Nesse contexto, observa-se no Gráfico 11, a seguir, o nível educacional da segunda geração, abrangendo desde a conclusão da graduação²¹ até a continuidade dos estudos em cursos de graduação em andamento e mestrado e apenas dois dos entrevistados concluíram o ensino médio.

²⁰ Uma análise significativa nesse contexto é que o baixo nível de escolaridade observado nos pais dos entrevistados reflete os padrões educacionais do Brasil em termos gerais durante as décadas de 1980 e 1990, período em que ocorreu a imigração de grande parte deles (Helene, 2012).

²¹ Neste texto, adotamos os termos "ensino médio", "graduação" e "Mestrado" do sistema educacional brasileiro para facilitar a compreensão do leitor, ao nos referirmos aos equivalentes nos Estados Unidos, que são conhecidos como "high school" (escola secundária), "Undergraduate" e "graduate education". Essa escolha de terminologia foi feita com o objetivo de tornar o texto mais acessível aos leitores familiarizados com o sistema brasileiro, proporcionando uma comparação direta com os termos equivalentes nos Estados Unidos.

Gráfico 11 - Nível de escolaridade dos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

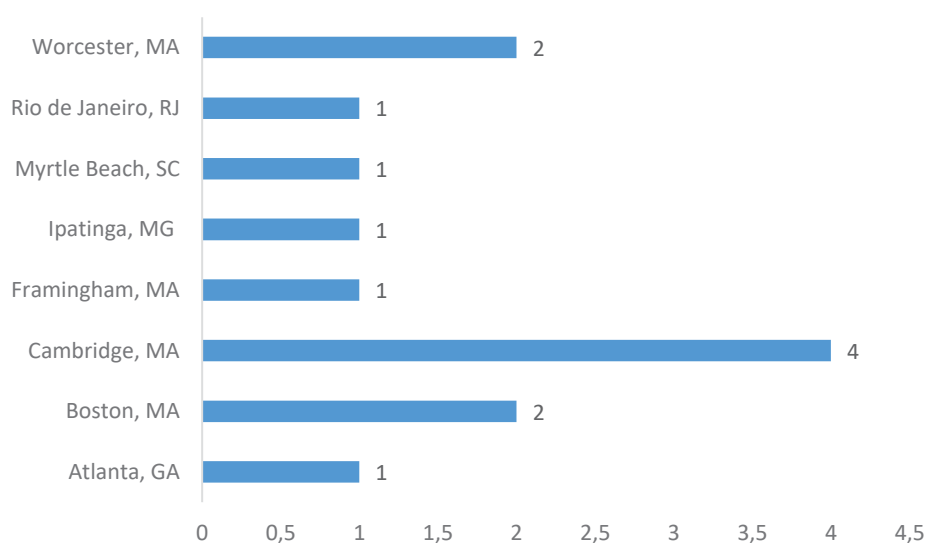
Isso fica claro diante da grande porcentagem da segunda geração percorrendo o sistema educacional, que ocupam posições no mercado de trabalho, bem diferente dos seus pais, tais como associado sênior de vendas de câmbio, pesquisador, estudante, coordenador educacional, assistente médico, assistente jurídico e até mesmo proprietário de negócio. É notável que apenas um entrevistado declarou estar desempregado no momento, uma decisão consciente para priorizar seus estudos futuros. Assim, explorou-se como essa diversidade de ocupações pode ou não ter sido influenciada pelo nível de práticas transnacionais.

Nas entrevistas, também se indagou aos participantes sobre a percepção do nível de proficiência em inglês de seus pais, categorizando-o como bom, regular ou ruim. A maioria dos entrevistados, cerca de 90%, relata que tanto o pai quanto a mãe possuem um bom nível de inglês, indicando uma habilidade linguística sólida dentro dessas famílias.

Reconheceu-se a extrema importância da habilidade de comunicar-se no idioma local para a integração desses indivíduos na sociedade. Gazzola (2017) examina a associação entre o conhecimento da língua e a situação de emprego dos imigrantes, confirmando que os imigrantes com conhecimentos bons ou muito bons da língua de acolhimento têm uma maior probabilidade de se encontrarem empregados, ou seja para fins de comunicação, estabelecimento de amizades, trabalho, estudo ou execução de tarefas cotidianas.

Os entrevistados têm origens geográficas diversas, provenientes de cidades como Cambridge, MA, Boston, MA, Rio de Janeiro, RJ, Framingham, MA, Myrtle Beach, SC, Worcester, MA, Atlanta, GA e até mesmo Ipatinga, MG, no Brasil. O local de nascimento dos entrevistados desempenha um papel fundamental nesta análise. A partir das informações obtidas por meio do formulário e das entrevistas, foi possível identificar a presença de uma comunidade étnica mais ou menos fortalecida e como essa diferença pode influenciar o nível de envolvimento transnacional dos jovens (Levit, 2002). Além disso ao entender onde os indivíduos cresceram e qual a intensidade de contato com a comunidade étnica é um dos fatores externos a serem observados por Portes e Rumbaut (2001). Segundo os autores, fazer parte de uma rede étnica fortalecida pode contribuir para a preservação de elementos-chave da cultura parental, como o bilinguismo.

Gráfico 12 - Cidade e estado de origem dos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

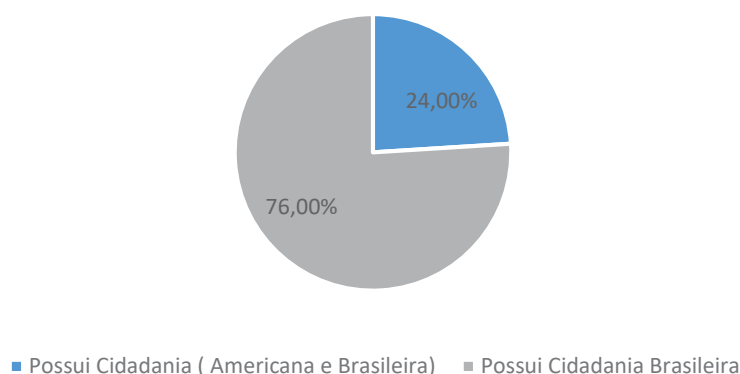
Observa-se que a maioria dos entrevistados nasceu no estado de Massachusetts, indicando uma concentração geográfica significativa nessa região, conforme já conhecido. Contudo, é imperativo ressaltar que a informação sobre o local de nascimento não reflete necessariamente a distribuição atual dos entrevistados, uma vez que as cidades mais mencionadas durante as entrevistas como locais de moradia são Everett e Framingham. Isso sugere que, embora tenham nascido em

diferentes lugares, esses indivíduos tenham se estabelecido em áreas específicas do estado de Massachusetts, onde a presença da comunidade brasileira é significativa, corroborando a preposição dos autores em relação à manutenção da língua parental. Dentre os 13 entrevistados, apenas uma não falava português fluentemente. A questão do uso da língua portuguesa como uma prática transnacional será abordada a diante.

Para Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008), a concretização do potencial dos imigrantes em realizações efetivas depende do contexto em que são incorporados. Fatores como recepção favorável ou, pelo menos, neutra por parte das autoridades governamentais, a aceitação complacente ou, no mínimo, não hostil da população local, e a existência de redes sociais com comunidades coétnicas bem estabelecidas e prósperas abrem as portas para a utilização efetiva de quaisquer credenciais ou habilidades que tenham sido trazidas de seus locais de origem.

Sobre as formas de incorporação, sabe-se que, em apenas dois casos, a entrada ocorreu por meio da fronteira, sendo uma vinda do México e outra da Guatemala. No entanto, a grande maioria optou pela rota do turismo, que foi um próspero negócio nas décadas de 1980 e 1990, como apontado por Margolis (1994). Ademais, todos os entrevistados afirmaram que tanto o pai quanto a mãe possuem alguma forma de documentação que lhes permite entrar e sair do Brasil, bem como facilitar sua estada no país. No entanto, apenas 24% deles são oficialmente cidadãos e têm dupla cidadania, consoante mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 13 - Distribuição dos pais em relação a cidadania



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Kasinitz (2002) aponta que a composição familiar em famílias estendidas, onde avós e os irmãos mais velhos desempenham papéis importantes na motivação e na supervisão dos adolescentes, observa-se uma influência significativa no engajamento transnacional. Esses membros da família estendida não apenas contribuem para o apoio emocional, mas também desempenham um papel fundamental na orientação e no estabelecimento de padrões comportamentais positivos entre os adolescentes.

A seguir, será fornecido um quadro que reúne informações importantes abarcando os três fatores de mobilidade, o modelo de incorporação, o capital humano e a composição familiar. Estes dados desempenharão um papel fundamental na delineação da trajetória da segunda geração, como será explorado na próxima seção. Nesse contexto, serão examinados a partir dos fatores externos, como as práticas transnacionais impactam as trajetórias individuais dos filhos de imigrantes brasileiros, especialmente, no âmbito educacional e profissional, conforme quadro a seguir:

Quadro 2 - Capital humano, composição familiar e modo de incorporação

Nome	Modo de Incorporação		Capital Humano						Composição Familiar	
	Tipo De Visto	Documentação	Nível De Escolaridade Da Mãe	Nível De Escolaridade Do Pai	Ocupação Da Mãe	Ocupação Do Pai	Nível De Inglês Da Mãe	Nível De Inglês Do Pai	Possuem Familiares Próximos?	
Juliana	Visto de Turista (Pai e Mãe)	Possui Cidadania Americana (Pai E Mãe)	Nível Superior	Nível Superior	Professora	Engenheiro	Bom	Bom	Sim	
Luis	Visto de Turista (Pai e Mãe)	Possui Documentação Legal (Pai E Mãe)	Nível Superior	Nível Superior	Professora	Engenheiro	Regular	Bom	Sim	
Bianca	Visto de Turista (Pai e Mãe)	Possui Documentação Legal (Pai E Mãe)	Ensino Médio	Ensino Médio	Corretora de Imóveis	Proprietário do Negócio	Bom	Bom	Sim	
José	Visto de Turista (Pai e Mãe)	Possui Documentação Legal (Pai E Mãe)	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Baby Sister	Serviços em Restaurante	Ruim	Bom	Sim	
Raissa	Visto de Trabalho (Pai)	Possui Cidadania Americana (Pai E Mãe)	Ensino Médio	Ensino Médio	Serviços em Limpeza	Serviços em Restaurante	Bom	Bom	Não	
Leticia	Entrada pela Fronteira da México (Pai e mãe)	Possui Documentação Legal (Pai E Mãe)	Ensino Médio	Ensino Médio	Serviços em Limpeza	Serviços em Restaurante	Regular	Regular	Sim	
Taciana	Visto de Turista (Pai e Mãe)	Possui Documentação Legal (Pai E Mãe)	Ensino Médio	Ensino Médio	Serviços em Limpeza	Serviços em Limpeza	Bom	Bom	Sim	
Gabriel	Entrada pela Fronteira da Guatemala (Pai)	Possui Documentação Legal (Pai E Mãe)	Ensino Médio	Ensino Médio	Serviços em Limpeza	Proprietário do Negócio	Bom	Bom	Sim	
Alice	Visto de Turista (Pai e Mãe)	Possui Documentação Legal (Pai E Mãe)	Ensino Médio	Ensino Médio	Serviços em Limpeza	Proprietário do Negócio	Bom	Bom	Sim	
Luis	Visto de Turista (Pai e Mãe)	Possui Documentação Legal (Pai E Mãe)	Ensino Médio	Ensino Médio	Serviços em Limpeza	Proprietário do Negócio	Bom	Bom	Sim	
Jessica	Visto de Turista (Pai e Mãe)	Possui Cidadania Americana (Mãe)	Ensino Superior	Ensino Superior	Proprietária do negócio	Proprietário do Negócio	Bom	Ruim	Não	
Tadeu	Visto de Turista (Pai e Mãe)	Possui Documentação Legal (Pai E Mãe)	Ensino Médio	Ensino Médio	Serviços em Limpeza	Serviços em Limpeza	Bom	Bom	Sim	
Moises	Visto de Turista (Pai e Mãe)	Possui Documentação Legal (Pai E Mãe)	Ensino Médio	Ensino Médio	Serviços em Limpeza	Serviços em Construção	Bom	Bom	Sim	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A seguir, apresenta-se um quadro contendo os dados dos entrevistados, bem como suas narrativas, para que se tenha um melhor panorama dos interlocutores que serão analisados.

Quadro 3 - Dados dos entrevistados

Nome ²²	Idade	Profissão	Universidade Vinculada	Nível de Ensino	Cidade onde Nasceu
Juliana	26 anos	Associado Sênior de Vendas de Câmbio	Bentley University	Graduação Completa	Cambridge, MA
Luís	24 anos	Pesquisador	University of Massachusetts Boston	Mestrado	Cambridge, MA
Bianca	24 anos	Desempregado	University of Massachusetts - Boston	Graduação Completa	Rio de Janeiro, RJ
José	21 anos	Estudante	University of Massachusetts - Boston	Graduação em andamento	Boston, MA
Raíssa	20 anos	Estudante	University of Massachusetts - Boston	Graduação em andamento	Boston, MA
Letícia	27 anos	coordenadora Educacional	Harvard Graduate School of Education	Mestrado	Framingham, MA
Taciana	29 anos	Assistente Médico	University of Massachusetts Boston	Graduação em andamento	Cambridge, MA
Gabriel	23 anos	Assistente Jurídico	Suffolk University	Graduação em andamento	Myrtle Beach, SC
Alice	22 anos	Estudante	Clark University	Graduação em andamento	Worcester, MA
Luís	21 anos	Proprietário de Negócio	Não frequentou	Ensino Médio Completo	Atlanta, GA
Jéssica	20 anos	Estudante	University of Massachusetts - Boston	Graduação em andamento	Worcester, MA
Tadeu	20 anos	Estudante	University of Massachusetts - Boston	Graduação em andamento	Ipatinga, MG

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

²² Os nomes utilizados nesta pesquisa são fictícios e foram criados com o único propósito de preservar a privacidade dos indivíduos mencionados.

Assim, apresentou-se o perfil dos participantes, descrevendo suas origens, idades, profissões, formações acadêmicas e locais de nascimento. Essa caracterização inicial fornece uma base importante para se compreender as diferenças de contexto entre os interlocutores e servirá como ponto de partida para a análise aprofundada das práticas transnacionais nos capítulos seguintes.

Além disso, foram examinados os fatores que influenciaram o engajamento dos participantes, relacionando suas práticas ao contexto familiar em às trajetórias. Essa abordagem permite observar como essas influências impactam na forma como cada um mantém seus vínculos com o país de origem.

5 CAPÍTULO IV – PRÁTICAS TRANSNACIONAIS DA SEGUNDA GERAÇÃO DE IMIGRANTES BRASILEIROS EM MASSACHUSETTS

Este capítulo conduzirá a uma análise do engajamento transnacional dos jovens participantes da pesquisa, com ênfase na identificação do processo pelo qual estabeleceram conexões ao longo de suas trajetórias, possibilitando o acesso a oportunidades educacionais ou profissionais. Seguindo a perspectiva de Smith (2002), argumenta-se que as práticas transnacionais observadas entre a segunda geração de imigrantes resultam de um processo dual influenciado tanto pela integração quanto pelo contexto social local da imigração. De acordo com o autor, essas práticas são o resultado de ações intencionais realizadas conscientemente pelos jovens imigrantes, visando escapar de aspectos negativos associados à assimilação. Por meio dessas práticas, eles conseguem manter e fortalecer laços com sua herança parental, mesmo quando inseridos na cultura e na sociedade do país receptor.

5.1 Práticas transnacionais na Esfera Econômica: construindo conexões com quem está no Brasil

Sempre. Sempre me senti assim. Eu nunca... sei lá que eu, eu tenho amigos que também nasceram, cresceram aqui, mas a família de outro lugar. Eles já explicaram que, tipo: “ - Nossa, tinha uma época na minha vida que eu queria tudo na, nossa... eu só queria ser americana, só queria ser branca, só queria para ser igual o meu, os nossos amigos na escola que a gente cresceu”. Eu nunca tive essa vontade. Eu amo ser brasileira, eu amo ter essa diversidade, eu amo saber falar português, eu amo, eu amo ser de onde eu sou. Graças a Deus nunca teve essa época da minha vida, onde nós queríamos ser iguais a essas outras pessoas, nunca. Mas eu acho que porque eu, eu cresci com meus pais, eles sempre falando para mim que era tão... eles sempre explicaram que era tão, como é importante saber falar português de gostar de onde eu sou. Eu também, tipo, eu viajei muito pro Brasil, então não dá para não amar o Brasil (Alice, 2023).

Quando se perguntou para Alice se ela sempre se sentiu brasileira, ela respondeu de forma que refletiu as percepções de muitos outros entrevistados. Ela trouxe à tona seu vínculo com o Brasil, destacando o quanto as viagens frequentes ao país moldaram sua relação com a cultura brasileira. No final de sua resposta, Alice afirmou: “Eu viajei muito para o Brasil, então não dá para não amar o Brasil”. Essa passagem ilustra o envolvimento contínuo de Alice com o país, apontando para as

inúmeras vivências transnacionais que ela produziu ao longo dos anos por meio das suas visitas regulares ao Brasil, desde a infância.

Portanto, analisaram-se as seguintes práticas no eixo econômico: envio de remessas, visitas frequentes ao Brasil, auxílio na chegada de novos imigrantes e possíveis investimentos da segunda geração.

Os resultados referentes ao eixo econômico revelaram um envolvimento limitado da segunda geração com práticas de envio de remessas para familiares no Brasil. A segunda geração dessa pesquisa parece não ter a obrigação de continuar alimentando as redes de envio de remessas, tão importantes para a manutenção de redes familiares no país de origem (Hass, 2007; Martes, 2008; Oliveira, 2021).

Carlos, entrevistado, embora não participe diretamente do envio de remessas, tem consciência de que sua mãe continua auxiliando financeiramente várias pessoas no Brasil. No entanto, em alguns momentos, Carlos lembra de pedir que o valor que sua mãe normalmente lhe dá de presente de aniversário fosse direcionado aos seus primos no Brasil, com quem ele desenvolveu laços afetivos durante as visitas ao país.

Além disso, embora Carlos não tenha auxiliado diretamente ninguém a imigrar para os Estados Unidos, ele desempenhou um papel fundamental no apoio aos membros da família que chegaram ao país. Carlos, então, considera-se uma rede de apoio aos imigrantes brasileiros, servem como mecanismos de suporte social e integração econômica, reduzindo os riscos e os custos associados à imigração, fornecendo àqueles que chegam informações, recursos e conexões que facilitam sua inserção na sociedade de destino.

Taciana e Gabriel não sabem exatamente para quem seus pais enviam dinheiro, mas sabem que essa continua sendo uma prática muito comum em suas famílias. Eles comentam que o dinheiro que seus pais enviam há muito tempo continua sendo feito de maneira constante. "Minha mãe manda dinheiro para o meu avô, às vezes. Mandava dinheiro para a minha tia e para o meu tio, às vezes. [...] Meu pai manda dinheiro para o Brasil direto. É, eu não sei para quem, só sei que ele manda." (Gabriel, 2023).

Luís revela que, apesar de saber em alguns momentos que seus pais enviavam dinheiro para algum parente no Brasil, ele nunca procurou saber para quem eles enviavam e, também, não soube dizer se essa prática ainda existe em sua família. Entretanto, ele menciona que sua família trouxe vários membros para os Estados Unidos, incluindo sua avó e tias, o que parece ter reduzido ainda mais a necessidade

de enviar dinheiro para o Brasil, já que boa parte de seus parentes mais próximos agora reside nos EUA.

Jéssica, Bianca, Alice e Juliana são parte da segunda geração que refletiu uma mudança significativa nas práticas transnacionais econômicas de suas famílias, especialmente no que se refere ao envio de remessas financeiras e bens materiais para familiares no Brasil. Essa prática, que era bastante comum durante sua infância, foi gradualmente deixada de lado à medida que mais membros da família se mudaram para os Estados Unidos.

Okay, antigamente mandamos bastante, porque hoje em dia, tipo, tá todo mundo aqui. Só que antigamente mandava todo mês, pra família, se alguém precisava, tipo, 'tal e tal, está começando a escola', mandava dinheiro. 'A avó reformou a casa dela', mandava dinheiro. Like, mandava dinheiro every month. E também roupas, materiais. Nós ia na loja de um dólar, porque loja de dólar você dá para comprar bastante coisa. Comprava tudo, tudo! Roupas de neném, comprava... not always loja de um dólar, também fomos lá no Walmart, no Target. Comprava pasta de dente, material escolar (Jéssica, 2023).

O relato de Jéssica evidencia como, no passado, o envio de remessas e bens era uma prática regular e essencial para a família, que regularmente enviava dinheiro e itens básicos para apoiar a educação e o bem-estar dos parentes no Brasil. Hoje, com a maior parte da família já estabelecida nos Estados Unidos, essa prática se tornou desnecessária.

Juliana compartilha que tanto sua mãe quanto seu pai trouxeram praticamente toda a família para os Estados Unidos, com exceção de alguns tios que permaneceram no Brasil. A migração foi significativa, especialmente para o lado materno, pois toda a família de sua mãe, incluindo seus avós, decidiu se estabelecer nos EUA. Essa decisão de vir foi influenciada, em grande parte, pelo fato de que muitos familiares já haviam migrado para o novo país, criando uma rede de apoio familiar robusta. Isso explica o fato de sentir uma forte conexão com o Brasil (Levitt, 2002).

Em relação às visitas ao Brasil, as experiências entre os membros da segunda geração entrevistados nesta pesquisa variam amplamente — desde aqueles que visitaram o país mais de 20 vezes até os que foram apenas uma vez. Essa variação pode ser explicada por fatores como a estrutura familiar. Para alguns, a maioria ou toda a rede de parentes migrou para os Estados Unidos, o que reduz a necessidade ou o desejo de retornar ao Brasil. Outros participantes podem ter conexões familiares

mais extensas ou importantes no Brasil, o que incentiva visitas frequentes. Além disso, fatores como o custo das viagens e as responsabilidades acadêmicas e profissionais nos EUA também influenciam a frequência dessas visitas, moldando a forma como cada um mantém os vínculos com o país de origem.

No entanto, não há nenhum jovem da segunda geração que nunca esteve no Brasil, o que sugere um nível de envolvimento maior por parte desse grupo. Levitt (2002) sugere que visitas regulares ao país de origem possibilitam que tanto a primeira quanto a segunda geração de imigrantes mantenha conexões emocionais, culturais e sociais com sua terra natal. Essas viagens fortalecem o sentimento de pertencimento e de identidade, estabelecendo uma ligação entre o país de acolhimento e o de origem, além de promoverem a continuidade das práticas transnacionais ao longo das gerações.

Bianca e Alice são as entrevistadas que mais fizeram visitas ao Brasil. Elas comentam que, desde seu nascimento, vão uma vez ao ano ao Brasil para passar as férias de verão no Rio de Janeiro. Elas conhecem o Brasil em diferentes regiões e até falam com sotaque carioca. Não apenas visitam o Rio de Janeiro, cidade de origem de seus pais, mas exploram diferentes partes do país, desde o Nordeste até o Sul, passando por cidades como Fortaleza, São Paulo, Curitiba e Balneário Camboriú. Elas contam que todas as vezes que vão ao Brasil, alugam um carro e vão juntas conhecer o país.

Para elas, Bianca e Alice, visitar o Brasil foi possível tanto pela condição financeira dos pais, que permitiu arcar com os custos das viagens, quanto pela documentação que lhes assegurava uma entrada e uma saída sem complicações. No caso de Bianca e Alice, assim como dos demais participantes, observou-se que todos os pais possuem algum tipo de documentação legal para estar nos Estados Unidos, o que certamente facilitou as viagens frequentes dessa segunda geração.

Assim como Bianca e Alice, Letícia compartilhou seu profundo envolvimento com o Brasil, mencionando que já visitou o país cerca de dez vezes ao longo da vida. Ela destacou sua afinidade especial pelo Nordeste, mencionando que se sente muito conectada à Bahia e Natal. Além disso, mencionou que, nas visitas a Minas Gerais, se sente mais em casa em Abre Campo, cidade de sua mãe, onde fez muitos amigos na infância, embora também tenha familiares em Governador Valadares. "Eu adoro o Nordeste. [...] Se eu pudesse morar na Bahia, eu morava na Bahia, sério". Letícia, sua familiaridade com diversas regiões do Brasil, assim como sua vontade de morar no

país, mostram o quanto suas visitas são importantes para manter seu vínculo transnacional.

Essa é uma prática que se confunde entre práticas econômicas e culturais e, por que não, políticas. Portes (2013) já nos alertava sobre a dificuldade de colocar uma prática localizada em apenas um eixo, pois muitas se sobrepõem. Basch; Glick-Schiller; Szanton-Blanc, (1994). reforçam que as frequentes idas ao país de origem dos pais não apenas sustentam laços econômicos e familiares, mas também são fundamentais para criar senso de pertencimento, principalmente entre a segunda geração, que vive entre os dois mundos.

Dessa forma, Bianca, Alice e Letícia, ao transitarem com tanta frequência entre esses dois mundos, têm suas práticas em outros eixos mais acentuada. Isso sugere que um dos fatores que explicam o envolvimento transnacional da segunda geração pode ser a frequência de visitas que fizeram durante sua vida.

Gabriel é outro jovem que relata ter visitado o Brasil cerca de dez vezes ao longo de sua vida, com estadas que variam de duas semanas até seis a sete meses em uma única visita. Assim como Bianca, Alice e Letícia, Gabriel não se limitou apenas a conhecer a região de seus pais. Por meio dessas experiências, familiarizou-se com diversos estados do Brasil, como Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e alguns do Nordeste.

Essas viagens a diferentes regiões do Brasil proporcionaram a Gabriel uma compreensão mais profunda da diversidade cultural e linguística do país. Ele menciona as diferenças de sotaque, estilos de vida e até preferências culinárias entre as regiões que visitou, destacando sua apreciação pela comida mineira, que ele considera a melhor do mundo. As visitas também fortaleceram seu senso de pertencimento a Governador Valadares, cidade de onde sua família é originária e que possui grande relevância no cenário migratório em Massachusetts (Margolis, 1994; Sales, 1999; Martes, 2011; Assis, 2007).

Mas é, então, tipo assim, eu percebi que em Minas, a comida é muito boa. Em São Paulo, a vida é mais corrida do que em Minas. E o pessoal de São Paulo, eles são mais, é... o sotaque, é diferente, né? Fala "porta", esses trem aí. No Espírito Santo, é meio que quase igual Minas. Eu só fiquei naquela região lá mesmo (Gabriel, 2023).

Assim como Gabriel, José também destaca suas visitas ao Brasil, revelando as diferenças que percebe entre as regiões. Durante suas visitas, ele costuma dividir o

tempo entre dois estados, Bahia e o Paraná. Na Bahia, ele passa duas semanas, enquanto no Paraná ele fica em Telêmaco Borba, porque sua mãe é do Paraná e seu pai da Bahia. José observa algumas diferenças entre os dois estados e menciona que o lado da família de seu pai, que vive na Bahia, tem mais recursos financeiros, o que afeta a forma como ele percebe a organização das ruas e do ambiente ao redor. Em contraste, no Paraná, onde mora a família de sua mãe, José percebe que as ruas são menos cuidadas, com muitos buracos e calçamento de pedra, além de um cenário geral de menor estrutura.

Em contrapartida, Raíssa visitou o Brasil cerca de quatro vezes, sempre por períodos curtos, e conheceu somente o Rio de Janeiro, cidade de origem de seu pai. Ela não tem contato com outras regiões do país e admite que seu conhecimento sobre as diferenças culturais do Brasil está baseado em estereótipos, sem vivências diretas. Raíssa é a única entrevistada cujo contexto familiar inclui pais de diferentes nacionalidades: sua mãe é estadunidense e seu pai brasileiro.

Essa condição, segundo Portes e Rumbaut (2001), pode ter um impacto significativo no nível de envolvimento em práticas transnacionais. Filhos de casamentos com pais de duas nacionalidades, como o caso de Raíssa, tendem a experimentar um transnacionalismo mais fragmentado, influenciado pela multiplicidade de vivências culturais. Para Raíssa, essa dinâmica se reflete em outras práticas transnacionais, como a fluência no português, que é menor em comparação com outros entrevistados que, por terem ambos os pais brasileiros, estão mais imersos nas práticas culturais do país.

Outro fator importante não é apenas a quantidade de visitas, mas também o tempo de duração dessas visitas. Juliana compartilha que, apesar de suas fortes conexões com o Brasil, ela só visitou o país três vezes. A primeira foi em 2008, após seus pais ganharem o *green card*²³, o que tornou possível a viagem de retorno. Antes disso, as condições legais e financeiras não permitiam que a família voltasse ao Brasil. Sua segunda viagem ocorreu em 2012, quando ela e seu irmão passaram dois meses no país durante o verão, aprofundando seu vínculo com a cultura e a família; a terceira

²³ O *green card*, oficialmente conhecido como United States Permanent Resident Card, é um documento que concede aos estrangeiros o status de residente permanente nos Estados Unidos. Ele permite que seus portadores vivam e trabalhem legalmente no país, além de oferecer a possibilidade de solicitar a cidadania norte-americana após um período de permanência contínua.

visita foi em 2019, mas, devido às responsabilidades no trabalho, foi uma estada curta, de apenas uma semana.

No caso de Juliana, mesmo com poucas visitas ao Brasil, sua forte conexão com as práticas transnacionais é explicada pela ampla rede que seus pais construíram ao longo dos anos de imigração. Durante sua infância, Juliana conviveu de perto com seus avós, que desempenharam um papel central em sua formação cultural. Apesar de a maior parte de sua família estar nos Estados Unidos, o que limita suas viagens ao Brasil, essa convivência próxima com os avós ajudou a manter os laços com o país de origem.

Segundo Suárez-Orozco e Suárez-Orozco (2002) os avós exercem uma função essencial na transmissão de valores culturais e na preservação dos vínculos com a terra natal. Ele ressalta que, para a segunda geração, os avós frequentemente atuam como intermediários na transmissão de elementos fundamentais da cultura, como a língua e as tradições. Isso fica evidente no caso de Juliana, que menciona que sua avó nunca aprendeu inglês. Para se comunicar com ela em casa, Juliana e seus irmãos precisavam aprender e falar português.

Dentre os jovens imigrantes de segunda geração que passaram parte de sua infância no Brasil estão Carlos, Luís e Taciana. Cada um deles viveu aproximadamente seis meses no país quando crianças. Com exceção de Luís, que relatou uma experiência menos satisfatória, tanto Carlos quanto Taciana avaliaram essa estada de forma positiva. Eles destacaram que a permanência no Brasil foi essencial para aprofundar seu entendimento sobre a cultura brasileira, estabelecer laços mais próximos com familiares e aprimorar suas habilidades no idioma português.

No caso de Taciana, essa experiência transnacional se estendeu para a próxima geração. Ela levou sua filha em uma dessas viagens e expressou seu desejo de que sua filha não apenas aprenda o português, mas também construa uma identidade brasileira. Taciana planeja continuar promovendo essas visitas regulares ao Brasil, com o intuito de garantir que sua filha desenvolva uma conexão duradoura com o Brasil. Smith (2003) argumenta que, na terceira geração, os laços transnacionais são geralmente mais fracos, mas ainda podem existir, principalmente por meio de visitas ocasionais ao país de origem e pela manutenção de alguns aspectos culturais.

Luís, no entanto, revela um relacionamento complexo com o Brasil. Ele menciona que, apesar de ter visitado o Brasil algumas vezes durante a infância, sua

experiência não foi agradável, especialmente quando seus pais o enviaram para ficar por três meses em uma cidade do interior, com o objetivo de aprender português.

Meus pais nos deixaram com minha tia, com as irmãs dele e os irmãos dele, alugou uma casa pro outro e fui pra lá para três meses, mas eu não gostei de nenhum momento lá, porque eu estava indo pra escola todo dia, aí eu não gostei disso (Luís, 2023).

Ele descreve a experiência de frequentar uma escola particular no Brasil como uma lembrança desconfortável, principalmente porque viu isso como uma obrigação. Atualmente, Luís reconhece que essas visitas contribuíram para seu aprendizado do idioma, no entanto, isso afetou a maneira como ele enxerga o Brasil: “Mas eu não tenho vontade de voltar onde já fui, onde minha família mora. Tenho vontade só de visitar a minha família, mas de ir lá, não, eu não tenho” (Luís, 2023).

Tadeu, por outro lado, compartilha que já visitou o Brasil cerca de sete ou oito vezes, geralmente passando um mês lá durante suas férias em junho. Ele descreve sua experiência no Brasil de forma muito positiva, destacando o contraste com sua vida nos Estados Unidos.

Porque eu gosto do jeito que a vida ela, toda hora que eu vou pro Brasil, tudo fica mais tranquilo pra mim do que ficar aqui. Eu gosto de lá, todo mundo lá tá *happy*... feliz o tempo todo. E até indo lá fora, tudo parece bem melhor quando você só fica lá e você olha tudo (Tadeu, 2023).

Durante suas visitas, ele costuma ficar em Vitória, na casa de sua avó e, também, visita a família de seu pai em Ipatinga, Minas Gerais. Para ele, o Brasil representa uma experiência de tranquilidade e felicidade, algo que ele valoriza em contraste com a vida mais acelerada nos Estados Unidos. Tadeu também expressa que, no futuro, talvez considere passar mais tempo no Brasil quando for mais velho, pois sente uma forte conexão com o país.

Do outro lado da moeda, está Jéssica, que visitou o Brasil apenas uma vez. A experiência dela revela a complexidade das práticas transnacionais dos membros da segunda geração que, apesar de manterem contato regular com familiares no Brasil por meio da tecnologia, nem sempre conseguem participar fisicamente das redes sociais e familiares estabelecidas no país de origem. No caso de Jéssica, a impossibilidade de visitar o Brasil até os 18 anos, devido a questões relacionadas ao passaporte, ilustra como barreiras institucionais podem limitar a mobilidade transnacional e o fortalecimento de laços familiares.

Eu queria tirar aquela fotinho com a bisa, avó, a mãe e a filha pra ser so cool. Só que, ah... Então, aí, quando eu cresci, quando eu estava crescendo, eu não tinha como ir para o Brasil e isso sempre, *like, was really bad for me*. E eu tinha *resentment against my dad*." *Oh, yes*. Porque a mãe ia, aí: " - Filha, separou as roupas para levar para o Brasil?". *And it's like* "minhas roupas estão indo, mas eu não estou indo. Eu quero ir!". *It was so sad*. E ela enchia a mala de roupa! Era roupa de criança, era os meus brinquedos... nossa, aí eu via no Facebook as minhas primas com as minhas roupas e os brinquedos. E para mim, eu achava, *like*, "why do they need that? They don't have clothes there?". Só que quando eu cheguei no Brasil, ano passado, *I realized* por que que minha mãe leva coisa, porque que meus primos pediam coisa daqui. *I realized* como era difícil viver lá (Jéssica, 2023).

Para Jéssica, a conexão com o país de origem dos pais foi marcada pela ausência física e pelas limitações que a impediram de visitar o Brasil enquanto crescia. Esse desejo frustrado de se conectar mais profundamente com suas raízes emerge de forma clara em seu relato: "Eu queria tirar aquela fotinho com a bisa, a avó, a mãe e a filha... Só que, ah... Então, quando eu estava crescendo, eu não tinha como ir para o Brasil e isso sempre, *like, was really bad for me*. E eu tinha *resentment against my dad*." A percepção de Jéssica ao ver suas roupas e brinquedos sendo levados para o Brasil enquanto ela permanecia nos Estados Unidos gerou uma sensação de exclusão.

Diferente de outros entrevistados, cuja conexão transnacional foi reforçada por visitas frequentes, como Bianca e Alice, ou por períodos de residência, como Taciana, Carlos e Luís, a vivência de Jéssica revela outro eixo das práticas transnacionais, que não depende necessariamente da presença física no país de origem, como se abordará nas próximas seções.

O eixo econômico das práticas transnacionais entre a segunda geração de imigrantes revela dinâmicas complexas e variadas. Enquanto a primeira geração desempenhava um papel fundamental no envio de remessas para o Brasil, a segunda geração mostra que pouco se envolve nessa prática. Embora muitos reconheçam que seus pais ainda enviam dinheiro para parentes no Brasil, eles próprios não assumem essa responsabilidade ativamente. Esse declínio pode ser explicado, em parte, pela migração de grande parte da família para os Estados Unidos, o que reduziu a necessidade de apoio financeiro direto. Essa mudança está alinhada com as observações de Portes (2013) e Orozco (2005) sobre a transição das práticas transnacionais ao longo das gerações, com a diminuição do envio de remessas e o enfraquecimento dos laços econômicos diretos.

No entanto, as visitas ao Brasil continuam a ser uma forma importante de manutenção das práticas transnacionais. Para a segunda geração, as viagens frequentes ao país de origem desempenham um papel essencial na preservação do sentimento de pertencimento e de identidade, como sugere Levitt (2002). Dessa forma, o envolvimento transnacional dessa geração no eixo econômico varia conforme o contexto familiar e a regularidade das visitas ao Brasil.

Abaixo será apresentado um quadro das práticas transnacionais de cada entrevistado, com o objetivo de sistematizar e facilitar ao leitor a compreensão de como cada interlocutor se envolve nessas práticas do eixo econômico.

Quadro 4 - Práticas do Eixo Econômico da segunda geração de imigrantes brasileiros

Nome	Envio de Remessas	Visitas ao Brasil	Investimento da Rede de Familiares ao Projeto Migratório	Investimentos em Negócios no País de Origem dos pais
Juliana	Não envia, e também desconhece que os pais enviam, pois toda sua rede familiar migrou para os Estados Unidos	Foi cerca de 3 vezes ao Brasil, alega que sua família toda está nos estados unidos, por isso sua limitação nas visitas além de seus pais só conseguirem o <i>greencard</i> em 2008.	Sua família inteira está nos Estados Unidos e ela aos longos dos anos recebeu e auxiliou na vinda de outros familiares.	não está envolvida nessa prática.
Carlos	não envia, mas sabe que seus pais continuam enviando regularmente dinheiro a familiares no Brasil.	foi cerca de 3 vezes ao brasil, mas uma das vezes morou e estudou em uma escola no Rio de janeiro.	trouxeram parentes durante os anos, e ele foi um elo de ajuda com a língua e nos primeiros dias.	não está envolvido nessa prática.
Bianca	não enviam, mas reconhecem que seus pais enviavam dinheiro, porém não enviam mais.	mais de 20 vezes e conhece diferentes regiões do país.	não está envolvida nessa prática.	não está envolvida nessa prática.

José	não envia, e não soube informar se seus pais enviam.	mais de 10 vezes e conhece diferentes regiões do país.	não está envolvida nessa prática.	não está envolvido nessa prática.
Raíssa	não envia, e não soube informar se seus pais enviam.	cerca de 4 visitas por períodos curtos, apenas em uma cidade, Rio de Janeiro.	não está envolvida nessa prática.	não está envolvida nessa prática.
Letícia	não envia, mas sabe que seus pais continuam enviando regularmente dinheiro a familiares no Brasil.	mais de 10 vezes e conhece diferentes regiões do país.	trouxeram parentes durante os anos, e ele foi um elo de ajuda com a língua e nos primeiros dias.	não está envolvida nessa prática.
Taciana	não envia, mas sabe que seus pais continuam enviando regularmente dinheiro a familiares no Brasil.	mais de 10 vezes e conhece diferentes regiões do país.	trouxeram parentes durante os anos, e ele foi um elo de ajuda com a língua e nos primeiros dias.	não está envolvida nessa prática.
Gabriel	não envia, mas sabe que seus pais continuam enviando regularmente dinheiro a familiares no Brasil.	mais de 10 vezes e conhece diferentes regiões do país.	trouxeram parentes durante os anos, e ele foi um elo de ajuda com a língua e nos primeiros dias.	não está envolvido nessa prática.
Alice	não enviam, mas reconhecem que seus pais enviavam dinheiro, porém não enviam mais.	mais de 15 vezes, e conhece diferentes regiões do país.	não está envolvida nessa prática.	não está envolvida nessa prática.
Luís	não envia, e não soube informar se seus pais enviam.	foi cerca de 3 vezes ao Brasil, mas uma das vezes morou e estudou em uma escola no Rio de Janeiro.	não está envolvida nessa prática.	não está envolvido nessa prática.

Jéssica	não enviam, mas reconhecem que seus pais enviavam dinheiro, porém não enviam mais.	apenas uma vez, era impossibilitada de ir ao Brasil por conta da documentação.	sua família inteira está nos Estados Unidos e ela, ao longo dos anos, recebeu e auxiliou na adaptação.	não está envolvida nessa prática.
Tadeu	não envia, e não soube informar se seus pais enviam.	cerca de 8 visitas, com longos períodos de tempo, prefere a vida no Brasil do que nos Estados Unidos	trouxeram alguns parentes, e ajudou na adaptação.	não está envolvido nessa prática.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

5.2 Práticas transnacionais no Eixo Cultura: conectando com a “brasilidade”

A cultura tem se destacado cada vez mais como um elemento chave para explicar diversos processos sociais, especialmente no campo das migrações. No contexto da antropologia das migrações, a cultura, tanto na sociedade de origem quanto na de destino, tem sido vista como um fator crucial para entender os diferentes tipos e formas de integração. Ela também ajuda a esclarecer a polarização entre a assimilação e o fortalecimento das práticas transnacionais (Marques; Gois, 2017).

No caso da segunda geração de brasileiros em Massachusetts, é no campo cultural que as práticas transnacionais se tornam mais visíveis no dia a dia. Essas práticas, como o uso do idioma português, o consumo de mídia brasileira, reforçam laços e identidades culturais, mesmo a distância. Esse envolvimento cotidiano com elementos culturais do Brasil, muitas vezes, ofusca outros aspectos, como os econômicos ou políticos. Portanto, é na esfera sociocultural que as práticas transnacionais dessa segunda geração têm maior impacto, proporcionando um espaço em que as conexões entre os dois países se tornam mais evidentes e influentes em suas vidas.

Diante dessa realidade, a análise será dividida em três partes para compreender a complexidade das práticas transnacionais da segunda geração de brasileiros em Massachusetts. Na primeira seção, será examinada a questão da fluência no português, abordando como foi o processo de aprendizagem da língua para os entrevistados. O bilinguismo emerge como uma característica central dessa

geração, muitas vezes cultivado desde a infância, com o português sendo aprendido em casa e reforçado em espaços comunitários, como igrejas brasileiras. As igrejas, de acordo com estudos sobre comunidades migrantes, desempenham um papel fundamental na preservação da língua materna e na transmissão de valores culturais (Levitt, 2001).

Na segunda parte da análise, abordar-se-á acerca do consumo de elementos culturais brasileiros, como a música, os alimentos e os programas midiáticos. Esses consumos, embora ocorram a distância, estabelecem uma conexão simbólica poderosa com o Brasil. O consumo de música brasileira, por exemplo, não só promove a preservação do idioma, mas também reforça uma identidade cultural compartilhada entre os jovens da segunda geração, conectando-os às raízes de seus pais. Conforme aponta Marques e Gois (2017), o consumo cultural em contextos de migração é, muitas vezes, simbólico, refletindo um desejo de manter laços com a cultura de origem, mesmo que a vivência física no país de origem seja esporádica.

Por fim, na terceira seção, será discutido o papel do esporte, especificamente a relação com times de futebol brasileiros. O futebol se torna uma prática transnacional que liga quase todos os jovens entrevistados ao país de origem de seus pais. Mesmo aqueles que não acompanham assiduamente os jogos ou times brasileiros mantêm uma conexão simbólica por meio do esporte, seja torcendo para times ou envolvendo-se em discussões sobre futebol com amigos e familiares. O esporte, nesse contexto, serve como uma ponte emocional e cultural, conectando os jovens não apenas ao Brasil, mas também ao legado dos seus pais.

5.2.1 O português como primeiro idioma e sua preservação na segunda geração

De acordo com Spolsky (2016), a transmissão da língua de herança (língua materna dos pais) para os filhos é um fenômeno social moldado pelas práticas linguísticas, crenças sobre a importância do idioma e os esforços de gestão linguística, seja no ambiente familiar ou em outros domínios, como a igreja, o trabalho e a escola.

O autor destaca que, no domínio familiar, as práticas linguísticas desempenham um papel fundamental na transmissão da língua de herança. Pais que continuam a usar a língua materna em casa tendem a ter filhos bilíngues, enquanto aqueles que priorizam a língua dominante do país de acolhimento incentivam a

substituição linguística. Além do esforço parental, forças externas como as práticas linguísticas em contextos diversos – por exemplo, a igreja e a comunidade local – também influenciam o processo de transmissão e a exposição dos filhos ao idioma de herança.

Nesta análise, destaca-se tanto a influência parental quanto a relação com a igreja e a comunidade em que os entrevistados estão inseridos. Além disso, os aspectos relacionados ao consumo de mídia, frequentemente mencionados nas entrevistas, serão abordados como fatores determinantes para o aprimoramento do português.

Para vários dos entrevistados, o português aparece de forma natural, uma vez que afirmam que ser a primeira língua. Esse grupo faz parte daqueles cujos pais entenderam que era fundamental que aprendessem o português primeiro, pois o inglês seria adquirido naturalmente nos outros ambientes em que estivessem inseridos.

Para Carlos, aprender português não foi uma tarefa difícil, graças ao empenho de seu pai. Ele considera o português sua primeira língua, já que seu pai sempre fez questão de que os filhos falassem português, principalmente para garantir que pudessem se comunicar com os familiares no Brasil. Segundo Carlos, aprenderiam o inglês de qualquer forma: "porque, querendo ou não, a gente ia falar inglês, morando aqui, sendo criado aqui" (Carlos, 2023).

Assim como Carlos, Leticia relata que o aprendizado do português foi algo muito natural para ela, a ponto de não se lembrar de um momento em que não soubesse falar o idioma. Ela credita isso à forte influência de sua mãe, que sempre se esforçou para garantir que ela e seus irmãos mantivessem contato com a cultura brasileira, enviando livros do Brasil e preservando o idioma dentro de casa.

De forma semelhante, o pai de Carlos também manifestava uma preocupação similar, temendo que seus filhos não conseguissem se comunicar adequadamente com os parentes no Brasil. Essa ansiedade em preservar a língua portuguesa dentro de casa era compartilhada por ambos os pais, refletindo o receio comum de que a segunda geração perdesse a capacidade de se conectar com seus familiares no Brasil. Conforme Carlos relatou ao dizer

O meu pai acha isso uma vergonha, porque como eu te falei, minha mãe não tem família aqui, meu pai mal tem família aqui, então todo mundo que eu quero comunicar tem que ser em português lá no Brasil, não tem como meu

pai ter criado três filhos aqui, sem ter falado em inglês e a gente ter uma relação normal com a nossa família no Brasil (Carlos, 2023).

Da mesma forma, Letícia fala sobre sua mãe:

Eu acho que ela tinha muito esse medo da gente, igual tem muitas crianças que nasceram aqui, filhos de brasileiros, que não falam português, ou falam português com sotaque muito forte ou falam português errado, né, igual ela pensa. Então, acho que ela tinha muito esse medo... não sei se era medo, se era vergonha da gente chegar lá no Brasil e também não saber comunicar com ninguém (Letícia, 2023).

Alice também aprendeu o português principalmente pela convivência com seus pais. No entanto, ela destaca seus fortes vínculos com o Brasil, reforçados por visitas frequentes ao país. Em seu relato, menciona que o aprendizado inicial do inglês só ocorreu quando ingressou na escola, enquanto o português foi sua língua exclusiva durante os primeiros anos de vida, por ser o idioma falado em casa. Alice atribui sua fluência no português à influência de seus pais, que mantiveram o uso do idioma no ambiente doméstico e proporcionaram a ela a oportunidade de visitar o Brasil anualmente.

Bom, meus pais não sabiam falar inglês, então, quando, quando cheguei aqui... nasci aqui, né. Mas, crescendo em casa, não tinha muito inglês. Eu realmente só fui aprender inglês quando entrei na escola com cinco anos, coisa normal. E... mas em casa, tipo aqueles cinco, quatro anos, só português direto. E até hoje eu só falo em português em casa. E de novo tenho toda a sorte do mundo e é só por causa dos meus pais. Eu sei que eu tudo que eu tenho é por causa deles. Eu tenho a oportunidade de ir para o Brasil todo ano... que eu vou pro Brasil, todo ano. Estou lá, nas minhas férias de verão, quer dizer, junho, julho, agosto, o verão aqui, né? E lá eu só tenho meus melhores amigos estão lá, a minha família está lá, então eu não tenho opção, eu tenho que falar em português. E até falando na rua... claro que minha gramática não está perfeita, porque eu nunca estudei português, nunca. Eu nunca entrei numa aula de português, nunca, nunca, nunca. Então, realmente, aprendi na rua com meus amigos e com minha família. E é isso, eu sempre estou, eu sempre estou no Brasil. Se não estou, estou estudando, né, aqui. E em casa, eu só falo português e é isso (Alice, 2003).

Juliana compartilha que aprendeu português principalmente por meio da convivência diária com seus avós maternos, que sempre falaram exclusivamente português em casa. Embora não tenha tido aulas formais no idioma, essa convivência constante com os avós foi fundamental para que desenvolvesse fluência no português desde a infância. As interações familiares, especialmente em festas e encontros, reforçaram ainda mais o papel da língua. Durante essas ocasiões, o português

prevalece entre os parentes mais velhos, criando a necessidade de tradução para aqueles que não falam o idioma.

No caso da Juliana, os avós desempenham um papel fundamental na manutenção da língua portuguesa, isso se reflete no fato de que eles, ao falarem exclusivamente em português, facilitaram a transmissão do idioma. Ishizawa (2004) demonstrou que a presença de avós em lares multigeracionais pode retardar a perda da língua de herança, reforçando o uso do idioma entre as gerações mais jovens.

José e Jéssica fazem parte do grupo que também aprendeu o português como primeira língua em casa. No entanto, para José, sua vivência nos Estados Unidos moldou uma preferência natural pelo inglês, que passou a ser sua língua dominante no contexto escolar e profissional. Embora o português ainda seja utilizado no ambiente doméstico, ambos admitem que escrever nesse idioma é mais desafiador, em grande parte pela falta de prática e pelo desconhecimento das regras gramaticais, especialmente no que diz respeito à acentuação.

José, assim como Jéssica, relatam que o aprendizado do português foi impulsionado pela necessidade de se comunicar com seus pais, que tinham dificuldade com o inglês. Ele comenta: "Eu aprendi inglês na escola, que meus pais não falavam... minha mãe não fala inglês. E meu pai fala um pouco de portu... não, fala um pouco de inglês. Daí eu aprendi português por eles" (José, 2023).

Jéssica, também comenta que

Oh, *my gosh*, era muito estranho! Porque, se você conversasse comigo, eu entendia perfect. Só que na hora de falar no português, eu, like, eu pensava no inglês, aí tinha que traduzir para o português, aí tinha palavra que eu não sabia, então eu falava, like, misturado. Eu falo like bastante também. Meus primos, tudo me perguntam: " - O que que é like?". É "tipo", guys. (Jéssica, 2023).

Assim como José, Juliana também menciona sentir certo desconforto ao falar português, reconhecendo que ainda precisa aprender muito sobre o idioma. Esse fato reflete a tensão entre o domínio do português e do inglês que muitos jovens da segunda geração enfrentam. Além disso, ao comparar as experiências de José e Jéssica, observa-se que, enquanto José foi levado a usar mais o inglês devido ao ambiente escolar e profissional nos Estados Unidos, Juliana encontrou na escola, no trabalho e em seus círculos sociais oportunidades para praticar e manter o português.

Foi no middle school. E eles tavam aprendendo inglês, tipo, eles começam do nível um. Então, enquanto eles tavam aprendendo inglês, eu tava aprendendo mais português deles, porque, tipo, eles chegaram com as gírias tudo da época. Então, like, eu aprendi todas as gírias, ficava, like, so cool . Eles trouxeram as músicas, foi eles que introduced to me . Eu comecei a escutar mais música brasileira, hã... e eles que trouxeram esse, esse, like... porque esse, claro, tipo, minha mãe me ensinou português, só que não tinha convivência com brasileiros. Eu acho que como eu não estava constantly com outros brasileiros, era mais difícil de aprender, if that makes sense. (...) E eu, assim, os amigos também. E assim que foi. E, tipo, lá em Everett tem padarias, então, na hora de pedir comida, eu sempre esforçava para falar em português. As músicas, claro, nas festinhas, tinha tudo em português. Eu tentando aprender a música com a letra, assim, só pra cantar nas festas, guys! It's so funny! Então, eu aprendi português assim. E a cultura brasileira, tipo, lá em Everett tem bastante, então fui desenvolvendo. E quando eu cheguei no high school, que eu voltei de Connecticut, eu comecei a trabalhar num restaurante brasileiro, chamado Oliveiras (Jéssica, 2023).

Zentella (1997) analisa a alternância de códigos linguísticos em comunidades latinas nos Estados Unidos, propondo que o uso misto de línguas em interações cotidianas reflete a capacidade de bilíngues transitarem entre diferentes contextos culturais. No caso de Jéssica, essa mescla de inglês e de português surge de forma natural, revelando como as línguas se integram em seu cotidiano e favorecem a conexão com múltiplas referências culturais. Em seu relato, Jéssica intercala expressões em inglês, como *“level one,” “like,” “so cool,” “introduced to me,”* e *“guys!”* e termina as frases em português, o que ilustra o português como um elemento importante em sua prática transnacional.

Jéssica relata que sua fluência no português foi fortalecida por meio das interações com outros brasileiros na escola e no trabalho. Durante o ensino médio, ela se aproximou de colegas brasileiros recém-chegados, que trouxeram novas gírias, músicas e referências culturais do Brasil. Essa convivência foi importante para que ela pudesse expandir seu vocabulário e praticar o português de uma forma mais descontraída e cotidiana. Além disso, trabalhar em um restaurante brasileiro e frequentar lugares como padarias e festas com música brasileira em Everett também proporcionou a ela um espaço em que podia usar e melhorar seu português.

Fishman (1991) e Pauwels (2016) analisam o impacto significativo que comunidades robustas de imigrantes exercem na preservação de línguas de herança. Eles argumentam que a presença de uma comunidade ativa e coesa, em que o idioma de herança é amplamente utilizado em contextos cotidianos, como escolas, atividades culturais e ambientes religiosos, desempenhando um papel essencial na manutenção da língua entre as gerações mais jovens. No caso de Jéssica, a interação frequente

com membros da comunidade que falam o mesmo idioma, especialmente quando reforçada pelo apoio familiar, intensificou o uso da língua de herança, promovendo sua continuidade.

Bianca, embora tenha o português como primeira língua e relate o comprometimento dos pais em ensinar o idioma, menciona suas dificuldades em ler e escrever em português. Apesar de falar o idioma fluentemente e até possuir um sotaque carioca, adquirido durante suas frequentes visitas ao Rio de Janeiro, ela admite enfrentar várias barreiras no domínio pleno da língua, especialmente nas habilidades de leitura e escrita.

Então eu aprendi o português em casa, e mesmo dando pra, podendo falar assim fluentemente em português, dá para ver que eu também tenho alguns *barriers* né, algumas dificuldades. Então inglês é, pra mim, a minha primeira língua, (...) o escrever também foi difícil, isso foi mais tarde do que... eu acho que a gente só aprendeu a escrever o português no... sexto ano? Alguma coisa assim, porque foi quando eu comecei a perceber que tipo: "Ah, eu sei falar português, mas aí escrever quando eu quero escrever uma coisa, mandar uma mensagem pra família, alguma coisa assim, aí foi o foco, aí em casa, foi escrever tudo, invés de começar a falar e coisa assim. Aí lê também eu ainda tenho alguma dificuldade em poder ler, mas eu, eu, se der o tempo mesmo, eu não vou conseguir ler uma página toda em dez segundos como eu consigo inglês, mas eu consigo, só que leva mais um pouquinho de tempo. E escrever também. Aí eu tenho que pesquisar, ter certeza que eu escrevi certo... ainda pergunto pro meus pais: "- Como é que eu escrevo isso?". Porque tem os assentos também, que algumas vezes não sei quando é que bota (Bianca, 2023).

Assim como Gabriel, que reflete sobre sua fluência em português, destaca que o aprendizado da língua não foi difícil, já que cresceu em um ambiente em que o português era a língua principal, falada em casa e na igreja. No entanto, ele menciona que sua principal dificuldade surgiu quando fez sua primeira viagem ao Brasil, onde percebeu que seu português era muito formal. Gabriel aprendeu o idioma em um contexto mais formal, o que o fez soar antiquado para seus colegas no Brasil, especialmente no uso de gírias.

Bom, não. Foi difícil aprender, tipo, gírias em português. Quando eu cheguei no Brasil, pela primeira vez, eu falava português muito formal. As molecada ficava, tipo: "- Mano, por que você conversa igual meu pai, velho?". Eu: "- Falo, normal, moça". (Riso). Aí eu: "- Não, é porque eu aprendi português em casa, aprendi na igreja...". Aí, tipo assim, é tudo muito formal, tudo super... sabe? (Gabriel, 2023).

Fishman (1991) explora o conceito de "transmissão intergeracional", que se refere ao processo pelo qual os pais ou avós transmitem a língua de herança para as

gerações mais jovens, garantindo a continuidade do uso do idioma dentro de um grupo familiar ou comunitário. Para o autor, a competência linguística em línguas minoritárias frequentemente se limita ao uso doméstico e oral, com pouca ou nenhuma prática de leitura e escrita. No caso de Bianca, isso se reflete claramente. Ela aprendeu português em casa e consegue falar fluentemente, mas encontra barreiras ao ler e escrever, especialmente em aspectos da língua, como acentuação. Montrul (2008) destaca que essa lacuna se deve ao fato de que o ensino de leitura e escrita, muitas vezes, ocorre de forma tardia e incompleta em contextos em que o idioma de herança não é a língua dominante.

Taciana, na entrevista, conta que aprendeu português de forma bastante natural, com grande influência da mídia e do ambiente familiar, com sua mãe seu pai. Ela relata que, além de ouvir o idioma em casa, assistia frequentemente à programação da TV Globo, o que contribuiu significativamente para seu desenvolvimento no português. Programas como Sai de Baixo, Malhação, O Clone e Faustão fizeram parte de sua rotina, proporcionando uma exposição constante ao português. Esse consumo regular da mídia brasileira não só a ajudou a aprender o idioma, mas também a se conectar com aspectos culturais do Brasil. Conforme a conversa avançava, Taciana recordou que seu aprendizado do português foi fortemente influenciado pelas igrejas brasileiras. Ela destacou que sua mãe a matriculou em aulas de português oferecidas pela igreja em Everett, onde frequentou por dois ou três anos aos domingos, antes da missa. Essa iniciativa reforçou seu domínio do idioma, mostrando como o ambiente religioso foi essencial na manutenção da língua.

A experiência de Taciana se reflete também no relato de Letícia, que foi criada em uma igreja católica brasileira, onde todas as missas e as atividades religiosas eram conduzidas em português. Da mesma forma, Carlos revelou, em um momento mais descontraído, que desde pequeno optou por frequentar exclusivamente igrejas brasileiras, o que o manteve fortemente conectado ao idioma. Ele compartilhou que não sabe rezar em inglês, apenas em português: "Sempre brasileira, eu não sei rezar em inglês, eu só sei o Pai Nosso e a Ave Maria em português" (Carlos, 2023).

Assim como Taciana e Carlos, que gradualmente reconheceram o papel da igreja na preservação da língua, Jéssica também mencionou o impacto significativo da igreja brasileira em sua vida. Ela cresceu frequentando a igreja, onde as aulas e sermões eram ministrados em português, o que lhe proporcionou um conhecimento

profundo da Bíblia nesse idioma. Contudo, ela reconhece que isso criou um desafio ao traduzir conceitos religiosos para o inglês: "Se você falar 'Glory' em inglês, eu não vou saber explicar, mas se falar da Glória de Deus, eu vou saber explicar em português. Isso é muito interessante" (Jéssica, 2023). Tanto Carlos quanto Jéssica reforçam que suas práticas religiosas são conduzidas exclusivamente em português, e ambos relataram dificuldades em transitar entre o mundo religioso em português e o contexto mais amplo em inglês.

Levitt (2007) discute como instituições religiosas, especialmente igrejas em comunidades imigrantes, desempenham um papel significativo na manutenção das línguas de herança. Ela argumenta que as igrejas são espaços de socialização, onde as línguas maternas são ativamente usadas em missas, eventos comunitários e atividades educacionais, como catequeses e escolas dominicais.

Luís aprendeu o português antes do inglês, principalmente por meio da família e da igreja, além disso aperfeiçoou sua gramática durante sua estada no Brasil. Ele relata uma experiência intensamente marcada pela divisão linguística entre sua vida doméstica e a pública. Desde a infância, foi ensinado a falar português dentro de casa e a usar o inglês fora estabelecendo um padrão claro de como e quando utilizar cada idioma. A regra imposta pelos pais, "da porta para dentro, português; da porta para fora, inglês" Luís (2023), foi uma estratégia consciente do seu pai para preservar a cultura e a língua de herança, ao mesmo tempo em que preparava Luís para se integrar à vida nos Estados Unidos, que segundo ele, já iria aprender mesmo.

Luís também destaca que o uso do português e do inglês varia conforme o contexto. Ele tende a pensar em português quando se trata de trabalho, já que aprendeu muitas de suas habilidades profissionais, especialmente com seu pai, nesse idioma. Contudo, no nível pessoal e em situações cotidianas, ele se sente mais confortável pensando e se expressando em inglês, refletindo sua vivência predominante nos Estados Unidos. Como muitos outros entrevistados, Luís relata dificuldades com a leitura e com a escrita em português, apesar dos esforços de seus pais para que ele desenvolvesse essas habilidades, seja por meio de aulas na igreja ou enviando-o ao Brasil para estudar o idioma.

Tadeu compartilha uma experiência similar à de Luís. Ele reconhece que seu português não é tão bom quanto gostaria e, por vezes, sente-se julgado por outros brasileiros pela forma como fala o idioma. Ele menciona misturar português e inglês

em casa, o que não é um problema para os adultos ao seu redor, mas os jovens de sua idade frequentemente o corrigem, algo que o faz sentir-se excluído.

É porque em casa eu falo português misturado com inglês umas vezes. Igual eu até estava falando aqui, agora, e na sala também... e a minha mãe nunca fala nada e os adultos também não falam nada não, mas as pessoas da minha idade falam umas vezes (Tadeu, 2023).

Cho e Krashen (2000) exploram os fatores voluntários no desenvolvimento da língua de herança (HL), discutindo como os falantes podem aprimorar o idioma por conta própria, mesmo sem uma educação formal estruturada. Eles apontam que a motivação pessoal e a exposição ao idioma em contextos sociais, como interações com falantes nativos durante viagens, são fatores importantes que incentivam os falantes da segunda geração a melhorarem suas habilidades linguísticas. Entretanto, mesmo que queiram desenvolver suas habilidades no idioma de herança, eles enfrentam desafios devido à falta de instrução adequada nas escolas. Isso muitas vezes acelera a transição para o inglês como língua dominante, especialmente quando os recursos educativos para apoiar o desenvolvimento da HL são limitados.

No caso de Raíssa, sua falta de fluência em português está diretamente relacionada às decisões de seus pais no ambiente doméstico. Durante a entrevista, ela refletiu sobre as razões que a levaram a essa situação, explicando que, quando criança, seu pai estava aprendendo inglês e sua mãe, sendo norte-americana, queria que ele dominasse o idioma antes de introduzir o português para os filhos. Isso criou um atraso no ensino do português, algo que Raíssa agora percebe como um erro, especialmente porque reconhece que as crianças têm uma capacidade única de aprender novas línguas com facilidade desde cedo. Segundo ela,

I started to learn, actually, when I was younger but, I don't know exactly what happened, but my dad, he was learning English and I think my mom wanted him to learn that first before teaching us Portuguese, which really doesn't make sense because it's easier to learn when you're young. So, waiting doesn't make any sense²⁴ (Raíssa, 2023).

²⁴ Tradução: Comecei a aprender, na verdade, quando eu era mais novo, mas, não sei exatamente o que aconteceu, mas meu pai, ele estava aprendendo inglês e acho que minha mãe queria que ele aprendesse isso primeiro antes de nos ensinar português, o que realmente não faz sentido porque é mais fácil aprender quando você é jovem. Então, esperar não faz sentido algum.

No caso de Raíssa, o português não era falado regularmente em casa. Isso se deve ao fato de sua mãe ser dos Estados Unidos e falar apenas inglês, o que influenciou na decisão de priorizar o aprendizado desse idioma no ambiente doméstico. Portes e Rumbaut (2001) e Guardado (2002) mostram que a presença de um dos pais que fala outra língua, como o inglês, pode reduzir a frequência com que a língua de herança seja usada em casa, levando à perda ou à dificuldade no aprendizado dessa língua por parte dos filhos.

No caso de Raíssa, ela expressa um sentimento de perda ao refletir sobre o fato de que poderia ser fluente em português hoje, caso seus pais tivessem priorizado o ensino do idioma ou a tivessem inscrito em aulas. Além disso, Raíssa se sente julgada por outros filhos de brasileiros, que a consideram "menos brasileira" por não falar o idioma, o que reflete um padrão comum entre jovens de segunda geração. Em várias narrativas desta pesquisa, observa-se como a identidade desses jovens é frequentemente questionada quando não dominam bem o português, uma característica que pode reduzir sua conexão com a cultura de origem aos olhos de outros membros da comunidade.

No entanto, Raíssa reconhece a importância de aprender português e, em sua adolescência e tomou a iniciativa de buscar aulas para adquirir o idioma. Essa busca ativa por reconectar-se com suas raízes linguísticas reflete o que Levitt (2002) argumenta sobre o desenvolvimento de práticas transnacionais, que podem emergir em diferentes momentos da vida, muitas vezes desencadeadas por eventos importantes, como a entrada na universidade ou outras situações que motivam uma reconexão com a herança cultural. O desejo de Raíssa de aprender português demonstra como a identidade e as práticas transnacionais podem ser moldadas por experiências e por escolhas pessoais ao longo da vida.

A análise identificou diversos fatores que influenciam a fluência no português entre jovens da segunda geração de imigrantes brasileiros em Massachusetts. Entre os principais facilitadores, destaca-se a influência familiar, especialmente dos pais e avós, que asseguram o uso contínuo do idioma no ambiente doméstico. As igrejas brasileiras também desempenham um papel significativo na preservação da língua, proporcionando um espaço comunitário em que o português é utilizado em atividades religiosas e sociais. Outro fator importante é a rede migratória robusta, que mantém a conexão cultural, além do consumo de mídia brasileira, como programas de TV e música, que reforçam a fluência no idioma e conectam os jovens à cultura do Brasil.

Por outro lado, há barreiras que limitam o desenvolvimento completo da fluência, especialmente em termos de leitura e de escrita. Entre os desafios mais comuns, destaca-se a falta de educação formal em português, já que o ensino do idioma, muitas vezes, é negligenciado em favor do inglês nas escolas e na vida pública. Além disso, quando um dos pais não fala português, o uso do inglês pode predominar no ambiente familiar, dificultando o aprendizado e a prática do português (Portes; Rumbaut, 2001).

Em linhas gerais, pode-se perceber que a segunda geração desta pesquisa valoriza o uso da língua dos pais como um aspecto fundamental para acessar outras práticas transnacionais e para fortalecer o sentimento de ser brasileiros.

Carlos (2023) relata que

Eu mudei para Boston foi a primeira vez e nem foi brasileiro, foi filho de brasileiro igual eu, que eu conheci na escola, e ele falava um pouco de português, não muito, mas aquele sentimento de saber que tinha uma outra pessoa igual eu na minha escola, me fez sentir muito mais brasileiro e gostar muito mais do Brasil e querer ser muito mais brasileiro, uma experiência igual com uma outra pessoa, nossa, se a pessoa mora no mesmo condomínio, estuda na mesma escola, primeira vez que eu estudo aqui na *América* e que eu escuto outro brasileiro, então para mim o tempo depois daquilo, eu me senti muito brasileiro.

A seguir, será disponibilizado um quadro que apresenta as diferentes formas de manutenção da língua portuguesa entre os entrevistados. O quadro inclui informações sobre as principais influências, como o uso do idioma no ambiente doméstico, o envolvimento com igrejas e o consumo de mídia brasileira, além de fatores adicionais, como viagens ao Brasil e aulas de português:

Quadro 5 - Práticas do Eixo Sociocultural dos imigrantes de segunda geração de brasileiros

Nome	Fluência da Língua portuguesa	formas de manutenção
Juliana	Possui fluência no português como primeira língua, sem dificuldades relatadas na escrita e na leitura.	Uso do português no ambiente doméstico, reforçado pelo contato constante com os avós.
Carlos	Possui fluência no português como primeira língua, sem dificuldades relatadas na escrita e na leitura.	Uso do português no ambiente doméstico e contato com igrejas brasileiras; aulas de português no Brasil.
Bianca	Possui fluência no português como primeira língua, mas relatou dificuldades na escrita e na leitura.	Uso do português no ambiente doméstico e viagens frequentes ao Brasil.

José	Possui fluência no português como primeira língua, sem dificuldades relatadas na escrita e na leitura.	Uso do português no ambiente doméstico.
Raíssa	Não possui fluência no português.	Não se aplica (não possui fluência em português).
Letícia	Possui fluência no português como primeira língua, sem dificuldades relatadas na escrita e na leitura.	Uso do português no ambiente doméstico, contato com igrejas brasileiras e consumo midiático.
Taciana	Possui fluência no português como primeira língua, sem dificuldades relatadas na escrita e na leitura.	Uso do português no ambiente doméstico, contato com igrejas brasileiras e consumo midiático.
Gabriel	Possui fluência no português como primeira língua, mas relatou dificuldades na escrita e na leitura.	Uso do português no ambiente doméstico e contato com igrejas brasileiras.
Alice	Possui fluência no português como primeira língua, sem dificuldades relatadas na escrita e na leitura.	Uso do português no ambiente doméstico e viagens frequentes ao Brasil.
Luís	Possui fluência no português como primeira língua, mas relatou dificuldades na escrita e na leitura.	Uso do português no ambiente doméstico e contato com igrejas brasileiras; aulas de português no Brasil.
Jéssica	Possui fluência no português como primeira língua, mas relatou dificuldades na escrita e na leitura.	Uso do português no ambiente doméstico, contato com igrejas brasileiras e consumo midiático.
Tadeu	Possui fluência no português como primeira língua, mas relatou dificuldades na escrita e na leitura.	Uso do português no ambiente doméstico

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

5.2.2 O consumo de mídia, gastronomia e música e o que faz do Brasil, Brasil

Georgiou (2013) explora como as tecnologias de comunicação, como televisão, rádio e plataformas digitais, permitem que os imigrantes mantenham laços culturais e sociais com a terra natal, ao mesmo tempo em que se conectam com suas novas comunidades de assentamento. Essa conexão transnacional, mediada pela mídia, facilita a criação de uma "comunidade imaginada", que transcende as fronteiras geográficas e possibilita aos imigrantes o contato contínuo com sua cultura de origem, enquanto participam ativamente da vida em seus novos países.

Para Georgiou (2013), a mídia atua como um espaço de contestação e rearticulação da identidade. A troca constante de informações, imagens e sons de diferentes países e culturas fortalece o senso de pertencimento à diáspora, mantendo vivas as tradições e as memórias culturais. Além disso, a mídia não apenas conecta os imigrantes, mas também desafia as ideologias nacionais que muitas vezes impõem lealdades singulares e fronteiras rígidas. Por intermédio da mídia, as comunidades diaspóricas conseguem subverter essas construções nacionais e se envolver em

práticas culturais alternativas, criando novas formas de identidade que vão além da ideia de uma única nacionalidade ou origem exclusiva.

Nas entrevistas com os 12 jovens brasileiros de segunda geração, o consumo de mídias, música e gastronomia se mostrou essencial para compreender suas vivências transnacionais. Por intermédio dessas práticas, os jovens mantêm um vínculo ativo com a cultura brasileira, seja por meio da culinária tradicional ou da música, que remete às memórias e às experiências familiares. O consumo de mídias digitais também proporciona um canal para acessar e compartilhar conteúdos culturais do Brasil, enquanto continuam a se inserir na cultura local americana.

Em relação ao consumo midiático, fica claro que a maioria dos entrevistados tiveram acesso aos programas brasileiros, e que esses fizeram parte da sua infância. Embora essa seja uma das práticas que não aparece com tanta frequência na vida dos jovens entrevistados, muitos deles reforçam a ligação que o consumo de programas foi essencial para a manutenção do português.

A análise tem início com Letícia, para quem o consumo de programa brasileiros vai além do entretenimento, representando uma conexão profunda com sua identidade. Ela relata ter crescido como uma criança brasileira nos Estados Unidos, uma experiência moldada pela exposição constante à mídia do Brasil. Esse contato intenso fez com que sua infância se assemelhasse à de uma criança criada no Brasil, apesar de estar fisicamente em outro território. Durante as visitas ao Brasil, Letícia comprava DVDs de Turminha da Xuxa para completar sua coleção, já que não conseguia encontrar esses produtos nos Estados Unidos. “Toda vez que eu ia pro Brasil, eu procurava o que não tinha, assim, o próximo da coleção que tinha lançado. Aí eu saía procurando, comprava e trazia de volta” (Letícia, 2023).

Letícia comenta que, por crescer imersa no consumo de programas midiáticos brasileiros, ela não teve muito contato com a cultura pop americana até os anos 2000. Essa diferença a faz sentir que sua infância foi como a de uma criança brasileira, já que ela não acompanhou muitos dos programas e das referências culturais populares nos Estados Unidos naquele período. Ela reflete sobre como seus amigos já estavam mais conectados com a cultura pop americana, assistindo a programas como *Degrassi*, enquanto ela permanecia ligada às novelas brasileiras.

Letícia é uma das entrevistadas que continua a vivenciar práticas culturais transnacionais por meio do consumo de mídia, tanto por apreciação pessoal quanto como forma de fortalecer os laços familiares. Ela relata assistir ao *Big Brother Brasil*

com sua mãe, com quem troca comentários sobre o programa e compartilha com seu pai o hábito de assistir a novelas, um vínculo estabelecido na infância. Além disso, durante suas visitas ao Brasil, Letícia costumava assistir a desenhos animados brasileiros para se aproximar das crianças locais, o que facilitou a construção de amizades.

Minha mãe, a gente assiste BBB fielmente juntas. Fofoca sobre BBB o dia inteiro. Novela! Meu pai é muito noveleiro, a minha mãe não. Então, assim, conectei muito com meu pai na minha infância, com isso, a gente assistiu novela. No Brasil, quando eu sinto que... eu, eu assisti uns... desenhos brasileiros, [em] português, podia conectar com as crianças lá, fiz muitas amizades.

Além de Letícia, José também mencionou que o único programa brasileiro ao qual ainda assiste regularmente é o Big Brother Brasil. Já Juliana compartilhou que continua a consumir conteúdos brasileiros, revelando seu entusiasmo por séries e filmes nacionais na Netflix, aguardando ansiosamente novos lançamentos.

Alice, Bianca e Gabriel, por sua vez, também fazem parte do grupo de jovens de segunda geração que mantém o consumo de programas midiáticos brasileiros, mas de maneira mais automática. Em suas entrevistas, não ficou claro que essa prática fosse uma escolha consciente, mas sim algo que ocorre naturalmente devido ao ambiente familiar. Eles mencionam que, frequentemente, a televisão em casa está sintonizada na Globo ou na Record, canais que seus pais assistem regularmente, e eles consomem esses conteúdos de forma passiva. Bianca comentou: "É, sim, sim. Hã, meu pai tá sempre com a Globo ligada no volume máximo, o mais alto possível, e minha mãe fica até puta da vida por ele fazer isso" (Bianca, 2023).

A maior parte dos entrevistados, como Carlos, José, Taciana, Luís, Jéssica e Tadeu, mencionaram que não consomem mais programas brasileiros. Os motivos variam desde não ter mais acesso a canais de TV a cabo até a falta de tempo para acompanhar esses programas que seus pais ainda assistem. No entanto, ficou claro nas narrativas a importância que esses conteúdos tiveram durante a infância, especialmente no aprendizado do português. Muitos deles não precisaram ser diretamente questionados sobre o consumo desses programas, pois, ao falar sobre o processo de aprendizado da língua, a relevância dos programas de TV emergiu naturalmente, evidenciando seu papel central na manutenção do idioma.

Em relação ao consumo televisivo da segunda geração de imigrantes brasileiros, pode-se afirmar que muitos deles cresceram assistindo à programação que também era amplamente consumida pela população brasileira. De acordo com Becker, Gambaro, Souza Filho (2015), a TV Globo foi uma presença constante na vida dos brasileiros com maior predomínio desde 1970.

De fato, a TV Globo²⁵ apareceu em todas as entrevistas realizadas, com menções frequentes a novelas, como *malhação* e *Avenida Brasil*, que conectavam essas gerações com a realidade brasileira. Além das novelas, programas de entretenimento dominicais, como o *Domingão do Faustão*, também foram mencionados como parte importante desse consumo cultural, servindo como uma forma de manter contato com o idioma.

Essa conexão com a Globo e suas produções ajuda a explicar como a cultura midiática brasileira permaneceu influente entre os imigrantes e suas famílias, reforçando a importância da televisão como ferramenta de preservação cultural e de transmissão de identidade.

Além disso, o consumo de mídia brasileira durante a infância desses jovens estava profundamente ligado à influência dos pais. Tadeu, por exemplo, enfatiza que sua mãe era a principal responsável por manter esses elementos, como as novelas presentes no lar. Assim, embora o consumo desses programas tenha sido significativo em um momento de suas vidas, atualmente essa prática é menos frequente ou praticamente inexistente, indicando um enfraquecimento dessas conexões.

Como sugere Levitt (2001) essa redução no envolvimento com práticas transnacionais na segunda geração é comum, embora a primeira geração mantenha um forte vínculo com o país de origem, as práticas transnacionais da segunda geração podem ser menos centrais em suas vidas e diminuem ao longo do tempo, à medida que se integram mais profundamente no país de acolhimento. No entanto, esses laços não desaparecem completamente; podem ser reativados em momentos específicos, como visitas ao país de origem ou interações familiares, o que reforça a complexidade dessas vivências transnacionais. Isso sugere que, embora os jovens não estejam tão

²⁵ A Globo Internacional foi lançada em agosto de 1999 para conectar brasileiros no exterior com a programação nacional, fortalecendo o vínculo cultural e atendendo à demanda por conteúdo em português (Globo Internacional, 2024). Disponível em: <https://globoir.globo.com/show.aspx?idCanal=6eHlg0de1hJFayUURsu5/A==&linguagem=pt>. Acesso em: 26 out. 2024.

engajados atualmente, esses laços culturais ainda desempenharam um papel importante em sua formação.

Em relação à música, como destaca Conde e Alcubierre (2023), a música permite aos imigrantes de segunda geração navegar entre diferentes identidades culturais. Por meio da música, eles não apenas mantêm laços com a cultura de seus pais, mas também criam novos sentidos de pertencimento e identidade em seu contexto atual. A música traz significados profundos, carregando memórias coletivas e experiências culturais que são passadas de uma geração para outra. Para esses jovens, ouvir a música do país de origem dos pais lhes permite expressar suas identidades culturais, ao mesmo tempo em que mantêm um vínculo com suas raízes, mesmo estando fisicamente distantes.

No que diz respeito ao consumo de música brasileira entre a segunda geração de imigrantes, é possível notar uma preferência por artistas que conseguiram algum nível de internacionalização. Embora a diversidade musical brasileira seja imensa, abrangendo diferentes gêneros e tradições regionais, os entrevistados tendem a consumir artistas populares internacionalmente, como Anitta²⁶ e o gênero musical FUNK, que ganharam destaque global.

Anitta, nascida no Rio de Janeiro, começou a carreira musical aos oito anos no coral de uma igreja e, em 2010, ganhou visibilidade no YouTube. Com o sucesso de "Show das Poderosas" em 2013, tornou-se um ícone pop no Brasil. A partir de 2017, iniciou sua expansão internacional, explorando o reggaeton e colaborando com artistas como J Balvin e Maluma. Em 2019, assinou com a Warner Music, lançando álbuns multilíngues como *Kisses* (2019) e *Versions of Me* (2022), consolidando-se como uma das principais artistas brasileiras no cenário global.

Dessa forma, enquanto a música brasileira continua presente na vida desses imigrantes, há uma tendência de consumo que privilegia estilos e artistas com mais visibilidade fora do Brasil, em detrimento da diversidade regional que seus pais ou avós poderiam ter vivenciado. Isso reflete uma mudança no padrão de consumo. Appadurai (1996) argumenta que, com a globalização, fluxos culturais, incluindo a música, se deslocam em padrões complexos que transcendem as fronteiras nacionais e regionais. Isso cria uma nova forma de consumo cultural, em que produtos culturais

²⁶ Anitta se tornou a primeira artista brasileira a alcançar o topo do ranking global do Spotify com a música "Envolver" em 24 de março de 2022. A faixa acumulou mais de 6,39 milhões de streams naquele dia.

de massa, como a música pop, ganham mais visibilidade do que expressões culturais locais ou regionais.

Carlos é um dos entrevistados que continua a consumir muita música produzida no Brasil, porém se restringe aos artistas que têm alguma conotação internacional, e inclusive frequenta shows de artistas brasileiros quando se apresentam em Boston. Algo que Carlos menciona é sobre a Bossa Nova representar o Brasil; para ele, é o tipo de música que representa o país.

A Bossa Nova, especialmente nos anos 1950 e 1960, marcou um ponto fundamental na projeção internacional da música brasileira, com artistas como João Gilberto e Tom Jobim, ressoando globalmente, especialmente após o sucesso de "Garota de Ipanema". Tinhorão (1998) argumenta que a Bossa Nova, apesar de sua sofisticação e sucesso internacional, representava uma música "elitizada", desconectada das tradições populares mais amplas do Brasil, especialmente aquelas ligadas às classes mais pobres e à música regional. Ele sugeria que a Bossa Nova era uma manifestação das aspirações da classe média urbana, especialmente do Rio de Janeiro.

O relato de Carlos exemplifica bem essa relação:

Um sonho meu era ir ao *show* da Anitta, amo muito a Anitta, gosto muito dela, Ludmila, eu gosto... Eu escuto muito *funk* brasileiro, gosto mais de *funk*, eu também gosto muito das músicas mais clássicas brasileiras, Elis Regina, Roberto Carlos, eu gosto dessas músicas mais clássicas, tipo igual aquele... tem um... não é samba, mas tem um toque... Bossa Nova, tem um toque brasileiro, você não precisa falar português, você sabe que a música vai ser em português, música do Brasil (Carlos, 2023).

Assim como Carlos, Taciana também é uma das entrevistadas que restringe seu consumo musical às músicas brasileiras com mais difusão internacional, como o funk. Esse gênero, que tem ganhado crescente popularidade fora do Brasil, foi mencionado em diversas narrativas como um dos mais escutados pela segunda geração de imigrantes brasileiros.

Segundo Viana (2016), o funk brasileiro, especialmente o funk carioca, emergiu no final da década de 1970 nas periferias do Rio de Janeiro, como uma adaptação local de influências estrangeiras, principalmente do funk norte-americano e do *Miami bass*. Ele cresceu em popularidade nas favelas e nas festas de rua, chamadas "bailes funk", em que se desenvolveu como uma forma de resistência cultural e expressão das classes populares.

Ainda de acordo com Viana (2016), nos anos 1990, o funk passou por uma fase de consolidação no Brasil, com DJs como Marlboro se tornando figuras importantes no cenário musical. A criação de coletâneas como Funk Brasil ajudou a popularizar o gênero em nível nacional. A partir dos anos 2000, o funk brasileiro começou a ganhar atenção internacional, impulsionado por sua fusão com outros gêneros globais, como o hip-hop e a música eletrônica, e por plataformas de mídia digital que facilitaram o compartilhamento de música globalmente.

Bianca, José e Gabriel, jovens de segunda geração, não apenas consomem música brasileira com forte distribuição internacional, como o funk, mas também se tornam pontes culturais ao compartilharem essas músicas com seus amigos que não são brasileiros. Para eles, a música funciona como uma ferramenta de conexão com o Brasil.

Bianca destaca também o sertanejo, gênero que remete à sua infância e ao que ouvia com seus pais; no entanto, seu interesse atual está mais focado no funk. Ela desempenha o papel de "tradutora" cultural, apresentando esse gênero aos seus amigos americanos, replicando a maneira como os brasileiros introduzem o funk a outras pessoas. Da mesma forma, José também se posiciona como um difusor da cultura musical brasileira, utilizando o funk como um ponto de conexão com seus colegas, mostrando como a música brasileira pode atravessar fronteiras e ser apreciada por públicos estrangeiros. Ele afirma que "eu tenho muitos amigos que gostam de música brasileira, mas é igual... mais funk. Daí eu... eu escuto também e ponho pra eles escutarem" (José, 2023).

Gilmar, por sua vez, vê na música brasileira um instrumento de poder cultural. Para ele, a música oferece uma oportunidade de apresentar um lado do Brasil que ele valoriza, e esse ato de compartilhar o pagode, por exemplo, traz uma sensação de orgulho e prazer ao mostrar algo que é único para seus amigos.

Sim! As melhores coisas do Brasil. Eu gosto muito de introduzir isso. Agora eu comecei a me envolver mais com a cultura brasileira, com música... porque eu não sou muito de escutar música, não, mas todo mundo está colocando, assim, 'Ó, vamos escutar uma música'. Aí eles colocam um pagodezinho, aí eu gosto. Aí eu vou, mostro para os meninos também, eles falam assim: 'Uau, que legal!', e tal, coisa diferente. [...] Sempre quando eu tenho a oportunidade de mostrar mais sobre o Brasil todo, do meu ponto de vista, eu gosto de mostrar para as pessoas (Gabriel, 2023).

Alice se destaca entre os entrevistados ao afirmar que sua identidade cultural é dividida igualmente entre influências brasileiras e americanas. No entanto, seus 50% de cultura brasileira revelam uma riqueza e diversidade significativas. Ela menciona o forró, um gênero musical que ainda não havia sido citado por outros entrevistados, e que remete às tradições populares nordestinas, enriquecendo sua conexão com a cultura brasileira. Essa conexão se aprofunda devido às suas visitas frequentes ao Brasil, onde tem a oportunidade de conhecer diferentes regiões do país.

Eu, é... eu tenho muita influência americana na minha música, eu só escuto... só escuto não, né, eu escuto música brasileira e americana. Tipo, minha *playlist*, você passa é metade português, metade em inglês. Eu escuto rap, que é muito americano, rap... R&B, é muito americano também. Mas, em português, eu também escuto tudo: rap, forró, pagode... tipo, realmente é uma mistura. Mas os dois que escuto são mesmo inglês e português (Alice, 2023).

Letícia ressalta que sua afinidade influenciada pelo convívio com sua avó, refletindo uma forte conexão tanto familiar quanto cultural com esse gênero musical. Além disso, ela demonstra um amplo conhecimento sobre artistas brasileiros que não têm grande difusão internacional, como Baiana System, Djavan, Skank, Milton Nascimento, Marisa Monte e Gilsons. Letícia lamenta o fato de que esses artistas raramente se apresentam em Boston e, quando o fazem, os ingressos são muito caros, o que a impede de participar dos eventos.

Juliana, por sua vez, também consome muita música produzida no Brasil, mas, para ela, o pagode é o ritmo que mais se destaca. A conexão com o pagode se dá pelo acesso que ela tem a uma variedade de músicas desse gênero, demonstrando uma preferência por um estilo que tradicionalmente se conecta com as experiências de comunidade e de celebração no Brasil.

Por outro lado, estão os entrevistados que têm pouca ou nenhuma identificação com a música brasileira. Luís, Raquel e Tadeu afirmam que não consomem nenhum tipo de música do Brasil. Raquel, por não dominar o idioma português, sempre se sentiu desconectada das canções brasileiras. Já Luís relata que não possui uma conexão significativa com a música do Brasil, exceto por uma única canção relacionada à Copa do Mundo, "Canarinho", que ele menciona sem lembrar o nome exato. Sua *playlist* no *Spotify* praticamente não contém música brasileira, sendo seus gêneros preferidos o *rock'n'roll* e o *heavy metal*. Tadeu, por sua vez, afirma que nunca teve interesse pela música brasileira e só a ouve em casa porque sua mãe costuma colocar para tocar.

Jaqueline ocupa uma posição intermediária no consumo de música brasileira. Seu contato com esse universo ocorre principalmente por influência de seus primos, que lhe apresentam gêneros como pagode e sertanejo. No entanto, seu conhecimento sobre outros estilos musicais do Brasil é limitado, restringindo-se ao que recebe por meio dessas influências familiares.

O consumo de música brasileira entre os entrevistados revela diferentes graus de vivências transnacionais. Alguns entrevistados mantêm um forte vínculo com a música brasileira, especialmente por meio de gêneros que alcançaram maior projeção internacional, como o funk, ou por meio de artistas renomados, como Anitta. Esses indivíduos atuam como pontes culturais, compartilhando a música brasileira com seus amigos que não são brasileiros, utilizando a música como uma forma de reafirmação de sua identidade.

Há também aqueles que equilibram a música brasileira com influências internacionais, consumindo tanto ritmos brasileiros quanto gêneros populares em outros países. Eles demonstram uma identidade musical híbrida, que reflete tanto suas raízes quanto seu contexto de vida nos Estados Unidos. Outros entrevistados, no entanto, mostram uma desconexão maior com a música brasileira, seja por não dominarem o idioma ou por terem desenvolvido preferências por gêneros como rock e heavy metal, predominantemente de influência internacional.

Agora, serão analisadas as práticas transnacionais relacionadas à alimentação entre os jovens imigrantes de segunda geração. A produção, a distribuição e o consumo de alimentos foram significativamente impactados por esse processo, que ultrapassa fronteiras físicas e simbólicas. Como destacam Iglis e Gimlin (2009), a alimentação está profundamente interligada à expansão da história global, tendo sido o primeiro mercado a se integrar globalmente, unindo culturas alimentares distantes.

Segundo Goody (1995) a circulação global de alimentos reconfigura os conceitos "local" e "global", com a produção e o consumo de alimentos se distanciando das fontes originais. Mesmo assim, esse fluxo global não ocorre de maneira igual em todos os lugares, com o grau de internacionalização dependendo das características econômicas e políticas das sociedades receptoras.

Kraieski (2016) argumenta que a globalização alimentar atua não apenas na produção e na distribuição de alimentos, mas também no significado simbólico que esses produtos adquirem ao longo de suas trajetórias transnacionais. A autora, ao se referir à alimentação de imigrantes brasileiros, destaca que eles continuam a preparar

"comida brasileira", utilizando produtos de outros países, como arroz asiático ou café colombiano, disponíveis em supermercados americanos, que são aceitos como substitutos apropriados aos produtos brasileiros.

Para a autora, o consumo de comida brasileira entre imigrantes em Boston representa uma maneira de preservar os laços familiares e culturais com o Brasil. A comida está associada ao ambiente doméstico e à comida caseira, frequentemente, vinculada a receitas transmitidas pelas mães, funcionando como uma extensão dos vínculos afetivos e culturais com o país de origem. Para os brasileiros, comer essas comidas reafirma suas identidades, mesmo em um contexto migratório em que há uma adaptação inevitável às condições locais de trabalho e aos produtos disponíveis. Kraieski (2016) conclui que os imigrantes brasileiros não mudaram significativamente seus hábitos alimentares após a imigração, e o feijão com arroz continua sendo um prato essencial na alimentação dos brasileiros em Boston.

Isso se reflete na realidade da segunda geração, que, ao vivenciar essas práticas cotidianamente no ambiente que descrevo como uma "casa brasileira" nos Estados Unidos, absorve não apenas os programas midiáticos e a música, mas também os hábitos alimentares típicos. Esse vínculo com a cultura alimentar brasileira é reforçado pelo consumo diário de pratos como arroz e feijão. No entanto, há uma exceção entre os entrevistados: uma jovem, filha de uma norte-americana, apresenta hábitos alimentares diferentes, o que ressalta a influência direta do ambiente familiar na formação dessas práticas.

Na casa de Luís e Carlos, o arroz com feijão é indispensável, e o arroz precisa ser de uma marca brasileira, algo facilitado pelo fato de morarem em Everett²⁷, uma cidade repleta de supermercados que oferecem produtos brasileiros. Para eles, essa prática alimentar não é apenas uma questão de gosto, mas de autenticidade. Carlos, inclusive, faz questão de destacar a maneira correta de preparar o arroz, reforçando que "tem que ter muito alho" para ser considerado verdadeiramente brasileiro, mostrando como até os pequenos detalhes culinários são essenciais para manter essa conexão com suas raízes culturais.

Na análise das narrativas, a comida brasileira é frequentemente vista como "comida de verdade", reforçando o papel da alimentação como um marcador cultural

²⁷ Esses são alguns dos estabelecimentos que vendem produtos brasileiros em Everett, MA: Vitória Meat Market, Brazuka Store, Super JC Market, e Hi Brazil Market.

e de identidade entre os imigrantes de segunda geração. Juliana exemplifica essa percepção ao falar sobre sua preferência por pratos como arroz e feijão, coxinha, pastel, brigadeiro e pão de queijo, alimentos que remetem ao Brasil. Juliana mostra como esses alimentos estão profundamente enraizados em sua vivência e são continuamente celebrados em momentos especiais, em que a comida brasileira predomina sobre a americana, reforçando a conexão com o Brasil.

Amo! Eu tenho aquele negócio de falar, comida de verdade, né? Então, eu sou muito, assim, cresci com arroz e feijão, eu amo arroz e feijão até hoje. Tem vários restaurantes por aqui, depois eu dou uma listinha pra você que, nossa, amo ir, é... coxinha, pastel, brigadeiro, eu amo, é... de comer. Pão de queijo, nossa, pão de queijo, guaraná, não tem igual (...) Não tem, eu amo Guaraná. Sempre tem um engradado lá em casa agora. Minha mãe até pegou um empadão pro Natal, sem farofa e salpicão, pro *Thanksgiving* e Natal, né? As pessoas sempre falam: " – Ah, você tem comida brasileira, no, nessas, *holidays*, né?". Falei: " – Só". Não tem comida americana na minha casa, não.

A crítica de Juliana à ausência de "comida americana" em sua casa durante os feriados reflete uma rejeição clara ao *fast food* e à culinária industrializada dos Estados Unidos, reforçando a ideia de que a comida brasileira é percebida como mais autêntica e "real". Essa percepção é corroborada pela análise de Kraieski (2016), que destaca como os imigrantes brasileiros mantêm suas práticas alimentares como uma forma de preservar suas tradições culturais. No entanto, a adesão ao *fast-food* entre os brasileiros também tem uma motivação econômica, pois as promoções frequentes tornam esses alimentos mais acessíveis. Ainda assim, muitos brasileiros criticam a qualidade e o valor nutricional do fast-food, preferindo valorizar a "comida de casa", que é vista não apenas como mais saudável, mas também como um elemento essencial para manter a cultura familiar e a conexão com o Brasil.

Assim como Alice, que prefere a comida brasileira e sente a falta de acesso a ela na universidade, muitos jovens de segunda geração de imigrantes mantêm uma forte ligação com a alimentação de suas origens, mesmo em contextos diferentes. Acostumada a uma dieta baseada em arroz, feijão, carne e salada, Alice relata que, apesar de experimentar outras opções culinárias na universidade, como a indianas e a asiáticas, sente falta da comida caseira com a qual cresceu. Ela nunca teve interesse por alimentos típicos dos Estados Unidos e atribui isso à influência de seus pais, que também mantiveram a tradição alimentar brasileira.

Não, graças a Deus! Em casa eu só como... é, bom aqui não tem opção, né? Porque eu como aqui na faculdade, então só tem que comida americana. [Só]

americana também não, eles tentam ter coisa de diversidade, Índia, asiático, claro, claro, claro... mas, em casa, é comida brasileira. Normalmente é comida brasileira. Então, meu namorado até fala que eu não tenho... eu conheci ele e: “ - Como assim você nunca comeu isso? Como assim nunca comeu isso?”. Não, minha mãe faz arroz, feijão, carne, frango, uma salada. Nossa, sério, maior saudade. Daí, é isso, é o suficiente pra mim. Eu amo, eu amo! Sério, eu amo. Então, por isso nunca provei essas coisas, por isso nunca comi coisas americanas porque, realmente... também, meus pais que não tinham muita influência americana também, eles não sabem fazer muitas coisas, e eu não tenho interesse nessas coisas. Claro que a gente come mais em dia, mas tipo, normalmente, eu só como comida brasileira.

Luís compartilha dessa percepção, expressando uma rejeição clara à comida americana, especialmente ao *fast-food*, que ele considera menos satisfatório em comparação com a comida brasileira.

Por exemplo, comida americana não é... X-Burger pô... quem que consegue comer isso? Eu como... tem que viver, não é? Não posso ser mal-educado lá num churrasco da minha namorada, mas que eu prefiro e que eu sei que um arroz, vinagrete, feijão tropeiro, uma farofa, carne, picanha, hmmm... não existe uma coisa melhor que isso, não existe (Luís, 2023).

Além disso, para Bianca, José, Jéssica, Tadeu e Tatiana, a comida representa uma conexão profunda com suas famílias. Eles associam as refeições aos eventos familiares, às festas em casa e à imagem de uma mesa sempre farta e variada. A lembrança de pratos típicos, como arroz, carne, vegetais e feijão, evoca memórias afetivas e culturais. Jéssica, por exemplo, relembra com carinho das refeições tradicionais que envolviam esses alimentos essenciais: "Arroz, carne, vegetal, like, feijão...".

Como argumenta Fischler (1995) ao dizer que a alimentação é um dos principais veículos de transmissão cultural dentro da família. O ato de compartilhar refeições desempenha um papel central na construção e na manutenção dos laços familiares, sendo um momento essencial para a reafirmação das tradições e da coesão social. Essas práticas alimentares em torno da mesa são fundamentais para reforçar as identidades culturais e familiares, garantindo a continuidade das tradições, mesmo em um contexto migratório.

Além disso, Gabriel demonstra um conhecimento apurado das diferenças regionais da culinária brasileira. Ele não apenas aprecia a comida do Brasil, mas é capaz de distinguir e valorizar as particularidades gastronômicas de cada região. Para ele, a culinária mineira se destaca como a melhor, e ele expressa isso claramente ao comparar com outras regiões: “É comida mineira, nem se compara, nossa! Comida lá

de Minas é a melhor do Brasil." Ao lembrar sua experiência no Nordeste, Gabriel menciona que, embora tenha apreciado a viagem, a culinária local não o impressionou tanto quanto a de Minas Gerais: "Eu fui lá... eu fui no Nordeste uma vez, e a comida lá não era boa comparada com a de Minas. De Minas, era melhor".

Isso é importante porque, muitas vezes, ao se referir à "comida brasileira", esquece-se de mencionar as ricas e as variadas diferenças regionais que o país oferece. O Brasil é imenso e suas regiões possuem tradições culinárias muito distintas entre si, que vão muito além de uma identidade gastronômica unificada (Lody, 2008). A fala de Gabriel destaca exatamente essa diversidade, ao enfatizar que, para ele, a culinária mineira se sobressai em comparação com a de outras regiões, como o Nordeste.

As práticas transnacionais alimentares observadas entre os jovens de segunda geração são, sem dúvida, um reflexo das práticas transmitidas pela primeira geração, e permanecem fortemente enraizadas. Embora os jovens estejam inseridos em um contexto globalizado, em que a produção e o consumo de alimentos se distanciam de suas fontes originais como destacado por Iglis e Gimlin, (2010), eles continuam a valorizar os hábitos alimentares herdados de seus pais e avós, utilizando a alimentação como uma forma de reafirmar se conectar com suas raízes culturais. A comida brasileira, muitas vezes associada à "comida de verdade", como expresso por vários entrevistados, continua sendo um elemento essencial de conexão familiar e cultural, mesmo em meio à adaptação aos produtos e aos ritmos alimentares dos Estados Unidos. Como demonstrado por Kraieski (2016), a preparação de alimentos brasileiros com produtos substitutos disponíveis localmente é uma forma de preservar essas tradições em um ambiente globalizado. Além disso, a rejeição ao *fast food* e à culinária industrializada dos EUA reforça a percepção de que a comida caseira e tradicional é autêntica e cheia de significados, tanto culturais quanto emocionais. Ao examinar essas práticas alimentares, torna-se evidente que a alimentação continua a desempenhar um papel fundamental na manutenção dos laços culturais e familiares.

A seguir, será apresentado um quadro geral com as práticas transacionais dessa seção:

Quadro 6 - Práticas transacionais do Eixo Sociocultural: mídia e comida

Nome	Consumo de Programas Brasileiros	Consumo de Música Brasileira	Consumo de Comida Brasileira.
Juliana	Continua a consumir programas brasileiros	Consome ritmos como pagode.	Alimentação com produtos e pratos brasileiros
Carlos	apenas na infância, não consome mais programas brasileiros	Consome apenas artistas amplamente conhecidos no cenário internacional.	Alimentação com produtos e pratos brasileiros
Bianca	Continua a consumir programas brasileiros	Consome apenas artistas amplamente conhecidos no cenário internacional.	Alimentação com produtos e pratos brasileiros
José	apenas na infância, não consome mais programas brasileiros	Consome apenas artistas amplamente conhecidos no cenário internacional.	Alimentação com produtos e pratos brasileiros
Raíssa	Não consome, pois não entende o idioma.	Não consome.	Não Consome.
Letícia	Continua a consumir programas brasileiros	Consome diferentes nomes da música brasileira.	Alimentação com produtos e pratos brasileiros
Taciana	apenas na infância, não consome mais programas brasileiros	Consome apenas artistas amplamente conhecidos no cenário internacional.	Alimentação com produtos e pratos brasileiros
Gabriel	apenas na infância, não consome mais programas brasileiros	Consome diferentes nomes da música brasileira.	Alimentação com produtos e pratos brasileiros
Alice	Continua a consumir programas brasileiros	Consome diferentes nomes da música brasileira.	Alimentação com produtos e pratos brasileiros
Luís	apenas na infância, não consome mais programas brasileiros	Não consome.	Alimentação com produtos e pratos brasileiros
Jéssica	apenas na infância, não consome mais programas brasileiros	Consome apenas artistas amplamente conhecidos no cenário internacional.	Alimentação com produtos e pratos brasileiros
Tadeu	apenas na infância, não consome mais programas brasileiros	Não consome.	Alimentação com produtos e pratos brasileiros

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

5.2.3 Brasil, o país do futebol: conexões transnacionais

O futebol emergiu como a prática transnacional mais relevante nas narrativas dos jovens de segunda geração entrevistados. Para iniciar a análise, é fundamental destacar alguns elementos que fazem do futebol uma parte central da cultura e da identidade social no Brasil, um fenômeno que se estende para além das fronteiras. Mesmo distantes fisicamente, o futebol permanece um elo cultural e afetivo, mantendo seu papel de integração e de expressão de identidade para esses jovens em diferentes contextos.

Sousa (2018) afirma que a inserção do futebol no Brasil, inicialmente restrita às elites brancas e as classes mais altas, passou por um processo de democratização que permitiu sua apropriação pelas classes populares, em especial negros e mestiços. A análise de Gilberto Freyre é central para entender essa transformação, pois ele foi

um dos primeiros a abordar o futebol dentro de um contexto mais amplo de miscigenação e interação cultural. Segundo Sousa (2018), Freyre associou o futebol ao samba e à capoeira, destacando como esses elementos de origem africana contribuíram para a criação de um estilo brasileiro único de jogar, o "futebol-arte".

De acordo com Sousa (2018), a narrativa de Mario Filho em *O Negro no Futebol Brasileiro* (2003) aprofunda essa perspectiva ao mostrar como o futebol se tornou um espaço em que as barreiras raciais começaram a ser rompidas. O Vasco da Gama, por exemplo, foi um dos primeiros clubes a incluir negros e mestiços em seu time, desafiando as elites brancas que dominavam o esporte nos anos 1920. O futebol, nessa perspectiva, refletia um microcosmo da sociedade brasileira, em que a ideia de democracia racial começava a se manifestar, ainda que de forma limitada e cheia de contradições.

Outro expoente que, segundo Sousa (2018), influenciou tanto a academia quanto a imprensa esportiva, ajudando a consolidar uma percepção hegemônica sobre o futebol brasileiro, foi Roberto DaMatta. Ele deu continuidade a esse pensamento ao reinterpretar a tese da democracia racial, transformando-a em uma visão de "democracia social". DaMatta desenvolveu o conceito de "dilema brasileiro", no qual as relações pessoais prevalecem sobre as impessoais, caracterizadas pelo famoso rito do "Você sabe com quem está falando?". Ele utilizou essas reflexões para explicar a desigualdade no Brasil, ao mesmo tempo em que destacava o papel de ritos como o futebol em criar experiências momentâneas de justiça social, oferecendo à sociedade brasileira uma experiência positiva e coletiva de competência e vitória, diferente das mazelas cotidianas.

Ainda de acordo com o autor, a partir dos anos 1990, diversos pesquisadores começaram a estudar o futebol no Brasil sob uma perspectiva sociocultural, em parte influenciados pelas ideias de Roberto DaMatta. Sousa (2018) destaca o trabalho de Toledo (2000), que adota um enfoque estruturalista e culturalista para analisar o futebol brasileiro como um espaço de "significações flutuantes", moldadas pelas expectativas de diferentes atores sociais. Ele argumenta que as técnicas corporais no futebol são produtos de diferentes apropriações do esporte, o que contribui para a criação de um "estilo futebolístico brasileiro", influenciado pela heterogeneidade étnico-social e pela resistência negra na formação da sociedade brasileira.

Em certa medida, e guardadas as particularidades ou mesmo exceções à regra, os estudos culturalistas aqui mencionados, ao materializarem uma série de análises através de um uso crítico ou acrítico de categorias como “futebol dionisiaco”, “futebol-arte”, “futebol gingado”, “futebol moleque”, “pátria de chuteiras”, “país do futebol”, “estilo nacional”, “paixão nacional”, “jeitinho brasileiro” etc., não apenas concorreram para restituir cientificamente as dinâmicas estruturantes do contexto de ação futebolístico, como pensaram seus proponentes, mas também contribuíram para a preservação das tradições e raízes identitárias dessa prática esportiva no Brasil (Sousa, 2018, p. 131).

Franco Júnior (2013) aponta que, embora o Brasil tenha uma forte tradição futebolística e seja o único país a ter conquistado cinco Copas do Mundo, essa superioridade nem sempre se reflete em outros aspectos. O número de jogadores profissionais no Brasil, por exemplo, é impressionante, mas muitos não conseguem viver do esporte e as condições socioeconômicas frequentemente impulsionam a busca por carreiras no futebol. Além disso, a média de público nos estádios brasileiros é muito inferior à de países como Alemanha, Inglaterra e até Portugal, sugerindo que o amor pelo futebol não se traduz necessariamente em maior envolvimento com o esporte.

Outro ponto importante destacado por Franco Júnior (2013) é que o futebol no Brasil tem sido utilizado como um elemento compensatório para a falta de reconhecimento em outras áreas, como ciência e cultura. O futebol torna-se um símbolo de glória para um país que, historicamente, não produziu um grande número de intelectuais, artistas ou heróis mundialmente consagrados. O autor conclui que, ao se apegar à ideia de ser o “país do futebol”, o Brasil perpetua uma autoimagem que não corresponde totalmente à realidade. Ele propõe que o Brasil adote uma visão mais equilibrada e realista, reconhecendo-se como um país com bons jogadores de futebol, mas não necessariamente o país do futebol.

Com base nessas análises, apresentam-se as narrativas dos entrevistados, destacando, em primeiro lugar, a relação de proximidade com seus pais, que foram profundamente influenciados pela cultura do futebol. Em segundo lugar, exploram-se os discursos que abordam o merecimento do Brasil em vencer competições, enfatizando como, diante de tanta desigualdade, o futebol oferece momentos de alegria e alívio ao povo brasileiro. Além disso, as narrativas reforçam o orgulho nacional em torcer por times brasileiros, reconhecidos por jogar um futebol mais “bonito” e artisticamente admirado.

Jéssica se enquadra no grupo de entrevistados que demonstram práticas transnacionais ligadas ao futebol, influenciadas por suas relações familiares e por suas relações sociais. Embora se identifique como torcedora do Cruzeiro, admite que seu conhecimento sobre o time é superficial, o que sugere que sua afiliação ao clube é mais simbólica e cultural do que pessoal (Helal, 2011).

Gabriel compartilha um nível semelhante de envolvimento. Identificando-se como torcedor do Cruzeiro, sua afiliação não se traduz em um acompanhamento regular dos jogos ou em conhecimento profundo do time. No entanto, sua identificação com o clube proporciona uma importante conexão social, especialmente com brasileiros e com amigos nos Estados Unidos, que o reconhecem como "cruzeirense".

Sim, sim. Aqui não, aqui é cruzeirense, cruzeirense. Torço pro Cruzeiro. Eu não assisto tanto, não, mas eu torço. [Inaudível], as pessoas vira e mexe, as pessoas perguntam: “- E o Cruzeiro?”. [Eu]: “- Cruzeiro tá como sempre, né? Sempre foi o melhor do mundo”, mas na verdade eu nem sei como é que tá aí o time... (Gabriel, 2023).

Damo (2002) explora como o futebol funciona como um sistema de lealdade e identidade coletiva, mesmo para aqueles que não participam ativamente ou que assistem aos jogos apenas ocasionalmente. Gabriel e Jéssica exemplificam isso ao se identificarem como torcedores do Cruzeiro, utilizando essa afiliação como uma forma de conexão social. De acordo com o autor, para muitos brasileiros, ser torcedor de um clube é uma forma de afirmação social e cultural que vai além do campo esportivo. A identidade como torcedor está associada a sentimentos de pertencimento e à conexão com a cultura brasileira.

De forma semelhante, Taciana e Raíssa demonstram sua conexão com o futebol de maneira intermitente, particularmente durante eventos de grande destaque, como a Copa do Mundo. Esse comportamento se alinha ao que Giulianotti (2002) descreve como a postura dos 'flâneurs' ou 'aficionados eventuais', torcedores que não acompanham o time de forma regular, mas que mantêm uma identificação cultural e se engajam em momentos de mais visibilidade, como competições internacionais.

Nesses eventos, eles reforçam laços culturais e sociais que transcendem a regularidade do acompanhamento esportivo. Letícia, por sua vez, apoia a seleção e reconhece as dificuldades enfrentadas pelos atletas brasileiros, apesar de seu distanciamento do futebol local. Essas identidades são carregadas de significados

simbólicos que ultrapassam o campo esportivo, refletindo questões sociais brasileiras, como a desigualdade que Letícia observa no esporte no Brasil.

Hm, me identifico mais... e eu sei que, pra mim, aqueles atletas brasileiros tiveram que, claro que você chegou numa Olimpíada, como qualquer atleta, é difícil, mas a, as oportunidades de você, como brasileiro, poder ingressar no esporte e se dedicar chegar até onde você chegou, é muito mais difícil, porque aqui tem muito mais oportunidades. Eu vejo mais por essa lente. (Letícia, 2023).

Carlos torce para a seleção brasileira com a convicção de que o país merece vencer uma Copa do Mundo, especialmente devido às dificuldades enfrentadas pela população. Para ele, “a única coisa que tira o Brasil da merda é um Hexa (...) Então a única coisa que realmente unia as pessoas, os brasileiros, eu acho que seria um campeonato da Copa” (Carlos, 2023). DaMatta (1997) explora essa ideia ao discutir o futebol como um “rito de inversão”, em que, temporariamente, a sociedade brasileira experimenta um senso de igualdade e vitória, transcendendo as injustiças cotidianas, permitindo uma projeção de aspirações de superação e de dignidade coletiva.

José foi um dos entrevistados que demonstrou forte conexão com o futebol, destacando sua relação com o esporte a partir de dois pontos principais. Primeiro, ele lembra dos momentos em que assistia aos jogos do Flamengo com seu pai, fortalecendo um laço familiar. Além disso, José menciona que acompanha exclusivamente o futebol brasileiro, pois acredita que ele possui uma técnica superior, o “futebol-arte”. Um aspecto interessante é que José, geralmente reservado, abriu-se durante a entrevista ao falar sobre futebol, inclusive expressando que, se morasse no Brasil, seria para jogar por um time local.

Assim como José, Luís também expressou seu orgulho de ser brasileiro ao falar sobre futebol. Para ele, a rica história e a tradição que o Brasil construiu no esporte são fundamentais para alimentar sua paixão, especialmente pela seleção brasileira. Luís acredita que o futebol, em particular a seleção nacional, simboliza pertencimento e orgulho nacional, intensificado durante competições internacionais, como a Copa do Mundo. A visão de Luís reflete a análise de autores como Couto (2024) e Kupper (2018) que discutem o futebol como um instrumento poderoso de identidade nacional. Couto (2024), por exemplo, mostra como a Copa do Mundo de 1950 foi usada como uma ‘vitrine’ para exibir o potencial do Brasil ao exterior, com a construção do Maracanã servindo como símbolo de grandiosidade e modernidade, consolidando o futebol como elemento central da identidade nacional, representando a esperança e

o sofrimento de uma nação. Já Kupper (2018) explora como o futebol foi utilizado desde o período do Estado Novo como uma ferramenta de construção identitária, destacando seu papel na formação de um senso de pertencimento coletivo e nacional.

Eu acho porque eu gosto mais do Brasil é porque tem mais uma história no futebol, é... a história da Seleção Brasileira. Não é só porque eles são bons, é porque, literalmente, tem uns jogadores bom, aqueles jogadores, igual, são como... eu não sei explicar muito bem, mas, igual, a história do Brasil é bonito no futebol (Luís, 2024).

Tadeu é outro jovem cuja vivência transnacional é fortalecida pelo futebol. Ele descreve como sua mãe trouxe elementos da cultura brasileira para dentro de casa, especialmente o futebol, que é central na identidade cultural do Brasil. Tadeu menciona que sua família mantém tradições ligadas à seleção brasileira, como o uso de bandeiras e camisas durante os jogos. Ele afirma: "A gente tem bandeira do Brasil no meu quarto. Como tem o jogo da seleção, todo mundo tem uma camisa do Brasil" (Tadeu, 2023).

Além disso, Tadeu reflete sobre como o futebol influencia se sentimento de brasilidade. Ele relata que "Eu acho que falo mais brasileiro, porque assisto mais esportes do Brasil... comparado com aqui, eu não assisto futebol americano ou beisebol" (Tadeu, 2023). O futebol, para Tadeu, é algo que ele acompanha por si próprio, independentemente das outras rotinas da casa, como a comida e os programas de TV. Ele explica: "Quando é esporte, porque eu gosto de futebol, eu assisto por mim mesmo" (Tadeu, 2023).

Tadeu explica que torce para dois times diferentes: o Flamengo, influenciado por sua mãe e o Cruzeiro por seu pai. Ele questiona se isso faz sentido e eu respondo que essa prática é muito comum no Brasil. Helal (2011) discute a afinidade múltipla de torcedores com diferentes clubes no Brasil, destacando como muitos brasileiros mantêm essa flexibilidade em sua lealdade esportiva, onde a conexão com vários times se dá por razões culturais, regionais.

Além disso, Tadeu compartilha que ele e sua mãe adotam a prática de não trabalhar em dias de jogos da seleção brasileira durante a Copa do Mundo. Para eles, o evento tem quase o status de um feriado. Tadeu menciona que, em um dia de jogo, até levou o celular e os fones de ouvido para o trabalho, para continuar assistindo à partida: "Tava com meu telefone no meu bolso, quando eu tava trabalhando também, pra ir com fone de ouvido pra assistir ainda" (Tadeu, 2023).

Durante a Copa do Mundo, muitos entrevistados mencionaram que cidades como Everett e Framingham se transformam em verdadeiros redutos de torcedores brasileiros, criando uma atmosfera que facilita a conexão com o Brasil. Letícia, por exemplo, comenta sobre essa experiência: "No verão, o centro não passa carro, é carro passando, buzinando". Ela destaca que, mesmo com o frio no ano da Copa realizada em novembro, ainda houve uma forte mobilização dos brasileiros, tornando impossível não participar desse clima de festa e pertencimento coletivo.

Bianca revela sua forte conexão com o futebol, uma prática transnacional influenciada diretamente por seu pai. Quando pergunto se, por ser do Rio de Janeiro, ela é flamenguista, ela responde com humor: "Eu vou desligar, por favor, não! (Risos) Eu sou vascaína, de coração! (Risos). Se meu pai escutava isso aqui agora, ele entrava aqui: 'Você tá falando com quem? Desliga'" (Bianca, 2024). Ela conta que sempre jogou futebol na escola, como atividade extracurricular, mas teve que parar na faculdade por falta de tempo. Ela ainda torce para o Brasil e acompanha o futebol brasileiro, afirmando: "Um, porque Brasil é o meu lar e dois, porque o time americano de futebol do... horrível, não dá nem pra olhar porque dá, dá pena". Bianca também planeja assistir a um jogo da Copa do Mundo de 2026 nos Estados Unidos, especialmente para ver a seleção brasileira.

Alice também menciona a influência de seu pai em sua identidade futebolística, sendo uma torcedora apaixonada pelo Vasco da Gama. Quando pergunto se ela se identifica como brasileira, ela responde enfaticamente: "Claro, sou vascaína". Em uma conversa após nossa entrevista, perguntei se ela sabia algo sobre a história do clube, e ela respondeu que sim. Esse conhecimento a faz sentir ainda mais orgulho, por ser brasileira quanto por ser vascaína, destacando o legado cultural e histórico do clube.

Juliana, por outro lado, destaca suas raízes flamenguistas. Ela vem de uma família inteiramente torcedora do Flamengo e mantém as bandeiras do clube e do Brasil expostas em sua casa. Ao acompanhar os campeonatos e os jogos, Juliana compartilha que, mesmo após a eliminação do Brasil na Copa do Mundo, seu envolvimento com o futebol não diminui, pois o Flamengo continua disputando outras competições, oferecendo esperança de novos títulos. Para ela, o futebol vai além das competições internacionais, sendo uma paixão que persiste por meio do clube que segue e admira ao longo do ano.

Vamos agora começar a torcer pro Flamengo, porque no Brasil nunca vai perder, né?". Ai, o nosso querido Eu vi aquele jogo no, no escritório. Os

americanos que não entendem, eles falam: “ – Ai, eu quero ir pra pênalti, eu quero ir pra penâlti”. “ – Cala a boca!”, eu tô aqui morrendo e você tá querendo, sabe? Eu chorei nos pênalti. Eu chorei (Juliana, 2023).

A análise das narrativas dos entrevistados revela o papel central do futebol como prática transnacional e sua conexão com a identidade cultural brasileira. O envolvimento com o futebol se mostrou, entre praticamente todos os entrevistados, um meio de manter vivas tradições familiares e culturais, onde clubes e seleções são símbolos de pertencimento e o orgulho nacional. Por meio do futebol, eles mantêm uma relação simbólica com o Brasil, que vai além da prática esportiva, reforçando aspectos de sua "brasilidade", seja por meio do apoio à seleção brasileira em competições internacionais ou da conexão com times brasileiros, como Vasco, Flamengo, Cruzeiro e Atlético Mineiro.

Essas narrativas também mostram como o futebol, independentemente de ser acompanhado ativamente ou não, funciona como um elo emocional e social. Os jovens entrevistados utilizam essa identidade futebolística como uma forma de expressão cultural, conectando-se a outros brasileiros no exterior. Ao reconhecer a importância simbólica de torcer para times brasileiros, seja por influência familiar ou pelo orgulho de sua história e tradição, os entrevistados perpetuam a relação afetiva com o país, refletindo a relevância que o futebol possui na formação de sua identidade transnacional, com falas como: "Aqui é Cruzeiro", "Eu sou vascaína" e "O Flamengo é o mais querido".

Quadro 7 - Práticas transnacionais Eixo Sociocultural: futebol

Nome	Relação com times Brasileiros	Seleção Brasileira
Juliana	Torcedora do Flamengo, acompanha jogos e competições no Brasil	torce para o Brasil em competições internacionais
Carlos	Torcedor do Flamengo, não acompanha campeonatos de times no Brasil.	torce para o Brasil em competições internacionais
Bianca	Torcedora do Vasco, acompanha jogos e competições no Brasil	torce para o Brasil em competições internacionais
José	Torcedor do Flamengo, acompanha jogos e competições no Brasil	torce para o Brasil em competições internacionais
Raíssa	Não acompanha campeonatos de times no Brasil.	torce para o Brasil em competições internacionais
Letícia	Torcedora do Atlético Mineiro, não acompanha campeonatos de times no Brasil.	torce para o Brasil em competições internacionais
Taciana	Não torce para nenhum time e não acompanha campeonatos no Brasil.	torce para o Brasil em competições internacionais
Gabriel	Torcedor do Cruzeiro e não acompanha campeonatos de times no Brasil.	torce para o Brasil em competições internacionais

Alice	Torcedora do Vasco, acompanha jogos e competições no Brasil	torce para o Brasil em competições internacionais
Luís	Torcedor do Flamengo, não acompanha campeonatos de times no Brasil.	torce para o Brasil em competições internacionais
Jéssica	Torcedora do Cruzeiro não acompanha campeonatos de times no Brasil.	torce para o Brasil em competições internacionais
Tadeu	Torcedor do Flamengo e do Cruzeiro, acompanha jogos e competições no Brasil	torce para o Brasil em competições internacionais

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

5.3 As práticas transnacionais no Eixo Político

De acordo com Marques e Góis (2007), uma das características mais desafiadoras do transnacionalismo migrante contemporâneo está relacionada às redes potenciais de intervenção e de participação política em mais de um Estado. A habilidade de votar, ser eleito e participar politicamente tanto no país de origem quanto no de acolhimento, influenciando decisões em ambos, constitui um desafio significativo que se manifesta de várias maneiras nas práticas transnacionais.

Nessa seção, analisam-se as práticas políticas transnacionais da segunda geração de brasileiros em Massachusetts, com foco no engajamento deles nas eleições presidenciais do Brasil em 2022. Esse evento ocorreu logo após o início das entrevistas e foi um dos principais tópicos mencionados pelos entrevistados. A participação política dos jovens de segunda geração destaca-se pela capacidade de manter um vínculo ativo com o país de origem, por meio da obtenção do título de eleitor, participação direta nas eleições, seja votando ou apoiando candidatos, e pelo uso das redes sociais para discutir e compartilhar informações políticas.

A polarização política apareceu de forma recorrente nas entrevistas com a segunda geração de brasileiros em Massachusetts, especialmente em relação às eleições presidenciais do Brasil de 2022. Alguns jovens relataram que a polarização nas discussões familiares, como em almoços de domingo, aprofundou as divisões dentro das famílias e das comunidades imigrantes. A polarização também foi comparada à situação política nos Estados Unidos durante o governo de Donald Trump, sugerindo que os jovens percebiam um cenário semelhante de radicalização das posições políticas em ambos os países. Essas divisões afetaram diretamente as percepções desses jovens sobre o Brasil, influenciando suas opiniões e suas decisões, tanto pessoais quanto políticas.

Alice e Bianca, por exemplo, afirmam que tentam acompanhar tudo o que podem sobre o que acontece no Brasil, pois acreditam que essa é sua maneira de contribuir com o país, participando ativamente do processo democrático.

Então, faz muitos anos agora. Acho que hoje a política e tal, eu tenho que seguir, porque eu vou votar. Claro que eu quero o melhor pro Estado do Brasil, então eu tento ajudar da maneira que eu consigo, né, que é me informar e tal. E é isso. É difícil não seguir essas coisas, porque tudo na minha vida é brasileiro. Eu tenho meus amigos aqui, mas minha família... e eu tenho meus amigos lá do Brasil também, então fica difícil não seguir essas coisas (Alice, 2023).

Alice e Bianca são entrevistadas as quais reconhecem a importância de participar dos processos políticos no país de origem de seus pais. Como se sentem brasileiras, acreditam que sua participação pode, de alguma forma, contribuir para o desenvolvimento do Brasil, país com o qual escolheram se identificar. Para elas, essa conexão vai além de uma simples formalidade; envolve um compromisso genuíno em se manter informadas e exercer sua cidadania, mesmo vivendo fora do país. Segundo Glick Schiller, Basch e Blanc-Szanton (2002), os migrantes transnacionais, e até mesmo seus descendentes, podem desenvolver identidades múltiplas que englobam tanto a cultura do país de origem quanto a do país de acolhimento. Essas identidades complexas permitem que eles participem de atividades políticas que transcendem fronteiras geográficas.

Juliana comenta que se distanciou dessas discussões ao perceber que o debate político na família estava muito vinculado aos valores religiosos e à defesa de figuras como Bolsonaro e Trump, algo que ela não conseguia compreender ou aceitar. O ambiente político polarizado do Brasil repercutiu nas dinâmicas familiares de Juliana, afetando a maneira como ela e outros membros de sua família se posicionam e participavam politicamente, seja no Brasil ou nos Estados Unidos.

Então, isso é uma coisa, um pouquinho, sabe, na minha família, porque eles levaram muito pro lado do Bolsonaro, porque, né, religiosos... eu entendo, porque isso, política, é uma coisa grande que eu bato muito cabeça com a minha família, até aqui, né? Eles eram muito pro Trump, que eu não entendia, não entendia, mas tem esse negócio de religião, né? Eu tô até hoje, assim, vendo, eles falarem, “ – Ai, o Bolsonaro tomou a frente, tá conseguindo, tomou posse”, mas eu, eu já cheguei a um ponto que eu não quero mais, assim, entrar (Juliana, 2023).

Carlos, por sua vez, escolheu não participar do processo eleitoral devido ao receio de sofrer violência no local de votação em Framingham/MA²⁸ reforçando o impacto direto do ambiente político polarizado sobre o comportamento político dos migrantes. Letícia, ao contrário, decidiu votar mesmo diante desse contexto de polarização e do risco mencionado por Carlos. Ela relata que, no dia da votação:

Eu fui votar, as pessoas fardadas de, de... dos cabelos aos tênis do pé, de Brasil, de... aquelas camisetas de Bolsonaro, que é lema dele, "Deus acima de todos", sei lá o que... E eu fui com meu chapeuzinho do Lula, sim. Minha filha, eles olhavam pra mim, assim, e eu olhava de volta e as pessoas falavam... É porque, é... no lugar, eu votei em um local... eu votei em Framingham Quando você vai renovar o seu passaporte, eles te perguntam, é... aonde que você quer votar? Eu coloquei Framingham. Na época que minha mãe renovou o dela, ela não mudou, então o dela continua em Malden. E ela falou que tinha gente com sirene lá, que gritava, assim: " - Vamos prender o, o Lula, aquele corrupto! ". Isso aqui foi uma coisa vergonhosa. Ela falou que ela nunca viu que na vida... eu também fui, as pessoas olhavam com olhar de ódio. Eles, depois da primeira fase, eles fizeram, é... manifestação pró-Bolsonaro no centro. Depois que o Bolsonaro perdeu, até aqui teve... Que foi uma vergonha, o povo ali no centro, fazendo manifestação pro Bolsonaro, igual o povo lá do Brasil tava fazendo. Eu acompanhei muito de perto, eu sou.... as minhas políticas são da esquerda. Então, pessoas da minha família criaram inimizade comigo e com os meus pais (Letícia, 2023).

Carlos, Letícia e Juliana responderam de maneiras distintas, demonstrando como as experiências transnacionais podem gerar diferentes estratégias de enfrentamento. Enquanto Juliana e Carlos optaram por se afastar das discussões políticas para preservar os relacionamentos familiares; Letícia se mobilizou politicamente, mesmo diante de um ambiente hostil, adotando uma postura mais ativa ao participar da campanha eleitoral e engajar-se nas redes sociais. Ela comenta: "Fiz campanha nas redes sociais... fui bloqueada de vários grupos de família." Sua participação política destaca uma abordagem de resistência e mobilização, mesmo em face de um ambiente político e familiar adverso.

Segundo Fuks e Marques (2023), a polarização política no Brasil é um fenômeno recente que se intensificou particularmente durante as eleições de 2018. Ela se manifesta de maneira mais afetiva do que ideológica, sendo caracterizada por sentimento de rejeição e hostilidade entre eleitores de grupos políticos opostos. Isso significa que, em vez de uma separação clara entre diferentes ideologias políticas, o que predomina no Brasil é uma divisão baseada nas figuras de candidatos ou

²⁸ Os locais de votação no exterior, em Boston são: Boston, Framingham, Hyannis, Nashua, Stoughton, Fonte: <https://www.tse.jus.br/hotsites/locais-votacao-exterior/>. Acesso em: 18 maio 2024.

lideranças políticas, criando um ambiente de forte desafeição. Essa polarização afetiva está relacionada ao contexto político específico do país, marcado pela ascensão de uma nova direita e pela fragilidade dos vínculos entre eleitores e partidos, o que favorece um comportamento mais personalista na política.

Ainda de acordo com os autores, a polarização no Brasil é assimétrica, com um crescimento mais expressivo entre eleitores da direita. Embora a ideologia também tenha um papel, o crescimento das posições extremas ocorre principalmente entre os eleitores de direita, enquanto a esquerda tem mostrado uma tendência de moderação nos últimos anos. No entanto, essa polarização não está amplamente difundida entre todos os eleitores, mas sim concentrada em grupos mais politicamente engajados, como aqueles que têm mais interesse por política ou que se identificam fortemente com partidos específicos. Dessa forma, a polarização no Brasil reflete tanto o cenário político quanto a dinâmica social do país, envolvendo uma interação complexa entre líderes, partidos e eleitores.

No caso da segunda geração desta pesquisa, a resposta à polarização que seus pais trazem para o campo das relações, de um lado Bolsonaro e, do outro, Lula, é um fator relevante que explica o baixo engajamento político desses jovens. Assim como Carlos, outros entrevistados, como Luís e Tadeu, demonstram um afastamento das discussões políticas, optando por não participar ativamente das eleições ou debates em seus círculos familiares. Luís expressa claramente sua preferência por evitar o tema: "Minha casa não é um lugar muito bom pra isso, então, eu prefiro ficar nos esportes. Quer falar sobre esportes?" (Luís, 2023). Esse distanciamento reflete uma estratégia de evitar o conflito e a polarização, especialmente em ambientes familiares em que as divergências políticas podem gerar tensões.

Tadeu também compartilha uma posição semelhante, preferindo focar sua vida em outras áreas, como os esportes, em vez de se envolver em debates políticos. Ele menciona que sua família está dividida entre apoiadores de Bolsonaro e Lula, o que o leva a evitar o tema, já que ele próprio não tem uma opinião formada: "Toda vez que participo de algum momento de política, percebo que parte da minha família vota no Bolsonaro, outra parte no Lula, e eu não tenho uma opinião formada".

Um fator importante apontado por Carlos é o papel central das redes sociais na maneira como esses jovens acessam e processam informações. Carlos, por exemplo, destaca que segue diversas contas brasileiras no Twitter para se manter atualizado sobre as eleições e a política do Brasil. Ele também nota semelhanças entre os

cenários políticos dos Estados Unidos e do Brasil, mas, ao mesmo tempo, evita grupos de WhatsApp, que ele vê como ambientes propensos à disseminação de *fake news*.

Em termos... então as notícias hoje, eu pego tudo para olhar no *Twitter*, que eu sigo muitas contas brasileiras, mas em relação à política e eleição agora do Brasil, eu tenho muitas opiniões e eu acho que ela é muito um espelho do que aconteceu em 2020 e agora também nessas últimas eleições, onde que tinha a mesma divisão da esquerda e direita, tinha mesma confusão, bagunça entre as pessoas, muito *disagreement* entre as pessoas (Carlos, 2023).

Conforme destacado por Soares, Ferreira e Malafaia (2021), o uso de plataformas digitais tem-se tornado uma das principais formas pelas quais os jovens mantêm suas conexões com questões políticas de seus países de origem. Carlos, por exemplo, formou suas opiniões com base no que acompanha nas redes sociais. Ele seguiu atentamente os eventos no Brasil, como a invasão ao Supremo Tribunal Federal (STF) em 8 de janeiro de 2023, quando manifestantes radicais, insatisfeitos com o resultado das eleições de 2022, invadiram as sedes dos Três Poderes em Brasília. Imediatamente, Carlos fez uma comparação com o ataque ao Capitólio dos Estados Unidos em 6 de janeiro de 2021, que também foi uma tentativa de contestar os resultados eleitorais.

Taciana, Gabriel, José e Raíssa representam um grupo distinto de entrevistados que se mantêm alheios tanto à política brasileira quanto à americana. Para esses indivíduos, o tema da política não desperta interesse, e eles não se envolvem em questões políticas de nenhum dos dois países. Essa falta de envolvimento reflete uma postura de distanciamento em relação a temas políticos que, segundo eles, não fazem parte de suas preocupações cotidianas.

Essas narrativas reforçam a percepção de que a prática política entre a segunda geração de brasileiros nos Estados Unidos é frequentemente evitada, muitas vezes devido às divisões familiares e à falta de interesse ou ao engajamento com questões políticas. Esse distanciamento ressalta como as práticas transnacionais no âmbito político não são tão robustas quanto em outras áreas, como a cultura e a economia. Marques e Góis (2017) destacam que as práticas culturais, como o envio de remessas ou a manutenção de laços familiares, têm uma presença mais consistente nas comunidades transnacionais, ao passo que o envolvimento político tende a ser menos presente, o que pode ser explicado por dinâmicas familiares complexas ou pela desconexão com o sistema político dos países de origem.

Ao mesmo tempo, há jovens que se destacam por seu envolvimento transnacional no campo político, como Alice, Bianca, Letícia, Carlos e Juliana, embora em diferentes graus de intensidade. Alguns acompanham de perto os acontecimentos no Brasil, votam, conhecem as propostas dos candidatos e até fazem campanha nas redes sociais. Esses jovens demonstram um engajamento ativo, que vai além do simples consumo de informações, contribuindo para o debate político, seja de forma direta ou indireta.

Riniolo e Ortensi (2020) destacam que existe uma diferença significativa na participação política entre os jovens nativos e aqueles com origem migrante. Os jovens com origem migrante tendem a ser mais inativos politicamente em comparação aos seus pares nativos, com menor participação tanto no engajamento político (discussão sobre política, busca de informações etc.) quanto em atos mais ativos, como participar de reuniões ou manifestações políticas. No entanto, essa diferença não é causada diretamente pelo fato de terem uma origem migrante. Os autores revelam que fatores socioeconômicos e o nível de socialização política familiar são os principais responsáveis por essa lacuna. Em outras palavras, quando esses aspectos são controlados, os jovens migrantes tendem a se engajar tanto quanto os jovens nativos.

Um exemplo dessa participação mais ativa é o caso de Letícia, que se envolve politicamente de forma mais intensa do que seus pais. Ela relata que seu posicionamento político foi influenciado pelo que sempre aprendeu em casa, mas, à medida que foi se aprofundando em seu conhecimento sobre o Brasil, passou a buscar mais informações por conta própria. Seu interesse não se restringe às eleições; ela também se mantém informada sobre temas como a Lei Maria da Penha, o FIES e as discussões sobre a regulamentação do trabalho doméstico, assunto que acompanha de perto devido à profissão de sua mãe nos Estados Unidos.

Outro exemplo é o de Jéssica, que buscou envolvimento comunitário motivada pelo desejo de ajudar outros imigrantes. Ela relata que sua mãe migrou sozinha aos 18 anos e, ao refletir sobre todas as dificuldades que sua mãe enfrentou, Jéssica sentiu a necessidade de apoiar outros imigrantes brasileiros que chegavam aos Estados Unidos. Isso corrobora o que Stepick (2008) revela sobre jovens de origem imigrante latina, que direcionam suas atividades de engajamento cívico principalmente para ajudar outros imigrantes, utilizando suas habilidades bilíngues como um recurso essencial para a comunidade. Jéssica trabalhou como voluntária no Brazilian

Worker Center, onde desenvolveu atividades como trabalho com crianças e assistência a imigrantes em processos burocráticos, incluindo o preenchimento de documentos. Ela enfatiza a importância de sua participação como voluntária, destacando como essa experiência a aproximou ainda mais da comunidade brasileira:

Eu conheci muitos brasileiros e eu não sabia que tinha outras comunidades brasileiras. [...] Eu vi e eu convivi. Porque, pra mim, when I think of Brazil in America, I just think Everett... eu nunca iria saber que tinha comunidade brasileira em Boston (Jéssica, 2023).

O que mais se destaca nessa experiência é o fato de Jéssica ter adquirido informações relevantes para ajudar outros imigrantes sobre seus direitos. Isso demonstra o impacto direto de seu engajamento comunitário, não apenas em sua percepção pessoal das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes brasileiros, mas também em sua capacidade de compartilhar essas informações com sua rede social, ajudando familiares e amigos a entenderem melhor seus direitos.

Mas eu aprendi bastante. Eu aprendi sobre as... porque eu não sabia dos rights de imigrantes. Claro que eu sei my own rights, mas eu aprendi sobre os rights de imigrantes. Nossa, eu contei para todo mundo, gente! Se bater polícia, senão precisa abrir a porta. Cheguei em casa, contei para todo mundo (Jéssica, 2023).

Bianca, outra entrevistada, inscreve-se sempre que possível para auxiliar outros imigrantes brasileiros. Ela participa ativamente de eventos que demandam tradutores e utiliza suas habilidades bilíngues para facilitar a adaptação de estudantes brasileiros na universidade. Por outro lado, Letícia encontra-se em uma situação mais desafiadora, pois convive com muitos imigrantes brasileiros em situação irregular e, por isso, nem sempre sabe como auxiliá-los. Atualmente, integra diversos grupos de brasileiros em Boston e se dispõe a ajudar sempre que surge uma solicitação nesses espaços, demonstrando seu compromisso com a comunidade, apesar das dificuldades.

É, a gente sente, assim, que a gente, eu queria ajudar, mas não tem como. A gente sente que eu posso fazer por aquela pessoa, porque eu sei que ela merece, então, ter o documento, talvez até mais do que eu. E a gente não pode fazer nada. A gente vive num país que realmente, no meu haver, nunca vai fazer nada pra imigrante... e é uma coisa muito difícil, que a gente faz... você fala assim: “ – ah, O que que em um, né, num país democrático e que você pode fazer?”. Votar, mandar cartas para os seus legisladores... mas não adianta, entendeu? Então, é uma coisa muito difícil, que a gente sente, assim, não sei... a gente fica até meio... não sei se é com raiva, não sei o que que é, mas é uma coisa muito difícil, porque você quer ajudar e você não vê como (Letícia, 2023).

O engajamento transnacional da segunda geração de brasileiros em Massachusetts reflete uma diversidade de motivações e de níveis de participação política. Muitos desses jovens possuem o título de eleitor e votam nas eleições brasileiras, acompanhando ativamente os eventos políticos do país de origem. Esse acompanhamento ocorre, em grande parte, por meio das redes sociais, em que discutem e compartilham informações. No caso de Alice e Bianca, por exemplo, ambas acompanham de perto a política brasileira e participam das eleições, vendo nisso uma forma de contribuir para o futuro do Brasil. Essa conexão com o país, muitas vezes, é fortalecida pelas frequentes viagens ao Brasil, que mantêm o vínculo cultural e emocional com o país de origem.

Por outro lado, há aqueles que optam por não se engajar, seja por desinteresse, pela polarização política que afeta suas famílias, ou até por medo de represálias em locais de votação. Carlos, por exemplo, mencionou seu receio de votar em Framingham devido ao ambiente hostil. Enquanto isso, alguns jovens, como Jéssica e Bianca, se envolvem em atividades que apoiam imigrantes brasileiros recém-chegados, demonstrando um desejo de melhorar a vida dos brasileiros, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. No entanto, esse engajamento transnacional não é uniforme entre a segunda geração, sendo algo mais individualizado do que uma tendência generalizada. A motivação para a participação política varia de acordo com a experiência pessoal de cada um, influenciada por fatores como relações familiares, identificação com o Brasil e contexto social em que estão inseridos nos Estados Unidos. A seguir, apresenta-se um quadro com os dados compilados acerca das práticas políticas dos entrevistados:

Quadro 8 - Práticas transnacionais do Eixo Político da segunda geração de imigrantes brasileiros

Nome	Participação no processo Eleitoral Brasileiro	Participação em Organizações comunitárias
Juliana	Vota, e acompanha o que acontece no Brasil.	Não participou de nenhuma organização comunitária ou associação em prol dos imigrantes
Carlos	Vota, e acompanha o que acontece no Brasil.	Não participou de nenhuma organização comunitária ou associação em prol dos imigrantes

Bianca	vota desde os 16 anos, e acompanha o que acontece no Brasil, para poder votar melhor	Não participou de nenhuma organização comunitária ou associação em prol dos imigrantes
José	Não vota e não acompanha o que acontece no Brasil	Não participou de nenhuma organização comunitária ou associação em prol dos imigrantes
Raíssa	Não vota e não acompanha o que acontece no Brasil	Não participou de nenhuma organização comunitária ou associação em prol dos imigrantes
Letícia	Vota e acompanha o que acontece no Brasil, e se mobiliza por meio das redes sociais em apoio a presidentes.	Não participou de nenhuma organização comunitária ou associação em prol dos imigrantes
Taciana	Não vota e não acompanha o que acontece no Brasil	Não participou de nenhuma organização comunitária ou associação em prol dos imigrantes
Gabriel	Não vota e não acompanha o que acontece no Brasil	Não participou de nenhuma organização comunitária ou associação em prol dos imigrantes
Alice	Vota desde os 16 anos, e acompanha o que acontece no Brasil, para poder votar melhor	Não participou de nenhuma organização comunitária ou associação em prol dos imigrantes
Luís	Não vota e não acompanha o que acontece no Brasil	Não participou de nenhuma organização comunitária ou associação em prol dos imigrantes
Jéssica	Não vota e não acompanha o que acontece no Brasil	Participou como voluntária no <i>Brazilian Worker Center</i>
Tadeu	Não vota, mas quer votar na próxima eleição.	Não participou de nenhuma organização comunitária ou associação em prol dos imigrantes

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

5.4 Elementos de engajamento transnacional da segunda geração de imigrantes brasileiros em Boston

Com base nas análises realizadas até o momento sobre o engajamento e as práticas transnacionais adotadas pelos jovens de segunda geração de brasileiros entrevistados e se ancorando na literatura relevante — incluindo, Smith e Guarnizo (1998), Portes (2001; 2013), Levitt (2002) Kasinitz (2022) e Permann (2002) —, identificaram-se alguns fatores que explicam a maior adesão a determinadas práticas em detrimento de outras.

Em primeiro lugar, destaca-se a influência dos pais na transmissão dessas práticas. Em segundo lugar, examina-se a robustez da rede migratória na qual o jovem está inserido, o que pode facilitar ou limitar o desenvolvimento de práticas que o

conectem ao país de origem de seus pais. Além disso, será analisado como a adoção de uma prática pode influenciar outras e como a ausência ou o enfraquecimento de uma determinada prática transnacional, como a fluência no português, pode levar ao abandono de outras práticas. Também será discutido como uma vivência transnacional pode se fortalecer ou enfraquecer ao longo do tempo, dependendo das circunstâncias e como novas práticas podem emergir em resposta a eventos específicos (Levitt, 2002).

Portes e Rumbaut (2001) afirmam que os pais são fundamentais na introdução dos filhos ao universo cultural e simbólico do país de origem, transmitindo valores, normas, idioma e práticas que mantêm esses laços. O nível de engajamento dos pais em práticas transnacionais influencia diretamente o envolvimento dos filhos, sendo mais forte quando os pais mantêm vínculos ativos com sua terra natal. Isso se manifesta, por exemplo, na manutenção do idioma em casa, na participação em eventos culturais ou religiosos e na transmissão de uma narrativa familiar que reforça a identidade étnica.

As narrativas compartilhadas por Alice, Bianca, Juliana, Carlos, Letícia, José, Tatiana, Gabriel, Tadeu e Luís revelam um padrão comum: o papel fundamental que seus pais desempenharam na manutenção e no ensino do português. Em todos os casos, os pais ou avós atuaram como principais incentivadores, seja por meio da fala cotidiana, seja por esforços formais, como aulas na igreja ou viagens ao Brasil.

Alice, por exemplo, menciona que o português foi a única língua falada em casa, já que seus pais não sabiam inglês: "Meus pais não sabiam falar inglês, então, quando... nasci aqui, né. Mas, crescendo em casa, não tinha muito inglês. [...] Só português direto. E até hoje eu só falo em português em casa" (Bianca, 2023).

Bianca, por sua vez, destaca o papel ativo de seu pai na insistência em manter o português: "Meu pai, que foi o que forçou o português, falou: '- Se eu falar com você em português, tu tem que falar comigo em português', pra não perder esse... multilingual skill" (Bianca, 2023). O esforço de seus pais, especialmente de seu pai, foi uma forma de garantir que a língua materna fosse preservada, algo que Bianca reconhece como importante, não só pessoalmente, mas também no mercado de trabalho, devido à demanda por profissionais bilíngues.

Carlos também oferece uma narrativa rica, lembrando das aulas de português que frequentava aos sábados na igreja.

Meus pais faziam a gente ficar o sábado inteiro na igreja, estudando português [...] A igreja fazia uma escolinha para os filhos de brasileiros, e era tipo 30 crianças e dividia em 4 alas, do básico ao mais avançado. A gente ia todo sábado, 6 horas, por 3 anos (Carlos, 2023).

Esse exemplo mostra o quanto os pais buscavam alternativas comunitárias para reforçar o idioma, além de destacar o papel da igreja ao criar espaços em que os filhos de imigrantes pudessem se reunir e aprender português de forma estruturada.

Letícia comenta como o incentivo para a leitura em português vinha de sua mãe: "Meu pai fala português dentro de casa, mas quem fazia a gente ler era a minha mãe. [...] Ela tinha mais essa iniciativa, né? De mãe, de fazer essas coisas" (Letícia, 2023). Aqui, mais uma vez, observa-se o papel ativo de um dos pais, não apenas na manutenção do idioma falado, mas também na busca por oportunidades de aprendizagem formal, como a leitura.

Luís compartilha que seus pais o enviaram ao Brasil para aprender a ler e a escrever em português: "Meus pais nos mandaram para o Brasil por três meses somente para ler e escrever em português. Para mim, eu acho que era um pouquinho de dificuldade" (Luís, 2023). Esse esforço demonstra o nível de comprometimento dos pais em garantir que os filhos mantivessem a conexão com o idioma de origem, mesmo que isso envolvesse o envio ao país de origem por um período prolongado.

Essas narrativas revelam um ponto central quanto à transmissão do português e de práticas culturais ligadas ao país de origem foi, em grande medida, um esforço consciente dos pais por meio de conversas diárias, leitura, aulas em comunidades brasileiras ou viagens ao Brasil, os pais atuaram como guardiões dessas práticas transnacionais.

Em contraste, tem-se Raíssa, a única entrevistada que não domina a língua portuguesa. Ela relata que, durante a infância, não foi exposta a elementos da cultura brasileira, o que resultou em sua falta de fluência no idioma. Raíssa demonstra um fraco engajamento em diversas práticas transnacionais, algo que pode ser atribuído, em parte, à barreira linguística, que a impede de participar de muitas atividades relacionadas ao Brasil. Além disso, o fato de ser filha de apenas um dos pais brasileiros limitou seu contato com a cultura brasileira no ambiente doméstico. Orozco (2005) destaca que, em situações em que há uma mistura de culturas parentais, o resultado pode ser uma menor exposição a atividades que conectam diretamente com a terra natal de apenas um dos pais.

O relacionamento familiar revela-se essencial nesse contexto, como indicado por muitos dos entrevistados, que mencionam que suas práticas transnacionais têm origem no ambiente doméstico, seja por meio do idioma, da comida, da música ou das tradições familiares. No caso de Raíssa, a ausência dessa exposição à cultura brasileira em casa teve um impacto direto na sua conexão com práticas transnacionais, reforçando o papel fundamental dos pais na transmissão dessas experiências.

Outro fator essencial é a região em que esses jovens estão inseridos. Portes e Rumbaut (2001) destacam que a sociedade de acolhimento desempenha um papel fundamental na forma como as práticas transnacionais podem se desenvolver ou ser limitadas. O ambiente local, incluindo a presença de uma comunidade de imigrantes, o nível de integração e as oportunidades oferecidas pela sociedade, pode facilitar ou dificultar o engajamento em atividades que conectem os jovens ao país de origem de seus pais.

A análise das cidades onde os entrevistados nasceram e cresceram revela que a maioria passou a infância em regiões dos Estados Unidos com uma presença significativa de comunidades brasileiras, o que pode ter influenciado sua conexão com a cultura de origem. No quadro abaixo, a primeira cidade indicada corresponde ao local de nascimento de cada entrevistado, seguida das cidades em que cresceram, destacando a trajetória inicial de cada um, evidenciando o papel das redes culturais e sociais brasileiras nas cidades ao longo de suas trajetórias.

Quadro 9 - Cidades onde os entrevistados cresceram

Nome	Cidade onde cresceu
Juliana	Boston, Massachusetts
Carlos	Geórgia, Miami e Everett
Jéssica	Everett, Massachusetts
Bianca	Worcester, Massachusetts
Tadeu	East Boston, Massachusetts
Luís	Waltham, Massachusetts
Raíssa	Lexington, Massachusetts
Letícia	Framingham, Massachusetts
Taciana	Everett, Massachusetts
Gabriel	Boston, Massachusetts
Alice	Framingham, Massachusetts
José	Revere, Massachusetts

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Como já discutido, o estado de Massachusetts, especialmente a área de Boston, abriga uma das maiores concentrações de brasileiros nos Estados Unidos. Cidades como Everett, Framingham e East Boston possuem um expressivo contingente de imigrantes brasileiros. Essa alta concentração facilita o acesso a serviços e a produtos brasileiros, além de promover escolas com programas bilíngues e eventos culturais (Levitt, 2001). Esse cenário também foi destacado pelos entrevistados, que relataram o contato frequente com outros brasileiros, tanto nas escolas quanto no cotidiano. Em cidades como Everett e Framingham, várias escolas implementaram programas de ensino de inglês como segunda língua *English as a Second Language* (ESL), em resposta à demanda de imigrantes brasileiros e de outras comunidades.

Para ilustrar como a região de acolhimento influencia as práticas transnacionais dos imigrantes de segunda geração, são apresentadas as narrativas de Jéssica e Carlos. Jéssica, ao se mudar de Everett para *Connecticut*, e Carlos, ao residir na Geórgia, vivenciaram contextos distintos que impactaram suas conexões com a cultura brasileira. Essas experiências demonstram como o ambiente em que os imigrantes se inserem pode facilitar ou dificultar a preservação de laços culturais e a continuidade das práticas transnacionais.

Agora, vamos analisar a narrativa de Carlos,

Então eu lembro disso, perfeitamente na minha cabeça, eu indo para a escola e não entendia nada que a professora falava, e onde eu fui criado, na Geórgia, e na Geórgia não tinha imigrante, não tinha negro, não tinha hispânico, não tinha nada, todo mundo muito branco, muito homogêneo, muitas pessoas do mesmo lugar, da mesma cidade, da mesma nacionalidade, e nós éramos os únicos brasileiros na cidade toda, eu me sentia muito estranhado, ser brasileiro, ser filho de imigrante naquela cidade. Eu com mais ou menos 10 ou 11 anos de idade, mudamos para Boston, e quando eu mudei para Boston foi a primeira vez e nem foi brasileiro, foi filho de brasileiro igual eu, que eu conheci na escola, e ele falava um pouco de português, não muito, mas aquele sentimento de saber que tinha uma outra pessoa igual eu na minha escola, me fez sentir muito mais brasileiro e gostar muito mais do Brasil e querer ser muito mais brasileiro (Carlos, 2023).

A transição de Carlos da Geórgia para Boston exemplifica a importância das redes migratórias e do contexto social na formação da identidade transnacional dos imigrantes de segunda geração. A presença ou a ausência dessas redes de apoio migratórias afeta significativamente as práticas culturais e transnacionais dos imigrantes (Portes; Rumbaut, 2001). Na Geórgia, Carlos descreve uma experiência

de isolamento cultural extremo, pois não havia outros imigrantes ou pessoas com quem pudesse compartilhar sua herança brasileira: "não tinha imigrante, não tinha negro, não tinha hispano, não tinha nada, todo mundo muito branco, muito homogêneo" (Carlos, 2023).

A mudança para Boston, uma cidade com uma comunidade brasileira bem estabelecida, marcou um ponto de virada para Carlos, evidenciando o papel essencial que as redes migratórias desempenham na integração e na preservação das identidades culturais (Levitt, 2001). Ao encontrar outros filhos de imigrantes brasileiros, mesmo que não falassem o português fluentemente, Carlos experimentou uma reconexão com suas raízes: "aquele sentimento de saber que tinha outra pessoa igual a mim na minha escola me fez sentir muito mais brasileiro" (Carlos, 2023). A presença de uma rede social composta por outros descendentes de imigrantes brasileiros fortaleceu suas práticas transnacionais.

Jéssica também compartilha uma experiência muito similar, destacando o impacto profundo que teve em sua vida a mudança de Everett. Ela fez questão de mostrar sua candidatura para a universidade, incluindo uma redação em que explica em detalhes como essa transição desmantelou sua rede de apoio migratória e alterou completamente sua percepção de mundo. Ao sair de Everett, onde estava cercada por uma comunidade diversa que incluía muitos brasileiros, ela sentiu um distanciamento crescente não apenas de suas raízes, mas também do Brasil em si. Na redação, Jéssica explora como essa mudança enfraqueceu suas conexões com sua cultura e intensificou o sentimento de isolamento em um ambiente em que sua identidade cultural não era reconhecida ou compreendida.

Moving from Everett, a town filled with different cultures, to Shelton, CT, was a huge culture shock. I fell out of place. If I spoke Portuguese on the phone, others would stare at me. The way I dressed seemed to speak for me, even if I did not utter words. Bringing home-cooked meals for lunch meant no one sat with me. It was as if the smell of the food created an invisible bubble that isolated me. Not only was school hard, but at home, mom was always working. I was alone, but I still had Everett. My teachers would still check in on me, my friends would call me, and I would watch our sports events broadcasted on TV. Everett is a city where everything is familiar, and my peers embrace the struggles with identifying oneself. This city isn't identified by predominantly one culture; it's a melting pot of all our stories. Soon enough, we moved back to Everett. This time around, I was thankful for every moment. I began to enjoy the little things, whether it be the smell of peanut butter Everett is immersed in because of our peanut butter factory or the man that bikes and sings around town at night. Being surrounded by the people who love and support you allows room for growth. Growing up in a community where I felt accepted made me accept myself. It allowed me to feel comfortable in my own skin,

regardless of any doubts. I am history class debates about US elections with peers from Haiti, Guatemala, Vietnam, and Saugus. I am talking at lunch tables with other Brazilians. I am a humble upbringing from immigrant parents. These were circumstances that chiseled away at the stone until I became a sculpture of my life's bigger picture. People will not always accept you for who you are, but that should not change the person you are. This understanding allowed me to accept my background and embrace my family. I am no longer ashamed of my mother's broken English; instead, I embrace her strength to speak a second language despite being in a foreign environment. I am no longer ashamed to bring home-cooked meals that people would say "smelled"; I am proud to eat the meals I choose to. Even though documents may not have the space for me, they don't define me. I will continue to embrace who I am and make my own way in the world²⁹ (Jéssica, 2023).

No entanto, Jéssica também reflete sobre a gratidão que sentiu ao retornar para Everett. Na redação, ela enfatiza como esse retorno a fez valorizar ainda mais as pequenas coisas que antes passavam despercebidas, como o cheiro de manteiga de amendoim, característico da fábrica local, ou o homem que andava de bicicleta cantando pelas ruas. Voltar para Everett lhe trouxe não apenas um reencontro com suas raízes brasileiras, mas também um espaço em que pôde se reconectar com sua comunidade e sentir-se aceita novamente.

Assim como Jéssica, outros relatos reforçam a importância do local na formação das vivências e das identidades culturais dos jovens imigrantes de segunda geração. Tatiana, por exemplo, relembra com carinho à festa junina que ocorria todos os anos em Framingham, um evento que a conectava diretamente com as tradições

²⁹ Tradução: Mudar de Everett, uma cidade cheia de culturas diferentes, para Shelton, CT, foi um grande choque cultural. Eu me sentia deslocada. Se eu falasse português no telefone, os outros me encarariam. A maneira como eu me vestia parecia falar por mim, mesmo que eu não dissesse palavras. Levar refeições caseiras para o almoço significava que ninguém se sentava comigo. Era como se o cheiro da comida criasse uma bolha invisível que me isolava. Não só a escola era difícil, mas em casa, minha mãe estava sempre trabalhando. Eu estava sozinha, mas ainda tinha Everett. Meus professores ainda me checavam, meus amigos me ligavam e eu assistia aos nossos eventos esportivos transmitidos pela TV. Everett é uma cidade onde tudo é familiar, e meus colegas abraçam as lutas para se identificar. Esta cidade não é identificada predominantemente por uma cultura; é um caldeirão de todas as nossas histórias. Logo, nos mudamos de volta para Everett. Desta vez, fiquei grata por cada momento. Comecei a gostar das pequenas coisas, seja o cheiro de manteiga de amendoim em que Everett está imerso por causa da nossa fábrica de manteiga de amendoim ou o homem que anda de bicicleta e canta pela cidade à noite. Estar cercado por pessoas que amam e apoiam você permite espaço para crescimento. Crescer em uma comunidade onde me senti aceito me fez aceitar a mim mesmo. Isso me permitiu me sentir confortável na minha própria pele, independentemente de quaisquer dúvidas. Estou em debates de aula de história sobre as eleições dos EUA com colegas do Haiti, Guatemala, Vietnã e Saugus. Estou conversando em mesas de almoço com outros brasileiros. Sou uma criação humilde de pais imigrantes. Essas foram circunstâncias que esculpiram a pedra até que me tornei uma escultura do quadro maior da minha vida. As pessoas nem sempre aceitarão você como você é, mas isso não deve mudar a pessoa que você é. Essa compreensão me permitiu aceitar minha origem e abraçar minha família. Não tenho mais vergonha do inglês quebrado da minha mãe; em vez disso, abraço sua força de falar uma segunda língua, apesar de estar em um ambiente estrangeiro. Não tenho mais vergonha de levar refeições caseiras que as pessoas diriam que "cheiravam"; tenho orgulho de comer as refeições que escolho. Mesmo que os documentos não tenham espaço para mim, eles não me definem. Vou continuar a abraçar quem eu sou e a fazer meu próprio caminho no mundo.

brasileiras que sua mãe a ensinava. Da mesma forma, Juliana menciona como a presença de estabelecimentos brasileiros, em que ela podia consumir alimentos típicos, como pastel e guaraná, reforçava sua sensação de proximidade com o Brasil, permitindo a manutenção de práticas culturais diárias. Além disso, vários entrevistados mencionaram a diferença entre o café brasileiro e o café americano, com alguns se referindo ao segundo como "chafé", devido à sua consistência mais fraca.

Conforme Levitt (2002), as atividades transnacionais não se mantêm constantes ao longo de toda a vida do indivíduo, mas tendem a crescer ou declinar em resposta às diversas exigências enfrentadas pela segunda geração, como trabalho, escola e família. Segundo a autora, há jovens que são educados em um contexto transnacional e, por isso, continuam a transitar por essas práticas por um período mais longo.

No caso de Bianca, Alice e Letícia, além de terem sido criadas em um ambiente doméstico favorável, elas vivenciaram práticas que se revelaram fundamentais durante a análise para explicar o nível de engajamento transnacional da segunda geração. As viagens frequentes ao Brasil, mencionadas repetidamente pelas jovens, são elementos fundamentais para entender seu envolvimento transnacional em todos os eixos analisados nesta pesquisa. O fato de visitarem diversos locais no Brasil e estabelecerem conexões pessoais no país faz com que, por exemplo, Alice se envolva politicamente. Para ela, faz sentido pensar no futuro do Brasil, onde mantém a maior parte de suas conexões.

No segundo cenário exemplificado por Levitt (2002), os filhos de imigrantes são ocasionalmente expostos a um ambiente transnacional de forma repetida. Esses jovens não frequentam escolas bilíngues e crescem em ambientes em que as práticas de ambos os países estão integradas. No entanto, não se identifica nenhum participante desta pesquisa que se encaixasse nesse perfil, pois a maioria dos entrevistados descreveu uma infância repleta de elementos e práticas transnacionais brasileiras, reforçadas pelos pais.

Entretanto, no terceiro cenário, apresentado por Levitt (2002), que envolve jovens que experimentam apenas um ciclo de engajamento transnacional ao longo da vida, geralmente quando entram na universidade ou no mercado de trabalho, encontramos o exemplo de Raíssa. Por não ter crescido em um ambiente doméstico que lhe proporcionasse oportunidades de aprender sobre o Brasil, de entender a

língua ou de visitar o país com frequência, seu nível de engajamento transnacional foi muito baixo. No entanto, ao ingressar na universidade, Raíssa se deparou com questões identitárias e começou a desejar se conectar com sua brasilidade. Ela quis transitar entre esses dois mundos e, por isso, passou a buscar sua inserção transnacional a partir desse ponto.

Conforme Levitt (2002), também foram identificadas as práticas transnacionais que podem variar ao longo do tempo. No caso da segunda geração estudada, algumas práticas tendem a se enfraquecer com o passar dos anos, como o consumo de programas brasileiros que antes era frequente, muitas vezes devido às escolhas feitas pelos pais. Atualmente, esses programas já não fazem tanto sentido para a segunda geração, refletindo uma mudança nas conexões culturais ao longo do tempo.

O português parece ser uma prática que permanecerá ao longo da vida desses jovens, sendo um elemento central em sua identidade cultural. Muitos entrevistados expressaram o desejo de ensinar o idioma aos seus futuros filhos, não apenas por reconhecerem as vantagens cognitivas e sociais de ser bilíngue, mas também pelo valor simbólico de manter viva a conexão com suas raízes brasileiras. Eles acreditam que, ao transmitir o português, preservarão as tradições, fortalecendo o vínculo com o Brasil, mesmo que a maioria não tenha a intenção de residir no país no futuro.

5.5 Práticas transnacionais acionadas para conquistas da segunda geração de imigrantes brasileiros

Identificou-se por meio desta pesquisa que a segunda geração de brasileiros em Massachusetts desenvolveu, ao longo de sua trajetória, diversas formas de estabelecer conexões com o Brasil. Levitt (2009) destaca que, embora a segunda geração não mantivesse a mesma regularidade de envolvimento com os países de origem dos pais, a exposição a um ambiente transnacional permite que esses indivíduos desenvolvessem competências culturais e sociais que os tornassem capazes de navegar entre múltiplos contextos, utilizando esses conhecimentos de forma estratégica quando necessário.

Levitt (2009) argumenta que, para a segunda geração, essas redes transnacionais são essenciais, pois permitem que crianças e jovens transitem por múltiplos contextos culturais e sociais, usando essas conexões para acessar oportunidades e suporte tanto nos países de acolhimento quanto nos de origem. Essa

capacidade de transitar entre diferentes mundos pode moldar profundamente suas trajetórias pessoais e profissionais.

Ainda segundo Levitt (2009), a segunda geração de imigrantes não necessariamente acessa de forma imediata os recursos e as redes transnacionais a que tem acesso ao longo de suas vidas. Ela propõe uma visão mais complexa, mostrando que as relações sociais e as habilidades adquiridas ao crescer em um campo social transnacional podem permanecer latentes, sendo ativadas apenas em momentos específicos, como em desafios ocupacionais ou sociais, ou até mesmo serem utilizadas cotidianamente.

Diante disso, serão analisadas as práticas transnacionais nas narrativas dos entrevistados, buscando capturar essa dinâmica complexa em que as vivências transnacionais foram acionadas como uma forma de explorar oportunidades no campo do trabalho e da educação. O foco recairá nas “práticas de base” *from below*, conforme desenvolvido por Guarnizo e Smith (1998), que fornecem uma visão essencial sobre o papel da segunda geração como agentes ativos na construção de espaços sociais transnacionais. As práticas cotidianas dessa segunda geração, como o envio de remessas, a participação em organizações sociais e culturais e o envolvimento em atividades políticas transnacionais, desempenharam um papel significativo na transformação das realidades sociais e econômicas, tanto nos países de origem quanto nos de acolhimento.

Essa abordagem possibilitará compreender como a segunda geração utilizou suas conexões transnacionais para transitar entre as restrições locais e globais, criando novas possibilidades a partir das redes que constroem. Ao examinar essas práticas, será possível identificar as formas pelas quais a segunda geração exerceu sua agência ao transitar por diferentes contextos, moldando suas trajetórias e impactando seu percurso no âmbito profissional e educacional.

Assim como Levitt (2009) analisou as complexas dinâmicas de como as normas familiares, deveres e expectativas são renegociadas em contextos transnacionais, a trajetória de migração dos pais funcionou como um fio condutor para a segunda geração. Os pais, que enfrentaram desafios tanto no Brasil quanto ao migrar para os Estados Unidos, construíram uma base de experiências que influenciou diretamente as expectativas e as aspirações de seus filhos. As dificuldades enfrentadas pelos pais, desde as condições econômicas no país de origem até os obstáculos na adaptação

ao novo contexto, revelaram-se fundamentais para motivar a segunda geração a buscar melhores oportunidades.

Nesse contexto, a segunda geração não apenas herdou essas vivências, mas também as reinterpretou, utilizando as práticas e as redes transnacionais para criar novas possibilidades de mobilidade social e econômica. As vivências dos pais, combinadas às próprias experiências dos filhos em um ambiente transnacional, resultaram em um processo contínuo de negociação de identidades e expectativas, no qual a segunda geração encontra meios de superar limitações e buscar caminhos de sucesso em diferentes contextos.

Carlos é um exemplo disso. Ele mencionou que, durante sua trajetória sempre se sentiu incentivado a buscar um nível superior, especialmente devido ao sacrifício que seus pais fizeram para que ele e seus irmãos tivessem acesso a uma educação de qualidade. Além disso, o fato de sua mãe não ter tido oportunidade de estudar, pois precisava trabalhar, foi um fator que o fez entender a importância de aproveitar as oportunidades que seus pais lhe deram.

Mas eu sempre me senti um pouco responsável para tentar pegar um nível superior na faculdade, por isso eu faço o meu Mestrado hoje, porque meus pais sacrificaram tanto a vida deles para a gente ficar aqui na *América*. A minha mãe parou a escola muito nova, não conseguiu continuar para frente, então para mim eu me vejo estudando porque minha mãe não podia estudar, ou então porque o meu pai não podia estudar (Carlos, 2023).

Jéssica exemplifica como a segunda geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos é profundamente influenciada pelas experiências de seus pais. Durante nossa entrevista, ela relembrou emocionada a trajetória de sua mãe, que migrou sozinha aos dezesseis anos. Essa narrativa despertou em Jéssica um senso de responsabilidade e de admiração pela coragem materna. Os sacrifícios enfrentados por sua mãe motivaram-na a refletir sobre suas próprias dificuldades, percebendo-as em perspectiva comparativa.

Eu a admiro muito, cara! Ela é my best friend . Mas, às vezes, eu fico “nossa, like, eu tenho prova amanhã”. Eu penso, tipo, “minha mãe veio pra cá com dezesseis anos, eu tô com dezoito”... like, grow up ! Like, tem gente que já passou por pior e eu sempre lembro, tipo, minha mãe, minha mãe, minha mãe, minha mãe. I don't know, that's so bad ,... é isso. Hã, por isso que ela quer que eu vou para a escola so bad , porque ela nunca foi pra escola. Então, pra ela, eu tando na faculdade é o sonho realizado dela (Jéssica, 2023).

Portes e Rumbaut (2001), Faist (2000), Levitt (2007) e Waldinger (2015) destacam que, ao mesmo tempo em que a segunda geração de imigrantes deve honrar os sacrifícios feitos por seus pais, ela também é incentivada a superá-los. Esses estudiosos argumentam que a trajetória da segunda geração é marcada por uma tensão contínua entre o desejo de alcançar sucesso de acordo com os parâmetros da sociedade de acolhimento e a obrigação de manter os valores, as expectativas e as aspirações trazidas de seus países de origem. A busca por mobilidade social e sucesso, portanto, não ocorre em um vácuo, mas é profundamente influenciada por essas dinâmicas culturais e familiares transnacionais.

Além disso, a narrativa dos entrevistados revela uma relação intrínseca entre o sacrifício dos pais e a percepção de oportunidades da segunda geração de imigrantes. Ao longo das entrevistas, as falas reforçam como a migração dos pais é vista como uma estratégia para proporcionar mobilidade social para os filhos.

Por exemplo, Taciana reconhece que suas oportunidades se devem aos esforços de seus pais e afirma “é por causa dos meus pais, trabalhando tanto para dar as oportunidades para nós”. A partir desse comentário, ela reconhece que o trabalho árduo dos pais não foi em benefício próprio deles, mas sim para criar condições melhores para os filhos. Além disso, Taciana não enxerga que seus pais fizeram uma boa escolha ao migrar para trabalhar. Em alguns momentos da entrevista, ela chega a chorar, dizendo que seus pais trabalham muito e que a vida de imigrante não é fácil nos Estados Unidos. Ela é a única das entrevistadas que se sente assim. Taciana reconhece que sua força vem da história de sacrifício de sua mãe:

Yeah. So, for... like, for me, I'm kind of a young mom, it's harder for me, but I don't think it's necessarily because I'm Brazilian. Because I'm Brazilian, yes. Like, I grew up, I see my mom, this strong, independent woman, so... that's what I see when I say I'm Brazilian³⁰ (Taciana, 2023).

Essa narrativa mostra que a migração no caso de Taciana não é apenas uma questão individual, mas uma ação que possui implicações para o capital social e cultural da família. A ideia de dar oportunidades aparece repetidamente nas narrativas dos entrevistados. Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008) discutem que, em muitos

³⁰ Tradução: Sim. Então, para... tipo, para mim, eu sou meio que uma mãe jovem, é mais difícil para mim, mas eu não acho que seja necessariamente porque eu sou brasileira. Porque eu sou brasileira, sim. Tipo, eu cresci, eu vejo minha mãe, essa mulher forte e independente, então... é isso que eu vejo quando eu digo que sou brasileira.

casos, os pais imigrantes, embora se encontrem em posições precárias de trabalho e com baixo capital social, depositam grandes expectativas nos filhos para que esses ascendam socialmente.

Bianca, ao afirmar que sua mãe sempre disse “a gente vai lá e vai fazer isso e vai continuar fazendo isso para as meninas” reconhece a mãe como uma figura de autoridade dentro da família, e valoriza a mentalidade de continuidade do sacrifício de seus pais para que ela pudesse ter oportunidades melhores, que ela teve.

Aqui a gente conseguiu um, uma vida diferente, porque a gente vê, tipo, a minha dinda, que foi para cá, voltou. É bem diferente da nossa. E eu, eu... conheço a minha, há... o meu privilégio; acho que é o Brasil inteiro. Mas essa, essa força de vim para cá para os Estados Unidos e ter essa vida é por causa da minha mãe mesmo, da mentalidade, da minha mãe, que sempre foi “a gente vai lá e vai fazer isso e vai continuar fazendo isso para as meninas. Aí quando as meninas tiverem a idade para fazer para elas próprias, eu vou mostrar tudo”. Ela sempre foi tipo a poderosa da família que, que conseguiu fazer a gente chegar aqui. Então, vendo como o Brasil era e continua a ser, há... comentário, mentalidade dela, eu não acho que a gente ia ter chegado aqui (Bianca, 2023).

Alice também compartilha essa percepção, afirmando que seus pais são “as pessoas mais fortes que eu conheço”, reconhecendo que, sem o sacrifício deles, ela não teria as mesmas oportunidades de dinheiro e trabalho, especialmente se estivesse no Brasil. Ela observa, com base nas conexões que estabeleceu lá, que as oportunidades são mais limitadas, e vê a escolha migratória de seus pais como uma vantagem significativa. Portes e Rumbaut (2001) destacam que, para a segunda geração alcançar sucesso econômico e social, é necessário que eles superem substancialmente as habilidades de seus pais por meio do acesso a uma educação avançada. Para Alice, o sucesso acadêmico e as oportunidades no mercado de trabalho não são apenas conquistas pessoais, mas sim o resultado de um investimento familiar, iniciado no ato migratório.

Eu acho que sim, mas tipo, se fosse eu, não sei se eu... meu pais são as pessoas mais fortes que eu conheço. Porque eu não sei se eu conseguiria fazer uma coisa dessa... se fosse eu morando no Brasil, sem conexão nenhuma, sem saber falar inglês... eu realmente não sei como meus pais fizeram, conseguiram fazer isso, sério. Porque precisa de muita disposição, precisa... eles são muito fortes. Mas eu acho que valeu a pena, A gente sabe que a gente tem mais oportunidade de coisa de dinheiro e trabalho em comparação com os amigos no Brasil. Por quê, todos meus amigos agora, eu também estou me formando daqui a pouco, e tem mais dificuldade para eles achar uma coisa depois da faculdade... achar não, né, mas uma coisa boa que te dá (Alice, 2023).

A fala de Letícia, por sua vez, adiciona uma perspectiva comparativa ao afirmar que “aqui a gente tenta dar um jeito, mas lá no Brasil seria mais difícil a gente ter as oportunidades que a gente teve” (Letícia, 2023). Ao contrastar os contextos brasileiro e norte-americano, Letícia sugere que, embora o sucesso nos Estados Unidos também envolva esforço, as barreiras são menores comparadas às do Brasil. Faist (2000) argumenta que a migração pode proporcionar uma mudança nas barreiras estruturais que afetam as famílias migrantes, mas essa mudança não elimina totalmente os desafios que migrantes e seus descendentes enfrentam. Embora a migração possa abrir novas oportunidades, especialmente em termos de acesso ao capital social, econômico e cultural, esses ganhos são frequentemente limitados por barreiras estruturais nos países de acolhimento.

Acho... porque, realmente, pra você poder ter as oportunidades que eu tenho. Claro que a gente trabalhar muito aqui também, né? Não é só você vim que as portas vão abrindo, mas é mais fácil, né? Vamos supor, do que igual você mora no Brasil e aí ter que fazer faculdade muito caro, aqui a gente tenta dar um jeito, mas lá no Brasil eu acho que seria mais difícil a gente ter as oportunidades que a gente teve (Letícia, 2023).

Por fim, Gabriel complementa essa narrativa ao refletir sobre as vantagens de crescer nos Estados Unidos. Sua fala indica um entendimento claro de que a migração abriu portas que seriam inacessíveis no Brasil, enfatizando o capital cultural adquirido por meio da educação e da capacidade de transitar entre contextos culturais distintos. Gabriel sugere que a migração cria uma nova possibilidade de navegar entre diferentes mundos, ampliando as oportunidades.

É, sim, sim! Eu acho, tipo assim, eu amo o Brasil, amo o Brasil, mas eu acho que esse país deu tanta oportunidade para minha família, porque a gente veio de uma família muito simples, sabe? E eu vejo como os meus parentes, os meus primos e tal, eu vejo que eles não tiveram as mesmas oportunidades que eu tive, porque eu nasci aqui e falo dois idiomas e tenho essa oportunidade de ir no Brasil e voltar. É, e eu conheço mais... mais assim, entre aspas, sobre o mundo do que eles, porque eu tenho essa oportunidade de viajar e tal. Mas é, eu dou graças a Deus, todo dia, que eles vieram para cá e eu acho que eles também, não se arrependem de nada. Porque aqui tem tantas coisas, tantas condições de ter um carro, ter uma casa própria e no Brasil não tiveram isso, sabe? E, então, é... eu acho que eles não se arrependem de nada. E eu também dou graças a Deus que eu gosto muito do Brasil, mas eu gosto muito daqui também (Gabriel, 2023).

As narrativas dos brasileiros refletem o reconhecimento do sacrifício parental, mas também a internalização das expectativas geradas por esse sacrifício. As falas

dos entrevistados revelam um entendimento claro de que a migração foi uma estratégia para proporcionar maiores oportunidades e que cabe à segunda geração maximizar essas oportunidades como forma de honrar o esforço e a perseverança dos pais.

Por meio do esforço parental que incentivou desde cedo o aprendizado do português, os entrevistados relatam que a principal vantagem de ser brasileiro reside na habilidade de falar duas línguas. Para eles, o bilinguismo se traduz em um elemento que abriu portas para diversas oportunidades tanto no âmbito profissional quanto no educacional. Portes e Schaufler (1994), Kasinitz (2002) discutem como a preservação do idioma de origem está intimamente ligada a aspirações educacionais e profissionais mais elevadas. Esses autores argumentam que o bilinguismo atua como um importante capital cultural, oferecendo vantagens significativas no mercado de trabalho.

Cho (2000) explora como a manutenção da língua de herança desempenha um papel essencial no desenvolvimento da identidade étnica e na integração social de famílias imigrantes. O estudo enfatiza que a fluência na língua de herança fortalece o senso de pertencimento e contribui para uma autoimagem positiva entre os descendentes de imigrantes. Crianças e jovens que preservam a língua de seus pais não apenas mantêm vínculos com suas raízes culturais, mas também desenvolvem um sentimento de orgulho étnico e uma identidade mais estável.

Além disso, Cho (2000) aponta que a manutenção da língua de herança está associada ao sucesso acadêmico, pois proporciona uma base cultural sólida que reforça habilidades cognitivas e linguísticas. O uso contínuo da língua materna no ambiente familiar e, em comunidades étnicas, ajuda a melhorar a autoestima e a estabilidade emocional dos jovens, contribuindo para uma integração mais eficaz no país de acolhimento.

Letícia demonstra como sua fluência em português abriu portas para que ela conseguisse uma posição em Harvard. Após se formar em Relações Internacionais, uma colega mencionou a possibilidade de trabalhar na instituição, incentivando Letícia a se candidatar. Embora as primeiras entrevistas não tenham sido bem-sucedidas, a necessidade de um profissional bilíngue por parte de um professor acabou se mostrando a oportunidade ideal para ela acionar suas práticas transnacionais.

As primeiras que eu fiz entrevista, não consegui aqui em Harvard. Aí em setembro daquele mesmo ano, [...] ele falou assim: '– Ah, eu lembro de você e tal você tava numa entrevista que a gente fez esse verão e tem um professor procurando uma pessoa que fala português e espanhol pra entrar como assistente. Você topa fazer uma entrevista?'. Eu falei: Topo (Letícia, 2023).

A habilidade de Letícia em dominar dois idiomas, especialmente o português, posicionou-a em uma vantagem significativa, possibilitando-lhe a obtenção de uma oportunidade que, posteriormente, resultou em uma bolsa de estudos para a realização de um mestrado na mesma instituição. Sua fluência em português e espanhol não apenas lhe conferiu uma vantagem imediata no mercado de trabalho, mas também criou oportunidades acadêmicas, permitindo que Letícia prosseguisse sua formação em Harvard.

De modo semelhante, o domínio do idioma foi um elemento fundamental nas conquistas de Luís, que atualmente exerce funções de gestão na empresa de seu pai. Essa posição só se tornou viável devido à sua proficiência em português, uma vez que todo o conhecimento relacionado ao negócio foi transmitido nessa língua. Ademais, o português se mostra essencial para a comunicação com empregados brasileiros que não possuem fluência em inglês, destacando a relevância dessa prática transnacional.

Juliana destaca as diversas vantagens de ser fluente em português, especialmente em sua vida profissional e pessoal. No âmbito profissional, a fluência no português já a beneficiou durante um estágio na faculdade, onde trabalhou com clientes brasileiros em uma equipe de consultoria voltada para a América Latina (LATAM). Atualmente, ela trabalha em uma casa de câmbio, e sua capacidade de falar vários idiomas a colocou em vantagem no momento de sua contratação.

Carlos conta que, hoje, fala não só português e inglês, mas também francês e espanhol. Ele entende que, por ter sido criado em um ambiente bilíngue, sua habilidade com outros idiomas foi muito facilitada. Para Carlos, essa é uma das principais vantagens de sua vivência transnacional, pois foi o que permitiu que ele criasse conexões com pessoas de outros países. Além disso, para Carlos, o conhecimento de português o ajudou a ir para a Suíça:

Então, eu acho que eu sou muito abençoado, eu acho que meus pais fizeram muito [incompreensível] na vida deles, porque acabou sendo herdado para mim porque, a minha melhor amiga no Ensino Médio, na Flórida, ela morava na Suíça, a vida toda dela, e o último ano do Ensino Médio dela, ela mudou

para a Flórida porque ela estava sofrendo *bullying* por muitas pessoas na escola dela lá e os pais dela tinham condições então a mandaram para um outro país para tentar ver se ajudava. Então nós acabamos nos tornando muito amigos, e eu acabei ajudando muito ela, [por exemplo] indo na farmácia, no mercado, ela não sabia comprar as coisas ou mandar uma carta, acabamos ficando amigos e ela me convidou para ir para a Suíça na casa dela, no verão quando a gente se formasse, e eu falei topo ir, e eu fui lá, quando eu cheguei na casa dela, me apaixonei pelos pais dela, [pela] família dela e a família dela ofereceram [para eu] ficar lá dois anos, falaram que me ajudariam pegar o visto, que eles pagariam tudo para mim, que eu não teria que pagar aluguel, pagar nada, me ajudaram achar um trabalho e eles me colocariam na escola lá, e eu sou muito grato à família dela, então eu fiquei, por quê, não (Carlos, 2023).

Além disso, Carlos percebe que sua identidade latina está diretamente ligada às suas oportunidades de trabalho, algo que lhe proporciona benefícios concretos.

De trabalho, a gente trabalha em um lugar de latino, e eu não poderia ter esse trabalho se eu não fosse latino, ou tem muitas coisas em... *tipo*, igual relação de grupos ou até mesmo a empresa do meu pai, eu que faço a administração para ele, então sendo brasileiro aqui na *América*, podemos nos identificar como minoria e ter mais contatos do governo, que é um benefício muito bom, até mesmo aqui a gente recebe bem por ser *americano* e latino e trabalhar aqui (Carlos, 2023).

Bianca também destaca esse aspecto, reconhecendo que sua origem lhe proporciona vantagens no ambiente educacional e profissional nos Estados Unidos. Ela percebe que sua identidade como brasileira, oriunda de um contexto cultural distinto, é valorizada em certos espaços que buscam promover a inclusão de perspectivas diversas e fomentar a equidade.

I see... I see a lot of help because we are from a diferente racial background. And I think that helps me, for example, get into a certain position at school. So, like a resident assistant, which is what I was at the dorms, helping the freshman coming and live, all in their home away from home, they wanted somebody who had a different background or different cultural experience, different world view. And I think know that society is focusing more on not like the "White Picket Fence" vision of America, they are more open in helping people who come from underprivileged societies or underprivileged cultural backgrounds *hã*... so, I do see that in a sense, not in a way of like I have a leg up, it's more just equity, they give more equity rather than just give me the job³¹ (Bianca, 2023).

³¹ Tradução: Eu vejo... Eu vejo muita ajuda porque somos de uma origem racial diferente. E eu acho que isso me ajuda, por exemplo, a entrar em uma determinada posição na escola. Então, como um assistente residente, que é o que eu era nos dormitórios, ajudando os calouros que vinham e moravam, todos em sua casa longe de casa, eles queriam alguém que tivesse uma origem diferente ou experiência cultural diferente, visão de mundo diferente. E eu acho que agora que a sociedade está se concentrando mais em não como a visão da "Cerca de Estacas Brancas" da América, eles estão mais abertos em ajudar pessoas que vêm de sociedades desfavorecidas ou origens culturais desfavorecidas

Taciana reconhece o domínio do português como uma vantagem significativa em sua trajetória profissional. Ela atua em um hospital em que há uma grande demanda por profissionais fluentes na língua portuguesa, devido à presença de muitos imigrantes brasileiros. Essa fluência linguística permitiu que ela se destacasse no ambiente de trabalho.

Além disso, as experiências de José e Gabriel ilustram como o futebol desempenhou um papel fundamental na mobilidade social e no capital cultural da segunda geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. José relata que foi por meio do futebol que obteve uma bolsa de estudos, permitindo-lhe ingressar na faculdade: "eu entrei por... por causa do futebol, era mais por causa do futebol. Daí, vindo aqui, igual aqui, eu já estou completando meu último ano". Esse envolvimento esportivo não apenas facilitou seu acesso ao ensino superior, mas também ampliou suas oportunidades futuras, pois agora ele está cursando economia e considera tanto a carreira de economista quanto a de jogador de futebol.

De forma semelhante, Gabriel também destaca o impacto do futebol em sua trajetória. Ele menciona que, por ser brasileiro, era automaticamente visto como habilidoso no esporte. Esse estereótipo positivo garantiu que ele fosse sempre escolhido primeiro para os times na escola, o que, segundo ele, lhe conferiu prestígio e uma maior aceitação social. Gabriel relata que essa valorização do seu talento esportivo o fez sentir orgulho de sua identidade cultural brasileira.

A análise das narrativas dos entrevistados da segunda geração de imigrantes brasileiros revela uma percepção positiva sobre ser jovem transnacional. O bilinguismo, a familiaridade com múltiplas culturas e a habilidade de navegar entre identidades brasileiras e americanas são vistas como vantagens que ampliam suas perspectivas e oportunidades. A transnacionalidade, por si só, é vista como uma vantagem para eles.

Por exemplo, Carlos menciona que vê vantagem em ser filho de brasileiros porque sente que possui "o bom das duas culturas, do Brasil e da América". Ele destaca o equilíbrio entre as duas identidades, o que lhe confere uma flexibilidade cultural que o diferencia de outros jovens.

hã... então, eu vejo isso em um sentido, não de uma forma como se eu tivesse uma vantagem, é mais apenas equidade, eles dão mais equidade em vez de apenas me dar o emprego.

Então, eu vejo muita vantagem de ser filho de brasileiro, porque eu sinto que eu tenho o bom das duas culturas, do Brasil e da *América*. Eu não sou frio igual *americano*, mas não sou *doido* igual um brasileiro, entendeu? Eu acho que é um meio [termo] muito legal, é um meio legal, eu não sou quente, eu não sou frio, eu sou morno. Eu acho muito, muito bom. Eu gosto de falar português, eu gosto da nossa comida, eu gosto da nossa televisão, da novela, eu gosto dessas coisas e eu acho que o brasileiro também tem uma cultura muito bonita, o povo brasileiro é muito bonito, as nossas palavras,

Faist (2000) discute como migrantes e suas descendências ocupam e navegam por espaços transnacionais que conectam seus países de origem e de acolhimento, criando novas formas de pertencimento e de identidade que transcendem as fronteiras geográficas. Esses indivíduos se tornam capazes de operar em sistemas sociais distintos, aproveitando as vantagens e os recursos disponíveis em ambos os contextos.

Em outro exemplo, Tadeu comenta que, por ter nascido no Brasil e por ter uma mãe interessada em aprender sobre outras culturas, ele se sente "*mais knowledgeable* do mundo". Esse sentimento de possuir um conhecimento expandido reforça a ideia de que o bilinguismo e a exposição a diferentes culturas lhe conferem certa vantagem. Daure e Reveyrand-Coulon (2009) argumentam que a transmissão cultural entre pais e filhos é um elemento fundamental no processo de imigração, pois influencia a maneira como as novas gerações se conectam com suas raízes e adaptam as práticas culturais herdadas no contexto de acolhimento.

Gabriel também reforça essa narrativa ao mencionar que, por ser de uma cultura diferente, ele é ouvido com mais atenção nos Estados Unidos. Ele utiliza exemplos culturais, como a alimentação no Brasil, para ilustrar como sua identidade brasileira permite que ele traga novas perspectivas, fazendo com que sua opinião tenha peso entre os americanos.

Uma vantagem, eu acho que, quando você é numa cultura diferente, você pode dar uma opinião diferente que todo mundo te ouve mais, porque, poxa, o cara não é daqui, entendeu? Então vamos ouvir o que tem para falar. Aí, essa é boa. Tipo, eu posso falar sobre cultura brasileira, tipo assim, lá no Brasil, a gente come arroz, feijão, a gente não come pizza todo dia, igual aqui nos Estados Unidos.

Para Faist (2000), essas práticas transnacionais permitem que os migrantes e suas famílias acessem redes e oportunidades em múltiplos locais, o que pode ser traduzido em vantagens econômicas, educacionais e culturais. Entretanto, ele também aponta que essa transição entre identidades e espaços nem sempre ocorre

de forma harmoniosa. Frequentemente, envolve negociações e tensões, uma vez que os indivíduos precisam constantemente equilibrar constantemente expectativas e normas de diferentes contextos culturais.

Em suma, as narrativas dos entrevistados revelam que ser jovem transnacional não é apenas um processo intrínseco da sua realidade como filho de imigrantes, mas também se transformar em uma estratégia para superar dificuldades estruturais relacionadas a gênero, raça e classe social. Esses jovens atuam em um contexto local específico, no qual sua origem migratória e os modos de incorporação podem se traduzir em barreiras significativas. Faist (2000) ressalta que, embora as práticas e as redes transnacionais possam oferecer recursos importantes e criar oportunidades, elas não são, por si só, suficientes para eliminar desigualdades. As diferenças estruturais persistem, e a segunda geração de imigrantes precisa navegar por um cenário onde essas práticas transnacionais interagem com desigualdades preexistentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração brasileira para os Estados Unidos, motivada principalmente por dificuldades econômicas e sociais nas décadas de 1980 e 1990, moldou profundamente a trajetória da primeira geração e influenciou as experiências dos descendentes. Estudos de Portes e Rumbaut (2001) destacaram que o contexto histórico e social do movimento migratório impactou diretamente a segunda geração, influenciando suas identidades e as oportunidades de mobilidade social. Essa primeira onda migratória incluiu “refugiados econômicos” que buscaram fugir de crises como a hiperinflação e o desemprego no Brasil, conforme Margolis (1994).

O fluxo migratório de brasileiros para Massachusetts, especialmente para a região de Boston e Framingham, caracterizou-se pelo deslocamento de trabalhadores de baixa renda, muitos oriundos de Governador Valadares, Minas Gerais. Iniciado na década de 1960, esse movimento foi consolidado com o crescimento das redes sociais e de familiares que facilitaram a inserção desses migrantes em setores de baixa qualificação, como limpeza, manutenção e serviços. Sales (1998) e Assis (1999) observaram que a ligação com o Brasil foi reforçada pela circulação de informações e pelo exemplo de “pioneiros,” que compartilharam suas conquistas e impulsionaram o sonho de outros valadarenses a buscar ascensão social nos Estados Unidos.

A partir da década de 1990, a migração para Massachusetts se diversificou, com brasileiros de Criciúma - SC, e outras regiões do Brasil, impulsionados por crises econômicas locais e pela presença de redes de apoio estabelecidas. Como destacado por Siqueira e Jansen (2008), a comunidade se expandiu para cidades como Lowell e Somerville, onde novas redes migratórias desempenharam um papel fundamental na adaptação dos imigrantes.

Portes e Rumbaut (2001) definiram a segunda geração de imigrantes como os filhos de migrantes que se estabeleceram em um novo país. Essa geração dividiu-se em dois grupos: a geração 1.5, composta por crianças que migraram antes dos 18 anos e viveram parte da infância no país de origem, e a geração 2.0, formada por aqueles que nasceram no país de acolhimento, filhos de imigrantes.

A presença expressiva de brasileiros na região de Boston e em cidades próximas, como Framingham, destacou-se nos estudos de Sales e Loureiro (2004), que apontaram o crescimento da população de segunda geração, especialmente em Massachusetts. Segundo as autoras, até 2002, estimou-se que havia entre 3.208 e

3.797 jovens brasileiros descendentes de imigrantes nessa região, evidenciando o impacto e a importância da comunidade brasileira, sobretudo entre famílias oriundas de Minas Gerais.

Os interlocutores desta pesquisa integraram um grupo de 12 jovens brasileiros de segunda geração, residentes em Massachusetts. Eles tinham idades entre 18 e 29 anos e apresentaram formações e trajetórias diversas, incluindo desde estudantes de graduação até profissionais já formados em áreas como saúde, educação e direito. Com perfis acadêmicos distintos, muitos frequentaram instituições como Harvard, Clark University e a Universidade de Massachusetts, demonstrando um nível elevado de mobilidade educacional, que contrastou com o contexto profissional mais modesto de seus pais. As trajetórias dos pais foram, frequentemente, marcadas por ocupações nos setores de serviços, como limpeza e construção.

A presente tese teve como objetivo investigar as práticas transnacionais da segunda geração de imigrantes brasileiros em Massachusetts, analisando como essas práticas se manifestaram nas esferas econômica, cultural, política, bem como sua contribuição para as oportunidades educacionais e profissionais desses jovens. Ao longo do estudo, identificou-se que o nível de engajamento com o Brasil varia significativamente entre os entrevistados, influenciando diretamente suas trajetórias e o aproveitamento das oportunidades disponíveis.

Embora esta pesquisa tenha fornecido contribuições relevantes para a compreensão das práticas transnacionais da segunda geração de imigrantes brasileiros em Massachusetts, é importante ressaltar que a amostra foi limitada a um grupo específico de 12 jovens. Dessa forma, os achados não devem ser generalizados como representativos de toda a segunda geração de brasileiros nos Estados Unidos, mas sim compreendidos como um recorte que revela realidades particulares dentro de um espectro mais amplo de experiências. A diversidade de trajetórias e contextos de inserção social desses jovens evidencia a complexidade da vivência transnacional, que pode variar de acordo com fatores como região de origem dos pais, o nível socioeconômico, o acesso à educação e as redes comunitárias. Dessa forma, esta pesquisa contribuiu para o debate sobre a segunda geração, sem a pretensão de estabelecer verdades universais, mas oferecendo uma análise aprofundada sobre um segmento específico dessa população e de suas dinâmicas transnacionais.

O eixo econômico das práticas transnacionais entre a segunda geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos demonstrou uma mudança significativa em

relação à geração anterior. Enquanto a primeira geração dedicou-se ao envio regular de remessas ao Brasil, a segunda geração participou menos ativamente dessa prática, em parte pela migração de muitos familiares para os Estados Unidos, reduzindo a necessidade de suporte financeiro. Embora muitos entrevistados tenham reconhecido que seus pais ainda enviam dinheiro para parentes no Brasil, eles próprios não assumem essa responsabilidade. Em contraste, as visitas frequentes ao Brasil tornaram-se uma prática econômica relevante, pois reforçaram o sentimento de pertencimento e ativaram outras práticas transnacionais, como a fluência no idioma e o engajamento político. Observou-se que os jovens que visitaram o Brasil com mais frequência durante sua trajetória demonstram um envolvimento transnacional com as demais práticas.

A segunda geração de brasileiros desta pesquisa, manifestou suas práticas transnacionais de forma mais expressiva no eixo cultural. Elementos como o idioma português, a música, a comida e o futebol emergiram como elementos centrais de pertencimento com o Brasil. O uso do português no ambiente doméstico foi amplamente promovido por pais e avós, que consideraram fundamental a manutenção da língua para a comunicação com familiares no país de origem. Esse processo reforçou em espaços comunitários, especialmente em igrejas brasileiras, em que o português serviu como o idioma principal das atividades religiosas e de socialização. Além disso, o consumo de mídia e de elementos culturais brasileiros, como programas de TV, músicas e comidas típicas, criou um ambiente no qual esses jovens se conectaram simbolicamente ao Brasil, mesmo sem terem vivenciado intensamente o cotidiano do país de seus pais.

A prática esportiva, em especial o futebol, desempenhou um papel significativo entre os jovens da segunda geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Muitos revelaram uma conexão emocional com times brasileiros, mesmo sem acompanhar regularmente os jogos, o que os ligou a uma cultura coletiva e familiar de apreço pelo futebol. Esse vínculo transcendeu o simples ato de assistir aos jogos, representando uma ligação afetiva com o Brasil, servindo como ponto de contato nas relações familiares e com outros brasileiros residentes nos Estados Unidos. Assim, o futebol, para a segunda geração, é uma prática transnacional que reforçou uma brasilidade simbólica, tornando-se uma forma de diferenciação cultural no contexto americano.

A análise das práticas políticas transnacionais entre a segunda geração de brasileiros em Massachusetts revelou diferentes níveis de engajamento, oscilando entre participação ativa e distanciamento completo. Alguns desses jovens participam das eleições brasileiras e acompanham o cenário político por meio das redes sociais, exercendo sua cidadania como forma de conexão com o país de origem (Soares; Ferreira; Malafaia, 2021; Riniolo; Ortensi, 2020). Outros, porém, optaram por evitar o tema, uma vez que a polarização política impactou diretamente a dinâmica das interações familiares (Fuks; Marques, 2024). Em alguns casos, o engajamento ocorre por meio de atividades comunitárias locais, como o apoio a imigrantes brasileiros em centros comunitários, onde habilidades bilíngues foram empregadas para facilitar a adaptação de recém-chegados. Esse envolvimento reforçou estudos que destacaram a relevância de ações cívicas em contextos migratórios (Stepick, 2008). Assim, o distanciamento ou o engajamento foi moldado por fatores como o ambiente familiar e as influências sociais locais, evidenciando como as práticas políticas transnacionais variam amplamente, sendo influenciadas por contextos individuais e pelo grau de identificação com o Brasil.

Com base nas análises realizadas, foi possível identificar alguns fatores centrais que influenciam o engajamento transnacional dos jovens de segunda geração de brasileiros. Em primeiro lugar, a influência dos pais foi essencial na transmissão de práticas culturais e linguísticas, como o uso do português e a preservação de tradições brasileiras, reforçando o vínculo com o país de origem (Portes; Rumbaut, 2001). Além disso, a força das redes migratórias locais, desempenhou um papel significativo, pois cidades com alta concentração de brasileiros facilitaram o contato com a comunidade, proporcionando oportunidades de interação que fortaleceram práticas transnacionais (Levitt, 2002). Outro fator relevante, foi a frequência das visitas ao Brasil, que contribuíram para a manutenção das conexões culturais dos jovens com a terra natal de seus pais. Por fim, observou-se que a adoção de uma prática transnacional, como o bilinguismo, potencializou o acesso a outras atividades culturais e sociais ligadas associadas ao Brasil.

A pesquisa mostrou que a segunda geração de brasileiros em Massachusetts construiu práticas transnacionais complexas, acionando redes e competências culturais herdadas para criar oportunidades. Conforme Levitt (2009), essa geração opera em um contexto de habilidades culturais híbridas, permitindo-lhes navegar por

múltiplos mundos sociais. Embora essas conexões não sejam constantemente ativadas, elas surgem estrategicamente de desafio social ou profissionais.

A análise revelou que o bilinguismo é um recurso central e vantajoso para a segunda de brasileiros em Massachusetts. A manutenção do português, transmitido desde cedo pelos pais, não apenas proporcionou aos jovens um diferencial no mercado de trabalho, mas também fortaleceu o elo com a cultura de origem, permitindo-lhes transitar com fluidez entre diferentes contextos culturais. Como destacam Portes e Rumbaut (2001) a preservação da língua de herança funciona como um ativo de capital cultural que amplia as aspirações educacionais e profissionais. Em diversos relatos, os entrevistados enfatizam que o bilinguismo, além de facilitar a compreensão de outras línguas, tornou-se um ponto de orgulho e uma fonte de oportunidades, especialmente em ambientes profissionais e acadêmicos que valorizam a diversidade linguística.

A vivência transnacional desses jovens também se entrelaçou com o legado de sacrifício dos pais, que migraram em busca de melhores condições e de oportunidades para suas famílias. Esse contexto migratório, marcado por dificuldades e aspirações, foi decisivo na motivação da segunda geração para aproveitar as oportunidades disponíveis. A percepção do esforço parental, que se traduz na valorização do trabalho e da educação, impulsionou esses jovens a enxergarem a educação e a mobilidade social como formas de honrar o esforço de seus pais. Portes e Rumbaut (2001) enfatizaram que, para a segunda geração, a mobilidade acadêmica e profissional não representou não apenas uma conquista individual, mas também um compromisso com a superação das limitações enfrentadas pelos pais.

O futebol destacou-se como uma prática cultural que conecta esses jovens ao Brasil, promovendo mobilidade social e reconhecimento nos Estados Unidos. Entre os entrevistados, o futebol foi mencionado não apenas como uma paixão, mas também como um meio de obter bolsas de estudo e ampliar redes de sociabilidade. Essa prática atuou como uma ponte entre culturas, permitindo que os jovens celebrassem sua brasilidade em contextos norte-americanos e fossem valorizados por suas habilidades. Além de reforçar a visibilidade da herança cultural brasileira, o futebol legitimou o pertencimento dos jovens a ambas as culturas e fortaleceu o orgulho por sua origem. Mesmo em casos em que outras práticas transnacionais não foram destacadas, o futebol apareceu em todas as entrevistas, simbolizando uma forte conexão e orgulho pela identidade brasileira compartilhada.

Apesar das práticas transnacionais tenham fortalecido a conexão com a cultura de origem e ampliado as oportunidades da segunda geração de brasileiros em Massachusetts, elas, por si só, não foram suficientes para eliminar as barreiras estruturais que os filhos de imigrantes enfrentaram. Embora o bilinguismo e as conexões culturais tenham mobilizado oportunidades, essas vantagens não mitigaram completamente os desafios de integração e de mobilidade social. Como apontaram Faist (2000) e Portes e Rumbaut (2001), as desigualdades de raça, classe e etnia frequentemente limitaram as oportunidades desses jovens em comparação com seus pares nativos, estabelecendo um teto para suas possibilidades de mobilidade social. A segunda geração ainda precisa navegar por sistemas educacionais e laborais que frequentemente subestimam suas competências e, mesmo com os recursos culturais e sociais adquiridos, enfrenta barreiras persistentes, cuja superação requer políticas públicas e esforços institucionais.

REFERÊNCIAS

ALBA, Richard; NEE, Victor. Rethinking Assimilation Theory for a New Era of Immigration. **International Migration Review**, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 826-874, 1997.

ALMASARWEH, L. I. Religious fields and subfields: transnational connections, identities, and reactive transnationalism. **Religions**, [S. l.], v. 13, p. 478, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/rel13060478>. Acesso em: 18 set. 2024.

AMORIM, Simone Silveira. The Look Act (2017) in Massachusetts: implications to society and teacher education. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 49, e256335, 2023.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

APTEKAR, Sofya. **The Road to Citizenship: What Naturalization Means for Immigrants and the United States**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2015. 190 p.

ARANGO, Joaquín. La explicación teórica de las migraciones: Luz y sombra. **Migración y Desarrollo**, Zacatecas, n. 1, p. 4-25, out. 2003.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. O fenômeno da imigração brasileira para os Estados Unidos: uma abordagem histórica. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 35-48, 1995.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Governador Valadares: uma cidade e suas migrações**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ASSIS, Gláucia O.; MERIZ, Gisele; IHÁ, Natália Cristina. A Segunda Geração de Emigrantes Brasileiros Rumo aos Estados Unidos: problemas e perspectivas. **PerCursos**, Florianópolis, v. 7, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1529>. Acesso em: 16 out. 2024.

ASSIS, Gláucia. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo - as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, p. 219-251, dez. 2008. DOI: 10.1590/S0104-83332008000200011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BASCH, Linda; GLICK-SCHILLER, Nina; SZANTON-BLANC, Cristina. **Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments, and**

Deterritorialized Nation-States. Langhorne, PA: Gordon and Breach Science Publishers, 1994.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Qualitative Researching with Text, Image and Sound: A Practical Handbook**. London: SAGE Publications, 2017.

BECKER, V.; GAMBARRO, D.; SOUZA FILHO, G. L. O impacto das mídias digitais na televisão brasileira: queda da audiência e aumento do faturamento. **Palavra Clave**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 341-373, 2015. DOI: 10.5294/pacla.2015.18.2.3.

BESERRA, B. **Brazilian immigrants in the United States**: cultural imperialism and social class. New York: LFB Scholarly Publishing LLC, 2003.

BESSERER, Federico. Transnational studies twenty years later: a story of encounters and dis-encounters. **Journals OpenEdition**, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org>. Acesso em: 16 out. 2024.

BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball Sampling - Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, [S. l.], v. 10, p. 141-163, 1981.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, Michelle *et al.* **Brasileiros nos Estados Unidos e em Massachusetts: Um Perfil Demográfico e Econômico**. [S. l.]: Gastón Institute Publications, 2023.

BOSTONMAP360.COM. **Mapa do metrô de Boston: linhas e estações de metrô de Boston**. Disponível em: <https://pt.bostonmap360.com/mapa-do-metr%C3%B4-de-boston>. Acesso em: 2 nov. 2024.

BOURDIEU, Pierre. O campo econômico: Estrutura e dinâmica. *In*: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BRAGA, Antônio. Being Children of Immigrants in the Social Life of Young Brazilian Second-Generation Immigrants in the United States of America. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 379-399, 2019. DOI: 10.4322/2316-1329.097.

BUREAU, U. C. **American Community Survey (ACS)**. 2021. Disponível em: <https://www.census.gov/programs-surveys/acs>. Acesso em: 2 nov. 2024.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. **The age of migration international population movements on the modern world**. Hong Kong: Macmillan, 1993.

CEBULKO, Kara. Documented, undocumented, and liminally legal: Legal status during the transition to adulthood for 1.5-generation Brazilian immigrants. **The Sociological Quarterly**, [S. l.], v. 55, n. 1, p. 143-167, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/tsq.12045>.

CEBULKO, Kara. Privilege without papers: Intersecting inequalities among 1.5-generation Brazilians in Massachusetts. **Ethnicities**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 225–241, 2018.

CHO, Grace. The Role of Heritage Language in the Development of Ethnic Identity and Social Integration Among Immigrant Families. **Journal of Multicultural Education**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 45-67, 2000.

CHO, Grace; KRASHEN, Stephen. The role of voluntary factors in heritage language development: how speakers can develop the heritage language on their own. **ITL: Review of Applied Linguistics**, [S. l.], v. 127-128, p. 127-140, 2000.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (ed.). **Writing culture**: The poetics and politics of ethnography. Berkeley: University of California Press, 1986.

CODESAL, Diana Mata. Eating abroad, remembering (at) home. **Anthropology of food**, [S. l.], n. 7, dez. 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aof/6642#citedby>. Acesso em: 14 set. 2023.

CONDE, Soraya Franzoni; ALCUBIERRE, Karina Strohhaecker Lisa. **As correlações entre cultura, materialismo e educação a partir da situação de crianças migrantes em Santa Catarina (Brasil) e nos Estados Unidos da América**. Perspectiva, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 1–19, 2023. DOI: 10.5007/2175-795X.2023.e86361. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/86361>. Acesso em: 8 nov. 2024.

CONTRERAS, J. Alimentación y cultura: reflexiones desde la Antropología. **Revista Chilena de Antropología**, [S. l.], n. 11, 1992. Disponível em: <https://revistadeantropologia.uchile.cl/index.php/rca/article/view/17643> . Acesso em: 29 abr. 2023.

COUTO, E. F. O futebol como metáfora: a afirmação da identidade nacional nos discursos jornalísticos sobre a Copa do Mundo FIFA de 1950. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 17, n. 5, p. e7134, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.5-242. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/7134>. Acesso em: 13 out. 2024.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DAHINDEN, Janine. Transnationalism Reloaded: The Changing Context of Cross-border Practices. **Migration Studies**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 1-30, 2017.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 159 p.

DAURE, I.; REVEYRAND-COULON, O. Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. **Psicologia Clínica**, v. 21, n. 2, p. 415–429, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000200011>. Acesso em: 23 jul. 2024.

DEBIAGGI, Sylvia Duarte Dantas. **Changing Gender Roles**: Brazilian Immigrant Families in the U.S. New York: LFB Scholarly Publishing, 2002.

DECAPUA, Andrea; WINTERGERST, Ann C. Second-Generation Language Maintenance and Identity: A Case Study. **Bilingual Research Journal**, v. 32, n. 1, p. 5-24, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/15235880902965889>.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432 p.

DICICCO-BLOOM, B.; CRABTREE, B. F. The qualitative research interview. **Medical Education**, [S. l.], v. 40, n. 4, p. 314-321, 2006.

DIMINESCU, D. The connected migrant: an epistemological manifesto. **Social Science Information**, [S. l.], v. 47, n. 4, p. 565-579, dez. 2008.

DUARTE, M. E.; SILVA, F. M. Imigração brasileira nos Estados Unidos: características, causas e consequências. **Revista Geográfica de América Central**, [S. l.], n. 42, p. 1-20, 2009.

FAIST, Thomas. **The volume and dynamics of international migration and transnational social spaces**. Oxford, UP: Oxford, 2000.

DUBOIS, Laurent. **Avengers of the New World**: The Story of the Haitian Revolution. Cambridge: Harvard University Press, 2004. ISBN 0-674-01304-2

ELSTER, Jon. Sarah Pickard: **Politics, Protest and Young People**. **Journal of Applied Youth Studies**, v. 3, p. 181-183, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s43151-020-00015-3>.

FAIST, Thomas. The transnationalized social question: migration and social inequalities. In: SCOTT, Robert A.; BUCHMANN, Marlis; KOSSLYN, Stephen (ed.). **Emerging trends in the social and behavioral sciences**. [S. l.]: John Wiley & Sons, 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com>. Acesso em: 22 set. 2024.

FISCHLER, Claude. **El (h)omnívoro**: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Anagrama, 1995.

FISHMAN, J. Putting the socio back into de sociolinguistic enterprise. **International Journal of Sociology of Language**, [S. l.], v. 92, p. 127-138, 1991.

FONTANA, A.; FREY, J. H. The Interview: from structured questions to negotiated text. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. (org.). **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publications Inc., 2000. p. 645-672.

FRAMINGHAM. **Explore Our Communities. Choose Framingham, MA** – Official Website, 2024. Disponível em: <https://www.chooseframingham.com>. Acesso em: 07 nov. 2024.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Brasil, país do futebol?. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 45–56, 2013. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i99p45-56. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76216>. Acesso em: 13 out. 2024.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, SP, v. 14, n. 28, p. 139-152, ago. 2004.

FUKS, Mario; MARQUES, Pedro Henrique. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, SP, v. 28, n. 3, p. 560-593, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8671918>. Acesso em: 17 out. 2024.

FUSCO, W. Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: CASTRO, M. G. **Migrações internacionais**: contribuições para política. Brasília: CNPD, 2001. p. 427-446.

GARCIA, Angela S. **Legal Passing**: Navigating Undocumented Life and Local Immigration Law. Oakland, CA: University of California Press, 2020.

GAZZOLA, Michele. Language skills and employment status of adult migrants in Europe. In: BEACCO, Jean-Claude *et al.* (ed.). **The Linguistic Integration of Adult Migrants / L'intégration linguistique des migrants adultes**: Some lessons from research / Les enseignements de la recherche. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2017. p. 297-302.

GEORGIU, Myria. **Media and the City**: Cosmopolitanism and Difference. Cambridge, MA: Polity, 2013.

GIULIANOTTI, R. Supporters, Followers, Fans, and Flâneurs: A Taxonomy of Spectator Identities in Football. **Journal of Sport and Social Issues**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 25-46, 2002.

GLICK SCHILLER, N.; FOURON, G. E. The generation of identity: redefining the second generation within a transnational social field. In: LEVITT, P.; WATERS, M. C. (ed.). **The Changing Face of Home**: The Transnational Lives of the Second Generation. [S. l.]: Russell Sage Foundation, 2002, p. 43-95.

GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration. **Global Networks**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 301-334, 2002.

GLICK SCHILLER, Nina. Theorising Transnational Migration in Our Times: A multiscalar temporal perspective. **Nordic Journal of Migration Research**, [S. l.], v.

8, n. 4, p. 201-212, 2018. DOI: 10.2478/njmr-2018-0032. Disponível em: <https://sciendo.com/article/10.2478/njmr-2018-0032>. Acesso em: 16 out. 2024.

GOODY, Jack. **Cocina, cuisine y clase**: Estudio de Sociología Comparada. Barcelona: Gedisa, 1995.

GONZALES, Roberto G. **Lives in Limbo**: Undocumented and Coming of Age in America. Oakland, CA: University of California Press, 2016.

GONZÁLEZ-RÁBAGO, Yolanda. Políticas de engajamento a favor do transnacionalismo: a expansão da cidadania transnacional entre emigrantes colombianos. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 23, n. 45, p. 291-310, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880004515>. Acesso em: 5 maio 2023.

GOZA, F. Brazilian immigration to North America. **International Migration Review**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 57-76, 1999.

GUARDADO, M. Loss and maintenance of first language skills: Case studies of Hispanic families in Vancouver. **Canadian Modern Language Review**, [S. l.], v. 58, n. 3, p. 341-363, 2002.

GUEDES BRUM, A. A história da imigração de brasileiros para o Sul da Flórida. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 23, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/12045>. Acesso em: 16 out. 2024.

GUSMÃO, N. P. A migração internacional de brasileiros para os Estados Unidos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 105-119, 2001.

HALPERN, Clarisse; WARD, Zachary Austin; AYDIN, Hasan. “I’m Brazilian, Not Brazilian American”: The Experiences of Second-Generation Brazilian Adolescents Preserving Their Heritage Language and Resisting Assimilation. **International Journal of Multicultural Education**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 230-249, 2022. DOI: <https://ijmejournal.org/ijme/index.php/ijme/article/view/v24-1-15>.

HAAS, Hein de. **Remittances, Migration and Social Development**: A Conceptual Review of the Literature. Genebra: United Nations Research Institute for Social Development, 200

HELAL, Ronaldo. **Futebol, jornalismo e ciências sociais**: interações. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

HELENE, O. Evolução da escolaridade esperada no Brasil ao longo do século XX. **Educ. Pesqui.**, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 197–216, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/dj4hsnDHNspGnPqNJvbfrB/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

HOUT, Michael; MAGGIO, Christopher. Immigration, race & political polarization. **Daedalus**, [S. l.], v. 150, n. 2, p. 40-55, 2021. DOI: https://doi.org/10.1162/daed_a_01845.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012

IGLIS, David; GIMLIN, D. Food globalizations: ironies and ambivalences of food, cuisine and globality. *In*: IGLIS, David; GIMLIN, D. (ed.). **The globalization of food**. New York: Berg, 2010.

ISHIZAWA, Hiromi. Minority Language Use among Grandchildren in Multigenerational Households. **Sociological Perspectives**, [S. l.], v. 47, n. 4, p. 465-483, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1525/sop.2004.47.4.465>.

JOSÉ FILHO, M. Pesquisa: contornos no processo educativo. *In*: JOSÉ FILHO, M.; DALBÉRIO, O. (org.). **Desafios da Pesquisa**. Franca: UNESP, 2006.

JOVCHELOVICH S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KAO, G. Parental influences on the educational outcomes of immigrant youth. **International Migration Review**, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 427-449, 2004.

KASINITZ, Philip et al. **Transnationalism and the Children of Immigrants in Contemporary New York**. In *Changing Face of Home, The: The Transnational Lives of the Second Generation*, edited by Mary C. Waters and Peggy Levitt, 96–122. Russell Sage Foundation, 2002.

KRAIESKI, V. Alimentando relações e marcando diferenças: Comida brasileira entre imigrantes brasileiros na Grande Boston. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 18, n. 1, 2016. DOI: 10.5216/sec.v18i1.40601.

KUPPER, Agnaldo. O futebol brasileiro como instrumento de identidade. **Mnemosine**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 219-235, 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEVITT, Peggy. **The Transnational Villagers**. Los Angeles: University of California Press, 2001.

LEVITT, Peggy; WATERS, Mary C. (ed.). **The Changing Face of Home: The Transnational Lives of the Second Generation**. New York: Russell Sage Foundation, 2002.

LEVITT, Peggy. **God Needs No Passport: Immigrants and the Changing American Religious Landscape**. New Press, 2007.

LEVITT, Peggy. Roots and Routes: Understanding the Lives of the Second Generation Transnationally. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, [S. l.], v. 35, n. 7, p. 1225-1242, ago. 2009.

LIMA, Álvaro Eduardo de Castro e; CASTRO, Alanni de Lacerda Barbosa de. **Brasileiros nos Estados Unidos: meio século (re)fazendo a América (1960-2010)**. Brasília: FUNAG, 2017

LIMA, Álvaro; SIQUEIRA, Carlos Eduardo. **Brazilians in the U.S. and Massachusetts: A Demographic and Economic Profile**. Gastón Institute Publications, n. 50, 2007. Disponível em: https://scholarworks.umb.edu/gaston_pubs/50.

LODY, Raul Giovanni da Motta. **Brasil bom de boca: temas de antropologia da alimentação**. São Paulo: Senac São Paulo, 2008. 424 p.

MARGOLIS, M. L. **Little Brazil: an ethnography of Brazilian immigrants in New York City**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

MARGOLIS, M. L. **Goodbye Brazil: émigrés from the land of soccer and samba**. Madison: University of Wisconsin Press, 2013.

MARQUES, José Carlos; GÓIS, Pedro. Práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal e dos emigrantes portugueses na Suíça: para além dos conceitos. **Oficina do CES**, Coimbra, n. 294, p. 1-30, dez. 2007. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/32691>. Acesso em: 30 set. 2024.

MARTES, Ana Cristina Braga. **New immigrants, new land: a study of Brazilians in Massachusetts**. New York: LFB Scholarly Publishing LLC, 2000.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos: Um Estudo Sobre Imigração e Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MARTES, Ana Cristina Braga. **New Immigrants, New Land: A Study of Brazilians in Massachusetts**. Gainesville: University Press of Florida, 2011.

MARTES, Ana Cristina Braga; RODRIGUEZ, Clara Luz. **Afiliação religiosa e empreendedorismo étnico: o caso dos brasileiros nos Estados Unidos**. Revista de Administração Contemporânea, v. 8, n. 3, p. 117-140, jul. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552004000300007>. Acesso em: 07 nov. 2024.

MASSEY, Douglas S.; ARANGO, J. **Worlds in motion**. Oxford: Clarendon Press, 1993.

MASSEY, Douglas S. **Categorically unequal: the American stratification system**. New York: Russell Sage Foundation, 2007.

MCGRATH, Colleen; PALMGREN, Per Johan; LILJEDAHN, Margareta. Twelve tips for conducting qualitative research interviews. **Medical Teacher**, [S. l.], v. 41, n. 9, p. 1002-1006, set. 2019.

MENEZES, Gustavo Hamilton de Sousa. **Filhos da imigração: sobre a segunda geração de imigrantes brasileiros nos EUA**. 2002. 73 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

MENJÍVAR, Cecilia. **Immigration Law Beyond Borders**: Externalizing and Internalizing Border Controls in an Era of Securitization. *Annual Review of Law and Social Science*, v. 10, p. 353-369, nov. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Ines Cristina Zarza. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014194.1891201>.

MONTRUL, S. **Incomplete Acquisition in Bilingualism**: Re-examining the Age Factor. [S. l.]: John Benjamins, 2008.

MORRIS, A.; TREITLER, V. B. O estado racial da União: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 32, n. 85, p. 15–31, 2019.

MOTA, K. M. S. M. M. Imigrantes brasileiros: esforços de preservação da língua materna. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 1–7, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9085>. Acesso em: 16 set. 2024.

OLIVEIRA, Adriana Capuano. **Bienvenido a Miami**: A inserção dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Campinas, Campinas, 2004.

OLIVEIRA, Márcio de. Refugio y remesas: un análisis basado en “El perfil socioeconómico de refugiados en Brasil”. **Migración y Desarrollo**, [S. l.], n. 36, p. 115-142, 2021.

ONG, Aihwa. **Flexible Citizenship**: The Cultural Logics of Transnationality. Durham, NC: Duke University Press, 1999.

OROZCO, Manuel. **Migrant Remittances and Development in the Global Economy**. Boulder, USA: Lynne Rienner Publishers, 2013.

OZKUL, Derya. Transnational Migration Research. **Sociopedia.isa**, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/1339>. Acesso em: 16 out. 2024. DOI: 10.1177/205684601211.

PATARRA, N. L. Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 233-242, 2005.

PAUWELS, A. **Language Maintenance and Shift**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

PERMANN, Joel. Second-Generation Transnationalism. In: LEVITT, P.; WATERS, M. C. (ed.). **The Changing Face of Home**: The Transnational Lives of the Second Generation. [S. l.]: Russell Sage Foundation, 2002, p. 216–220.

PORTES, Alejandro; SCHAUFFLER, Richard. Language and the Second Generation: Bilingualism Yesterday and Today. **International Migration Review**, [S. l.], v. 28, p. 640-661, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/019791839402800402>. Acesso em: 27 jul. 2024.

PORTES, Alejandro; RUMBAUT, Rubén G. **Legacies: The Story of the Immigrant Second Generation**. Berkeley: University of California Press, 2001.

PORTES, Alejandro. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 69, 2004. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/1339>. Acesso em: 16 out. 2024. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.1339>.

PORTES, Alejandro. Os debates e o significado do transnacionalismo migrante. In: PORTES, Alejandro (ed.). **Estudos Sobre as Migrações Contemporâneas: Transnacionalismo, Empreendedorismo e a Segunda Geração**. Lisboa: Fim de Século, 2006. p. 201-244.

PORTES, A.; HALLER, W.; FERNÁNDEZ-KELLY, P. Filhos de imigrantes nos Estados Unidos. **Tempo Social**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 13–50, 2008.

PRIES, Ludger. **Migración y Espacio Transnacional**. Mexico City: Porrúa, 2005.

REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa Cristina. **Brasileiros nos Estados Unidos: pesquisa e ensaios sobre a diáspora brasileira**. Brasília: UnB, 1999.

RINIOLO, Veronica; ORTENSI, Livia Elisa. Do Migrants Get Involved in Politics? Levels, Forms and Drivers of Migrant Political Participation in Italy. **Journal of International Migration and Integration**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 133-153, mar. 2020.

RUIZ, Ariel G.; BATALOVA, Jeanne; FIX, Michael. **Untapped Talent: The Costs of Brain Waste among Highly Skilled Immigrants in the United States**. [S. l.]: Migration Policy Institute, 2016.

RUMBAUT, Rubén G. Severed or Sustained Attachments? Language, Identity, and Imagined Communities in the Post-Immigrant Generation. In: LEVITT, P.; WATERS, M. C. (ed.). **The Changing Face of Home: The Transnational Lives of the Second Generation**. Russell Sage Foundation, 2002, p. 43-95.

SALES, T.; LOUREIRO, M. Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 217–239, 2004. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/270>. Acesso em: 16 out. 2024.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANCHEZ, Gabriela. Cross-Border Marriages and the New Politics of Immigration Enforcement. **Journal of Migration Studies**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 45-67, 2023.

SASSEN, Saskia. **The Global City**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1991. 288 p.

SASSEN, Saskia. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 336 p.

SAYAD, A. **A Imigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SIQUEIRA, C. E.; JANSEN, T. Updating Demographic, Geographic, and Occupational Data on Brazilians in Massachusetts. *In*: JOYCE, P. (ed.). **Becoming Brazuca**: Brazilian immigration to the United States. [S. l.]: Harvard University Press, 2008.

SIQUEIRA, C. E.; JANSEN, T. Working conditions of Brazilian immigrants in Massachusetts. **Journal of Immigrant and Minority Health**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 481-488, 2011. DOI: 10.1007/s10903-011-9488-z.

SIQUEIRA, C. E. *et al.* Documento faz diferença: o caso das trabalhadoras domésticas brasileiras em Massachusetts, Estados Unidos. **Cadernos De Saúde Pública**, [S. l.], v. 32, n. 7, 2016.

SMITH, Michael Peter; GUARNIZO, Luis Eduardo (ed.). **Transnationalism from below**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1998.

SMITH, Robert C. Life Course, Generation, and Social Location as Factors Shaping Second-Generation Transnational Life. *In*: LEVITT, P.; WATERS, M. C. (ed.). **The Changing Face of Home**: The Transnational Lives of the Second Generation. [S. l.]: Russell Sage Foundation, 2002, p. 145–167.

SMITH, Robert C. Migrant Membership as an Instituted Process: Transnational and Ethnic Micro-Polities in the United States and Mexico. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, [S. l.], v. 29, n. 3, p. 467-491, 2003.

SOARES, Ricardo; FERREIRA, Pedro; MALAFAIA, Carla. Perfis de envolvimento cívico e político juvenil nas redes sociais: explorando atitudes e comportamentos. **Configurações**, [S. l.], v. 27, p. 39-57, 2021.

SOUZA, J. de. **A linhagem culturalista da sociologia do futebol brasileiro**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 103, p. 103–134, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-103134/103>.

SPOLSKY, B. Para uma Teoria de Políticas Linguísticas. **ReVEL**, [S. l.], v. 14, n. 26, 2016.

STEPICK, A.; STEPICK, C. D.; LABISSIERE, Y. South Florida's Immigrant Youth and Civic Engagement: Major Engagement: Minor Differences. **Applied Developmental Science**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 57–65, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10888690801997036>. Acesso em: 2 out. 2024.

SUÁREZ-OROZCO, C.; ABO-ZENA, M. M.; MARKS, A. K. (ed.). **Transitions: The development of children of immigrants**. New York: New York University Press, 2015.

SUÁREZ-OROZCO, C.; SUÁREZ-OROZCO, M. M.; TODOROVA, I. **Learning a new land: Immigrant students in American society**. [S. l.]: Harvard University Press, 2008.

SUÁREZ-OROZCO, Carola; SUÁREZ-OROZCO, Marcelo M. **Children of Immigration**. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. **História Social da Música Popular Brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

TIMES, B. **Tradicional Festa Junina vai acontecer em Somerville no dia 24**. Disponível em: <https://www.braziliantimes.com/comunidade-brasileira/2023/06/21/tradicional-festa-junina-vai-acontecer-em-somerville-no-dia-24.html>. Acesso em: 2 nov. 2024.

TIMES, B. **Eleitores de Massachusetts mantêm lei da carteira de motorista para imigrantes indocumentados**. Disponível em: <https://www.braziliantimes.com/comunidade-brasileira/2022/11/10/eleitores-de-massachusetts-mantem-lei-da-carteira-de-motorista-para-imigrantes-indocumentados.html>. Acesso em: 2 nov. 2024.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional**. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TRIVIÑOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERTOVEC, Steven. **Migrant Transnationalism and Modes of Transformation**. *International Migration Review*, v. 38, n. 3, p. 970-1001, 2004.

VIANA, Lucina Reitenbach. O funk no Brasil: música desintermediada na cibercultura. **Revista Sonora**, Campinas, v. 3, n. 5, 2016. Disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/>. Acesso em: 13 out. 2024.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

ZENTELLA, Ana Celia. **Growing up bilingual**. Oxford: Blackwell, 1997

WALDINGER, Roger David. **The Cross-Border Connection: Immigrants, Emigrants, and Their Homelands**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2015.

WATERS, M.; JIMÉNEZ, T. Assessing Immigrant Assimilation: New Empirical and Theoretical Challenges. **Annual Review of Sociology**, [S. l.], v. 31, p. 105-125, 2005.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada Práticas Transnacionais de Imigrantes Brasileiros de segunda geração em Massachusetts com o objetivo principal de analisar as narrativas e as práticas da segunda geração de imigrantes brasileiros que vivem em Massachusetts para mensurar os níveis de transnacionalidade que os ligam ao país de origem parental. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua.

Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar basta assinar essa declaração concordando com a pesquisa.

Para participar da pesquisa você terá que responder a uma entrevista semiestruturada contendo algumas perguntas abertas e fechadas, você não precisa se identificar. As respostas serão transcritas e analisadas e os pesquisadores envolvidos na pesquisa conhecerão esse material para discutir os resultados.

Todos os procedimentos para a garantia da confidencialidade aos participantes serão observados, procurando-se evitar descrever informações que possam lhe comprometer. O benefício esperado com a pesquisa será compreender as inter-relações entre as práticas transnacionais, observando assim um ganho pedagógico.

O risco que você pode correr ao realizar a pesquisa é de ser identificado mesmo com todos os cuidados de sigilo adotados. Caso você possua perguntas sobre o estudo ou se pensar que houve algum prejuízo pela sua participação nesse estudo, pode conversar a qualquer hora com a pesquisadora principal da pesquisa, Rafaella Theis, por meio do telefone 55 47 992012264 ou por e-mail rafaellath@gmail.com.

Diante das explicações você acha que está suficientemente informado(a) a respeito da pesquisa que será realizada e concorda de livre e espontânea vontade em participar, como colaborador?